

Ler, Ver e Debater a Problemática da Emigração

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Tânia Vieira dos Santos
MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL



UNIVERSIDADE da MADEIRA
A Nossa Universidade
www.uma.pt

Setembro | 2012

T/M UMA
351-85
SAN Ler
Ex. 2

Ler, Ver e Debater a Problemática da Emigração

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Tânia Vieira dos Santos

MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL

UNIVERSIDADE DA MADEIRA
SECTOR DE DOCUMENTAÇÃO
E ARQUIVO

ORIENTAÇÃO

Leonor da Fonseca Martins Coelho

Aos meus pais, pela paciência, apoio e incentivo.

Agradecimentos

Ainda que de formas diversas e em alturas diferentes, várias pessoas e instituições contribuíram para que este estudo fosse concretizado. Assim, desejo expressar os meus sinceros agradecimentos:

À Prof.^a Doutora Leonor Martins Coelho, minha orientadora, pela competência científica, pela disponibilidade e pela dedicação.

Aos Professores da Universidade da Madeira, Paulo Miguel Rodrigues, Rui Carita e Thierry Proença dos Santos e aos Mestres Duarte Mendonça, Elina Baptista, Joselin Nascimento e Susana Caldeira, pela disponibilidade em participarem na jornada “Ler, Ver e Debater a Problemática da Emigração”.

À Doutora Filipa Aveiro, Adjunta do Presidente da Câmara Municipal de Machico, pelo apoio relativo à exposição e jornada.

Ao Técnico Superior do Gabinete da Cultura de Machico, Albino Viveiros, pela atenção e simpatia.

Às senhoras Bela Pontes, Bela da Graça Pontes, Énia Silva, Fátima Ramos, Irene Castro, Lígia Sandrine Martins, Lucinda Cabral, Maria Marques, Olga Pontes e Rosa Pontes, e aos senhores Harold Pontes e João Nóbrega, pela cedência das fotografias e das cartas para a exposição.

À Erica Franco e ao Diogo Costa, pelo apoio e incentivo constantes.

Ao Museu das Migrações e das Comunidades, em Fafe, pela cedência das fotografias da exposição de fotografia “Por uma Vida Melhor” de Gérard Bloncourt.

Ao bar José Boaventura, pelo apoio financeiro disponibilizado para a concretização dos eventos.

À Companhia dos Engenheiros do Norte, pela sua divulgação na comunidade.

Resumo

A Emigração é um marco fundamental na História e na Cultura de Portugal, tendo-se tornado um novo mito, segundo Eduardo Lourenço, no seu ensaio intitulado “A Emigração como Mito e os Mitos da Emigração”, incluído na obra *O Labirinto da Saudade*. Na Madeira, as graves crises económica, financeira, agrícola e vinícola também despoletaram e acentuaram este fenómeno.

O presente estudo incide na leitura e análise da problemática da Emigração, não tanto através da História e da Sociologia mas, sobretudo, nos reflexos que este acontecimento tem na Literatura. O nosso breve périplo pelas diversas áreas do saber das ciências sociais, históricas e literárias tem como objectivo perceber como a Literatura pode ser entendida como cosmovisão de uma época.

A Literatura apresenta-se como uma forma de expressão da Cultura de um povo. Com efeito, ao partirmos do princípio que a Emigração é um dado cultural, então os textos e as obras literárias podem espelhar essas mobilidades como expressão de um povo, de uma sociedade e de um país.

O estudo de textos de autores oriundos da Madeira ou ligados à Região levou-nos a entender as múltiplas representações do Emigrante, as causas que o levaram a deixar as raízes em busca de um futuro risonho. Os diversos textos não deixarão de referir o regresso almejado do Emigrante, por ter alcançado uma nova conformação social e identitária, ou por ter verificado que esses lugares longínquos nem sempre são uma utopia.

Tratando-se de um estudo desenvolvido no âmbito da Gestão Cultural, foi nossa intenção organizar uma exposição e uma jornada em torno destes assuntos, de modo a levar ao público um tema relevante e sempre actual.

Palavras-chave: Emigração, emigrante, partidas, regressos, cultura, literatura

Abstract

Emigration is a milestone in Portuguese history and culture that, according to Eduardo Lourenço in his essay entitled “A Emigração como Mito e os Mitos da Emigração” included in the book *O Labirinto da Saudade*, has become a myth. In Madeira the serious economic, financial, agricultural and wine crises also triggered and accentuated this phenomenon.

The present essay focuses on the reading and analysis of the problem of emigration, not so much through history and sociology, but above all in the reflexes that this event has in literature. Our brief journey through the various areas of knowledge in the social sciences, historical and literary aims to understand how the literature can be understood as a worldview of an era.

Literature presents itself as a form of expression of a people's culture. Indeed, starting from the assumption that emigration is a cultural factor, then the texts and literary works can mirror these mobilities as an expression of people, society and a country.

The study of texts by authors from or related to the Madeira region led us to understand the multiple representations of the emigrant, the causes that led him to leave his roots in search of a brighter future. The various texts will refer to the desired return of the emigrant, to the reach of a new social identity or to having noted that these places are not always a distant utopia.

Since this is a study developed under the field of Cultural Management, our intention was to organize an exhibition and a workshop around these issues, so as to bring to the public a relevant and always current subject.

Keywords: Emigration, emigrant, departures, returns, culture, literature

Índice

I – Introdução	6
II – A Emigração e os seus Múltiplos Percursos	10
III – Entre o Real e a Ficção	29
3.1 – A Ilha da Madeira e a Emigração: Viagem. Sonho. Utopia	49
3.2 – A Madeira e as Representações do Emigrante na sua Literatura	64
3.2.1 – Romance. Conto. Teatro: Afinidades	68
3.2.2 – Partidas: Ânsia, Desejo, Frustração	79
3.2.3 – Retornos e Leituras Diversas	91
IV – Ler, Ver e Debater a Problemática da Emigração	109
4.1 – A Função do Gestor Cultural	115
4.2 – Programação	122
4.2.1 – Exposição: Do Projecto à Execução	126
4.2.2 – Jornada: Dos Preparativos à Realização	129
4.2.3 – Considerações Finais	133
V – Conclusão	136
VI – Bibliografia	138
6.1 – Obras Literárias	139
6.2 – Obras e Artigos de Referência	141
6.3 – Diversos	147

VII – Documentos Digitais.....	149
VIII – Webgrafia Geral	156
IX – Periódicos	159
X – Anexos	160

I – Introdução

Segundo Alexandre Herculano, o fenómeno emigratório apresenta-se como “*uma constante estrutural da realidade da sociedade portuguesa*”¹ fazendo, assim, parte do “ser português”. Com efeito, o tema da Emigração é um marco fundamental na História e Cultura de Portugal, uma vez que está ligado aos grandes momentos de crise económica, financeira, política e social.

A Emigração portuguesa, em geral, e a madeirense, em particular, foi um tema que nos suscitou interesse não só pelo passado emigratório da nossa família, mas também pela curiosidade que este tema despertou e continua a despertar na História, na Cultura e na Literatura. Nesse sentido, o apreço por este assunto e a possibilidade de contribuirmos para o tratamento da problemática da Emigração na Literatura de escritores da Madeira foi o ponto de partida da nossa escolha para a dissertação de Mestrado. Assim, propomo-nos desenvolver essas questões no âmbito do Mestrado em Gestão Cultural, ministrado na Universidade da Madeira. O nosso estudo designado “Ler, Ver e Debater a Problemática da Emigração” está delimitado em três pontos.

Num primeiro tempo, na secção intitulada “A Emigração e os seus Múltiplos Percursos”, pretendemos, através de uma contextualização geral da Emigração portuguesa, reflectir nas suas causas e nas suas consequências. Nesse sentido, procuraremos delinear os diferentes trajectos emigratórios durante os séculos XIX e XX e o impacto que estes tiveram na vida dos portugueses.

Num segundo tempo, a secção intitulada “Entre o Real e a Ficção” reveste-se, primeiramente de um carácter geral. Com efeito, foi nossa intenção perceber como é que a Emigração era e foi tratada por escritores do Continente e por autores ligados aos Açores. Não pretendemos ser exaustivos, mas somente salientar alguns nomes e obras relevantes sobre esta questão para que pudéssemos, seguidamente, equacionar este mesmo tópico na escrita de autores ligados à Madeira. Assim, quer no século XIX, quer no século XX, o leitor poderá encontrar a problemática da Emigração analisada por múltiplas vozes, nomeadamente Alexandre Herculano, José da Silva Mendes Leal, Camilo Castelo Branco,

¹ In HERCULANO, Alexandre, *Opúsculos II*, Organização, Introdução e Notas de Jorge Custódio e José Manuel Garcia, Editorial Presença, 1983, p. 64.

Joaquim Pedro de Oliveira Martins, Eça de Queirós, José Frederico Laranjo, António Nobre, Francisco Nunes da Rosa, José Maria Ferreira de Castro, Vitorino Nemésio, José Rodrigues Miguéis, Miguel Torga, Jorge de Sena, Fernando Namora, Lídia Jorge, Onésimo Teotónio Almeida, João de Melo, entre outros.

A Literatura assume, assim, um papel de destaque, visto que contribui para problematizar uma temática presente na vida do Português, em geral, e do Madeirense, em particular. De facto, a Literatura pode espelhar a História da Emigração, permitindo ao leitor situar uma obra numa determinada época, contribuindo, de certo modo, para a sua percepção histórica, cultural e literária. Nesse sentido, no dizer de Eça de Queirós “a emigração é uma difusão pacífica dos costumes da mãe pátria, da sua língua, da sua literatura, das suas artes, e portanto um forte meio de influência, que se traduz em relações comerciais, políticas, industriais, etc.”² Além disso, permite obter “retratos” do Emigrante. Assim, a dissertação terá como objectivo questionar e compreender a figura do Emigrante, nomeadamente as razões que o fizeram abandonar a Madeira, e essoutras que o levaram a regressar.

Escritores nascidos no século XX, como Horácio Bento de Gouveia, João França, Maria do Carmo Rodrigues, Helena Marques, Maria Aurora Carvalho Homem, Irene Lucília Andrade, José Viale Moutinho e Lília Mata, referem as condições económicas precárias que o Madeirense enfrentou na Madeira, as histórias marcantes da vida do Emigrante em países desconhecidos e culturalmente diferentes, ou, ainda, os regressos triunfantes ou problemáticos. A Emigração é descrita, quase sempre, como uma oportunidade única que trará melhores condições. O Brasil, a Venezuela, o Havai, a Guiana Britânica, o Curaçau e a África do Sul apresentam-se como os locais de destino preferidos pelos emigrantes, que, desde sempre, embarcaram à procura de melhores condições de vida. Nesse sentido, a Emigração dos séculos XIX e XX surge como escape a uma vida de miséria.

Numa última secção intitulada “Ler, Ver e Debater a Problemática da Emigração”, articulada com a leitura levada a cabo nos pontos anteriores, concebemos e concretizámos duas actividades de divulgação em torno da temática em apreço. Com efeito, organizámos uma exposição, bem como uma jornada de reflexão em torno desta matéria. Em primeiro lugar, o nosso propósito vai ao encontro dos objectivos do Mestrado em Gestão Cultural:

² In QUEIRÓS, Eça de, *A Emigração como Força Civilizadora*, 1ª edição, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2000, p. 124.

“[a]presentar e desenvolver os principais conceitos e técnicas necessários para o crescimento e gestão das organizações culturais das áreas do património, das actividades artísticas e das indústrias culturais (...); [p]romover novas competências profissionais através da combinação dos conhecimentos da gestão com os do sector cultural e da comunicação aplicada; [c]ompreender e contribuir para o desenvolvimento da criação, produção e consumo cultural (...); [c]riar, conceber e avaliar situações de inovação na cultural (...); [d]ominar terminologias, metodologias, teorias e as problemáticas numa perspectiva multidisciplinar no âmbito da interculturalidade; [entre outros]”³.

Em segundo lugar, pretendemos contribuir para a preservação de uma memória colectiva. Assim, os objectivos da dissertação, nomeadamente através da exposição, consistem, por um lado, em dar a conhecer um conjunto de obras relacionadas com o tema em apreço, destacando as múltiplas formas que o Emigrante adquire; verificar a importância da Emigração na Cultura e sociedades madeirenses; difundir o livro, como produto cultural, na sociedade madeirense, enaltecendo a sua importância no redescobrir da História e da Cultura mas, sobretudo, recuperar memórias de vida através da vertente fotográfica; por outro lado, através da jornada que convocou várias áreas do saber (História, Cultura e Literatura), ao debater a temática tratada, pretendemos proporcionar ao público um reencontro com o Passado – ainda tão presente.

Relativamente à metodologia, optámos, primeiramente, por consultar obras, textos e artigos que tratavam deste tema⁴. No que diz respeito, aos textos literários de autores da Madeira, depois de uma análise do *corpus*, organizámos as citações que vieram a ser incluídas nos cartazes para a exposição. Como no projecto inicial estava presente uma exposição, foi fundamental, ao longo deste percurso, organizar os dados que seriam necessários para a execução do nosso projecto. Deste modo, era necessário elaborar uma breve sinopse dos textos dos escritores convocados, bem como uma sucinta nota biobibliográfica. A esta parte, chamar-lhe-íamos “Do Real para a Ficção”. Contudo,

³ In Portal da Universidade da Madeira in <http://guiadoaluno.uma.pt/index.php?lang=pt> e http://www.uma.pt/portal/modulos/curso/index.php?T=1345432433&TPESQ=PESQ_CURSO_DADOSGERAIS&TPESQANT=PESQ_ENSINOLST_MEST&IDM=PT&IdCurso=352&Cod_Especialidade_Cx=0&NP_AG=&IdLingua=1&TORDANT=&CORDANT=&SCRANT=/portal/modulos/curso/index.php&NV_MOD=MODCURSO&NV_EAGR=EAGR_CURSOMEST&NV_MOD_ANT=MODCURSO&NV_EAGR_ANT=EAGR_ENSINOLST&NV_TAB=&NV_TAB_ANT= [consultado a 26 de Junho de 2012].

⁴ Para a concretização do estudo de investigação, explorámos, sobretudo, obras e artigos de referência, revistas, diários, teses de mestrado e doutoramento, documentos *on-line*. Pesquisámos no Arquivo Regional da Madeira, na Biblioteca Municipal do Funchal, na Biblioteca da Universidade da Madeira e no Centro de Estudos de História do Atlântico.

tínhamos planeado mais duas secções para a referida exposição. Na secção designada por “Da Ficção para o Real”, organizámos um conjunto de fotografias cedidas por particulares. Na secção designada por “Do Real para a Intimidade”, organizámos um conjunto de cartas cedidas, também, por particulares.⁵ Contactámos, ainda, os intervenientes das jornadas e elaborámos o material necessário (desdobráveis/*flyers* e certificados de participação⁶).

Quanto à bibliografia, que surge no final desta dissertação, optámos por dividi-la em três partes: obras literárias, obras e artigos de referência e diversos. Terminámos, ainda, com uma secção destinada aos documentos digitais, a uma webgrafia geral e a dois periódicos consultados.

Além disso, os anexos apresentam-se como informações adicionais, de modo, sobretudo, a dar visibilidade ao nosso trabalho efectuado na Biblioteca do Fórum Machico.

Por fim, é de salientar que estes são os primeiros passos para um projecto que gostaríamos de poder realizar posteriormente. Com efeito, numa terra onde a Emigração foi relevante não será despropositado pensar num “Museu do Emigrante”: um espaço a ser dinamizado com intervenções de natureza diversa: exposições, visualização de filmes/documentários seguidos de debates, apresentação de narrativas de vida vídeo-gravadas, etc.⁷

⁵ Cf. anexo 22.

⁶ Cf. anexo 27.

⁷ Esta ideia foi, de certo modo, corroborada pelos intervenientes na jornada. De facto, salientou-se a necessidade de se constituir uma *História de Emigração* (ideia defendida pelo Prof.º Doutor Paulo Miguel Rodrigues), um *site* em actualização permanente de fotografias e relatos de vida (ideia apontada pelos Professor Doutor Rui Carita).

II – A Emigração e os seus Múltiplos Percursos

*Ei-los que partem novos e velhos
Buscar a sorte noutras paragens,
Noutras paragens, entre outros povos
Ei-los que partem, velhos e novos.*

*Ei-los que partem, olhos molhados
Coração triste, a saca às costas,
Esperança em riste, sonhos dourados
Ei-los que partem, olhos molhados.*

*Virão um dia, ricos ou não
Contando histórias de lá de longe
Onde o suor se fez em pão,
Virão um dia, ricos ou não,
Virão um dia, ou não.*

Manuel Freire, *Os Emigrantes*⁸

⁸ FREIRE, Manuel, *Os Emigrantes*, Editora Diapasão, 1978 in <http://www.museu-emigrantes.org/poesia-emigracao.htm> [consultado a 30 Outubro de 2011].

A Emigração é parte fundamental da História e da Cultura portuguesa. Com efeito, ela conta acontecimentos que moldaram o nosso país, tornando-o num país de emigrantes. Tal como refere Rui Ramos, coordenador da obra *História de Portugal*, “(...) Portugal registou um fluxo emigratório contínuo desde o século XV(...)” (2010: 383). Os Descobrimentos⁹ foram, nessa perspectiva, o ponto de partida para a Emigração portuguesa, dando início à descoberta de um novo mundo. Iniciado com a questão da colonização, o movimento colonizador torna-se num “movimento puramente emigratório”, como sublinha Mónica Serpa Cabral (2010: 271). De facto, o processo de povoamento conduziu ao deslocamento de muitos portugueses para esses locais, nomeadamente para as Ilhas e para as colónias. Neste sentido, o ensaísta Joel Serrão refere que o “(...) emigrante é um género do qual colonizador é espécie (...)” (1992: 364), uma vez que o colonizador deu lugar ao Emigrante. Neste sentido, Eduardo Lourenço irá afirmar que o “português-emigrante” veio substituir o “português-colonizador”¹⁰.

A Emigração incide no deslocamento para o Brasil (sobretudo no século XVIII), para a Venezuela, o Caribe e África (essencialmente, no final do século XIX) e para a América do Norte e Europa (particularmente no século XX). Ora seduzido pela ideologia expansionista, ora por razões económicas, o Português recorreu à Emigração para alcançar uma (re)nova(da) conformação. Para além do mais, a Emigração portuguesa contribuiu para a divulgação da nossa Cultura nos países além-mar e além-fronteiras, bem como para uma certa aculturação, conforme refere José Luís Garcia *et al*: “[a] História mostrou-nos, porém, que nem sempre foi a mesma a medida daquela mudança, que na sequência de grandes fluxos migratórios, colonizações e conquistas o resultado do contacto dos povos não teve a mesma expressão.” (1998: 11).

Também ocorreram mudanças na opinião pública acerca da temática em apreço. A opinião pública, ao longo do tempo, passou a visualizar a Emigração como uma oportunidade de vencer e de prosperar, deixando para trás a ideia da Emigração como uma necessidade fundamental para combater a fome e as condições precárias das famílias.

A Emigração simboliza o romper com as origens caminhando para um mundo diferente. Neste sentido, a estudiosa Maria Beatriz Rocha-Trindade refere que

⁹ Veja-se sobre este assunto VIEIRA, Alberto, *A Emigração Portuguesa nos Descobrimentos: Do Litoral às Ilhas*. Portuguese Studies Review, Vol. 15 (n.ºs 1 - 2), 2007, pp. 63 - 101. Disponível em formato digital: <http://www.trentu.ca/admin/publications/psr/1512004.pdf> [consultado a 10 de Setembro de 2011].

¹⁰ Cf. LOURENÇO, Eduardo, “A Emigração como Mito e os Mitos da Emigração” in *Labirinto da Saudade*, Lisboa, Dom Quixote, 1982, p. 128.

“[o] termo emigração designa tradicionalmente o acto de emigrar, isto é, a saída de alguém com ausência suposta de duração significativa, do país que é seu por relação de nacionalidade e por vivência no território que politicamente lhe está adstrito”. (1995: 31).

O significado da palavra Emigração visa a saída de uma ou mais pessoas do seu país de origem, durante um período relativo de tempo, com o objectivo de ganhar dinheiro. A audácia que o Emigrante demonstra ao sair do seu país simboliza a sua determinação em obter um futuro melhor para si e para a sua família, submetendo-se a todo o tipo de trabalho e lidando com todo o tipo de pessoas. A Emigração apresenta um lado positivo, mas também um lado negativo. O aspecto positivo prima pelo desconhecido, o novo, o diferente, o contacto com pessoas de diversas culturas, o desejo e a ânsia de um futuro risonho. O cunho negativo prima pela exploração, pelo contacto com pessoas obscuras, pelas péssimas condições de vida dos emigrantes (muitos viviam debaixo de pontes), pelas inúmeras doenças, entre outros.

A História explica as questões políticas que levam à Emigração. Por sua vez, a Sociologia tende a referir as motivações económicas, sociais, políticas, emergentes¹¹, étnico-culturais¹², e outras situações¹³, (desde a Emigração clandestina aos passadores e aliciadores). Neste sentido, Maria Beatriz Rocha-Trindade sublinha que

“[a] emigração assume formas e características diversas, espacial ou temporalmente, em função de variáveis políticas, económicas ou sociais, que caracterizam os movimentos assim designados e, ainda, de determinantes de natureza cultural que envolvem os actores que os realizam.” (1995: 31).

Os portugueses são conhecidos pela coragem e à-vontade no que diz respeito à aventura. Esta aventura é criteriosa, objectiva e calculada. Ao longo dos tempos, a designação de Emigrante tornou-se abrangente, surgindo vários tipos de emigrantes. A título de exemplo temos os emigrantes por conta própria e os emigrantes forçados¹⁴. Os

¹¹ Cf. ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, *Sociologia das Migrações*, Universidade Aberta, Lisboa, 1995, p. 42.

¹² Cf. *Ibidem*.

¹³ Cf. *Idem, op. cit.*, p. 44.

¹⁴ Veja-se sobre este assunto ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, “Refluxos Culturais da Emigração Portuguesa para o Brasil”, *Análise Social*, 1986 - 1º, pp. 139 - 140 in

emigrantes por conta própria iam na ânsia da descoberta, do desconhecido com o intuito de conhecer outras culturas. Já os emigrantes forçados (exilados¹⁵ e degredados) saíam devido a divergências sociais, culturais e políticas.

Vários foram os motivos que levaram à Emigração. No entanto, a maioria dos portugueses emigrava devido a problemas de cariz económico. A miséria das zonas rurais, de onde saíam muitas pessoas e onde predominava a agricultura como meio de sustento da família, era um dos problemas económicos que mais afectava o país.

Como refere Rocha-Trindade (1995: 41), “[a] falta ou a insegurança de emprego; a insuficiência de recursos da terra; a falta de horizontes de bem-estar para si e para os seus descendentes (...)” são as principais motivações que levam à Emigração. As pessoas das áreas rurais tinham dificuldades em obter condições monetárias razoáveis, pois, geralmente, eram exploradas pelos senhores ricos. Compreender-se-á que haja o desejo de emigrar para progredir e enriquecer.

No entanto, os motivos que levaram à Emigração portuguesa não se prenderam apenas com a procura de melhores condições de vida. Com efeito, a saída dos portugueses de Portugal resultava não só de problemas económicos como, também, de alguns desequilíbrios geográficos, como nos indica Maria Ioannis B. Baganha: “[a] constância do fenómeno migratório em Portugal pode atribuir-se à permanência de profundas assimetrias regionais no país e à existência de desequilíbrios geoeconómicos entre Portugal e os sucessivos países de destino.” (1994: 959).

Portugal era – e continua a ser – um país díspar entre o litoral e o interior. O litoral era desenvolvido e industrializado. No interior, pouco desenvolvido, predominava a agricultura. Assim, o êxodo rural (deslocamentos das pessoas das áreas rurais (campo) para as áreas urbanas (cidade), vinha colmatar esses desequilíbrios geoeconómicos. Para além do mais, Portugal era economicamente carente ao contrário dos países de destino, onde alguns emigrantes conseguiam obter fortuna.

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223483165U1cML5by5Tp76UD3.pdf> [consultado a 10 de Setembro de 2011].

¹⁵ Cf. SAID, Edward, *Reflexões sobre o Exílio e Outros Ensaios*, São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 58.

É de salientar que no presente estudo não trataremos a questão política, nomeadamente os intelectuais portugueses que no século XIX saíram por altura do confronto entre os Absolutistas e os Liberais. Também não será alvo de análise profunda os portugueses que, no século XX, deixaram Portugal por não pactuarem do pensamento salazarista. A eles aludiremos somente nas páginas 24. Esta alusão prende-se com o facto do *corpus* que pretendemos analisar referir (sempre) a questão económica. Na Madeira, a saída é por razões de necessidade.

Como advoga Joel Serrão, “[o] fenómeno emigratório português, embora tenha raízes bem mais antigas, no específico contexto da época contemporânea, enquadra-se nos condicionalismos dos países atrasados (...)”. (1985: 998 - 999). Compreende-se, pois, a saída de muitos emigrantes de Portugal com destino a países mais desenvolvidos.

Portugal estava dependente de uma agricultura rudimentar, visto que a inexistência de meios de subsistência condicionava o seu desenvolvimento. Assim, os emigrantes optavam por países industrialmente desenvolvidos acabando por trabalhar nas suas fábricas. Com efeito, a decadência, o atraso e a ignorância vividas em Portugal conduziam os emigrantes a países desenvolvidos, conforme refere José Eduardo Franco:

“[i]nstitua-se aqui o conceito de atraso, de distanciamento grave em relação ao modelo louvado da Europa Culta. Estabelece-se a base para se afirmar o conceito, que virá a impor-se mais tarde, de um Portugal país-cauda-da-Europa, ou de última carruagem do comboio da Europa progresso.” (s/d: 8)¹⁶.

A progressiva Emigração no século XIX foi um factor muito importante, pois marcou a passagem do velho para o novo mundo. A Emigração levou ao surgimento de um novo mundo (desconhecido e por descobrir) que acolhia vários povos que ambicionavam melhores condições de vida. Contudo, este novo mundo “escondia” alguns aspectos negativos, como as “condições climatéricas e as doenças tropicais (...)” (ROCHA-TRINDADE, 1995: 151). No caso de Portugal, as pessoas emigravam de todas as regiões, uma vez que não encontravam no país as condições que ambicionavam. Num primeiro momento, os motivos que levaram à Emigração prendem-se com as condições económicas, logo as pessoas direccionam-se para as terras mais vantajosas economicamente, como era o caso do continente americano, conforme é referido por Elina Baptista:

“(...) na primeira metade do século XIX, emigra-se principalmente para o Brasil e, em meados do mesmo, para os Estados Unidos da América e para a América Central. Demerara está entre os locais de maior atracção das gentes das ilhas dos Açores e Madeira.” (2008: 35).

A Emigração no século XIX foi deveras importante para as alterações na geografia humana mundial, pois houve uma distribuição de povos pelos vários países. Neste sentido, Joel Serrão refere que “[a] extraordinária mobilidade populacional que, então, se verifica, é

¹⁶ Veja-se, também, o artigo de FRANCO, José Eduardo, “Portugal, de Face a Cauda da Europa: Notas para o Estudo da Ideia de Europa na Cultura Portuguesa”, in *Brotéria*, Vol. 167, 2008, pp. 191 - 199.

um dos índices mais significativos das mutações por que a Europa passa.” (s/d: 603). No entanto, no caso português as pessoas distribuíram-se pelas Américas. Para a Emigração do século XIX são apresentadas várias causas, nomeadamente as várias crises e instabilidade que Portugal atravessava. O perigo das invasões¹⁷ francesas surgia como uma das causas que levaram à saída da coroa portuguesa e, por conseguinte, à Emigração de muitos portugueses.

A fuga do príncipe D. João (rei D. João VI desde 1816) para o Brasil, contribuiu para uma instabilidade no país, pois “o príncipe entregou o governo de Portugal a um Conselho de Regência” (RAMOS *et al*, 2010: 441). O Brasil tornou-se a capital do reino incentivando, de tal forma, a saída de muitos portugueses para o Brasil. Em Portugal viviam-se tempos de contestação, uma vez que o país se apresentava desprotegido e susceptível a uma invasão francesa. Fernando de Sousa salienta, ainda, a guerra civil em Portugal, “que se desenvolveu entre absolutistas e liberais nos anos de 1832-1834”, como outra das causas da saída dos portugueses do país.” (2009: 19). Por conseguinte, a Emigração era vista como uma resposta às instabilidades política e económica que o país atravessava.

Assim, a partir do século XIX, a Emigração aumenta e direcciona-se para o Brasil. É de salientar que o estabelecimento da corte portuguesa no Brasil e a independência do mesmo não simbolizaram uma diminuição do número de emigrantes: “ (...) estimando-se em cerca de 1 milhão o número dos nossos compatriotas idos para o Brasil desde a sua independência até ao fim do século XIX” (ROCHA-TRINDADE, 1995: 151). O Brasil apresentava-se como o local de eleição para muitos emigrantes portugueses que o visualizavam como a terra das oportunidades¹⁸.

O Brasil era visto como a terra do enriquecimento fácil¹⁹, logo suscitava o interesse dos emigrantes, e tal como advoga José Luís Garcia *et al* “[o] mito do enriquecimento fácil (...) constit[ui], sem dúvida, [uma] das principais causas da emigração portuguesa.” (1998:

¹⁷ A Europa vivia, nos fins do século XVIII, assolada por duas revoluções – “a industrial na Inglaterra e a do liberalismo na França” desencadeando profundas “modificações estruturais, que ao longo dos séculos XIX e XX, [modificaram] (...) o ritmo de vida do mundo. Tais modificações também se verificaram em Portugal (...)” in GARCIA, José Manuel, *História de Portugal – Uma Visão Global*, Editorial Presença, 1991, p. 181.

¹⁸ “[As] pessoas não vinham para [o Brasil] para «falhar», vinham para «triunfar» - como diziam os bandeirantes, «salvar sua vida»” in “A Miragem Brasileira” – Entrevista por Rui Moreira Leite, p. 296. Retirado de: LOURENÇO, Eduardo, *Uma Ideia do Mundo*, “A Miragem Brasileira”, *Colóquio Letras*, n.º 171, Fundação Calouste Gulbenkian, Maio/Agosto 2009.

¹⁹ Cf. GARCIA, José Luís *et al*, *A Emigração Portuguesa – Uma Breve Introdução*, 1998, p. 21.

22). Além disso, o idioma era uma mais-valia para a adaptação ao país. A mudança no nível de vida das famílias era um ponto a favor, pois contribuía para o enaltecimento do Brasil como local privilegiado e país da riqueza, tal como salienta Maria Beatriz Rocha-Trindade: “[d]o Brasil chegavam dinheiros para as famílias, doações para a comunidade, pecúlios substanciais para herdeiros (...) [.] [Muitos] regressavam ricos e à sua volta exerciam visíveis acções beneméritas e exibiam a sua opulência” (1995: 151).

Os dinheiros vindos do Brasil simbolizavam o sucesso. Os emigrantes que regressavam à terra natal ostentavam a riqueza através de belíssimos carros e roupas que os distinguiam dos seus conterrâneos. Os dinheiros ganhos eram investidos em melhoramentos nas casas dos pais ou em construções de casas vistosas. Já as acções beneméritas, feitas às associações e às igrejas, simbolizavam a exibição e a ostentação perante a sociedade, assim como a demonstração do sucesso alcançado.

Durante o século XIX, a Emigração portuguesa focou-se no Brasil. De acordo com Joel Serrão, a Emigração portuguesa era levada a cabo pelas pessoas humildes, nomeadamente pelos “indivíduos populares de condição humilde, paupérrimos e incultos – analfabetos na sua maioria.” (s/d: 610). Pontualmente emigravam os homens, os chefes de família, seguindo-se mais tarde as mulheres e os filhos.

A idade dos emigrantes é um dado relevante. Nesta altura, os portugueses que emigravam tinham idades compreendidas entre os treze e os trinta e cinco anos. Os jovens portugueses viam na Emigração a fuga à miséria em que viviam, procurando oportunidades noutros países. Alguns destes jovens emigravam com o intuito de dar um futuro risonho à sua família. Partiam para o outro lado do Atlântico e iniciavam uma nova vida, trabalhando nos campos de terras onde cultivavam muitas plantações. Em Portugal, alguns já trabalhavam nos campos, daí a adaptação aos trabalhos no Brasil ser facilitada. Os trabalhos no campo davam muitos lucros e isso agradava e incentivava os jovens emigrantes. Após algum tempo, os emigrantes acabavam por comprar as terras que cultivavam.

Com efeito, os jovens emigrantes adaptaram-se, rapidamente, à vida e à Cultura brasileira, uma vez que a Cultura brasileira tem muitas semelhanças com a Cultura portuguesa. Evidentemente que a ida dos emigrantes portugueses para o Brasil, no século

XIX, contribuiu para uma fusão das duas culturas. Ocorreu, claramente, uma aculturação²⁰. Porém, a aculturação²¹ foi fundamental para a permanência dos emigrantes nos países de destino, pois sentiam-se “em casa” e não desejavam regressar à sua terra natal.

Contudo, verifica-se que, nos finais do século XIX, os portugueses começam a procurar destinos opcionais ao Brasil, incidindo na Europa. Posteriormente, para além do Brasil continuar a ser o destino de eleição, no último quartel do século XIX, ocorre um surto de Emigração para as “Américas”: Estados Unidos da América, Argentina, Uruguai, Guiana Inglesa, entre outros.

Apesar disso, a Emigração no século XX continua a direccionar-se para o outro lado do Atlântico, nomeadamente para o Brasil, Venezuela, Estados Unidos da América, Argentina, Uruguai, entre outros. Aliás, Rocha-Trindade refere que “[o] Brasil continua a ser o principal destino da emigração portuguesa.” (1995: 152). O idioma era um ponto a favor, que pesava na escolha do destino de Emigração, sendo uma mais-valia para a adaptação dos emigrantes portugueses.

Contudo, não podemos deixar de referir que é nos anos 30 que ocorre um fluxo de emigrantes para as ex-colónias, nomeadamente para Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Macau e Timor. Relativamente à África do Sul, a Emigração atinge os valores mais elevados entre 1964 e 1967 muito por causa da Guerra Colonial.

O incentivo da Emigração para as colónias visava o “construir, o cultivar e o vencer na vida”²² vistos como os principais objectivos do Emigrante Português. Este fluxo de emigrantes para as ex-colónias simboliza o deixar para trás os Estados Unidos da América e o Brasil, que até à data eram os locais de destino da maioria dos emigrantes portugueses.

A partir da década 40, do século XX, a Venezuela sucede o Brasil como destino de Emigração. É fundamental referir que alguns emigrantes optaram, primeiramente, por

²⁰ Mellville Herskovits advoga que o termo aculturação compreende “(...) os fenómenos que resultam do contacto directo e contínuo entre grupos de indivíduos de cultura diferente com mudanças subsequentes nos tipos culturais originais de um ou dois grupos.” In HERSKOVITS, Mellville, *Les Bases de l'Anthropologie Culturelle*, Payot, Paris, 1967, p. 216. Veja-se, também, CUPIDO, Mário, *O Quantitativo em Aculturação*, Papiro Editora, 2007.

²¹ Veja-se, ainda, sobre este assunto BARRETO, Luís Filipe, *A Aculturação Portuguesa na Expansão e o Luso-Tropicalismo*, (s/d), p. 479 in http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Percursos_Intercultura/1_PI_Cap9.pdf [consultado a 10 de Dezembro de 2011].

²² “Se queres sair de Portugal Continental, vai para Portugal Ultramarino. Se queres conhecer novas terras, vai para África. Se queres construir, cultivar, vencer na vida, vai para África.” In ASSUMPCÃO, João Carlos Beckert d’, *Emigração*, Coleção educativa, Série H, n.º 2, Plano de Educação popular, Campanha Nacional de Educação de Adultos, Coimbra, 1956, p. 169.

emigrar para o Brasil, mas com o desejo de, posteriormente, viajarem para a Venezuela. Como salienta Joselin Nascimento, a partir dos anos 40, do século XX, “[a] Venezuela foi um dos países mais escolhidos pelos portugueses e madeirenses para emigrar.” (2009: 39).

A Emigração para a Venezuela é intensificada, a partir de 1945 permanecendo até à década de 50. A Venezuela torna-se o local de destino devido ao valor da moeda, às facilidades nos investimentos e aos rendimentos do petróleo. A facilidade em adquirir negócios com pouco dinheiro foi uma das causas que incentivaram à Emigração. É de salientar que a maior parte dos emigrantes na Venezuela eram oriundos da Ilha da Madeira.

Nos anos 50, os emigrantes portugueses direccionam-se para a Europa (França, Alemanha, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Suíça, Suécia, etc). A Alemanha e a França tornam-se, assim, nos locais de destino de muitos portugueses que partiam na ânsia de encontrar “emprego na indústria e nos serviços”. (RAMOS, SOUSA e MONTEIRO, 2010: 688).

Esta mudança para a Europa é vista como um novo fenómeno na História da Emigração portuguesa. Portanto, a mudança na direcção dos emigrantes portugueses para a Europa é vista como um ponto de viragem, conforme refere José Luís Garcia *et al*: “[e]migrar para (...) [os] países europeus era (...) uma solução viável e com boas perspectivas de sucesso.” (1998: 55). Eduardo Lourenço, em “Europa/Democracia/Liberdade”, defende que é na Europa que o português conseguirá concretizar todas as suas aspirações.²³ Parece inaugurar-se, assim, um novo mito. Em todo o caso, a Europa surge agora como uma utopia.

Maria Ioannis B. Baganha refere que “[o] maior número de saídas registou-se depois de 1950, correspondendo a emigração registada entre 1950 e 1988 a 61% do total verificado ao longo de todo o período.” (1994: 960).

A investigadora salienta o impacto e a intensidade do fluxo migratório após os anos 50, nomeadamente para a França, nos anos 60. Aproximadamente, cerca de um milhão e meio de emigrantes portugueses abandonaram o país, após os anos 50, marcando, assim, o curso da Emigração portuguesa. Portanto, a França tornou-se no primeiro local de Emigração, por parte dos portugueses, na Europa “ultrapassa[ndo] a emigração para o Brasil (em 1963) (...).” (ROCHA-TRINDADE, 1995: 153).

²³ Cf. FRANCO, José Eduardo, *O Mito e o Espelho: A Ideia de Europa em Eduardo Lourenço*, (s/d), pp. 18 e 19 in http://www.eduardolourenco.com/6_oradores/oradores_PDF/Jose_Eduardo_Franco.pdf [consultado a 15 de Dezembro de 2011].

Quer isto dizer que até aos anos 60 a Emigração portuguesa era feita além-mar, a partir dos anos 60 esta era feita além-fronteiras, conforme refere José Luís Garcia *et al*: “[o] ano de 1963 é a data em que a emigração para França ultrapassa significativamente a emigração transoceânica.” (1998: 26).

Todavia, a Emigração para França não era facilitada pelo governo português. Surgindo, assim, a clandestinidade. Pois, a Emigração legal, “(...) o processo pelo qual se inicia e desenvolve um percurso emigratório individual com integral conhecimento e controlo por parte das autoridades competentes, quer do país de origem quer do país receptor (...)” (ROCHA-TRINDADE, 1995: 44), abarcava custos que a maior parte da população não tinha como pagá-los. Uma pessoa da zona rural que desejasse emigrar legalmente teria de fazer esforços acrescidos: hipotecar a casa, vender os bens materiais, etc.

Eduardo Mayone Dias afirma que “as situações de clandestinidade são bastante mais comuns na Europa do que na América (...)” (1997: 5), devido às situações políticas que vigoravam na Europa. As ditaduras estabelecidas na Europa fomentavam a clandestinidade, como é o caso de Portugal e Espanha²⁴.

Por sua vez, Maria Beatriz Rocha-Trindade salienta que a travessia pelos Pirenéus “realiza[va-se] em situação de clandestinidade, dita vulgarmente «a salto» – uma forma de partir que não é inédita na nossa história da emigração e que então assume agora grandes proporções, dada a receptividade que teve (...) em França (...)” (1995: 153).

A expressão “a salto” tem origem açoriana. De acordo com M-Isabelle Vieira a palavra “salto”²⁵ já era utilizada nos Açores, assim como a expressão “a salto”, utilizada para descrever as saídas clandestinas dos ilhéus.²⁶ Os ilhéus saltavam de uma rocha para mar²⁷, indo, assim, a nado, com uma trouxa na cabeça, para os navios estrangeiros que os

²⁴ Cf. HAUSER, Jacques, “Hommes et Migrations”, *L’Immigration Portugaise en France*, n.º 1123, Juin-Juillet, 1989, p. 5.

²⁵ A palavra “salto” foi exportada e utilizada num filme (“O Salto”) do cineasta francês, Christian de Chalonge. O filme data de 1966.

²⁶ Cf. VIEIRA, M-Isabelle, *Quando os Portugueses Partiam a Salto para França*, Museu da Emigração e das Comunidades in <http://www.museu-emigrantes.org/seminario-comunica-isabel-vieira.htm> [consultado a 10 de Janeiro de 2012].

²⁷ A título de exemplo temos a obra *Pedras Negras* (1964) de José Dias de Melo, que descreve a saída a “salto”, de dois rapazes, na baleeira “Queen of the Seas”. A obra *Pedras Negras* de José Dias de Melo é tratada no ponto seguinte (ponto 2) do presente estudo.

aguardavam a uma certa distância da costa. Esta era a forma mais facilitada, mas, também, a mais perigosa de muitos ilhéus emigrarem clandestinamente.

A Emigração “a salto” por terra é igualmente perigosa. A travessia era dura perdendo alguns portugueses a vida. O papel dos passadores²⁸ era fundamental, uma vez que “ajudavam” os emigrantes a passar a fronteira sem serem apanhados pela polícia de fronteira ou pela PIDE, a polícia política.

Os emigrantes que se submetiam a este tipo de Emigração passavam por diversos sufocos, viajavam apertados em camionetas de gado, permaneciam largos dias sem comer e beber percorrendo vários quilómetros a pé e à chuva. Uma desumanização que nos é dada, hoje, pela televisão e pela *internet* acerca das viagens clandestinas dos africanos.²⁹ Se agora conhecemos as dificuldades das viagens empreendidas pelos africanos que fogem da miséria, não é menos verdade as condições dos portugueses, nessa altura, eram muito difíceis. As condições dos portugueses eram, de facto, miseráveis, pois suportavam e ultrapassavam situações de extrema calamidade. Todavia, submetiam-se a estas condições na esperança de encontrarem um futuro acolhedor na França, onde iriam enriquecer e concretizar os seus sonhos.

O jornalista e escritor Júlio Magalhães, na obra *Longe do Meu Coração*³⁰, descreve e exemplifica a situação da Emigração a “salto”, sublinhando as condições desumanas vividas pelos emigrantes. Num primeiro momento, o autor descreve o transporte dos emigrantes em camionetas³¹: “[a]comodaram-se como puderam e percorreram vários quilómetros aos saltos e tropeções na parte de trás da camioneta” (2010: 25) sem direito a qualquer tipo de mantimento “(...) sem água, nem comida (...)” (2010: 26). Os homens

²⁸ A figura e o papel do passador são abordados na série documental *Au Revoir Portugal!* no primeiro episódio “O Passador de Homens” in DOMINGOMES, Carlos, *Au Revoir Portugal!*, Série 5 Documentários, Filmotaurus Produções, 2009.

²⁹ Cada vez mais assistimos às situações desumanas que milhões de africanos vivem aquando das suas viagens clandestinas. As viagens são feitas em camiões, em barcos onde não têm as condições mínimas. Muitos acabam por morrer asfixiados ou à fome devido aos largos dias que permanecem nos barcos ou nos camiões. Veja-se algumas notícias acerca deste assunto in GIL, Fernando, *Moçambique para Todos: Emigração – Imigração – Refugiados*, 21 de Fevereiro de 2012 http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/emigrao_imigrao/ [consultado a 27 de Fevereiro de 2012].

³⁰ A obra de Júlio Magalhães salienta alguns aspectos referidos no corpo do trabalho (travessia, passador, bairros de latas, etc).

³¹ Acerca do transporte clandestino de emigrantes, a escritora Olga Gonçalves, na obra *Eis uma História*, relata a viagem clandestina de 20 homens, apertados, numa camioneta em 1965. A obra refere, ainda, o “salto” que muitos portugueses efectuavam na esperança de um futuro melhor em França. In GONÇALVES, Olga, *Eis uma História*, Caminho, O Campo da Palavra, Lisboa, 1992.

permaneciam horas e, por vezes, dias a fio dentro das camionetas “à espera, como porcos numa pocilga apertada (...)” (2010: 26), salientando que o nome estampado na camioneta era “ganado porcino”, uma forma de passar clandestinamente pelas autoridades. A segunda etapa do percurso dos emigrantes era feita a pé. Contudo, as condições dos homens pioraram, levando à morte de alguns devido ao frio, à exaustão e à fome. Entre o real e a ficção, a obra de Júlio Magalhães descreve o sofrimento de muitos emigrantes que acalentavam o sonho de um futuro risonho num país que “aparentava” ser o paraíso.

Quando chegavam à França a ilusão de um local maravilhoso dava lugar a um pesadelo. Os emigrantes clandestinos sujeitavam-se a trabalhos árduos e miseráveis. Além disso, viviam em condições de extrema pobreza, ou seja, viviam em bairros de lata que se formaram com a chegada de inúmeros emigrantes às cidades francesas.

A exposição de fotografia “Por uma Vida Melhor”³², de Gérald Bloncourt, dá-nos um retrato da Emigração para França nos anos 50/60, evidenciando as condições desumanas.³³ Bloncourt fotografou o percurso emigratório de muitos emigrantes que atravessaram os Pirenéus, assim como a chegada deles à estação de Austerlitz, em Paris. Contudo, o seu foco foi as *bidonvilles*, os chamados bairros de lata, locais onde viviam os portugueses em condições precárias. Apesar do espaço das barracas ser deveras reduzido, ali viviam e dormiam dez a doze pessoas. Os portugueses viviam sem água canalizada, luz electricificada e as barracas não tinham esgotos. É de salientar as longas filas para adquirir água, dado a escassez de fontes de água potável. Aquando das chuvas, as estradas ficavam cheias de lama, por vezes intransitáveis. Além disto, fotografou um encontro de esclarecimento da CGTP³⁴ que alertava os portugueses para as suas condições de trabalho.

A Emigração portuguesa, em toda a sua extensão assim como nas suas implicações, tem, ainda, muito por desvendar. A Emigração nos anos 60 – a chamada Emigração “a salto” – não nos parece ter sido muito estudada. Até à data, o pouco que sabemos acerca da Emigração “a salto” é-nos transmitido através de documentários³⁵ ou alguns filmes que abordam os aspectos gerais deste fenómeno.

³² In <http://www.sudexpress.org/Expositions/Bloncourt/index.html> [consultado a 10 de Janeiro de 2012].

³³ Veja-se as fotografias do anexo 1, autorizadas e cedidas pelo Museu das Migrações e das Comunidades, em Fafe.

³⁴ Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses.

³⁵ A título de exemplo salientamos VIEIRA, José, *Gens du salto/Gente do Salto, Mémoires de Portugais qui ont fui vers la France dans les Années 60/Memórias de Portugueses que Fugiram para França nos Anos 60*, La Huit Production, 2 DVD, Paris, 2005.

Na questão da Emigração clandestina, é de salientar, ainda, o papel dos aliciadores, uma vez que contribuíram para a exploração dos emigrantes no país de acolhimento. O artigo “O Alliciador”, de João d’Andrade Corvo - A Emigração para Demerara na Literatura de Proscénio” de Duarte Mendonça, publicado na revista *Isleña*, menciona o peso dos aliciadores na vida dos futuros emigrantes³⁶. Os aliciadores aproveitavam-se da inocência dos emigrantes para construírem a sua própria fortuna, visto que quantos mais emigrantes aliciassem, maior era a quantia recebida. Em todo o caso, as regalias e garantias económicas destes podem constatar-se na seguinte observação: “[h]a menos de um anno pobre como eu, e agora com grilhões de ouro, e relógio, e dinheiro, que é um pasmar. Foi a Demerara, e voltou rico. Fortunas!” (MENDONÇA, 2009: 118).

Na verdade, entre a utopia e a distopia a distância é pequena, contrariando, assim, o sonho. Os aliciadores contribuíram para a escravatura branca. Eram, de facto, pessoas amigas que iludiam e ludibriavam as pessoas com condições económicas mais precárias, referindo maravilhas sobre um mundo novo e desconhecido. Ora, este mundo novo “escondia” muitas doenças e uma vida miserável para os emigrantes.

Conforme já referido, as situações de clandestinidade ocorriam porque o regime salazarista não contribuía para a felicidade da sua população. Com efeito, a falta de liberdade e de liberdade de expressão contribuíram para esta Emigração. O ensaísta Joel Serrão, na sua obra *A Emigração Portuguesa*, salienta que

“(…) quando num fenómeno da importância nacional da emigração, acontece que, pelo menos 50 % dela se verificam no mais claro desrespeito da lei, de duas uma: ou a lei é inoperante, e necessita, portanto de ser alterada de acordo com a realidade, ou se quis (ou se foi obrigado a) dizer Não a um estado de coisas insuportável. Na verdade, torna-se preciso entender que largas centenas de milhares de emigrantes clandestinos (380 000 só no período de 1969 a 1973) quiseram (ou foram obrigados a) uma opção que é, em sentido lato, também de natureza política.” (1982: 65).

O ensaísta faz uma crítica ao regime salazarista, salientando a questão da clandestinidade como uma consequência desse regime. O regime salazarista impunha todo o seu poder, condicionando a liberdade de expressão dos portugueses, bem como a liberdade de escolherem o melhor para eles e para os seus familiares. A falta de liberdade,

³⁶ Elina Baptista, na conferência proferida no Fórum Machico, focou a vertente pedagógica do drama da actividade que constitui *O Alliciador* de João d’Andrade Corvo, como cosmovisão de uma época e chamada de atenção para o drama do Emigrante. Conferir, também, a tese de Mestrado de Elina Baptista, intitulada *Emigração e Teatro em Portugal no Século XIX. Retratos da Madeira e de Madeirenses*.

o condicionamento dos portugueses em relação a assuntos sociais e a censura foram todos aspectos que levaram à Emigração, à clandestinidade e ao exílio.

De acordo com Hipólito de la Torre Gómez as liberdades, durante o Estado Novo, foram severamente limitadas. O estudioso salienta, sobretudo, a censura à imprensa.³⁷ Desta forma, a Emigração ocorria devido a razões políticas, durante o Estado Novo, terminando somente com a Revolução do 25 de Abril. Veja-se os motivos que levaram alguns portugueses a emigrarem por razões políticas:

“[a] evasão à participação num conflito armado, por parte de mancebos obrigados ao serviço militar; a fuga à repressão exercida pelos vencedores, sobre aqueles que foram vencidos numa confrontação física ou ideológica grave; o receio de perda de privilégios ou existência de ameaças (...) à liberdade, ou à segurança física de certos grupos de cidadãos (...).” (ROCHA-TRINDADE, 1995: 41).

A questão dos exilados políticos surge devido a divergências de opinião. A discordância em relação ao regime político era uma das causas que conduzia à Emigração forçada. Outra das causas visava a fuga ao recrutamento do serviço militar para, assim, evitar a ida para a Guerra Colonial. Além disso, os portugueses sentiam-se ameaçados e amedrontados pela PIDE que estava em todo o lado.

O ensaísta José Gil tece fortes críticas ao regime salazarista na sua obra *Portugal, Hoje – O Medo de Existir*. Ainda recentemente, ele rememora o tempo da velha senhora e salienta a ameaça que se abateu sobre o espaço público, uma vez que “[d]urante o salazarismo, foi reduzido ao mínimo, mutilado, até acabar por desaparecer sob golpes da censura e dos interditos à liberdade de expressão e de associação.” (2005: 24). O espaço público, ao desaparecer, faz com que a voz do povo seja anulada e que se sinta preso no seu país.

A troca de ideias livres desaparece permanecendo as ideias do regime. Este estudioso salienta, ainda, que “[a]s ditaduras opõem-se ao progresso do conhecimento em geral (...). Não há investigação, avanço no domínio científico sem discussão, troca de ideias, imaginação sem entraves, elaboração livre de modelos, etc.” (2005: 36). A afirmação de José Gil descreve sucintamente o regime salazarista e o condicionamento que os portugueses viveram durante esse período do século XX. Portanto, a fuga do país é vista como a solução para um povo “enclausurado”.

³⁷ Cf. GÓMEZ, Hipólito de la Torre, *O Estado Novo de Salazar*, 1.ª edição, Texto Editora, 2010, p. 36.

Os portugueses partiam, normalmente, das áreas mais desfavorecidas, no entanto emigravam de quase todo o país. Se, por um lado, Maria Beatriz Rocha-Trindade refere a importância da Emigração a nível político, por outro, salienta as causas e as consequências dessa Emigração conforme é destacado na seguinte afirmação:

“[e]m termos de consequências visíveis, não restavam dúvidas que a emigração causara em certas regiões um nível de despovoamento tal, que fora atingido e ultrapassado o limiar crítico a partir do qual o abandono de terras e de localidades se tornaria irreversível.” (1995: 154).

De facto, a Emigração trouxe algumas consequências, como foi o caso do despovoamento de muitas regiões do interior do país, local mais afectado pela miséria e dependente da agricultura. Contudo, os emigrantes quando regressam à terra natal, fazem questão de desenvolver estes locais, construindo casas vistosas ou investindo nas suas regiões.

Há, pois, que destacar os aspectos positivos da Emigração portuguesa a nível económico e financeiro. Durante o século XX, as remessas dos emigrantes foram um factor importante para o *deficit* da balança de pagamentos. As remessas dos emigrantes ajudavam a equilibrar a balança de pagamentos, contribuindo para uma melhoria na economia portuguesa, conforme refere Ricardo Moreira Figueiredo Filho “(...) [as remessas] transformaram-se em ações fundamentais para o equilíbrio da balança comercial lusitana, tanto no nível local como nacional.” (FILHO, 2010: 145). Além disso, foram uma ajuda para os familiares que ficavam em Portugal, assim como uma ajuda para futuros negócios e empreendimentos dos emigrantes no país.

Conforme já salientámos, nos anos 80 e 90, do século XX, a Emigração portuguesa direcciona-se para a Alemanha e Suíça, apesar da adopção da política de fecho da entrada de novos contingentes de imigrantes na Europa. Todavia, a política de fecho virtual da Emigração não impediu a Emigração temporária de curta e média duração (trabalhos agrícolas, de construção civil e hotelaria) para a Suíça e para a França.

É, ainda, de salientar a importância do repatriamento de emigrantes das ex-colónias, assim como o retorno dos emigrantes. Como enuncia Maria Beatriz Rocha-Trindade na obra *Sociologia das Migrações*

“[d]e qualquer modo, o fluxo de regressos parece ter-se estabilizado em torno de algumas dezenas de milhar por ano, o que não só afecta pouco a população das Comunidades Portuguesas no estrangeiro, como não cria em Portugal problemas insolúveis para a reabsorção dos que venham chegando.” (1995: 159).

Os regressos a Portugal estabilizaram-se num determinado número por ano, sendo um aspecto positivo para a economia portuguesa. Com a vinda da maior parte dos emigrantes, tal como aconteceu com o repatriamento de emigrantes nas ex-colónias, Portugal não teria condições económicas e sociais para apoiá-los, uma vez que contribuiria para a escassez de postos de trabalho, assim como para problemas sociais.

De forma mais reduzida, a Emigração portuguesa continuou activa até aos dias de hoje, assumindo-se como temporária, ligada por exemplo à formação ou às actividades profissionais. Em contrapartida, Portugal tornou-se, em princípios do século XXI, um país de acolhimento de vários emigrantes oriundos de países do Leste da Europa, assim como da América do Sul, em particular do Brasil e da Venezuela.

Contudo, dada a crise económica actual que o país atravessa, a Emigração voltou a estar na mente dos portugueses. A Emigração surge, de novo, como uma necessidade fundamental para combater as condições precárias que assombram a vida de milhares de portugueses. O constante desemprego³⁸ é uma das causas principais que está a levá-los a repensar a vida e a apostar, novamente, na Emigração. Cada vez mais, os portugueses são incentivados a partir, nomeadamente para os países lusófonos.³⁹ A língua volta a ser um aspecto a ter em consideração, daí a escolha dos países de língua oficial portuguesa. Estamos a viver um período de crise, sendo a Europa, também, um dos destinos para os

³⁸ A reportagem “Passaporte para o Engano” da jornalista Alexandra Borges, no *Repórter TVI*, reflecte a situação de desemprego que se instalou em Portugal devido, em grande parte, à crise económica. A reportagem apresenta-nos a saída de emigrantes para a Suíça. Sem perspectivas acerca do futuro no país de acolhimento os emigrantes abandonam Portugal. É fundamental salientar as incertezas do emigrante, uma vez que este não sabe o que o espera. A reportagem salienta, assim, dois pontos de vista: o ponto de vista do Emigrante actual e o ponto de vista do Emigrante do passado, ou seja, o Emigrante que está radicado na Suíça. Acerca deste último, a reportagem apresenta os conselhos dos emigrantes na Suíça acerca da Emigração no presente. Aconselham os novos emigrantes a precaverem-se e a saberem ao certo ao que vão e para onde vão. Afirmam que a emigração, hoje em dia, é mais difícil. Há, ainda, referência aos casos de insucesso de emigrantes que tornaram-se sem-abrigo e que vivem da caridade da assistência social suíça. In BORGES, Alexandra, “Passaporte para o Engano”, *Repórter TVI – Jornal das 8*, 5 de Março de 2012 in <http://www.tvi24.iol.pt/videos/pesquisa/jornal+da+13+dia+11/video/13587086/1> [consultado a 6 de Março de 2012].

³⁹ O Primeiro-Ministro português, Pedro Passos Coelho, incentiva a Emigração dos professores desempregados para os países Lusófonos, realçando as necessidades do Brasil in *Público*, 18 de Dezembro de 2011 in <http://www.publico.pt/Sociedade/passos-coelho-sugere-aos-professores-desempregados-que-emigrem-1525528> [consultado a 20 de Janeiro de 2012].

portugueses. Os locais escolhidos para os mais jovens, nomeadamente para os licenciados, são os países mais ricos, como a Alemanha e a Suíça.

Em suma, a Emigração portuguesa simboliza um marco na História de Portugal, uma vez que esteve e está presente nos grandes momentos de crise económica, financeira, política e social de Portugal. Além disso, a Emigração portuguesa do século XIX e XX marca um período de transição em Portugal.

Não será, pois, de estranhar que os estudos sobre as migrações continuem a afirmar-se nas diferentes áreas das Ciências Sociais e Humanas. Refira-se, neste sentido, os estudos no âmbito da História, da Geografia, da Sociologia, da Literatura, dos Estudos Culturais e dos Media.

Com efeito, o estudo das migrações tem vindo a afirmar-se cada vez mais. Estas ciências aliam-se para a interpretação do passado e presente da Emigração em Portugal. Dão, de facto, a conhecer o percurso da Emigração em Portugal e a forma como esta actuou na vida dos portugueses. Neste sentido, a série intitulada “Ei-los que Partem” – *A História da Emigração Portuguesa*, transmitida pela RTP1, apresenta-nos o percurso da Emigração portuguesa do século XIX ao século XX. São cinco documentários que contam um pouco do quotidiano dos “nossos” emigrantes. Os três primeiros documentários (“Primeiros Emigrantes”, “Fortunas Americanas” e “Sonho e Desespero”)⁴⁰ focam o ciclo transoceânico, de meados do século XIX até aos anos 30 do século XX. O quarto (“A Sangria da Pátria”)⁴¹ centra-se na Emigração dos anos 60 para França (de finais dos anos 50 até 1973-74). O quinto (“A Emigração Portuguesa para o Luxemburgo”)⁴² aborda os destinos que se afirmaram aquando da Emigração para França, a partir dos anos 80 do século XX.⁴³ É de salientar que o percurso emigratório referido na série vai ao encontro, de certa forma, do que será abordado no ponto seguinte, nomeadamente no modo como a

⁴⁰ Os três primeiros documentários foram realizados por Jacinto Godinho.

⁴¹ O quarto documentário foi realizado por Fernanda Bizarro.

⁴² O quinto documentário foi realizado por Paulo Costa.

⁴³ A série é produzida por Eduardo Ricou e data o ano de 2006. Disponível in http://tv.rtp.pt/wportal/press/fixs_fotos/historia_emigra_pt/historia_emigracao_portuguesa.pdf e http://tv.rtp.pt/programas-rtp/index.php?p_id=20218&e_id=&c_id=7&dif=tv [consultado a 30 de Outubro de 2011].

O documentário “A Sangria da Pátria” foi galardoado com o prémio na categoria documentário de autor no Festival de Televisão de Monte Carlo, como noticia o *Jornal de Notícias Online* de 30 de Junho de 2006 in http://www.jn.pt/PaginaInicial/Interior.aspx?content_id=557962 [consultado a 30 de Outubro de 2011].

Literatura, como cosmovisão de uma época e de um tempo, espelha esse fenómeno, tão distante, mas, ainda, tão próximo de nós.

III – Entre o Real e a Ficção

*De largada desta terra
Leste, Sul, Oeste e Norte,
Uns partiram para a guerra
Outros em busca da sorte.*

*Ondas fundas, praias nuas,
Quantas terras tem o mar!
Quantos sóis e quantas luas,
Quanta dor p'ra lá chegar!*

*Foram-se os homens ao mar
Por razões que se contaram,
Uns não quiseram voltar,
Outros sem querer não voltaram
E ainda outros trouxeram
Os sonhos que então levaram*

*Ao mar... ao mar... ao mar...
(...)*

Irene Lucília Andrade⁴⁴

⁴⁴ Disponível no CD "Foram-se os Homens ao Mar", música dos Banda d'Além in <http://www.lithis.net/62> [consultado a 15 de Novembro de 2011].

A Literatura apresenta-se como uma forma de expressão da Cultura de um povo. A sua ligação com a sociedade e com a História é referida por João David Pinto Correia quando sugere que

“[a] cultura e a literatura [...] proporcionam-nos, não há dúvidas, “textos” (no sentido mais lato) que não só manifestam elaborações pessoais [...], como também veiculam tudo quanto havemos de inegavelmente situar a um nível de sentido mais profundo: a organização ideológica e ainda a estruturação do imaginário, quer o colectivo particular, próprio da comunidade a que as obras dizem respeito, quer o colectivo geral, universal, situável naquela zona que Edgar Morin designou por “antropocosmológica”. (CORREIA, 2005: 5).

Esta simbiose entre a Cultura na Literatura é sublinhada por Maria Alzira Seixo, ao referir que “[c]ada literatura corresponde (...) à expressão própria de uma cultura.” (2001: 78). Se partirmos do princípio que a Emigração é um dado cultural, então os textos e as obras literárias podem espelhar essas mobilidades como expressão de um povo, de uma sociedade e de um país. Como estética, as obras literárias também podem representar uma forma dos escritores darem azo à sua criatividade e às suas vivências. De facto, na sua escrita os autores fazem uso de todo o conhecimento adquirido ao longo do tempo em relação a temas, a valores e (des)valores de uma sociedade.

De acordo, também, com Vítor Manuel de Aguiar e Silva, a obra literária é produzida tendo em conta o “espaço e o tempo” (1992: 34) possibilitando leituras diferenciadas e compreendidas relativamente a um tema em apreço. Daí, o diálogo da História com a ficção poder estar presente nas obras literárias. A História assume um papel fundamental, pois facilita a leitura. O leitor consegue, assim, situar a obra numa determinada época, conforme salienta Maria Manuela Morais Silva: “[é] através da ficção duma narrativa ficcional, plena de acontecimento, senão factuais, pelos menos verosímeis, que o autor nos revela a história dum “Quem” num “Onde” e “Quando”; é a ficção a revelar a História.” (2010: 7)

Por sua vez, o ensaísta Carlos Reis, na obra *O Conhecimento da Literatura*, refere que

“[a] referência que fizemos a *Os Lusíadas*, à *Peregrinação* e à sua capacidade para ilustrarem certos aspectos do tempo do tempo histórico dos Descobrimentos, conduz-nos agora a um outro campo de reflexão: o que trata de indagar a capacidade da literatura para representar uma certa cosmovisão e, em função dessa cosmovisão, a História a que se liga.” (1995: 78).

Desta forma, a Literatura, embora sendo invenção e recriação, acaba por tecer com o mundo um elo inegável. A Literatura busca aspectos da sociedade e da História, modificando-as e tornando-as em ficção. Com efeito, este académico afirma que

“a obra literária (...) não perde (...) a sua ligação com a sociedade e com a História. De facto, vivendo num tempo e num espaço concretos, dialogando de diversas formas com a cultura e com o imaginário em que se acha inscrito, o escritor representa uma cosmovisão que de certa forma traduz essa sua relação com o seu tempo e espaço históricos (...)”. (1995: 82).

Visto sob este prisma, uma obra literária dá a conhecer ao leitor a relação que o escritor tem com o seu passado e presente. Podendo, de certo modo, constituir-se como uma cosmovisão de uma época. Neste sentido, Gonzalo Torrente Ballester afirma que define “a literatura como uma resposta à realidade, e concluí asseverando que é sempre possível dar testemunho do tempo em que vivemos.” (1999: 158). Romance, novela e conto podem, então, permitir a compreensão de uma época e de um tempo.

Se Umberto Eco, na obra *Seis Passeios nos Bosques da Ficção*, sublinha que “nunca deixaremos de ler obras de ficção, pois é nelas que procuramos uma fórmula que dê sentido à nossa existência” (1997: 146), ele salienta a importância da ficção para o conhecimento de temas sociais e refere a ligação do real com a ficção:

“[n]a ficção narrativa, misturam-se de tal maneira referências precisas ao mundo real que, depois de ter passado algum tempo no mundo do romance e misturado elementos ficcionais com referências à realidade, como é natural, o leitor deixa de saber ao certo onde se encontra.” (1997: 131).

Compreendemos, então, de acordo com José M. Amado Mendes, que o tema da Emigração surja na Literatura portuguesa de “forma implícita ou explícita.” (1988: 295). Assim, directamente ou indirectamente, a Literatura aborda este tema, pois faz parte da História e da Cultura de Portugal. Nesse sentido, Ana Isabel Moniz, ao abordar a obra de Helena Marques, sublinha que “[d]ans ce contexte, le thème de l’émigration se présentera comme une marque culturelle de l’époque car, comme l’affirme Paul Ricoeur, tout texte fictionnel implique une dimension historique.”⁴⁵

⁴⁵ In MONIZ, Ana Isabel, “Les Traces de la Mémoire: Une Île dans le Parcours d’Helena Marques”, *Dedalus: A Ilha e os Mapas da Cultura*, p. 34 in *Dedalus – Revista Portuguesa de Literatura Comparada*, n.º

De facto, a Emigração é um tema vasto que suscita e sempre suscitou o interesse de muitos escritores. Quer no século XIX, quer no século XX, o leitor poderá encontrar esta problemática tratada por múltiplas e variadas vozes. A título de exemplo, poderemos referir Alexandre Herculano, José da Silva Mendes Leal, Camilo Castelo Branco, Joaquim Pedro de Oliveira Martins, Eça de Queirós, José Frederico Laranjo, António Nobre, José Maria Ferreira de Castro, José Rodrigues Miguéis, Miguel Torga, Jorge de Sena, Fernando Namora, Lídia Jorge, entre outros.

A Emigração é tema para muitos escritores portugueses, quer na ficção e na epistolografia, quer na ensaística e na poesia. Não podendo fazer referência a toda a Literatura portuguesa, procuraremos referir alguns mais significativos.

Elna Baptista afirma que Alexandre Herculano defende todos os portugueses que “se aventuram (...) [na] busca de uma vida melhor.” (2008: 32), pois tinha perfeita consciência e conhecimento do mundo rural e de tudo o que o rodeava, nomeadamente a falta de meios de subsistência. Assim, o escritor salienta que

“[a] emigração é um fenómeno complexo nas suas causas, condições e resultados. Emigram uns por cálculos e previsões, ou próprios ou dos que os dirigem, pela esperança, bem ou mal fundada, de voltarem algum dia ricos ou abastados à aldeia natal (...)” (HERCULANO, 1983: 68).

O autor refere, pois, o desejo de emigrar com o objectivo de fazer fortuna. Com efeito, este era o desejo de quase todos os portugueses que emigravam, pois quase todos fugiam à miséria em que viviam, dependentes muitos deles da agricultura.

Como refere José Amado Mendes, Herculano tinha “informações acerca dos salários, mão-de-obra, actividades agrícolas (...)” (1988: 299) dos portugueses. Ora, conhecendo as dificuldades, o escritor via a Emigração com bons olhos. Neste sentido, em *Opúsculos II*, ele refere que “(...) a insuficiência do salário rural [é] uma causa indiscutível da emigração no continente português” (1983: 97) e que “a emigração deriva da miséria.” (1983: 96). Além disso, faz muitas vezes referência aos estratos socioeconómicos ligados à agricultura, incidindo, principalmente, nos obreiros, nos lavradores e nos seareiros.⁴⁶

11 - 12, Edições Cosmos, 2006 - 2008. Veja-se, também, RICOEUR, Paul, Temps et Récit I, Editions du Seuil, Paris, 1983.

⁴⁶ Cf. HERCULANO, Alexandre, *Opúsculos II*, Organização, Introdução e Notas de Jorge Custódio e José Manuel Garcia, Editorial Presença, 1983, pp. 73, 77 e 102.

Alexandre Herculano escreve, ainda, as “Cartas sobre a Emigração”⁴⁷. O escritor utiliza, também, as suas obras de ficção para tecer alguns comentários acerca deste fenómeno para o Brasil, salientando as potencialidades, assim como as carências deste lugar. Considera-o, de facto, um país despovoado⁴⁸. Ao dar a sua visão acerca da Emigração para o Brasil e ao sublinhar o impacto que esta teve no nosso país, o fenómeno emigratório apresenta-se, no dizer do autor, “*uma constante estrutural da realidade da sociedade portuguesa*” (HERCULANO, 1983: 64), pois faz parte do “ser português”.

A leitura de José da Silva Mendes Leal, jornalista e escritor, difere um pouco da opinião dos restantes escritores. Para ele, a Emigração

“não é nem achaque funesto, nem acidente remediável. E a lei humana de todas as épocas. É uma necessidade e uma providencia. Não há pois meio de tolhe-la sem violar a liberdade na sua primeira e fundamental manifestação. O que importa é esclarecê-la, vigiá-la e protegê-la (...).⁴⁹

Não se trata aqui de um texto literário. Mas, esta leitura de Mendes Leal⁵⁰ descreve, efectivamente, a Emigração como uma condição humana, uma vez que os portugueses emigram em quase todas as épocas. O escritor surge, assim, como crítico e observador de uma realidade que nos é próxima. É de salientar que ele classifica a Emigração portuguesa em três classes: “[a] mercantil, [a] agrícola e [a] marítima”, fazendo uma distinção entre a Emigração “forçada e [a] voluntária.” (BAPTISTA, 2008: 32). A classe mercantil está associada ao comércio, pois as pessoas deslocam-se de país em país com o intuito de vender os seus produtos com a finalidade de enriquecerem. A classe agrícola visa as famílias mais desfavorecidas que emigram com a ilusão de obterem um futuro melhor. Por último, a classe marítima está destinada às pessoas das zonas litorais, que com o objectivo de fugirem, alguns ao serviço militar, partiam nas embarcações estrangeiras. É de salientar que muitas das pessoas saíam clandestinamente.

Segundo António José Saraiva e Óscar Lopes, na obra *História da Literatura Portuguesa*, o escritor Camilo Castelo Branco domina e representa a segunda geração romântica “quer pelo temperamento, quer pelo caudal da sua obra e pelo extenso público a

⁴⁷ Cf. *Idem, op. cit.*, pp. 93 - 95.

⁴⁸ Cf. *Idem, op. cit.*, p. 129.

⁴⁹ In *A América*, Vol. I, n.º 3, Lisboa, Março 1868, p. 35.

⁵⁰ Mendes Leal, na revista *A América*, refere a importância das peregrinações dos primeiros homens para a emigração. Cf. *A América*, Vol. I, n.º 2, Lisboa, Fevereiro de 1868, p. 18.

que interessou (...)” (2010: 777). Ao longo da sua vida, Camilo Castelo Branco cruzou-se com muitos brasileiros, sendo admirado por alguns, nomeadamente pelo Imperador Dom Pedro II do Brasil. Nos seus romances, o escritor dá preferência ao brasileiro de torna-viagem, tornando-se uma personagem fundamental da sua escrita.

Aliás, conforme refere Igor José de Renó Machado “(...) Camilo Castelo Branco, por ser um dos mais talentosos [romancistas], foi responsabilizado pela propagação do estereótipo.” (2005: 60). Para o autor de *Amor de Perdição* (1862), o “brasileiro” é analisado com base nos aspectos negativos como a imoralidade, o analfabetismo, o mau-gosto, entre outros. A peça de teatro *Poesia ou Dinheiro* (1855) é a primeira obra em que o escritor troça do “brasileiro”, surgindo seguidamente os romances: *Vingança* (1858), *Anos de Prosa* (1863), *Os Brilhantes do Brasileiro* (1869), *A Brasileira de Prazins* (1879), entre outros. As obras focam, geralmente, os regressos dos emigrantes do Brasil, designados por “brasileiros”.

Com efeito, a obra *A Brasileira de Prazins* narra a história de Marta de Prazins. A acção decorre numa aldeia do Minho. A personagem principal é Marta e o tema principal foca a sua paixão por José Dias. Marta era a típica rapariga pobre que não tinha “condições” para casar com José Dias, filho de um rico lavrador. Contudo, o pai de Marta promete-a ao seu tio, Feliciano Rodrigues, recém-regressado do Brasil e milionário. A vida de casada é conturbada, em parte pela avareza e desejo de acumular fortuna de Feliciano, pois era o “homem mais rico [contudo] viviam a caldo e a pão de milho.” (FILHO, 2010: 144). Este breve resumo permite-nos entender não só a avareza do regressado como as disforias do texto de Camilo. O “brasileiro” era caracterizado como mesquinho e avarento. Tinha como propósito enriquecer cada vez mais, conforme refere o autor:

“[m]uito míope, usava de monóculo redondo num aro de búfalo verde. Como era económico até à miséria, dizia-se em Pernambuco que o Feliciano usava um vidro só para não comprar dois; e que, se pudesse, venderia um olho como coisa inútil. Com a economia e o trabalho bem propiciado em trinta anos arredondara trezentos contos. Chegara aos quarenta e sete, ao outono da vida, sem ter amado. Nunca se conspurcara nos latíbulos da Vénus vagabunda. A sua virgindade era admirada e notória (...). Os seus patrícios devassos chamavam-lhe o Feliciano *Pudicício*. (...) [P]ara ser rico não tinha precisão de mulher; que vira algumas meninas pobres a namorá-lo; mas que desconfiara que lhe namorassem o seu dinheiro. Não tinha queda para o sexo, que ele dizia seixo. Numa palavra, estava virgem. Ele podia dizer como Hamlet: *Não me deleitam os homens, não tão-pouco as mulheres.*” (BRANCO, 1994: 168).

De acordo com Ricardo Moreira Filho, Camilo Castelo Branco funde na obra a semelhança “com a sua vida conturbada e o amor por Ana Plácido, a qual desposou o brasileiro Manuel Pinheiro Alves”. (2010: 143). Esta semelhança coloca em evidência os emigrantes que regressam com sede de poder e com o desejo de impor-se materialmente. O paralelismo que ocorre entre a ficção e a vida real de Camilo Castelo Branco está, também, presente na obra *Os Brilhantes do Brasileiro*, uma vez que Ângela de Noronha Barbosa casa com um brasileiro, Hermenegildo, amando Francisco Costa. O escritor critica “os brasileiros” através da figura de Hermenegildo, assim como as diferenças nas classes sociais.

As obras de maior relevo de Joaquim Pedro de Oliveira Martins, que se enquadram na temática em análise, são *Emigração Portuguesa* (1891) e *Fomento Rural e Emigração* (1956). Não se tratam de textos literários. No entanto, são fundamentais para a percepção da temática enunciada. De acordo com Oliveira Martins “(...) a emigração não provém dum capricho de aventura, de uma sede de enriquecer, mas sim, fundamentalmente, da míngua de meios de subsistência.” (1994: 180).

Para Oliveira Martins, individualidade incontornável da *História Portuguesa Contemporânea*, a Emigração é uma necessidade, pois considera-a um indício da existência de falhas na governação e na estrutura do país.⁵¹ Portugal não conseguia sustentar toda a população, uma vez que havia uma escassez de terras, essencialmente a norte, não havendo terras de cultivo para todos. A Emigração é necessária para a economia. Além do mais, através das remessas dos emigrantes, o país conseguiu estabilizar a sua balança de pagamentos. Assim, Oliveira Martins salienta que a pobreza vivida em Portugal e a ânsia de prosperar, principalmente no Brasil, conduziu à saída de muitos portugueses das regiões dos Açores, do Minho e da Madeira. O estudioso refere que a Emigração nas Ilhas era “familiar” e no continente era “individual” (1994: 188). Refere, também, que de acordo com “as autoridades (...) metade, ou exactamente 52,7 por cento dos emigrantes, [eram] analfabetos”. (1994: 189).

Os portugueses saíam para o Brasil estimulados pelas ofertas que este oferecia. Por conseguinte, Oliveira Martins “defendia (...) de forma categórica que de todos os destino da nossa emigração o mais reprodutivo é o Brasil.”, como recorda José Amado Mendes (1988: 305).

⁵¹ Cf. BAPTISTA, Elina Maria Correia, *Emigração e Teatro em Portugal no Século XIX. Retratos da Madeira e de Madeirenses*, Empresa “Funchal 500 Anos”, n.º 23, Funchal, 2008, p. 32.

Por sua vez, Eça de Queirós, através do seu relatório sobre a Emigração, intitulado *A Emigração como Força Civilizadora* (1979), elabora uma crítica às condições em que os colonos são tratados em diversos países. O escritor considera a Emigração livre uma alternativa à colonização, pois dá “ao homem civilizado uma posse mais completa do globo” (2000: 126), provocando “uma difusão pacífica dos costumes da mãe pátria, da sua língua, da sua literatura, das suas artes” (2000: 124). Além disso, refere que a Emigração percorre todas as épocas, visto que “[a] emigração (...) é um fenómeno social que sob formas diferentes aparece em todas as épocas históricas.” (2000: 37)

A Emigração fomenta a interculturalidade⁵², pois há uma difusão da Cultura de um povo além-mar ou além-fronteiras. Eça salienta, ainda, que as causas da Emigração só poderão ser superadas

“(...) com reformas sociais, aperfeiçoamento dos sistemas agrícolas, introdução de novas indústrias, derramamento da instrução profissional, firme organização de instituições de previdência, desenvolvimento de associação, fortes hábitos de economia e de ordem.” (2000: 120).

As reformas, aplicadas no interior dos países, atenuariam a Emigração e desenvolveriam os países.

José Frederico Laranjo⁵³ aborda o tema da Emigração como um problema complexo, dado todo o passado histórico desta problemática. De acordo com Elna Baptista, o professor universitário aplica o termo Emigração através de três fenómenos: “o abandono de um país pela totalidade ou grande massa do povo para outro (...); [a] deslocação mais ou menos lenta de um país para outro, com a intenção de aí se estabelecer pacificamente (...); [e as] movimentações no interior dos países.” (BAPTISTA, 2008: 30).

Estes três fenómenos descrevem os passos pelos quais os emigrantes passam até à chegada ao país de acolhimento. Para Frederico Laranjo, o problema da Emigração baseia-se na população, nas condições físicas, na religião, na política e na economia. De facto, em seu entender, são motivos que incentivam à Emigração, em particular os motivos políticos, sociais, económicos e culturais.

⁵² Ver CRUZ, Fernando, RIBEIRO, Juliana Cardoso (orgs), *Migrações e Interculturalidade*, 1.ª edição, AGRIR – Associação para a investigação e desenvolvimento Sócio-cultural, SOS Racismo, Porto, 2010.

⁵³ José Frederico Laranjo, além de professor universitário, destacou-se na economia e na política. No campo académico, destacou-se pelas suas investigações históricas e pelos estudos económicos.

No que diz respeito à poesia, a obra *Só*, de António Nobre, alude em alguns poemas à Emigração, focando a questão da ausência e da solidão. No poema “Adeus”, a voz do texto alude à saída dos portugueses que deixam as famílias: “[a]deus! Eu parto, mas volto, breve,/ À tua casa que deixei lá!/ (...) No meu regresso, que sol fará!”. (NOBRE, 2009: 123).

Além disso, o poema refere-se, também, a questão do exílio. Neste sentido, Isabel Maria Gonçalves Almeida refere que o excerto do poema “António”: “[s]ou neto de Navegadores,/ Heróis, Lobos-d’água, Senhores/ Da Índia, d’ Aquém e d’ Além-mar!” (NOBRE, 2009: 15) “evoca os grandes navegadores portugueses, no qual [é possível encontrar] o eu do poeta exilado (...)” (2005: 114). Portanto, a Emigração forçada, neste caso o exílio, está, também, presente.

Por sua vez, o emigrante José Maria Ferreira de Castro, escritor e ficcionista, viveu o drama da Emigração para o Brasil e retratou-a de forma exemplar nos seus romances. Destacam-se os *Emigrantes* (1928) e *A Selva* (1930). Com os *Emigrantes*, Ferreira de Castro inaugura uma nova concepção de romance em Portugal. A sua escrita realista contribuiu para a “denúncia das desumanidades da emigração (...)” (SARAIVA e LOPES, 2010: 1025). O romance apresenta emigrantes que não são bem-sucedidos, estabelecendo uma ruptura com o mito do Emigrante vitorioso.

Com efeito, Manuel Bouça emigra com a ideia de que o empenho no trabalho o levará à fortuna. Normalmente, conforme refere Margarida Maria Pandeirada, o primeiro pensamento do emigrante é que “[u]m homem que trabalha nunca morre de fome” (2004: 90). Contudo, não tem uma noção da realidade, pois a maior parte dos emigrantes emigra iludido. Há nesta personagem uma certa ingenuidade que provém “do analfabetismo e da deficiente cultura que caracteriza a classe campesina do início do século XX.” (2004: 90). Neste romance está presente o “mito do enriquecimento fácil” a curto prazo. A personagem Manuel Bouça é o típico emigrante português que viaja para outro país, neste caso o Brasil, para prosperar. Porém, o destino prega-lhe uma partida e acaba por ser explorado, conforme se comprova com a seguinte observação:

“Manuel Bouça, inconformado desde o início do romance com a sua situação económica e social, procura, por todos os meios, alterá-la. A decisão de emigrar para o Brasil é a mais drástica. Porém, o Brasil não vai corresponder aos seus anseios de riqueza que o conduziria à felicidade definitiva.” (2004: 88).

A ilusão da personagem dos *Emigrantes* termina aquando da perda das terras, pois chega à conclusão que trabalhou e esforçou-se em vão. A partir daqui, a personagem toma atitudes diferentes, tornou-se um pouco egocêntrica e receosa. Após os desaires no Brasil, Manuel Bouça deseja regressar ao seu país. Contudo, este “regresso torna-se obsessivo”, levando-o a cometer actos impensáveis como o roubo de jóias a um morto.

A obra os *Emigrantes* narra, pois, a demanda de inúmeros portugueses que ambicionavam melhores condições de vida, mas que por fatalidades da vida incorreram no insucesso.

Décadas depois, José Rodrigues Miguéis na obra *Gente da Terceira Classe* (1962) retrata a condição do Emigrante, tendo por base a história de emigrantes portugueses nos Estados Unidos da América. Com pano de fundo autobiográfico, o autor narra a primeira viagem que efectuou para os Estados Unidos da América, fugindo do regime opressor que se vivia em Portugal. Veja-se como descreve as condições em que viajavam os emigrantes:

“(…) É preciso ter viajado num destes transatlânticos para se fazer uma ideia das fronteiras que separam os homens e as classes, mesmo dentro duma casca de noz. E somos poucos, aqui, não mais de cinquenta: que faria se fôssemos os duzentos ou quatrocentos da lotação, só Deus sabe, amontoados na imunda gafaria que é a terceira dos emigrantes (...)” (1983: 11 - 12).

O autor salienta a divisão de classes que ocorria nos navios, referindo os amontoamentos na terceira classe⁵⁴. José Rodrigues Miguéis refere, ainda, que os emigrantes “[a]o partir levavam consigo ao menos uma esperança: agora nem isso lhes

⁵⁴ Com base na obra *Gente da Terceira Classe* de José Rodrigues Miguéis, Duarte Mendonça dá-nos a sua leitura acerca da mesma. A obra foi-lhe oferecida por Onésimo Teotónio Almeida e leu-a “num fôlego só”. Contudo, a crónica, de Duarte Mendonça, centra-se na revelação da identidade de uma emigrante madeirense que viajou ao lado de José Rodrigues Miguéis. A madeirense suscita o interesse a Mendonça que decide procurá-la através dos dados presentes no Arquivo Regional da Madeira. Esta madeirense viajava para New Bedford com o intuito de juntar-se ao marido, que havia emigrado para lá anteriormente. Com ela levava os seus três filhos. Ao pesquisar descobriu que a “grande maioria dos madeirenses que seguiam para New Bedford, em 1935, eram do sexo feminino, sendo quase todas casadas”. Após muita pesquisa consegue descobrir que a madeirense chamava-se Maria da Glória de Abreu Nabo e que esta não havia registado os seus filhos como seus acompanhantes. Duarte Mendonça refere que a simpatia que José Rodrigues Miguéis criou pela madeirense fê-lo ter mais interesse em descobrir de quem se tratava. Além disso, transcreve alguns dados da obra, como é o caso da referência ao tratamento dos emigrantes, classes, pois estes eram “tratados como gado” e não tinham acesso a qualquer tipo de assistência médica, ao longo da viagem. Por fim, salienta a importância da viagem para o autor da obra, uma vez que foi naquele preciso ano que José Rodrigues Miguéis se auto-exilou nos Estados Unidos, “facto que assinalou um ponto de viragem na sua vida e obra”. In MENDONÇA, Duarte Miguel Barcelos, “Gente da Terceira Classe”, de José Rodrigues Miguéis – *Revelação da Identidade da Emigrante Madeirense Referida no Conto*, Fórum Madeirense, *Portuguese Times – New Bedford, Mass*, 2010 in http://www.portuguesetimes.com/Ed_1861/Cronicas/diacron%2010.htm [consultado a 10 de Janeiro de 2012].

resta. Muitos deles, com o sonho, seu único luxo, perderam por lá a saúde e a força de trabalho, que era toda a sua riqueza.” (1983: 11 - 12). Enuncia, pois, as dificuldades que enfrentavam nessa viagem rumo à terra desconhecida. O autor menciona, também, a ilusão de muitos emigrantes que ambicionavam com essa deslocação um futuro melhor para si e para os seus. Nesse sentido, Andreia da Silva Almeida sublinha que

“[a] viagem, caminho rumo à distância, longa jornada embalada pelos elementos. Desde tempos imemoriais, a literatura tornou-se refém dessa nova experiência que o Homem não hesitou em registar, informando os seus semelhantes de um novo oceano de descobertas. Pela terra, pelo céu ou pelo mar, a alma humana sempre demonstrou a sua rebeldia em arriscar desvendar o desconhecido, na tentativa porém de se encontrar a si própria.” (2009: 13).

Por sua vez, José Rodrigues Miguéis, em *Uma Aventura Intrigante* (1958), constrói uma história policial a partir do relato de um emigrante português na Bélgica. Este romance policial suscita o interesse do leitor, uma vez que paira no ar um enigma. É, de facto, necessário saber quem cometeu o crime. No entanto, o autor analisa, ainda, a sociedade violenta que “desenvolve[u] um ódio aos estrangeiros” (SILVA, 2010: 90), pois é através desta sociedade xenófoba que os conflitos surgem.

A Emigração para o Brasil foi, também, vivida pelo escritor e ficcionista Miguel Torga. O escritor notabilizou-se na novelística, ao publicar *O Senhor Ventura*⁵⁵, em 1943. No romance, destacar-se-á com a *Vindima*, publicado em 1945. Na poesia, edita a *Antologia Poética*, em 1981 e, na contística, é de sublinhar *A Criação do Mundo*, de 1991 e *Contos*, de 2001.

Quanto à obra *A Criação do Mundo*⁵⁶, Saraiva e Lopes salientam que esta tem um “fundo autobiográfico”, além de ser considerada uma “continuação do *Diário*”. (2010: 1015). A obra narra a história pessoal do autor, salientando as dificuldades económicas vividas pela sua família, vista como uma das muitas famílias portuguesas. Um dos pontos abordados refere a ida do autor para o Brasil, local onde teria liberdade e oportunidades. O

⁵⁵ A novela *O Senhor Ventura* trata da Emigração para o Oriente, nomeadamente para Pequim. A personagem principal é o Senhor Ventura que decide abandonar a casa dos pais para percorrer o mundo. Passa por Macau (ao serviço do exército) e Pequim (após tornar-se contrabandista do ópio). No entanto, a relação com Tatiana leva-o à morte. É mais uma obra em que prevalece o insucesso do Emigrante Português. In TORGA, Miguel, *O Senhor Ventura*, Dom Quixote, Lisboa, 2007.

⁵⁶ Veja-se sobre este assunto CARREIRO, José, *Miguel Torga – A Criação do Mundo*, 2009 in http://lusofonia.com.sapo.pt/literatura_portuguesa/criacao_do_mundo.htm [consultado a 13 de Fevereiro de 2012].

encantamento que inicialmente sentira pelo Brasil, rapidamente se tornou num inferno devido, em grande parte, aos conflitos com a tia. Inicialmente, o Brasil simboliza a libertação. Contudo, passados cinco anos, a libertação encontrar-se-á em Portugal. A obra faz referência à situação política portuguesa, mencionando a prisão do autor, pela PIDE, aquando do regresso a Portugal. No final, o texto reporta-nos, ainda, para a Revolução do 25 de Abril de 1974.

Já o poeta e ficcionista Jorge de Sena, uma das figuras centrais da Cultura e Literatura do século XX, destacar-se-á na dramaturgia ao publicar *O Indesejado*, em 1951. Na poesia, é de sublinhar *As Evidências*, editada em 1955. Na ficção, edita *Sinais de Fogo*, de 1979. Abarcando um conjunto de textos poéticos, ensaísticos, ficcionais e críticos literários destacar-se-á *América, América*, publicado em 2011. Ora, como se depreende do título, *América, América*, esta obra abarca um conjunto de textos escritos por Jorge de Sena que dão conta da sua experiência nos Estados Unidos da América.

América, América pode ser entendida como um testemunho pessoal de Jorge de Sena acerca da sua experiência americana. O texto não incide exclusivamente nos Estados Unidos. De facto, a experiência americana foca, também, o exílio no Brasil. Contudo, o autor alude, sobretudo, à cultura norte-americana, tecendo algumas críticas aos americanos, salientando, ainda, os problemas do quotidiano americano. Um dos grandes problemas dos americanos está relacionado com as relações humanas. Em seu entender, os americanos são muito individualistas: “[o] americano não é amigo de ninguém, nem de si mesmo.” (2011: 25). O americano foca-se na vida profissional. Fora dela não há qualquer contacto com as pessoas conhecidas. Jorge de Sena critica o povo americano, referindo que este é “um dos povos do mundo mais impaciente e menos tolerante (...)” (2011: 24). Além disso, faz menção ao desejo de nacionalização dos filhos dos emigrantes: “(...) em nenhum país o filho de imigrante [quer] ser tão completamente americano como aqui (...)” (2011: 24).

Quanto ao exílio no Brasil, Jorge de Sena enaltece o orgulho que tem do país que o acolheu: “[a]mo-o porque o escolhi, e não por ter tido o acaso de lá nascer.” (2011: 156). No entanto, o escritor acabará por criticar os brasileiros que, segundo ele, “vomitam samba e feijão preto a toda a hora, para mostrarem uns aos outros como são bem brasileiros (...)” (SENA, 2011: 156).

O escritor Fernando Namora surge como um dos nomes associados ao neo-realismo. Com efeito, fez parte do projecto o *Novo Cancioneiro*⁵⁷ (1941). Do *Novo Cancioneiro* fizeram parte, também, Manuel da Fonseca, Joaquim Namorado, Mário Dionísio, João José Cochofel, entre outros. Centrar-nos-emos em Fernando Namora, em particular na poesia que se refere à problemática da Emigração. Com uma vasta obra literária, Namora publicou *Fogo na Noite Escura* em 1943, *Retalhos da Vida de um Médico*⁵⁸, vindo a lume entre 1949 e 1963, *O Trigo e o Joio*, editado em 1954, entre outros. Na poesia surge a colectânea *Terra*⁵⁹, de 1941 que pertence ao *Novo Cancioneiro*.

Ora, em *Terra*, Fernando Namora alude à Emigração, salientando que a agricultura em Portugal está decadente e que a fome chegou ao lar dos portugueses, levando-os a almejar a partida: “António, é preciso partir!/ o moleiro não fia,/ a terra é estéril,/ a arca vazia,/ o gado minga e se fina!/ António, é preciso partir!/ A enxada sem uso,/ o arado enferruja,/ o menino quer o pão; a tua casa é fria!/ É preciso emigrar!”⁶⁰.

O escritor menciona, também, a questão da saudade por parte dos que ficam em relação aos que partem: “António, é preciso partir!/ António partiu./ E em casa, ficou tudo medonho, desamparado, vazio.”⁶¹ Desta forma, a saudade é a alma da nossa Cultura e da nossa Literatura, pois reflecte o estado de espírito dos portugueses.

Conhecida pelas inúmeras obras que publicou, Lídia Jorge, no romance *A Costa dos Murmúrios* de 1988, aborda o tema Emigração durante a Guerra Colonial. A acção passa-se em Moçambique e tem como local privilegiado o Hotel Stella Maris, local onde as mulheres dos oficiais permanecem quando os maridos partem para as missões no mato. Destacam-se as personagens Eva Lopo e o alferes Luís Alex, Helena de Tróia e seu marido, o Capitão Forza Leal. Porém, neste texto não se revela uma Emigração por razões económicas ou por uma fuga qualquer. Trata-se de uma outra saída que levará os

⁵⁷ O *Novo Cancioneiro* constitui-se a partir de uma colecção de poemas publicada por um grupo de jovens poetas.

⁵⁸ A obra *Retalhos da Vida de Um Médico* foi adaptada para televisão (série da RTP). In http://ww1.rtp.pt/programas-rtp/index.php?p_id=19690&e_id=&c_id=9&dif=tv [consultado a 10 de Janeiro de 2012].

⁵⁹ *Terra* é a terceira colectânea poética de Fernando Namora que inaugura a colecção de poemas do *Novo Cancioneiro*.

⁶⁰ In *Citador.pt* in <http://www.citador.pt/poemas/terra-24-fernando-namora> [consultado a 10 de Fevereiro de 2012].

⁶¹ *Ibidem*.

portugueses para África, obedecendo à imposição de quem declarou estar “orgulhosamente sós”⁶².

Em *O Vale da Paixão*, editado em 1998, Lúcia Jorge menciona, também, a questão da Emigração. A escritora cria em volta da família Dias um enredo rico em detalhes históricos, dada a época retratada. Francisco Dias é um ditador que impõe aos seus filhos a sua autoridade e o seu poder. O patriarca condiciona os seus filhos ao trabalho da terra, impedindo-os de emigrarem e, assim, de abrirem os seus horizontes. Mesmo assim, ou talvez por causa desse feitio, abandonam o pai e a terra que os viu nascer na calada da noite. Esta partida pela noite dentro era muito característica da época em questão, pois remete para as saídas clandestinas de muitos portugueses do país.

Os filhos de Francisco Dias aventuraram-se por terras americanas, conforme refere a narrativa: “[o]s Dias [estavam] espalhados pelos continentes americanos (...)” (JORGE, 2009: 178). Fazendo uso de dados históricos para enriquecer o seu texto, a autora narra a história de uma típica família portuguesa durante o regime salazarista. Com este romance, a escritora parece acarinhar as mobilidades sociais e culturais, propondo alternativas.

Se a Emigração é um fenómeno português, compreender-se-á que, também, seja um problema que afectou as Ilhas. Pretendemos, então, entender como se processou este fenómeno nos dois arquipélagos: em que é que eles dialogam? Em que é que eles diferem?

O caso dos Açores apresenta uma realidade própria devido não só à sua História, mas também à sua posição geográfica. A Emigração açoriana teve origem no século XV e intensificou-se a partir do século XIX. A esse respeito, Mónica Serpa Cabral afirma que os Estados Unidos

“(...) surge como o país que mais acolhe[u] açorianos, sobretudo devido aos navios americanos de caça à baleia, que começa[ram] a recrutar mão-de-obra insular, a maioria das vezes, clandestina, impulsionando, deste modo, este surto migratório.” (2009: 152).

Devido à insularidade, a única maneira dos açorianos saírem da Ilha era partindo nos navios americanos. O papel do baleeiro (que se tornou equivalente a emigrante⁶³) é de extrema importância para compreendermos o percurso desta Emigração. Muitos são os

⁶² Palavras proferidas por Salazar que conduziram os portugueses à Guerra Colonial.

⁶³ Veja-se os ensaios de Urbano Bettencourt: “Emigração e Literatura – Alguns Fios da Meada”, Câmara Municipal da Horta, 1989; e “A Baleação na Narrativa Açoriana (e Duas ou Três “Fugas”)” in *O Gosto das palavras II*, Jornal da Cultura, Ponta Delgada, 1995.

factores que parecem explicar a ânsia da partida. Com efeito, os vulcões, os sismos, as tempestades, a escassez de meios de sobrevivência, a fuga ao recrutamento militar, o desejo de obter fortuna e o excesso populacional foram algumas das causas que incentivaram a Emigração açoriana. Nesse sentido, Onésimo Teotónio Almeida sublinha que “[o] receio das tempestades que se reflectem na terra (...) aumenta o sobressalto que o vulcanismo gera [contribuindo assim para a saída de muitos açorianos].”⁶⁴

A localização geográfica das Ilhas Açorianas despertava o “desejo de evasão” (2009: 152), conforme refere Mónica Serpa Cabral. A par disso, a imagem dos Estados Unidos como o país da riqueza e da moeda forte, transmitida pelos primeiros corajosos, incutia nos que ficaram um deslumbramento e uma vontade de partir com o intuito de atingir o sucesso, conforme sublinha João de Melo na seguinte citação: “o deslumbramento das cidades e do viver americano, de mistura com os grandes amargos de bocada conquista de um ideal de segurança social [encantavam os açorianos].”⁶⁵

Vitorino Nemésio, escritor português de vocação europeia, foi quem melhor sintetizou, no conjunto da sua obra literária, o produto histórico de cinco séculos de vivência humana rodeado de mar e de solidão, de vulcões e de tempestades, que ele um dia designou por açorianidade. Muito embora já datado, o seu ensaio que debatia a identidade insular permitiu, de certo modo, entender a alma açoriana.⁶⁶ Neste sentido, Mónica Serpa Cabral salienta que “(...) Vitorino Nemésio dá corpo à ideia de açorianidade como uma particular visão do mundo e vivência do povo açoriano.” (2010: 19).

Por sua vez, Urbano Bettencourt, no ensaio *Emigração e Literatura*, releva aspectos de alguns contistas açorianos do final do século XIX. Em seu entender, a Literatura açoriana conta, geralmente, a História e Cultura de um povo preso à insularidade. Os escritores abordam naturalmente, nas suas obras, aspectos da Emigração açoriana. Como única oportunidade de adquirir riqueza, a ida para lugares longínquos estará patente na obra de Francisco Nunes da Rosa, José Dias de Melo, Onésimo Teotónio Almeida, entre outros.

⁶⁴ In ALMEIDA, Onésimo Teotónio, *Geografia: Insularidade e Clima — A Suposta Influência Psíquica*, 1989 in http://lusofonia.com.sapo.pt/acoress/acorianidade_almeida_1989b.htm [consultado a 27 de Maio de 2012].

⁶⁵ In MELO, João, *Aproximação a um Estudo da Novelística Açoriana de Ontem e de Hoje. Prefácio à Antologia Panorâmica do Conto Açoriano, Séculos XIX e XX*, 1978 in http://lusofonia.com.sapo.pt/acoress/acorianidade_melo_1978.htm [consultado a 27 de Maio de 2012].

⁶⁶ Veja-se o ensaio de NEMÉSIO, Vitorino, “O Açoriano e os Açores”, Renascença Portuguesa, Porto, 1929.

Com efeito, estes escritores apresentam temas ligados à terra, ao mar, à Emigração e aos regressos de muitos Açorianos que procuram (finalmente) repousar na terra natal. Neste sentido, João de Melo defende que estas são as principais linhas orientadoras da escrita açoriana⁶⁷, conforme sublinha na seguinte citação: “[a]o escritor da terra e do mar (este mais esporádico), que é Florêncio, sucede o Nunes da Rosa da escrita poliédrica: a terra, o mar, a emigração de partida e regresso e dos homens que permanecem amarrados ao sonho da viagem.”⁶⁸

Francisco Nunes da Rosa notabilizou-se como contista sendo *Pastorais do Mosteiro*, publicado em 1905, e *Gente das Ilhas*, editado em 1925, as suas obras de referência. A escrita de Francisco Nunes da Rosa é rica e abrangente. No entanto, como refere Urbano Bettencourt a sua escrita incide em três palavras-chave: a terra, o mar e a Emigração⁶⁹. Compreende-se, então, como salienta Mónica Serpa Cabral, que os tipos de emigrantes que encontramos nos contos incidam no “(...) emigrante retornado, [n]o baleeiro, [n]o emigrante clandestino (...) [entre outros].” (2009: 255 - 256).

Com efeito, na contística de Nunes da Rosa surge frequentemente o Emigrante retornado. Os contos dão a conhecer alguns aspectos da Emigração, nomeadamente os regressos dos emigrantes. A chegada dos emigrantes à terra natal simbolizava um momento de festa e de grande animação. O Emigrante, quando regressa, tenta evidenciar-se, destacando-se pelas vestes como é possível verificar no seguinte excerto do conto “The Liberty”: “de chapéu cinzento sobre a nuca, em mangas de camisa, a corrente de ouro a faiscar, escorrendo sobre o colete azulado, e com uns *butes* de cano até ao joelho!...” (1978b: 101). Outro aspecto abordado por Nunes da Rosa é o vocabulário específico utilizado por emigrantes aculturados na língua do Outro. O Emigrante retornado utiliza as duas línguas, o português e o inglês, conforme verificamos no conto “Pois Suposto”:

⁶⁷ Veja-se sobre esta questão CABRAL, Mónica Serpa, *Os Contistas da Horta: Os Primeiros Passos do Conto Açoriano*. Doutoranda na Universidade de Aveiro, 2009, pp. 267 - 268 in revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/download/216/187 [consultado a 20 de Dezembro de 2011].

⁶⁸ In *Idem*, *Aproximação a um Estudo da Novelística Açoriana de Ontem e de Hoje. Prefácio à Antologia Panorâmica do Conto Açoriano, Séculos XIX e XX*, 1978 in http://lusofonia.com.sapo.pt/acores/acorianidade_melo_1978.htm [consultado a 27 de Maio de 2012].

É de salientar que Florêncio Terra é outro dos contistas da Horta. Contudo, no presente estudo abordaremos apenas Nunes da Rosa.

⁶⁹ Urbano Bettencourt faz uso de uma tipologia apresentada por João de Melo na *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano* (1978) para salientar a escrita de Nunes da Rosa. Veja-se BETTENCOURT, Urbano, “A Baleação na Narrativa Açoriana (e Duas ou Três ”Fugas””, in *O Gosto das Palavras II* (Leituras e Ensaios), Ponta Delgada: Jornal de Cultura, 1995, p. 59.

“– Numa ocasião, lá fora, estavam uns quantos sentados à beira dum *cric* [“creek”. Um moço *airiche* [“Irish”] pôs-se com um pedaço de *rôba* [“rope”] que tinha na mão a fazer a coisa de *suim* [“swing”] contra outros. O outro vai *jampar* [“to jump”] para o agarrar, escorrega e cai no *selu* [“sludge”] (...)” (1978a: 98).

Neste conto, ocorre o “aportuguesamento” de algumas palavras, originando, assim, os “americanismos” muito utilizados por quem passou muito tempo fora da sua terra. Estes falares peculiares são característicos da Literatura açoriana, uma vez que a Emigração açoriana visou, particularmente, os Estados Unidos da América.

A presença do mar na Literatura açoriana é uma constante. A população vive do mar e rodeada de mar. De acordo com Mónica Serpa Cabral, “[a] temática do mar está ligada à baleação e à pesca (...)” (2009: 269), conforme podemos verificar na obra de José Dias de Melo. Este escritor aborda histórias dos homens do mar e da terra insular. Estes homens, conforme também refere Victor Rui Dores, são designados por “gente de grande riqueza psicológica e funda expressão humana e universal.” (2003: 1). Esta riqueza psicológica é analisada por Dias de Melo na sua trilogia constituída pelo *Mar Rubro* (1958), *Pedras Negras* (1964) e *Mar pela Proa* (1976). Com efeito, estes três textos abordam a condição humana incidindo na figura do baleeiro. Não nos alongaremos nos textos. Refira-se o peso da Emigração em *Pedras Negras*, por nele se poder ver a ida, a estada e o regresso do protagonista, bem como a força de um homem que quer fugir às vicissitudes da vida.

Em *Pedras Negras* a acção remonta a princípios do século XX até aos finais da 2ª Guerra Mundial. A história centra-se na personagem Francisco Marroco. Ele embarca a salto na baleeira “Queen of the Seas”, com o amigo João Peixe-Rei. O objectivo principal visava a chegada à América. Todavia, só lá desembarca passado alguns anos após ter percorrido os mares do mundo à caça da baleia. Francisco e João tipificam os baleeiros da Ilha do Pico. São, de facto, inconformistas e destemidos. Para ambos, a errância simbolizava a felicidade e o sonho. Por conseguinte, já em terras americanas, Francisco deixa o mar e a baleação. Contudo, enfrenta alguns problemas como a exploração. Porém, acaba por encontrar abrigo e trabalho digno, na leitaria do casal Parreira, para quem trabalhou mais de doze anos. Mais tarde, decide voltar à Ilha acabando por construir família. José Dias de Melo sublinha, na obra, a estratificação social que conduzia à exploração dos baleeiros pelos mais fortes, nomeadamente pelos capitães.

Neste sentido, Victor Rui Dores refere que o título *Pedras Negras* advém das “pedras negras que cobrem o chão da ilha [,] simboliza[ndo] bem a força telúrica que marcou e moldou o picaroto em séculos de “fome, secas, ciclones, fogo de vulcões, terremotos.” (2003: 2).

Já no campo da “Literatura de Emigração”⁷⁰, escrita por emigrantes, surge o escritor Onésimo Teotónio Almeida, radicado nos Estados Unidos da América. Os temas das suas obras incidem nos Açores, local de origem do autor, mas também no quotidiano da população açoriana radcada no outro lado do Atlântico.

Onésimo Teotónio Almeida⁷¹ foca os efeitos da Emigração em *Ah! Mònim dum Corisco!*... Nesta peça, o autor aborda histórias vividas por emigrantes que se deparam com algumas mudanças e diferenças como a língua, os novos valores e normas, o desconhecido e as adversidades nas condições de trabalho no país de acolhimento.

O título *AH! Mònim dum Corisco!*... remete para alguns aspectos da Emigração, tais como o falar próprio desses portugueses errantes (“americanismo”), o dinheiro (mònim) e os factores que levam à saída de muitos emigrantes da Ilha. O desejo e a obsessão em enriquecer induzem à aceitação de trabalhos árduos, levando muitas vezes o insular pelo caminho da exploração. Compreende-se, assim que o “mònim” seja qualificado de “corisco”, isto é malvado, maldito, ruim.” (CABRAL, 2009: 151).

Rica em leituras interculturais, a obra de Onésimo mostra a dificuldade em comunicar, através da personagem “Jànim”; salienta a necessidade para os emigrantes de conhecerem a língua, fundamental, aliás, para a adaptação ao país. O autor foca, ainda, a questão da mudança dos nomes, por exemplo “Rodrigues” dá origem a “Rogers”. Só, assim, se pode ser integrado nesta nova comunidade, miscigenada, híbrida, mas sempre muito portuguesa. É de salientar, neste sentido, que o autor refere o mundo l(USA)landês como “uma porção de Portugal rodeada de América por todos os lados.” (ALMEIDA, 1987: 7).

⁷⁰ Sobre a questão da “Literatura de Emigração”, veja-se DIAS, Eduardo Mayone, *Literatura Emigrante Portuguesa na Califórnia*, 1983 in http://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/664/1/EduardoMayoneDias_p467-568.pdf [consultado a 12 de Fevereiro de 2012].

⁷¹ Veja-se VIEIRA, Fátima, *Entrevista a... Onésimo Teotónio de Almeida*, E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia, n.º 1, 2004 in <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo10481.PDF> [consultado a 25 de Fevereiro de 2012].

Onésimo Teotónio Almeida dá a conhecer a vida quotidiana do Emigrante tendo em conta os aspectos sociais, políticos e culturais do país acolhedor. Veja-se, no entanto, que numa entrevista, ao *Correio dos Açores*⁷², ele refere que a Emigração pode ser um drama. Enquanto para os mais novos a adaptação é fácil, para os mais velhos ela deixa marcas profundas. As marcas que Onésimo Teotónio Almeida sublinha estão, sobretudo, relacionadas com a memória do Emigrante. Ele tenta “reproduzir” ou viver no presente o que viveu no passado. Assim, apesar da aculturação, a Cultura de origem prevalece.

Não era nosso propósito desenvolver a questão da Emigração tratada pelo cânone literário. No entanto, acabámos por nos alongar para, assim, podermos demonstrar que o tema da Emigração parece ser uma constante na Literatura.

Como será no caso da Madeira? Como será abordado este tema por escritores que recorreram ao que viveram (ou ainda vivem) na Ilha? A estas e outras questões procuraremos responder no ponto seguinte.

⁷² Entrevista conduzida por Eduardo Bettencourt Pinto no *Correio dos Açores* in *Cadernos Açorianos*, n.º 13 – Onésimo Teotónio Almeida in http://www.lusofonias.net/cat_view/99-estudos-acorianos/103-cadernos-acorianos.html?lang=pt&limitstart=12&view=docman [consultado a 10 de Fevereiro de 2012].

3.1 - A Ilha da Madeira e a Emigração: Viagem. Sonho. Utopia

*Por esse Mundo além
Madeira teu nome continua
Em teus filhos saudosos
Que além fronteiras
De ti se mostram orgulhosos.
Por esse Mundo além,
Madeira, honraremos tua História
Na senda do trabalho
Nós lutaremos
(...)⁷³*

⁷³ Hino da Região Autónoma da Madeira – Letra de Ornelas Teixeira e Música de João Victor Costa. Disponível em formato digital: <http://pravidalheu.blogs.sapo.pt/152981.html> [consultado a 10 de Fevereiro de 2012].

A Emigração contribuiu para o surgimento de novas vivências. Do porto do Funchal saíam, todos os dias, inúmeros madeirenses em busca de uma vida risonha, deixando para trás os familiares, conforme sublinha Alberto Vieira em "Cartas da Ilha... Da Pequena História e Histórias de Vida na História da Madeira":

“[o] porto assume um papel fundamental na vida [dos emigrantes]. (...) Por ele, entram e saem homens; por ele, entram e saem mercadorias, doenças, esperanças, desejos e notícias em forma de carta ou memórias. Todos os olhares estão alerta, pousados na linha do horizonte que domina o espaço da baía do Funchal.”⁷⁴

Com efeito, Alberto Vieira⁷⁵ descreve a Ilha da Madeira como “um cais de chegadas e partidas”⁷⁶. O historiador refere que chegaram à Ilha muitos navegadores e aventureiros, mas, também, saíram muitos madeirenses em busca de melhores condições de vida e de um mundo novo.

Desde os primeiros séculos da História da Madeira, a Emigração está sempre presente, nomeadamente a Emigração para África e para a Índia⁷⁷. Já nesta altura, as razões que impulsionaram a Emigração foram económicas e sociais. Os madeirenses emigravam para concretizar os seus sonhos, idealizando os países de acolhimento. Eram locais que permitiam o enriquecimento fácil e rápido.

Com efeito, se o Madeirense emigra com o desejo de conhecer o desconhecido é para aí criar fortuna. No entanto, há o desejo de voltar à Ilha rico e com poder. Apesar da pobreza vivida por cada habitante, o abandono da terra, dos familiares e das suas raízes não é uma escolha fácil. Porém, a visão distópica da Ilha, que o enclausura na pobreza, leva-o a partir e a projectar um “ailleurs”, utópico e ideal.

O Emigrante parte em busca de um futuro melhor. Esta viagem é concretizada através do sonho de construir um futuro risonho. A viagem e o sonho surgem, pois, aliados

⁷⁴ In “Cartas da Ilha... Da Pequena História e Histórias de Vida na História da Madeira”, in *Escritas da Mobilidades*, Coleção Debates n.º 4, CEHA, Funchal, 2011, p. 752.

⁷⁵ Veja-se sobre este assunto VIEIRA, Alberto, “A Emigração Madeirense na Segunda Metade do Século XIX” in *Emigração e Imigração em Portugal*, Porto, Fragmentos, 1993, pp. 108 - 144. Disponível em CEHA-Biblioteca Digital: <http://www.madeira-edu.pt/Portals/31/CEHA/bdigital/avieira/1993-emigrar.pdf> [consultado a 11 de Fevereiro de 2012].

⁷⁶ In PEREIRA, Odeta (coord.), *A Emigração na História da Madeira*, Newsletter do Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA), n.º 12, 2011, p. 1. Disponível em formato digital: <http://www.madeira-edu.pt/LinkClick.aspx?fileticket=KjiqFSaeBp8%3d&tabid=1413&mid=6067> [consultado a 10 de Janeiro de 2012].

⁷⁷ Cf. SOUSA, João José Abreu de, “Emigração Madeirense nos Séculos XV a XVII”, *Atlântico*, n.º 1, Funchal, Primavera 1985, pp. 46 - 53.

à utopia. A ânsia de viajar levará o Emigrante a idealizar o local de acolhimento. No entanto, o reverso da medalha, também, existe. Com efeito, esta utopia é colocada em causa quando o contacto com o desconhecido leva a situações desumanas. Contudo, há que salientar os casos de sucesso de alguns emigrantes. Resta-nos perguntar os motivos que originaram essas partidas.

A Ilha da Madeira atravessou durante o século XIX graves crises que levaram a uma Emigração sem precedentes. Estas crises multifacetadas, na sua economia frágil, foram devastadoras para a população, pois a maior parte vivia da agricultura, sofria com a fome⁷⁸ e com as doenças, tornando, assim, o dia-a-dia da população numa luta constante pela sobrevivência.

Rui Carita, na obra *História da Madeira – O Longo Século XIX: Do Liberalismo à República. A Monarquia Constitucional (1834 - 1910)*, refere que o fenómeno da Emigração Madeirense

“tem sido muito debatido, mas sem o devido enquadramento económico-social, e tem de ser equacionado em várias vertentes. A primeira causa deve ser atribuída sempre ao insuficiente desenvolvimento sócio-económico, decorrente das graves crises agrícolas (...) [assim como à] pressão demográfica não equilibrada por uma insuficiente industrialização, o que gera desemprego e ainda, muito especialmente, com a não reestruturação da propriedade agrícola, de que resultaram gravíssimas assimetrias económicas.” (2008: 522).

As crises agrícolas contribuíram para a Emigração, uma vez que a maior parte da população madeirense dependia da agricultura para sobreviver. Não podemos esquecer que as doenças provocadas pelo oídio e pela filoxera levaram ao declínio do comércio do vinho. Há que referir, também, a questão do açúcar, uma vez que tem dificuldade em concorrer com o açúcar brasileiro. Por conseguinte, as dificuldades na reestruturação económica da Ilha proveram da questão do vinho e do açúcar.

Já a pressão demográfica provocou uma fragmentação das explorações agrícolas focando a divisão da propriedade agrícola, assim como o “contrato de colónia”⁷⁹.

⁷⁸ Segundo o historiador Rui Carita o período de 1845 e 1847 corresponde aos “anos da fome” contribuindo para o surto da Emigração. Cf. *História da Madeira – O Longo Século XIX: Do Liberalismo à República. A Monarquia Constitucional (1834 - 1910)*, Vol. VII, Secretaria Regional de Educação e Cultura, Funchal, 2008, pp. 412 e 522.

⁷⁹ O Contrato de Colónia é um contrato originário do século XVI. Nestes contratos, o senhorio e o colono são donos da propriedade e têm direito a ela. “Metade da produção do terreno bem como as benfeitorias que neles fazem pertencem ao colono. A outra parte da produção pertence ao senhorio”. Cf. BAPTISTA, Elina

Considerando estes factores podemos, então, afirmar que a Emigração foi uma consequência das crises económica e social que se instalou na Madeira.

A crise inicia-se nos anos 70 do século XIX e apresenta-se como multifacetada começando na agricultura, passando pela economia e acabando na financeira, sendo agudizada ao longo desses anos com o aumento do desemprego.

Com efeito, o ataque da filoxera às vinhas leva à quebra da produção de vinho. Ora, a Madeira vivia, sobretudo, da exportação do vinho e muitos agricultores dependiam da cultura das vinhas para o seu sustento. Consequentemente, esta crise nas vinhas atacou a pequena e frágil economia da Ilha. O comércio do açúcar ficou, também, paralisado, pois os preços do açúcar da Madeira eram pouco competitivos face ao brasileiro. Mas há que salientar um outro factor. De facto, não podemos esquecer a diminuição do valor da exportação dos bordados. A dada altura a Madeira importava mais do que exportava, sendo um ponto negativo para a balança comercial.

Neste contexto, os bancos começaram, também, a entrar em crise, devido ao empréstimo de avultadas quantias de dinheiro. Para piorar a situação da Madeira, a crise monetária que se alastrava na Europa conduziu a grandes falências. A elevada exportação para a Inglaterra e outras praças europeias originou a retirada do dinheiro em circulação, sendo fatal para a economia madeirense. Por conseguinte, há um aumento do desemprego impulsionando, assim, a Emigração.

É de salientar, ainda, as perseguições religiosas como um dos factores que terão levado à saída de inúmeros insulares. A esse respeito, Odeta Pereira refere que “o proselitismo religioso protagonizado por Robert Kalley”⁸⁰⁻⁸¹ contribuiu para a saída de muitos madeirenses.⁸² Compreender-se-á, pois, que a Emigração tenha atingido o auge no

Maria Correia, *Emigração e Teatro em Portugal no Século XIX. Retratos da Madeira e de Madeirenses*, Empresa “Funchal 500 Anos”, n.º 23, Funchal, 2008, p. 199. Para mais informação, o leitor pode consultar o artigo “A Colonia ao Espelho da Literatura” de Thierry Proença dos Santos in LIZARDO, João (coord.), *Caseiros e Senhorios nos Finais do Século XX na Madeira – O Processo de Extinção da Colonia*, Edições Afrontamento, 2009, pp. 53 - 63. Veja-se, também, CARITA, Rui, *op. cit.*, p. 413.

⁸⁰ Robert Kalley (1809 - 1888) foi um médico e pastor presbiteriano escocês. Chegou à Madeira em 1838, acabando por sair em 1846. A chegada de Kalley à Madeira vem na sequência da longa ocupação inglesa na Madeira de “1801 a 1802 e principalmente de 1807 a 1814”. Cf. CARITA, Rui, *op. cit.*, p. 81.

⁸¹ In PEREIRA, Odeta (coord.), *Newsletter* do CEHA, *op. cit.*, p. 3.

⁸² A esse respeito, muitos historiadores não confirmam esta leitura. Com efeito, quer o Professor Doutor Rui Carita, quer o Prof.º Doutor Paulo Miguel Rodrigues sublinharam na jornada realizada no Fórum Machico (6 de Setembro de 2012) que a questão religiosa não teve muito peso.

século XIX com “a partida dos barcos da Union Castle, os lenços a acenar, a dificuldade em partir e deixar os mais queridos ou a terra amada”⁸³.

Os barcos eram o meio de transporte que possibilitava a saída dos insulares. As viagens (intermináveis) nem sempre eram feitas nas devidas condições, pois as condições climáticas, nomeadamente as tempestades, levavam, em alguns casos, à morte de muitos emigrantes. Muitos madeirenses não chegavam a concretizar o seu sonho e outros não sabiam quando regressariam à terra que os viu nascer. Em todo o caso, o mar contribuiu para encontros, reencontros e adaptação a uma nova vida, longe das raízes.

A diáspora madeirense chega a todos os cantos do mundo. A população emigra primeiramente para o Brasil, e posteriormente para as antigas colónias inglesas das Antilhas, passando pela Venezuela e pelos Estados Unidos da América⁸⁴. Contudo, Demerara, Havai e Venezuela constituíram lugares de eleição.

A crise económica da Madeira, o desejo de uma vida melhor e as “solicitações da mão-de-obra por parte do mercado internacional”⁸⁵, como foi o caso do Haiti, conduziram os madeirenses a outros locais do mundo. Os madeirenses estavam “ligados às actividades agrícolas [e] possuíam um conhecimento profundo acerca da indústria açucareira” o que estimulou o “governo haitiano a incentivar [as] famílias [madeirenses]”⁸⁶ a trabalhar naquele local. Além disso, o trabalho na agricultura, a insularidade, a forma de viver e de estar fazem com que os madeirenses se adaptem e se sintam ambientados com o local de acolhimento.

A Emigração para Demerara nos anos 60, do século XIX, tem características distintas em relação à da primeira vaga nos anos anteriores. A primeira vaga de emigrantes para Demerara “roubou” muita mão-de-obra e quase despovoou a Ilha da Madeira entre 1835 e 1855, conforme refere Rui Carita:

“[d]ois aspectos tinham consternado o governador José Silvestre Ribeiro à sua chegada à Madeira: a “*extraordinária e assustadora emigração dos madeirenses para Demerara e outros pontos da Guiana Inglesa*” e a miséria a que estava “*reduzida a máxima parte da população desta Ilha (...)*” (2008: 524).

⁸³ In PEREIRA, Odeta (coord.), *Newsletter do CEHA, op. cit.*, p. 3.

⁸⁴ Sobre a questão da Emigração madeirense para os Estados Unidos da América, veja-se MENDONÇA, Duarte, *Da Madeira a New Bedford – Um Capítulo Ignorado de Emigração Portuguesa nos Estados Unidos da América*, Prefácio de Onésimo Teotónio Almeida, DRAC Madeira, Funchal, 2007.

⁸⁵ *Idem*, *Newsletter do CEHA, op. cit.*, p. 3.

⁸⁶ *Ibidem*.

O governador José Silvestre Ribeiro⁸⁷ salienta, ainda, a Emigração clandestina e a forma como esta era feita, dando especial atenção à viagem, à maneira como os emigrantes eram transportados e tratados no local de acolhimento, uma vez que as condições que encontravam eram desumanas e abusivas. Eram as crianças que mais padeciam, visto que sofriam com a morte dos pais e com as más condições, que até à data eram simplesmente desconhecidas⁸⁸. O analfabetismo é outro aspecto relevante. Com efeito, aquando da assinatura dos contratos, os emigrantes eram enganados, vindo mais tarde a arcar com inúmeros problemas.

Muitos madeirenses embarcaram para Demerara iludidos com falsas promessas. Alguns faleceram e outros nunca mais voltaram. A maior parte emigrou ilegalmente, aliciados pelos “engajadores” que prometiam “mundos e fundos” (CARITA, 2008: 109). Na altura, para emigrar, era necessário despender algum dinheiro, o que era difícil, pois o dinheiro era escasso e mal dava para sobreviver. Além disso, há que salientar o tratamento que os emigrantes recebiam nas embarcações, quer portuguesas, quer estrangeiras.

Elina Baptista refere que, em 1835, foram para a Guiana Inglesa “quarenta madeirenses trabalhar nas plantações de La Pénitance, Liliendaal e Thomas.” (2008: 45) As capacidades agrícolas e a mão-de-obra dos madeirenses nas plantações de açúcar eram desejadas. De facto, o conhecimento dos madeirenses da indústria açucareira foi uma mais-valia para a produtividade do local de acolhimento.

Os primeiros anos dos madeirenses em Demerara foram deveras difíceis e cruéis. Trabalhavam como escravos e padeciam nos campos e nos pântanos. Alguns não resistiam devido ao clima e às doenças (febre amarela) e acabavam por falecer. O tráfico de pessoas era uma constante entre a Madeira e Demerara, o que conduziu os insulares ao flagelo da escravatura. Contudo, alguns conseguiram adquirir riqueza e melhoraram a sua vida, mas nem todos tinham a mesma sorte.

A segunda vaga para Demerara ocorre de 1860 até 1979. Os madeirenses continuavam a ganhar mais dinheiro em Demerara do que na Madeira, o que incentivava a saída da Ilha. Esta segunda vaga de emigrantes tem o seu auge nos anos 60 devido às crises

⁸⁷ Esta situação alarmou o governador José Silvestre Ribeiro que tomou as medidas necessárias para que esta situação fosse atenuada. José Silvestre Ribeiro “tomou posse a 7 de Outubro” e ficou conhecido pelas medidas que tomou (colocou candeeiros no centro da baixa do Funchal) e pelas construções de algumas infra-estruturas (ex: Ponte do Ribeiro Seco) in CARITA, Rui, *op. cit.*, pp. 110 - 117.

⁸⁸ Cf. *Idem, op. cit.*, pp. 524 - 525.

que assolavam a Ilha e às propostas aliantes que Demerara apresentava. Os testemunhos daqueles que saíram na primeira vaga, bem como as notícias que chegavam à Madeira pareciam não surtir efeito. Todavia, em finais dos anos 70, a Emigração para Demerara é atenuada, pois o comércio apresenta-se fraco surgindo notícias pouco animadoras para quem desejava emigrar.

O elevado número de insulares que emigraram para Demerara deu origem a uma grande e influente comunidade em Georgetown. Para além do mais, a comunidade portuguesa na Guiana Britânica foi uma mais-valia para a modernização e desenvolvimento da mesma. A maior parte da comunidade madeirense viveu em Georgetown cerca de trinta a quarenta anos. Porém, o elo de ligação à pátria e à terra natal continuava presente. O patriotismo não era esquecido, principalmente em ocasiões especiais onde o orgulho e o amor à pátria eram exaltados.

Regra geral, a sorte e a vida dos emigrantes madeirenses eram favoráveis e alguns adquiriram fortunas. Estas fortunas foram conseguidas à custa de trabalho árduo. Os madeirenses que regressavam à terra natal ricos eram chamados de “demeraristas”, conforme refere Elna Baptista:

“(…) Demerara ou o Eldorado, como é familiarmente conhecida, surge como a terra da esperança e da riqueza, fazendo do “demerarista” um tipo curioso do homem do povo, mais sóbrio que o ‘brasileiro’ despendendo dezenas de contos para promover (...) as festas religiosas da sua freguesia.” (2008: 47).

Sobre Demerara, saliente-se a figura do escritor madeirense João de Nóbrega Soares⁸⁹. O gosto pelas viagens fez com que João de Nóbrega se aventurasse pelo mundo conhecendo culturas distintas. Nas suas cartas, o escritor descreve as raças e os povos (índio, africanos, madeirenses, açorianos, ingleses, franceses, etc), o ambiente, os rios, os engenhos de açúcar. O ambiente descrito é idílico repleto de simbolismo. Relata, ainda, a predominância das plantações de cana doce. Durante a viagem a Demerara, percorre o rio Demerara salientando que alguns dos remadores eram madeirenses⁹⁰.

No entanto, o abrandamento da Emigração, em finais do século XIX, surge na sequência do surgimento de novos locais que prometiam mais riqueza, algo que já não

⁸⁹ O escritor tem no seu historial literário algumas cartas que descrevem algumas passagens pela América. Estas cartas revelam nostalgia e saudade. Veja-se *Contos e Viagens* (1867) e *Scenas e Fantasias, Um Anno na América* (1968). É de salientar que as cartas eram direccionadas, no geral, aos amigos do escritor.

⁹⁰ Informação retirada de BAPTISTA, Elna Maria Correia, *op. cit.*, 2008, pp. 48 - 49.

encontravam em Demerara, outrora chamada de “El Dourado”. Os emigrantes dirigiam-se, agora, para outros locais, nomeadamente para as Ilhas Sandwich, no Havai.

De acordo com Susana Caldeira⁹¹, a Emigração para o Havai data “[do] mês de Junho do ano de 1878 [e] marca a partida da primeira leva de emigrantes (...) a bordo da barca alemã *Priscilla*.”⁹² Para o Havai⁹³ partiram homens, mulheres e crianças destinados, na maioria, à plantação de cana-de-açúcar⁹⁴.

Por sua vez, Luís de Sousa Melo salienta que “[a] meados do séc. XIX o principal problema da sociedade havaiana era o da constante diminuição da população indígena”⁹⁵, pois a população havaiana encontrava-se em declínio devido ao contacto com o Oriente. Por conseguinte, a Emigração dos madeirenses contribuía para a continuação e aumento da população. Além disso, o conhecimento dos madeirenses em relação à indústria açucareira era uma mais-valia para o governo haitiano e para a sua economia.

Os madeirenses tiveram conhecimento da “Terra Nova” graças à figura de Wilhem Hillebrand⁹⁶. Esta personalidade contribuiu para que os insulares acalentassem o sonho e empreendessem a viagem ao Havai. Como agente da Junta de Imigração, o propósito de Hillebrand incidia no “averiguar das possibilidades de canalizar a emigração madeirense (...)” (CARITA, 2008: 526) para as Ilhas *Sandwich*. Para tal, em 1876, escreve uma carta ao governo havaiano descrevendo a Ilha da Madeira (clima, flora), as suas gentes e as vantagens da “importação” deste povo, conforme refere Rui Carita:

⁹¹ Susana Caldeira, actualmente coordenadora do Centro Cultural John Dos Passos, é a autora da dissertação de mestrado intitulada *Da Madeira para o Hawaii: A Emigração e o Contributo Cultural Madeirense*, n.º 7, CEHA, 2010. A tese de mestrado foi o suporte base para a elaboração do texto “O Caso do Hawaii” na *Newsletter* do CEHA. Recentemente participou no debate “Rumos da Emigração e Comunidades Madeirenses num Mundo Global” no CEHA.

⁹² In CALDEIRA, Susana, “O Caso do Hawaii” in PEREIRA, Odeta (coord.), *Newsletter* do CEHA, *op. cit.*, p. 13.

⁹³ Veja-se sobre este assunto CALDEIRA, Susana, “Do Atlântico para o Pacífico: Os Madeirenses no Hawaii”, *Revista Diário, Diário de Notícias*, Maio 2003, pp. 10 - 15.

⁹⁴ Veja-se o anexo 2.

⁹⁵ In MELO, Luís de Sousa, “E Contudo Eles Foram ... A Emigração para o Havai no Século XX”, in *Ilhenha*, n.º 2, Jan-Jun, 1988, p. 81.

⁹⁶ Wilhem ou William Hillebrand foi um botânico alemão que viveu, durante 20 anos, no Havai. “Foi membro do Conselho Privado da corte do rei havaiano *Kamehameha V*”. Como médico, descobriu o primeiro caso de Lepra em *Oahu*, tendo dirigido o primeiro hospital havaiano em Honolulu: o *Queen's Hospital*. Como botânico, enriqueceu a flora havaiana. Em 1865, tornou-se agente da Junta de Imigração e Comissário do rei. Em 1876, estabelece-se na ilha da Madeira, devido à doença da sua esposa, uma vez que a Ilha da Madeira era conhecida como estância privilegiada no tratamento de doenças respiratórias, daí a escolha do botânico. In CALDEIRA, Susana, *op. cit.* in PEREIRA, Odeta (coord.), *Newsletter* do CEHA, *op. cit.*, p. 14.

“[o] Dr. William Hillebrand, em Dezembro de 1876 já dava conta para o governo havaiano das semelhanças das condições climatéricas e orográficas dos arquipélagos atlânticos com aquelas ilhas, citando que não “*encontrará melhor tipo de imigrante do que o povo da Madeira (...). Sóbrios, honestos, trabalhadores e pacíficos, reúnem todas as condições que fazem um bom colono e, além disso, estão acostumados a um clima semelhante*”. (2008: 526).

Hillebrand enaltece, ainda, a crise económica vivida na Madeira e os proveitos desta para os interesses agrícolas do Havai. Esta situação agradava ao governo havaiano que via no povo madeirense a solução para os seus problemas. De facto, os emigrantes e as suas famílias contribuiriam para o desenvolvimento da indústria açucareira. Era uma ajuda na luta contra o decréscimo da população.

Com efeito, em 1878, Hillebrand elaborou um panfleto “que se intitulava “Breve Notícia Acerca das Ilhas Sandwich – e das vantagens que ellas oferecem à emigração que as procure”.⁹⁷ O panfleto fazia a apologia do Havai, descrevendo o clima, a geografia, a orografia, a economia, a agricultura, a população, a educação e a religião. Além disso, enaltecia as semelhanças entre a Madeira e o Havai, extremamente importantes para a adaptação do Emigrante ao local de acolhimento.

Referia, também, os montantes que os emigrantes poderiam ganhar, “bem como os incentivos que lhes eram oferecidos pelos plantadores a nível de alojamento, assistência médica, medicamentos e terreno para cultivo.”⁹⁸ Estes incentivos eram um ponto positivo para quem desejava emigrar, pois estavam estabelecidas as condições básicas e, ainda, tinham direito a algumas regalias como a assistência médica, algo que na Madeira era custoso.

O folheto de propaganda fazia menção ao número do agregado de família, salientando que os resultados das produções agrícolas seriam positivos e maiores consoante o número de pessoas que colaborassem nas plantações. Os madeirenses eram conhecidos pelas numerosas famílias, aspecto que agradava ao governo havaiano. Hillebrand citava as desvantagens de habitar na Ilha da Madeira devido à fome e a pobreza. Porém, louvava as vantagens da Emigração para as Ilhas Sandwich onde os emigrantes alcançariam facilmente fortuna. Os dados enunciados nem sempre correspondiam à realidade, não passavam de mera propaganda.

⁹⁷ *Ibidem.*

⁹⁸ *Ibidem.*

A “Breve Notícia Acerca das Ilhas Sandwich” foi fulcral para persuadir os milhares de madeirenses que se encontravam em condições menos favoráveis, assim como as outras centenas que sonhavam em experimentar a sua sorte na “Terra Nova”. Entre 1878 e 1899, saíram da Madeira com destino ao Havai “(...) perto de 4 milhares e meio de madeirenses (...)”. (CARITA, 2008: 527)

O cais do Funchal⁹⁹ servia de cenário para as despedidas nostálgicas dos emigrantes. Eles tinham a certeza de que não regressariam mas embarcavam¹⁰⁰ nos navios com destino ao “paraíso”. O excerto da música de Paulo Rosado salienta a simbologia do cais do Funchal:

“[a]deus varanda do cais/ Onde o meu bem embarcou/ Foram os olhos mais lindos/
Que as ondas do mar levou/ (...) / S’eu embarcar p’ra fora/ Da barra te hei-de acenar/
Não ponhas os olhos noutra,/ Que eu vou mas p’ra voltar/ (...) / Já lá vai pelo mar fora/
Quem seu coração me deu/ Deus lhe dê tanta fortuna/ Como as estrelas do céu”¹⁰¹

Os embarques eram carregados de nostalgia. Na partida, os madeirenses previam a possibilidade de não voltar à terra natal. O mar separava famílias. Os que ficavam viviam constantemente com o olhar no horizonte à espera da chegada dos seus. Os sentimentos eram vividos até ao limite e as despedidas eram muito emotivas, uma vez que o futuro era imprevisível. Os emigrantes “embarcavam carregando as suas trouxas, levando no peito a esperança e nos olhos, a saudade!”¹⁰² A citação reflecte o sentimento que invadia os insulares na hora da despedida, visto que desejavam fazer fortuna e viver com melhores condições. Contudo, a saudade dos seus e da sua terra estava sempre presente.

As viagens marítimas para o Havai eram longas e carregadas de dor e sofrimento, ao contrário do que era descrito. Os emigrantes verificavam que os anúncios, que os persuadiram e iludiram, não correspondiam à realidade. Na verdade, as viagens eram feitas, por vezes, em navios superlotados e sem condições.

Já no Havai, os madeirenses conhecedores das técnicas agrícolas e habituados ao trabalho na terra, facilmente ascenderam à posição de capataz nas plantações. A adaptação era muito rápida e fácil, dadas as semelhanças com a Madeira.

⁹⁹ Veja-se o anexo 3.

¹⁰⁰ Sobre a questão da Emigração para o Havai, veja-se MELO, Luís de Sousa, *op. cit.*, pp. 81 - 87.

¹⁰¹ Música de Paulo Rosado – Texto da Tradição Popular Madeirense in CAMACHO, Rui, “A Emigração na Canção Popular Madeirense” in PEREIRA, Odeta (coord.), *Newsletter* do CEHA, *op. cit.*, p. 37.

¹⁰² In CALDEIRA, Susana, *op. cit.* In PEREIRA, Odeta (coord.), *Newsletter* do CEHA, *op. cit.*, p. 13.

Os madeirenses deixaram marcas no Havai, principalmente na “arquitetura em pedra”¹⁰³. Existem edifícios e igrejas com nomes tipicamente portugueses, assim como “ruas, como é o caso da Funchal Street”¹⁰⁴. Susana Caldeira sublinha, ainda, a importância das associações, dos clubes e da música¹⁰⁵ portuguesa no Havai, salientando, em particular, a influência da braguinha.¹⁰⁶

A Cultura e as gentes da Madeira fazem parte da população havaiana, conforme refere José Luís Garcia *et al*: “(...) as tradições culturais madeirenses permaneceram vivas em actividades tradicionais como a culinária e os festivais.” (1998: 36). Portanto, a Cultura e as gentes madeirenses contribuíram para aquilo que é o Havai actualmente.

Quanto à Emigração para a Venezuela, ela ocorre a partir de 1945 e é dividida em duas fases. A primeira fase, de 1940 a 1960, “corresponde, por um lado, a uma emigração por necessidade (...) e, por outro, a uma emigração pela aventura e pelo desejo de enriquecer com negócios próprios.” (NASCIMENTO, 2009: 31).

A Emigração por necessidade decorria principalmente da pobreza que contribuía, aliás, para um crescimento demográfico. A notícia do *Diário de Notícias* refere o crescimento demográfico na Madeira e as causas que contribuíram para a saída dos insulares da Ilha:

“(...) nota-se presentemente entre as camadas populares desta ilha um grande desejo de emigrarem. A população cresceu extraordinariamente em proporções que não estão em relação nem com os meios de vida nem com os meios de trabalho. E tendo a madeira se ressentido desde a primeira hora com a eclosão da guerra, com a paralisação do seu turismo e com uma diminuição notável no seu movimento de exportação logo aflorou e se tornou mais palpável o problema instante e gravíssimo do excesso demográfico da ilha (...).

O problema é grave e delicado, com a sua falta de indústrias e a natureza já tão intensiva na sua agricultura, não pode sustentar uma população tão densa e numerosa com a que conta actualmente.”¹⁰⁷

Sublinhe-se que a maioria da população dedicava-se à agricultura. Ora, esta actividade agrícola não gerava lucros, sendo insuficiente para o sustento de uma família,

¹⁰³ In PEREIRA, Odeta (coord.), *Newsletter* do CEHA, *op. cit.*, p. 15.

¹⁰⁴ *Ibidem*.

¹⁰⁵ Veja-se sobre este assunto CALDEIRA, Susana, “Da Madeira para o Hawaii: Um Contributo Musical”, *Colectânea A Madeira e a Música: Estudos (c.1508- c.1974)*, 2008, pp. 609 - 626.

¹⁰⁶ Veja-se PEREIRA, Odeta (coord.), *Newsletter* do CEHA, *op. cit.*, p. 15.

¹⁰⁷ In *Diário de Notícias*, 13 de Fevereiro de 1940, p. 1.

com um agregado familiar elevado. Assim, a pobreza provocou a saída de muitos madeirenses, obrigando-os a procurar outras fontes de rendimentos nos países de acolhimento. Aliado à esta situação de excesso demográfico, surge o desemprego. A falta de postos de trabalho fez com que muitos insulares repensassem a sua vida e vissem na Emigração a solução para os seus problemas. Como refere a citação, o desemprego surge da eclosão da guerra que levou ao encerramento de inúmeras indústrias.

Joselin Nascimento salienta que o aumento demográfico e a elevada Emigração, nomeadamente na década de 50, contribuíram para a “formação de fortes contingentes migratórios, sobretudo do sexo masculino” (2009: 34) com destino ao estrangeiro. Para reforçar esta ideia o *Jornal da Madeira* refere que

“(...) os nossos recursos de ordem material não permitem o mínimo de bem estar legítimo à maioria de quantos vivem no nosso arquipélago, extraordinariamente superlotado. / Resultado: as prementes necessidades materiais fazem quase de cada madeirense um emigrante de facto ou, pelo menos, de desejo e, conseqüentemente, o êxodo contínuo, para o estrangeiro. Posto que a emigração é feita com carácter particular, é natural que a leva de emigrantes seja, na sua quase totalidade, de homens e rapazes (...).”¹⁰⁸

Tendo em conta a situação económico-social da Ilha, a Emigração era uma necessidade, principalmente para os jovens rapazes que ambicionavam uma vida melhor. Não havia condições e os madeirenses viviam numa luta constante pela sobrevivência. Os jovens rapazes acalentavam, pois, o sonho de partir. Pretendiam ser reconhecidos e não conhecidos como vilões ou pescadores.

O sonho de um futuro risonho era o ponto de partida para uma viagem longa e, por vezes, dolorosa, uma vez que muitos saíam clandestinamente e submetiam-se às mais diversas condições. Joselin Nascimento salienta as dificuldades de embarque para algumas pessoas, uma vez que a Emigração era custosa, conforme verificamos na seguinte citação: “[t]odo o emigrante antes de embarcar precisava de dispensar muitos escudos, antiga moeda portuguesa (...)” (2009: 41).

A maior parte dos emigrantes era oriunda do meio rural e as viagens ao Funchal, para tratar da documentação para o embarque, eram dispendiosas. Assim, muito madeirenses optaram pela via mais fácil e embarcaram clandestinamente nos navios aportados na baía do Funchal.

¹⁰⁸ In *Jornal da Madeira*, 4 de Setembro de 1953, p. 1.

Movidos, também, por um certo espírito de aventura, os emigrantes madeirenses sonhavam, sobretudo, com o empreendimento de negócios próprios (padarias, mercearias, etc.) no país de acolhimento. As facilidades em adquirir negócios na Venezuela eram conhecidas, logo essas facilidades incentivaram muitos madeirenses a emigrar para a Venezuela.

Por sua vez, a segunda fase, “de 1961 a 1974, está relacionada com a fase da Guerra Colonial em África (...)” (NASCIMENTO, 2009: 31). O recrutamento militar para África levou à fuga forçada de muitos jovens, denominando, assim, esta “emigração [como] forçada”. (NASCIMENTO, 2009: 31).

A eclosão da Guerra Colonial¹⁰⁹ em África fez com que muitos portugueses, principalmente madeirenses, fugissem para a Venezuela com receio das notícias alarmantes em relação a muitos soldados mortos em combate, conforme refere Joselin Nascimento: “[a]s notícias da morte de amigos e familiares assustavam os jovens, que brevemente poderiam ser chamados para a guerra.” (2009: 63) Com a evolução dos conflitos, os jovens começaram a ser recrutados para o serviço militar, razão suficiente para que estes emigrassem para outros países. É caso para dizer que “[f]oi a Guerra das Colónias que provocou o maior surto de emigração (...)” (NASCIMENTO, 2009: 63)

Nesta segunda fase, os milhares de madeirenses que chegavam à Venezuela “abraçavam” as mais diversas profissões, trabalhando afincadamente, conforme refere Inácio Pereira, antigo Conselheiro das Comunidades Portuguesas: “(...) raro seria não encontrar um português na agricultura, na construção, no comércio, além de muitas outras profissões.”¹¹⁰

O sonho e o desejo de ganhar dinheiro e ser bem-sucedidos faziam dos madeirenses uma raça forte sem medo do trabalho árduo. Os emigrantes eram poupados e evitavam gastar o que ganhavam em festas. Tinham um ideal e um sonho que desejavam concretizar. Logo, batalhavam para tal, custasse o que custasse.

Contudo, os emigrantes que saíam clandestinamente da Madeira, aliciados por angariadores desconhecidos, passavam por péssimas condições aquando da chegada à Venezuela. Muitos viviam em autênticos pardieiros sem as mínimas condições higiénicas.

¹⁰⁹ A Guerra Colonial em África foi um período de confrontos entre as forças organizadas pelos movimentos de libertação das antigas províncias ultramarinas e as Forças Armadas Portuguesas. Esta guerra decorreu de 1961 a 1974.

¹¹⁰ In PEREIRA, Inácio, “Nós, Portugueses na Venezuela” in PEREIRA, Odeta (coord.), *Newsletter do CEHA, op. cit.*, p. 30.

Alguns acabavam por falecer e os restantes tinham muitas dificuldades em concretizar os sonhos que os levaram à Venezuela. Os angariadores prometiam boas condições, bons empregos e bons salários iludindo o “pobre madeirense” que ambicionava um futuro risonho.

Para Inácio Pereira, a presença dos madeirenses na Venezuela era algo normal e fazia parte do dia-a-dia. De facto, “a presença de portugueses foi tão familiar para os venezuelanos, que passaram a formar parte da quotidianidade dos venezuelanos (...).”¹¹¹ Em cada esquina das cidades venezuelanas encontravam-se portugueses com os mais diversos comércio. Os portugueses eram conhecidos, e continuam a sê-lo, pela qualidade de produtos vendidos. Na Venezuela, a presença dos portugueses era uma constante, incidindo principalmente no comércio, conforme salienta Inácio Pereira

“[n]a expressão popular, os venezuelanos deixaram de dizer “*la bodega de la esquina*” (...) e passaram a utilizar e a popularizar “*el portugués de la esquina*” ou “*la bodega del portugués*”. Posteriormente, a popularidade se estendeu a: “*la panadería el portugués*”, “*el restaurante del portugués*”, “*el supermercado del portugués*” “*vamos a comer el portu*”, etc.”¹¹²

A citação vai ao encontro da elevada comunidade portuguesa que se instalou na Venezuela e aí fixou residência até aos dias de hoje. O Português, em geral, e o Madeirense, em particular, radicaram-se na Venezuela com o intuito de prosperar e de ganhar dinheiro. É conhecido, principalmente, pela aposta ganha no sector de distribuição alimentar, e pela gerência de grandes cadeias de supermercados, conhecidas em toda a Venezuela. De facto, é conhecido pelo espírito empreendedor. Assim, segue o lema: “eu posso, eu consigo e concretizo”. É de salientar, também, a presença de madeirenses em outros sectores: no político, no militar e no social.

Segundo Nancy Gomes, os portugueses estão, actualmente, bem integrados na Cultura, na sociedade e na vida económica venezuelana. Contudo, a segurança e o comércio são alvo de preocupação dada a onda de assaltos e de violência¹¹³. Assistimos quase todos os dias, através dos *media*, a notícias acerca da morte de madeirenses na

¹¹¹ *Ibidem*.

¹¹² *Ibidem*.

¹¹³ Veja-se sobre este assunto GOMES, Nancy, “Os Portugueses na Venezuela”, *Portugal, Brasil e a América Latina, Relações Internacionais*, n.º 24, 2009, p. 91.

Venezuela. Para muitos portugueses, estas notícias alarmantes simbolizam o fim do sonho, prevalecendo uma visão distópica de um país que outrora foi o país ideal.

Quanto à Emigração madeirense para o Brasil, no século XX, esta afigurou-se elevada, como salienta José Luís Garcia *et al*:

“[o] fluxo de emigrantes madeirenses para o Brasil apresentou entre 1953 e 1969, valores bastante significativos: entre 1953 e 1959, partiram do distrito do Funchal 13854 emigrantes, enquanto no período entre 1960 e 1969 se registaram saídas na ordem dos 7534”. (1998: 29).

A corrente emigratória madeirense manteve-se durante o século XX incidindo, também, nos Estados Unidos da América, conforme refere o historiador Rui Carita: “[embarcaram] cerca de 4000 pessoas para os Estados Unidos (...)” (2008: 528).

É de salientar que os emigrantes nos Estados Unidos da América eram, na maior parte, oriundos da Madeira e dos Açores. A Emigração para os EUA teve um grande impacto na comunidade civil, sendo até hoje recordada pelos madeirenses, como também pelos americanos¹¹⁴.

Em suma, as crises instaladas na Madeira e as situações de calamidade (fome, desemprego, desastres naturais) vividas na Ilha fizeram com que a “emigração (...) [fosse] uma questão de sobrevivência”¹¹⁵ para muitos madeirenses. Acalentados pelo sonho, iludidos com uma viagem “tranquila” e convictos de um futuro melhor, muitos partiram com finais distintos: muitos conheceram o sucesso; mas o insucesso, também, foi uma realidade. Procuraremos ver, seguidamente, como a Literatura espelha as duas faces da mesma moeda.

¹¹⁴ O impacto da Emigração madeirense para os EUA fez com que Brent Glass, director do Museu Nacional de História Americana do Smithsonian Institution, integrasse a Emigração da Madeira e de Portugal para os EUA na próxima exposição do museu, agendada para 2016. In <http://www.dnoticias.pt/actualidade/5-sentidos/251748-madeira-integrada-em-exposicao-do-smithsonian-em-2016> [consultado a 25 de Janeiro de 2012].

¹¹⁵ In CALDEIRA, Susana, *op. cit.* in PEREIRA, Odeta (coord.), *Newsletter* do CEHA, *op. cit.*, p. 14.

3.2 - A Madeira e as Representações do Emigrante na sua Literatura

*Emigrante, vou partir,
Levo uma esperança a sorrir
Dentro do meu coração.
Porque havia de chorar?
Porque não hei-de cantar?
Se vou em busca do pão?!*

*As minhas mãos calejadas,
Ao trabalho habituadas
Há-de abençoá-las Deus
Para que eu, enfim, garanta,
Isto que levo em garganta:
O bom futuro dos meus.*

*Vou à sorte. Breve embarco.
Uma vez dentro do barco
Sinta embora uma saudade,
Não hei-de partir aflito,
Pois me vibra n'alma o grito
Do dever e da vontade.*

*Adeus mãe, mulher e prole,
(...)*

*Adeus para sempre? – Não!
Os que partem voltarão
Felizes e Triunfantes.¹¹⁶*

¹¹⁶ *O Emigrante no Cancioneiro Insular* – Canção do Emigrante da Revista *Sol de Inverno* – Letra do poeta Mário Alves e Música de Edmundo da Conceição Lomelino in Mota de Vasconcelos, *Epopeia do Emigrante Insular – Subsídios para a Sua História. Movimento para a Sua Consagração*, Grafitécnica, Lisboa, 1959, p. 211.

A Literatura apresenta-nos cada vez mais assuntos relacionados com a Emigração. Com efeito, quer a poesia, quer a narrativa, quer o teatro não deixarão de relevar um conjunto de aspectos marcantes dessa realidade. Neste sentido, José Rodrigues de Paiva salienta que

“[o] tema da emigração na literatura é vasto e instigante como uma viagem, tópica tão antiga e tão universal nesta arte. Viagem de aventuras, às vezes, a da emigração, mas de muitas desventuras também (...) Desenraizamentos, frustrações, incompreensões, perda de identidade, preconceitos, segregação, desencontros de toda a espécie, conflitos entre gerações, dificuldades de comunicação, choques culturais, saudade, desejo do impossível regresso, sucessos e insucessos ... São tantas as coisas que a vida e a literatura têm visto no salto dramático do emigrante para o desconhecido!...” (2001: 93).

Seguindo esta linha de pensamento, na Madeira, alguns autores vão abordar a problemática das mobilidades que o Madeirense, também, conheceu. Assim, os múltiplos textos que pretendemos salientar focam essas viagens empreendidas além-mar e além-fronteiras, muitas vezes provocadas por questões financeiras.

Diga-se, desde já, que não abordaremos a poesia, muito embora a epígrafe “Trova do Emigrante”¹¹⁷ parece sugerir que, também, neste género literário a Emigração não tenha sido descurada. Nos textos que seleccionámos, romance, conto e teatro, iremos ver que os destinos escolhidos pelos madeirenses incidem principalmente no Brasil, na Venezuela e na África do Sul.

Sendo a Madeira uma terra de Emigração, a temática chave de muitas obras literárias incide neste fenómeno. Neste sentido, o presente estudo aborda as seguintes obras: *O Emigrante* (1978) de João França, *Torna-Viagem* (1979) de Horácio Bento de Gouveia, *A*

¹¹⁷ “Não sei se fico ou se parto./ Se parto, não sei se volto./ Espera-me além um barco/ Nas ondas do mar revolto./ Vou-me no sonho que passa/ Envolto em punhais de vento./ Meu coração é uma asa/ Que se casa com lamento./ Vou-me no barco sem rumo./ Perdido no alto mar;/ Parto em espirais de fumo./ Sem saber se vou voltar./ Vou-me e, comigo na dança/ Das brancas e altas ondas,/ Vais, minha Pátria-Criança,/ Ceifeira que o trigo mondas./ Sonho a bandeira vermelha,/ Mas levo espinhos na mão./ Nos olhos levo a centelha/ De olhinhos tristes sem pão./ Vou-me e levo comigo/ Trovas, versos e cantigas./ Barco, em cata de um abrigo./ Para onde vais, não me digas./ Não me digas que não posso/ Saber a verdade, não./ Já minha Pátria não vejo/ Chorar de rojos no chão./ Já minha Pátria não vejo/ Andar de ombros curvados./ Nas águas turvas do Tejo/ Deixei meus olhos pregados./ Deixei pregados meus pés/ Nas vielas de Lisboa./ Vejo, ao partir, do convés,/ Uma gaiivota que voa./ Do meu país me despeço./ Sou um povo peregrino./ Triste, parto e desconheço/ Qual o fim do meu destino.” In DIONÍSIO, Fátima, “Trova do Emigrante” in *Da Ilha que Somos* (coordenação e prefácio de A. J. Vieira de Freitas), Edição da Câmara Municipal do Funchal – Actividades Culturais, Funchal, 1977, pp. 57 - 58.

Santa do Calhau (1992) de Maria Aurora Carvalho Homem, *O Último Cais*¹¹⁸ (1993) de Helena Marques, *Angélica e a Sua Espécie* (1993) e “A Fonte” (1993) de Irene Lucília Andrade, *Os Íbis Vermelhos da Guiana* (2002) de Helena Marques, *Contos de Embarcar*¹¹⁹ (2002) de Lília Mata, “Telesfôro” retirado de *Já os Galos Pretos Cantam*¹²⁰ (2003) de José Viale Moutinho, *Uma Família Madeirense* (2005) de João França e *Linhas Retas e Curvas ou o Filho Que Perdi e...*¹²¹ (2011) de Maria do Carmo Rodrigues.

Nesse sentido, Leonor Martins Coelho refere que as obras¹²² que focam a problemática da Emigração “(...) são textos que parecem ilustrar a emergência de um novo “mito” literário”, seguindo, assim, a linha de pensamento de Eduardo Lourenço, para quem o “português-colonizador” é substituído pelo “português-emigrante”¹²³. Com efeito, num estudo de *O Emigrante* de João França, a académica aponta para a ambição do madeirense, lutando por uma vida melhor em terras desconhecidas possibilitando-lhe, deste modo, uma nova conformação social e identitária.

A Emigração abordada pelos escritores permite dar a conhecer aos leitores situações passadas que, directamente ou indirectamente, retratam a Ilha, a História e a sua população. Muitos emigrantes saem e nunca mais voltam. Para outros, a Madeira torna-se local de turismo ou porto de abrigo. Mas, os que saem, são retratados por uma escrita que insiste na procura de um futuro melhor. Nesse sentido, Leonor Martins Coelho refere que “[n]ascida sob o signo do sonho e da utopia, a Literatura que focaliza a problemática da

¹¹⁸ Este romance foi distinguido com o “Prémio Literário Revista Ler / Círculo de Leitores”, em 1992.

¹¹⁹ A obra foi distinguida com o “Prémio Literário “Escritor Horácio Bento de Gouveia” – Câmara Municipal de S. Vicente”, em 2001.

¹²⁰ Esta colectânea de narrativas breves foi distinguida com o “Prémio Eduardo Bettencourt / Câmara Municipal do Funchal”, 2003.

¹²¹ Este livro de Maria do Carmo Rodrigues foi distinguido com o “Prémio Nacional de Literatura “Lions de Portugal”, Edição 2007/2008.

¹²² É de salientar, também, o romance *Saias de Balão* (Na Ilha da Madeira) (1946) de Ricardo Jardim que trata da Emigração para o Brasil através da personagem Aníbal: “Mãe, já decidi: vamos para o Brasil!” (1946: 66) In JARDIM, Ricardo, *Saias de Balão* (Na Ilha da Madeira), 2.ª edição, Editorial Eco do Funchal, 1946. Esta obra foi adaptada ao teatro e encenada por Eduardo Gaspar no (MADS – Madeira Amateur Dramatic Society) Teatro do Funchal em 2004. Esta produção do MADS surge aquando da celebração dos 500 Anos do Funchal. In FERNANDES, Miguel Sa, *Saias de Balão (MADS) Teatro do Funchal 2004* in <http://miguelSafernandes.blogspot.pt/2011/01/saias-de-balao-mads-teatro-do-funchal.html> [consultado a 31 de Maio de 2012].

¹²³ In COELHO, Leonor Martins, “O Emigrante” de João França: Da Escrita à Representação Cénica” in PEREIRA, Odeta (coord.), *Newsletter* do CEHA, *op. cit.*, p. 4.

Emigração desdobra a imagem, as aventuras e desventuras de quem se afasta da terra matricial para regressar (transformado) às origens.”¹²⁴

Pretendemos, pois, dar a conhecer os vários tipos de emigrantes representados na Literatura, uma vez que ajuda a compreender o passado, mas também a compreender as atitudes dos emigrantes madeirenses.

Veja-se que no século XIX “ (...) predominava os [emigrantes] de origem pobre (...), posteriormente surgem as mulheres que assumem um papel fundamental e “passa[m] a representar parcelas cada vez maiores dos grupos de emigrantes (...)”. (SILVA, 2007: 11). Prevalencia o Emigrante pobre que embarcava com a ambição de adquirir riqueza e ter sucesso. O regresso à pátria era a forma de mostrar o que havia conquistado à custa de muitas dificuldades, pois “aqueles que sobreviviam ao ambiente hostil e às doenças voltava[m] ostentando pesados fios de ouro, relógios de ouro e prata, jóias (...) demonstrando o sucesso conseguido.” (SILVA, 2007: 19).

Assim, na Literatura dominará os torna-viagem que regressam a Portugal representando os portugueses bem-sucedidos. Contudo, o Emigrante fracassado que retorna à vida miserável, também, não é descurado.

No presente estudo, a Emigração madeirense retratada através de romances, de contos e de textos teatrais focará todos esses emigrantes, as razões que os levaram à partida, o local escolhido, assim como as consequências provocadas por esses fluxos migratórios¹²⁵.

¹²⁴ In COELHO, Leonor Martins, *Newsletter* do CEHA, *op. cit.*, p. 4.

¹²⁵ Neste sentido, muito embora não faça parte do *corpus* analisado, poder-se-ia salientar o texto “Agosto” de Nelson Veríssimo. De facto, Nelson Veríssimo retractou a vida dura, desassossegada e transgressiva de quem teve de lutar pela vida. O conto “Agosto” de Nelson Veríssimo apresenta-nos o lado negro da Emigração através da exploração, exclusão, intimidação e morte dos personagens envolvidos. O relato da história de vida de um emigrante revela que trabalhava duro, mas não recebia nada. Era explorado pelo dono, até ao dia que num impulso empurrou-o borda fora. Este acto “libertou-o” de um inferno.

3.2.1 – Romance. Conto. Teatro: Afinidades

Apesar de terem aspectos que os distinguem, como a linguagem e a estrutura próprias do género em que se inserem, os textos seleccionados têm alguns pontos em comum: a temática da Emigração, bem como as múltiplas representações do Emigrante.

No dizer de Aguiar e Silva, o romance é o género literário que, ao longo dos tempos, tem vindo a “interessar-se pela psicologia, pelos conflitos sociais e políticos (...)” (1992: 671). Para além do mais, conforme advogam Carlos Reis e Ana Cristina Lopes, o romance, tal como o conto, é “um género narrativo de larga projecção cultural, fruto de uma popularidade e de uma atenção por parte dos seus cultores que, sobretudo a partir do século XVIII, fez dele decerto o mais importante dos géneros literários modernos.” (1992: 348).

Nesse sentido, Vítor Manuel de Aguiar e Silva afirma que “o romance transformou-se, no decorrer dos últimos séculos, mas sobretudo a partir do século XIX, na mais importante e mais complexa forma de expressão literária dos tempos modernos.” (1992: 671).

O romance é abrangente e mais amplo do que o conto conforme enunciam Carlos Reis e Ana Cristina Lopes: “as dimensões e a profundidade (...) fazem do romance um género narrativo distinto do conto (...)” (1992: 350). A profundidade e a dimensão do romance, devido à extensão da acção, à envolvimento de histórias secundárias e a problemas de ordem social, política e cultural que envolvem as personagens, dão a oportunidade ao leitor de adquirir mais informação e a interiorizar a história narrada. As personagens surgem aliadas a conflitos e, por vezes, a traumas que se prendem ao passado.

O romance pode abordar temas da actualidade, da sociedade ou da História, ou seja, temas com fundamento social, político e histórico, fazendo, assim, uso de acontecimentos reais para a criação de uma história ficcional.

A evolução do romance fez, também, do romancista um exemplo para muitos dos leitores, pois “[o] romancista (...) transformou-se num escritor prestigiado em extremo, dispondo de um público vastíssimo e exercendo uma poderosa influência nos seus leitores.” (SILVA, 1992: 671). Parecem, assim, estar equacionados todos os aspectos que contribuíram para fazer do romance um género de eleição.

Todavia, também, o conto envereda pelo tratamento de um certo “real” cativando, naturalmente, o leitor. Não será, pois, de estranhar que romance e conto tenham tido sucesso nesta margem do Atlântico.

Para o romance, a título de exemplo surgem as obras *Torna-Viagem* de Horácio Bento de Gouveia, *Uma Família Madeirense* de João França, *Linhas Retas e Curvas ou o Filho Que Perdi e...* de Maria do Carmo Rodrigues¹²⁶, *O Último Cais e Os Íbis Vermelhos da Guiana* de Helena Marques e *Angélica e a Sua Espécie* de Irene Lucília Andrade. Estas narrativas descrevem uma problemática presente na vida dos madeirenses, assim como as representações dos emigrantes e as situações caricatas dos mesmos em terras distantes.

Torna-Viagem de Horácio Bento de Gouveia¹²⁷, o romance do Emigrante, conta duas histórias de Emigração que apresentam o sucesso e o insucesso deste fenómeno, em particular o caso bem-sucedido do casal Freitas (Francisco e Inês) e o fracasso do sapateiro Artur. Segundo Thierry Proença dos Santos, o termo “Torna-viagem” foca dois aspectos relevantes, pois “reenvia para a questão do regresso (...) [e] designa, na nossa tradição literária desde meados do séc. XVIII, o português que enriqueceu além Atlântico e que regressa à Pátria, endinheirado.”¹²⁸

A obra está dividida em duas partes: a primeira intitula-se as “Vidas Ignoradas” e a segunda “O Emigrante”. Na primeira parte, sobressaem o casal Freitas e o sapateiro Artur. O casal Freitas emigra devido aos problemas económicos que assombraram o pequeno investimento que tinham no comércio. Já o sapateiro Artur emigra devido aos poucos lucros que advêm da sua profissão, visto ter formado família e o dinheiro ser uma necessidade acrescida. A segunda parte aprofunda as histórias de Artur e do casal Freitas, assim como dos outros filhos da Achada, que partiram para o Brasil e, posteriormente, para a Venezuela na ânsia de conquistarem um lugar de destaque.

Artur acaba por perder o pouco que ganhou, pois o vício das mulheres leva-o à ruína, acabando por voltar, passados trinta e cinco anos, para a mulher que havia abandonado. O

¹²⁶ Pela sua extensão, o livro de Maria do Carmo Rodrigues foi colocado conjuntamente com os romances para se distinguir do conto.

¹²⁷ Veja-se o *site* sobre Horácio Bento de Gouveia – Editado e Coordenado por António Pires & Thierry Proença dos Santos, 2004 in <http://www3.uma.pt/hbento/> [consultado a 20 de Novembro de 2011].

Entre as obras de destaque de Horácio Bento de Gouveia estão *Ilhéus/Canga* (1949, 1.^a edição/ 1960, 2.^a edição/ 1975, 3.^a edição), *Lágrimas Correndo Mundo* (1959), *Águas Mansas* (1963), *Alma Negra e Outras Almas* (1972), *Margareta* (1980) e *Luísa Marta* (1986).

¹²⁸ In SANTOS, Thierry Proença dos, “Figurações da Emigração Madeirense na Narrativa de Horácio Bento de Gouveia” in PEREIRA, Odeta (coord.), *Newsletter* do CEHA, *op. cit.*, p. 8.

casal Freitas, graças à sua garra e esforço, vence e dá origem a uma história de sucesso empresarial na Venezuela. Contudo, este sucesso apresenta o reverso da medalha, pois há o desprender das raízes e o desprezo pelas origens, como é caso da filha Anabela. Efectivamente, a Emigração assume na obra de Horácio Bento Gouveia uma pressão social e psicológica para a qual muitos emigrantes não se encontram preparados para enfrentar.

João França¹²⁹, na obra *Uma Família Madeirense*, retrata a realidade de uma família madeirense durante o Estado Novo culminando na Revolução do 25 de Abril de 1974. A obra apresenta histórias de Emigração que se interligam e descrevem a realidade da época. A personagem Ricardo Meireles emigra para Londres onde se depara com uma nova visão, ideologia e mentalidade política e social, regressando mais tarde à Ilha formado em medicina. Já Quim Talaia, emigrante forçado, emigra para a Venezuela por divergências com o comendador Bonifácio. A passagem pela Venezuela foi marcada pela dureza do trabalho. Talaia apresenta-se como o emigrante retornado que regressa à Madeira com desejo de vingança. Esta vingança contra o comendador fá-lo dirigir-se à sua casa para o ajuste de contas. Quanto ao marido de Rosa Sabina (empregada do comendador), este emigra para a África do Sul. Contudo, regressa sem nada e doente, acabando por falecer deixando a esposa sem eira nem beira. Em *Uma Família Madeirense*, poder-se-á dizer que o cruzamento destas três histórias dá a conhecer a realidade madeirense e os problemas de uma sociedade fechada e hierarquizada.

Por sua vez, Maria do Carmo Rodrigues¹³⁰ apresenta, em *Linhas Retas e Curvas ou o Filho Que Perdi e...*, duas histórias distintas que descrevem situações ligadas à Emigração, narrando as histórias do “Poeta” (Manuel da Volta) e de José Bonifácio (filho do Fraldica). Apesar das diferenças, ambas as histórias focam a Emigração e as suas consequências, assim como o retorno de muitos emigrantes. A acção destas duas histórias remonta ao salazarismo e, ainda, à Guerra Colonial.

Manuel da Volta deseja uma oportunidade para vencer. Aos doze anos emigra para os Estados Unidos da América (Boston), pois ambicionava viver numa sociedade

¹²⁹ De João França destacam-se as obras seguintes: *Ribeira Brava* (1953), *O Drama do Bobo* (1964), *Um Mundo à Parte* (1970), *A Ilha e o Tempo* (1972) e *Poema Ilhéu: Mar, Terra, Gente* (1993).

¹³⁰ Entre as obras de recepção infantil de destaque de Maria do Carmo Rodrigues estão *Dona Trabucha, a Costureira Bucha* (1964), *O Vencedor* (1973), *Sebastião, O Índio* (1982), *À Porta do Teu Coração* (1988), *A Jóia do Imperador* (1992), *A Mensagem Enigmática* (1993), *Estou a Crescer* (1999), *João Gomes do Gato* (2002), *Aventuras de Chico Aventura* (2005) e *1+1=2 Gatos* (2012).
Veja-se, também, o site da escritora in <http://www.mariadocarmorodrigues.com/> [consultado a 20 de Dezembro de 2011].

igualitária. Em Boston, conhece e contrai matrimónio com Rosemary acabando por radicar-se lá. Com a morte da sua amada, o “Poeta” resolve voltar à terra natal. Todavia, quando retorna à Madeira confronta-se com um passado muito presente, do qual fazem parte amigos e família. É de salientar a personagem Natalinha, o amor da sua infância, que se tornou uma mulher da vida sendo “condenada” pela sociedade. Ora, no final da narrativa, o “Poeta” assume um papel fundamental, pois decide ajudar a amiga de infância. Assim, em contacto com um passado que, ainda, está presente na sua memória, demonstra, também, um comportamento generoso que a Emigração não quebrou.

Quanto a José Bonifácio, a história prende-se com o desejo de fazer fortuna. Bonifácio emigrou para a África do Sul, casou com Maria dos Prazeres e radicou-se em Pretória. Quando retornam à Ilha, surgem ricos e com hábitos e mentalidade diferentes. As características que sobressaem são a arrogância e a ostentação, típicas dos novos-ricos. Por mero capricho, Bonifácio deseja comprar o Solar da Volta, ostentando, assim, a sua riqueza. A arrogância de Bonifácio é, ainda, mais visível na imposição do seu poder aos empregados. Contudo, demonstra a sua ignorância ao descobrir que na Ilha, também, há quem conheça outros horizontes de línguas estrangeiras, nomeadamente francês. Há, por parte de Bonifácio, vergonha em relação ao local de origem e ao seu passado. Salientamos, ainda, o cruzamento de outras histórias, como é caso da vida de Carolina, em Bruxelas. Porém, é uma história de Emigração recente, muito semelhante à situação actual da Madeira e de Portugal Continental. Trata-se, agora, de uma emigrante formada que tem uma situação estável na Bélgica.

As histórias familiares que descrevem as saídas de indivíduos para terras distintas são uma constante nos romances, como é o caso das obras de Helena Marques¹³¹: *O Último Cais* e *Os Íbis Vermelhos da Guiana*.

O Último Cais conta a história dos Villa de Malta que (e)migraram para a Ilha da Madeira e aí se radicaram formando raízes. Além disso, aborda, também, os cruzamentos das famílias Passos e Vaz de Lacerda, assim como todas as peripécias e fatalidades dessas famílias. A história centra-se no casal Raquel Passos e Marcos Vaz de Lacerda. Marcos, um ilustre médico, viaja por vários locais, deixando na Ilha Raquel (descendente de André Villa). Apesar de ser descendente de emigrantes, Raquel nasceu e cresceu na Madeira sem nunca de lá sair. Deseja emigrar para Malta (La Valleta) com o intuito de conhecer a terra

¹³¹ A obra de Helena Marques é extensa. Salientamos, apenas, alguns títulos: *A Deusa Sentada* (1994), *Terceiras Pessoas* (1998), *Ilhas Contadas* (2007) e *O Bazar Alemão* (2010).

dos seus antepassados. Todavia, por circunstâncias da vida, o casal Raquel e Marcos acaba por viajar para a Guiana Britânica. Esta viagem permite a Raquel comparar o Funchal a Georgetown, tirando, assim, algumas ilações. Um Emigrante quando está fora tem tendência a comparar o desconhecido com o conhecido. É interessante verificar a situação de alguns membros da família Passos que emigram para a América, nomeadamente para os Estados Unidos da América, vindo, mais tarde, a ter influências na Ilha como é caso de John dos Passos. Há referência ao longo da história aos fluxos emigratórios, tendo sempre por foco principal a Emigração dos Villa, uma vez que emigraram, também, para Angola, Brasil, Açores, acabando por se fixarem na Ilha da Madeira.

Em *Os Íbis Vermelhos da Guiana*, Helena Marques aborda a Emigração madeirense para a Guiana, uma Emigração curiosa, protagonizada em grande parte pela burguesia madeirense do século XX. O romance narra a história da família Adams. Simão emigrou jovem para a Guiana e aí se radicou e formou família. É a história de um emigrante madeirense que emigra para ter sucesso. Além disso, conta as peripécias, as fatalidades, os sucessos, os insucessos, os amores e os desamores de uma família que tem Simão como chefe de família.

A obra divide-se entre vários espaços, como a Madeira, a Inglaterra e a Guiana. A presença das quatro gerações Adams complementa a história e enriquece-a. A narrativa apresenta duas histórias que se cruzam: a de Simão e a da sua bisneta Anne. Constantemente em viagem, em Anne há, agora, o desejo de conhecer o passado, os seus familiares e a história do seu bisavô. Os Adams diferenciam-se pelo sucesso e insucesso das suas mobilidades, destacando-se os Adams da quarta geração, nomeadamente através do sucesso de Simão. De qualquer forma, ao longo da obra, encontramos os Adams espalhados pelos vários cantos do mundo simbolizando, assim, o impacto da Emigração no século XX.

Outro caso de Emigração bem-sucedida surge na obra *Angélica e a Sua Espécie* de Irene Lucília¹³² Andrade através da personagem Rosa Panchera. Diga-se, porém, que a problemática da Emigração não é o tema central deste texto. Contudo, se é tempo da descoberta para Angélica nos seus múltiplos percursos por Lisboa e Paris, a questão do Emigrante que sai da Ilha e à terra volta, também, foi frisada pela escritora.

¹³² Irene Lucília Andrade publicou, por exemplo, *Ilha que É Gente* (1986), *Porque Me Lembrei dos Cisnes* (2000), *Água de Mel e Manacá* (2002), *A Penteadada ou o Fim do Caminho* (2004) e *Da Fábula... Ao Mote* (2011).

Com efeito, Irene Lucília Andrade aborda a vida miserável dos madeirenses das zonas rurais durante o regime salazarista, salientando as más condições económicas que culminavam na Emigração. Aborda, ainda, o êxodo rural. De facto, muitos madeirenses deixam as suas casas no interior deslocando-se para as zonas urbanas. Quanto à questão da Emigração, ela é tratada através da personagem Rosa Panchera. Esta personagem deseja emigrar de modo a encontrar uma terra rica que lhe permita concretizar todos os seus objectivos. Num primeiro momento, Panchera ambiciona emigrar para França e, mais tarde, para a Bélgica. Porém, acaba por emigrar para os Estados Unidos da América (Boston). A Emigração contribuiu para que Rosa Panchera se tenha tornado numa mulher vivida, experiente e globalizada. O texto salienta, assim, os dois casamentos, os locais visitados (México e Nova Iorque) e as línguas aprendidas (inglês e castelhano). A Rosa Panchera do pós-25 de Abril tornar-se-á uma mulher diferente, apresentando-se como uma senhora viajada e culta, mas com o passado sempre presente na sua memória.

Por sua vez, o conto, “normalmente definido e analisado em conexão com aqueles géneros narrativos e em particular com o romance” (REIS e LOPES, 1990: 76), também, permitirá tocar estas disforias da vida. É certo que em termos de dimensões se distingue do romance. Neste sentido, Carlos Reis e Ana Cristina Lopes advogam que “(...) [a] reduzida extensão do conto [verifica-se através da] acção, [d]a personagem e [d]o tempo.” (1992: 77).

O conto é mais curto, rápido e directo, pois não faz uso de muitos pormenores vai logo ao cerne da questão. Digamos que o conto apresenta-se como um sumário “desvalorizando simultaneamente a pausa descritiva.” (REIS e LOPES, 1992: 78). Foca aspectos mais pertinentes, que passam despercebidos no romance. Além disso, é de fácil leitura, aconselhado para os mais jovens, nomeadamente as crianças. Contudo, é lido por todas as idades. Relativamente à linguagem, esta surge, por vezes, menos cuidada, apresentando expressões típicas dos falares de uma determinada região. Se no romance de Horácio Bento de Gouveia a linguagem do rural era já transcrita, alguns contos analisados, também, não descuram esses falares e dizeres característicos da Madeira e da sua população.

Para o presente estudo, os contos em análise são *O Emigrante* de João França, “A Santa do Calhau” de Maria Aurora Carvalho Homem, “A Fonte” de Irene Lucília Andrade, “Telésforo” de José Viale Moutinho, em *Já os Galos Pretos Cantam*, e *Contos de*

Embarcar de Lília Mata. Estes contos focam a realidade madeirense de uma forma simples e directa, incidindo em aspectos característicos da Ilha e do Emigrante, como é o caso da religiosidade, as dificuldades e os custos de uma vida sofrida e necessitada, os casamentos por procuração, a ostentação de quem regressava, entre outros.

Em *O Emigrante* de João França a história de sucesso de Crispim Americano cativa a atenção da população, principalmente de Rique Brás. Conforme salienta Leonor Martins Coelho:

“O emigrante” de João França apresenta-se (...) como um registo histórico-social, sublinhando quer a emigração bem-sucedida, protagonizada por Crispim Americano, quer a emigração almejada, mesmo que não realizada, como acontecerá com Rique Brás.”¹³³

Com efeito, Crispim Americano conquistou riqueza em Filadélfia (Estados Unidos da América) através de trabalho árduo. Por conseguinte, ambicionava para a sua filha um futuro risonho com alguém do mesmo estatuto. Assim, a relação de Mariquinhas e Rique estava condenada. Rique Brás decide, então, emigrar para ganhar dinheiro para estar à altura da filha do Americano. Contudo, não tinha noção dos sacrifícios e dos problemas que advêm da Emigração.

A sua maior ambição visava conquistar e ganhar fortuna para demonstrar a Crispim Americano o seu valor, vingando-se da humilhação que este lhe fez passar, ao inferiorizá-lo, sobretudo, num episódio marcante da narrativa. Com efeito, velho Crispim fecha-lhe a vedação da sua propriedade reafirmando com este gesto o seu desacordo. Gesto que irá despoletar em Rique a ânsia de partir. Porém, é de salientar o papel da mãe do jovem que estava reticente em relação à decisão do filho, pois perderiam tudo em prol de uma ilusão. A Emigração tinha os seus custos e muitas famílias perdiam tudo ao apostarem neste passo tão importante e ao hipotecarem os poucos haveres que tinham. Rique Brás acabará por ceder ao sentimento materno. O texto alude às histórias de familiares que emigraram sem sucesso. Acresce, ainda, o sentimento de culpa de Rique. Assim, ele acaba por desistir ficando na Madeira. Porém, a sua decisão prende-se, sobretudo, com a sua fraqueza.

¹³³ In COELHO, Leonor Martins, *op. cit.* in PEREIRA, Odeta (coord.), *Newsletter* do CEHA, *op. cit.*, p. 5.

Por sua vez, “A Santa do Calhau” de Maria Aurora Carvalho Homem¹³⁴ apresenta o típico Emigrante que emigra para ganhar dinheiro. Quando regressa à sua terra natal, esbanja riqueza e ostentação. O conto enaltece duas personagens Justino e Evangelino Feijão. Os primeiros passos que o Justino dá incidem nas mudanças na casa dos pais, assim como na abertura de um bar e de uma mercearia. Por sua vez, Evangelino Feijão, emigrante na Venezuela, quando regressa à terra natal, ostenta belas vestes, ouro, lantejoulas e charutos, sublinhando, deste modo, a riqueza adquirida. O texto frisa, ainda, o encontro de culturas que a Emigração proporciona, patente na mistura de idiomas que o regressado tende a ostentar.

Em todo o caso, saliente-se o compromisso de um dos protagonistas. De modo a agradar a população, Evangelino Feijão compromete-se em trazer uma santa para ornar o altar, estando, assim, presente a importância da religião. De facto, é na fé que muitos emigrantes se agarram aquando das dificuldades. O irónico desta situação prende-se com a originalidade da imagem da santa, uma vez que é a imagem fiel de Amelinha, uma mulher da vida.

O Emigrante retornado é, também, analisado no conto “A Fonte” de Irene Lucília Andrade. O conto narra o regresso da personagem principal à Ilha da Madeira. Porém, a configuração actual da sua terra sublinhará a perda das referências paisagísticas, familiares e afectivas. Compreender-se-á que se apresse em regressar à terra de acolhimento, longe das raízes e de um passado que não volta mais.

Este regresso à Ilha é nostálgico, pois está envolto num misto de saudade do passado. A personagem anseia reviver o passado, recuperando o que deixou para trás, nomeadamente locais, cheiros, objectos e a mulher amada (Nivalda). A diferença ocorrida com o desenvolvimento da Ilha faz com que o retornado não reconheça a terra que outrora conheceu.

No texto, a fonte assume um papel fundamental, pois era o local de encontro com Nivalda. Para este emigrante simbolizava a lembrança de uma época feliz. A fonte, agora

¹³⁴ Outro conto relevante de Maria Aurora Carvalho Homem é “O Último Arpoador” que trata da temática dos baleeiros, enunciada no ponto 2. O regresso de Francisco, após 20 anos no mar, conduz a acção no referido conto. In VERÍSSIMO, Nelson (org.), *Contos Madeirenses*, 1.ª edição, Campo das Letras, Porto, 2005.

Entre as obras de destaque de Maria Aurora Carvalho Homem estão *Ilha a Duas Vozes* (1988), *Para Ouvir Albinoni* (1995), *Discurs(ilha)ndo* (1999) e *Leila* (2005). Relativamente às obras de recepção infantil destaque para *A Cidade do Funcho* (2008), *O Anjo Tobias e a Rochinha de Natal* (2009) e *A Fada Íris* (2010).

em ruínas, traz à memória bons momentos. Porém, a personagem sabe que dificilmente os recuperará na sua vida presente.

De igual modo, “Telésforo”, na obra *Já os Galos Pretos Cantam* de José Viale Moutinho¹³⁵, aborda, também, o Emigrante retornado. O conto apresenta a personagem Telésforo Gouveia que, ao retornar à Madeira, surgirá como o emigrante que ambiciona comprar tudo aquilo que nunca teve. A residência principal do emigrante é a Quinta do Penedo Branco, onde a opulência e a grandeza estão presentes.

Este emigrante não liga a meios e a custos para tornar a Quinta num local diferente e vistoso. O emigrante passa despercebido aos olhos da população que não desconfia do seu propósito megalómano. As viagens empreendidas pelo emigrante visam adquirir uma multiplicidade de objectos do Oriente e do Norte de África para, assim, transformar uma moradia num mundo aparatoso.

Telésforo é visto como o emigrante “ditador” que se impõe pela força e pelo poder, visto que adquiriu riqueza através da exploração dos mais fracos. Surgem trabalhadores precários que Telésforo mantinha fechados numa pensão em Machico a lembrar, de certo modo, a “escravatura” dos tempos modernos. Com efeito, são imigrantes dos países de Leste que edificam o seu “reino”. O desejo deste emigrante madeirense é construir um mundo só seu, onde é senhor e rei dos seus súbditos. A ideia de que o dinheiro compra tudo reenvia, na escrita de Viale Moutinho, para a crítica ao abuso do poder político actual. Em todo o caso, um dos problemas que muitos emigrantes madeirenses enfrentam lá fora é praticado, ironicamente, por um madeirense na sua terra mãe. De qualquer forma, este emigrante retornado vê a sua emergência como uma possibilidade para ostentar uma certa superioridade.

¹³⁵ Sobre os contos de José Viale Moutinho, veja-se a antologia organizada e prefaciada por Diana Pimentel. In MOUTINHO, José Viale, *In Fabula – Aves Gatos Gregos Ocasos*, Antologia de quarenta anos de contos e poemas – organizada e prefaciada por Diana Pimentel, 1.ª edição, Exodus, Vila Nova de Gaia, 2008.

A obra de José Viale Moutinho é extensa. Salientamos, apenas, *No País das Lágrimas* (1972), *Romanceiro da Terra Morta* (1988), *Hotel Graben* (1998), *Cenas da Vida de um Minotauro* (2002) e *Quarenta Cavalos Num Vagão* (2010). Relativamente a obras de recepção infantil, destacamos *Manhas de Gato Pardo* (1977), *O Adivinhão* (1979), *Fernando Pessoa (O Menino de sua Mãe)* (1995), *365 Histórias* (2002), *A História de William: A Possível Infância de Shakespeare* (2005), *Histórias da Deserta Grande* (2006), *A Menina da Janela das Persianas Azuis* (2008), *Os Meus Misteriosos Pais* (2009) e *O Livro da Luizinha. Fábulas Completas de Trindade Coelho* (2012).

Em *Contos de Embarcar*, Lília Mata¹³⁶ narra, através de três contos, histórias da população madeirense com o intuito de, também, dar a conhecer situações que caracterizam a Emigração insular. As personagens desejam obter uma vida melhor e emigram para o estrangeiro, nomeadamente para a Venezuela, para o Curaçau e, ainda, para o Canadá.

Os contos incidem na saída, na viagem e no regresso das personagens principais. O primeiro conto salienta o embarque feito no cais do Funchal e as promessas (envio de cartas e dinheiro) antes da partida. Os rapazes deixam para trás as noivas e emigram com o intuito de ganharem dinheiro. Porém, o regresso é sempre adiado levando, assim, a traições. Os destinos de eleição são a Venezuela e, mais tarde, o Canadá.

O segundo conto foca a Emigração para a Venezuela como fuga ao recrutamento militar. Um dos temas abordados é o casamento por procuração e os problemas que advêm desta situação: incompatibilidades de feitios, bebida e ciúmes. Este conto releva, ainda, uma situação muito comum aos emigrantes, sublinhando o texto a grandeza e o sedentarismo de muitos deslocados. Nesse sentido, a personagem José Carlos só trabalhava quando lhe apetecia, afinal era emigrante e havia conhecido o mundo além-Atlântico.

Por último, o terceiro conto narra uma inversão de papéis, pois é a mulher, Maria da Paz, que embarca para o Curaçau com o objectivo de ganhar dinheiro para, mais tarde, enviar ao noivo e, assim, poder casar por procuração. Todavia, as fatalidades da vida (Maria da Paz a bordo do navio muda a visão da sua vida) levam a que ambos, Maria da Paz e João Abel, optem por caminhos diferentes. Por ironia do destino, João Abel acaba por casar e emigrar para a Venezuela.

A obra de Lília Mata resume, de uma forma simples e cativante, situações emigratórias que nos são familiares, visto que a autora “transcreve para os três contos (...) o sentir, a ansiedade, a esperança e até por vezes os desencontros (in)voluntários de várias raparigas em relação aos seus prometidos.”¹³⁷

Assim como o conto, o teatro cativa o público através de histórias de encontros e de desencontros. Segundo Elina Baptista, “[o] Teatro é, desde tempos imemoriais, uma forma

¹³⁶ Lília Mata escreveu *Histórias do Bertoldinho* (1988), “Lenda do Cavalum” (in *Lendas da Madeira para Crianças* – 2011) e *A Nuvem Que Queria Chover Onde Era Preciso* (2012).

¹³⁷ In MENDONÇA, Duarte Miguel Barcelos, “Contos de Embarcar”, de Lília Mata - *A Emigração Madeirense Retratada na Literatura*, Fórum Madeirense, *Portuguese Times – New Bedford, Mass*, 2010, p. 1 in http://www.portuguesetimes.com/Ed_1858/Cronicas/diacron%2010.htm [consultado a 20 de Outubro de 2011].

de comunicação do homem e, simultaneamente, uma forma de Arte”, como também “retrata as inquietações do Homem.” (2008: 24).

Interessa-nos verificar como *O Emigrante* de João França, na sua versão dramaturgica, dá conta da problemática em análise. Com efeito, quer no texto narrativo, quer no texto teatral, a Emigração é o foco central da acção. Conforme salienta Leonor Martins Coelho, “[o] texto teatral, concebido pelo autor como comédia, foi publicado juntamente com o conto e retoma a mesma problemática.”¹³⁸ É de salientar que o Teatro Experimental do Funchal (T.E.F.) pôs em cena o texto¹³⁹ de João França, sob o título *Quase Por Acaso um Emigrante*¹⁴⁰, respeitando a “estrutura da comédia concebida pelo autor.”¹⁴¹

Tal como no conto, prevalece na comédia as expressões e a linguagem típicas, dando, assim, um maior realismo à escrita. Trata-se de uma prática comum no que diz respeito ao teatro, uma vez que “[a] imaginação do autor inspira-se na realidade, identifica o espírito do país [e] perpetua-o em termos de memória histórico-cultural (...).” (BAPTISTA, 2008: 24). Apesar de João França o classificar como “comédia”, o texto teatral comporta dor, preocupação e amargura. De facto, o drama da Emigração está presente, permitindo, também, a esta escrita exaltar um tema sensível para a sociedade. Deste modo, a peça de teatro de João França têm por objectivo fazer o público reflectir acerca do tema. Assim, este autor constitui-se como um marco essencial para o tratamento da Emigração.

Em suma, o romance, o conto e o teatro assumem um papel fundamental no presente estudo. São três géneros diferentes de abordar o tema da Emigração. São, pois, três possibilidades de sentir as ânsias e as amarguras desses deslocados em busca de uma nova conformação.

¹³⁸ In COELHO, Leonor Martins, *op. cit.* in PEREIRA, Odeta (coord.), *Newsletter* do CEHA, *op. cit.*, p. 5.

¹³⁹ Existem algumas diferenças entre o texto de João França e a encenação do T.E.F.: na encenação do T.E.F., a história inicia-se com a morte do pai de Rique Brás. No conto, só é referida a morte do pai um pouco depois da apresentação da história, quando Rique decide embarcar; o vendeiro que surge no fim do conto, na encenação torna-se numa vendeira. O conto sublinha que a Emigração Madeirense visava essencialmente o sexo masculino; por fim, algumas observações em relação ao protagonista por parte do encenador ao sublinhar que “por um lado, o retrocesso da decisão que Rique tinha tomado (devido em parte à tristeza que tomara conta da mãe e motivado pelo facto de o namoro com Mariquinhas ser uma inclinação passageira, um capricho do momento), por outro, o alcoolismo e a bazófia que caracterizam [o jovem camponês].” In PEREIRA, Odeta (coord.), *Newsletter* do CEHA, *op. cit.*, p. 7.

¹⁴⁰ Veja-se o anexo 4.

¹⁴¹ In PEREIRA, Odeta (coord.), *Newsletter* do CEHA, *op. cit.*, p. 6.

3.2.2 – Partidas: Ânasia, Desejo, Frustrações

(...)
*Quando parte o Emigrante
Da sua terra querida
Leva uma mala na mão
Uma mágoa no coração
E uma triste despedida
(...)*

*E se algum dia regressa
À sua terra natal,
Leva uma grande alegria,
E lá na sua freguesia
Tem amor e festa no seu lar.
(...)*

Tiago Baptista Neves, *Fadário do Emigrante Português*¹⁴²

¹⁴² In Revista Luso-Venezuelana *Saudade*, n.º 29, ano IV, Junho-Julho, 1994, p. 46.

Como tivemos a oportunidade de referir, a Ilha da Madeira é conhecida como uma terra de emigrantes, de onde partiam inúmeros homens e mulheres à procura de melhores condições económicas e sociais. A procura de uma vida melhor e a ambição de enriquecer eram, de facto, dois dos principais objectivos de quem embarcava para terras distantes.

Pretendemos, agora, debruçar-nos sobre as partidas, incidindo na ânsia de partir, no desejo de melhorar de vida e, em alguns casos, na frustração que as partidas poderiam provocar.

As partidas estão repletas de uma forte carga emocional, uma vez que as viagens duravam longos períodos. Nesse sentido, Duarte Mendonça salienta a dicotomia entre os que ficavam e os que partiam, uma vez que “[a] uni-los ficavam apenas as saudades e a esperança de um reencontro num futuro que sempre se quis breve.”¹⁴³

As saídas permitem conhecer situações de vária ordem: o leitor fica a conhecer as más condições económicas, o desejo de enriquecer, a ambição em afirmar-se socialmente, a vontade de prosperar profissionalmente, a ânsia e desejo de conhecer o desconhecido, o sonho de atingir a liberdade e a igualdade, e, em alguns casos, a Emigração forçada ou os problemas que a Emigração acarretava.

A hora do embarque era dramática, pois “[a] família [vinha] toda à despedida” (MARQUES, 1993: 86), uns davam abraços, outros beijos envoltos em lágrimas e nostalgia. Veja-se a emoção no seguinte excerto:

“[a]o embarcarem-se no cais, (...) num abraço que parecia não mais apartar-se, beijou (...) lacrimejando; (...) chorou mesmo com a remordente saudade de ausência dolorosa de alguém que deixou retratada na memória a presença de suas sensações.” (GOUVEIA, 1979: 143).

Nesse sentido, no texto de Irene Lucília Andrade afirma-se que “[a] pesar das incertezas, no cais de partida o abraço conterà sempre o sinal dum augúrio feliz.” (1993: 140). As despedidas no cais eram repletas de sentimento, mas também de preocupação por parte dos familiares e namoradas: “– [t]em cuidado na viagem, está bem?” (MATA, 2002: 11).

¹⁴³ In MENDONÇA, Duarte Miguel Barcelos, “Contos de Embarcar”, de Lília Mata - *A Emigração Madeirense Retratada na Literatura*, Fórum Madeirense, *Portuguese Times – New Bedford, Mass*, 2010, p. 1 in http://www.portuguesetimes.com/Ed_1858/Cronicas/diacron%2010.htm [consultado a 20 de Outubro de 2011].

As promessas eram, também, uma constante: “– [p]rometes que vais escrever sempre, que não vais te esquecer de mim?” (MATA, 2002: 11). No entanto, as promessas visavam particularmente o envio de dinheiro, a ida da restante família para o local de acolhimento e o casamento por procuração. O envio de dinheiro simbolizava uma ajuda para a namorada ou familiar que ficavam na Ilha. O texto de Lília Mata é, neste contexto, significativo, conforme salientado pela seguinte citação: “[d]epois do dinheiro para a máquina mandou-lhe dinheiro para um cordão de ouro.” (2002: 15). Note-se que o cordão de ouro simboliza o selar do compromisso entre o jovem emigrado e a namorada que ficou na terra mãe.

A maior parte dos emigrantes, do sexo masculino e com família, emigrava primeiro para, posteriormente, chamar filhos e esposa. Horácio Bento de Gouveia não deixará de focar esta situação: “– [e]m muito poucos anos espero em Deus mandar-te buscar mais os filhos.” (1979: 93). Outros, na ânsia de mais tarde viajarem para junto dos maridos, casavam por procuração: “[n]ão havia remédio senão fazer o casamento por procuração. Maria do Rosário não seria a primeira nem a última a ir à igreja de braço dado com o pai, dizer-lhe que sim, fazendo de conta que era o noivo quem estava ali ao seu lado.” (MATA, 2002: 28).

Em alguns casos, os casamentos por procuração eram marcados de acordo com a data da viagem das esposas para o local de acolhimento, conforme salientado pela escrita de Lília Mata: “(...) marcou-se o casamento para uma segunda-feira (...) e a viagem para daí a dez dias.” (2002: 28). Contudo, nem todas as promessas eram levadas a cabo pelos emigrantes. Surgiam problemas, nomeadamente traições por parte a parte. Em *Contos de Embarcar*, Maria da Trindade trai António e fica grávida de outro homem: “[o] rapaz estava embarcado há dois anos, é verdade que lhe escrevia sempre mas um filho não se pode fazer por carta.” (2002: 16).

Já em *Torna-Viagem*, o sapateiro Artur trai Maria Clara logo que se encontra dentro do navio, esquecendo a família que ficou para trás: “[n]otou (...) que uns olhos de moça bonita o miravam de relance. Esvaiu-se a tristeza.” (GOUVEIA, 1979: 98).

Os motivos que conduziam às saídas eram vários. No entanto, prevaleciam as más condições económicas, provocadas pela conjuntura económica da época. O pouco que tinham era escasso e o desejo de melhorar a vida era cada vez maior: “[a] gente temos de

sair da cepa torta. Vou ganhar dinheiro p'ra mercar uma casa, uma fazenda, um vaca, cabras, ovelhas, tudo quant' é bom. Amecê vai ser rica. Vai ver.” (FRANÇA, s/d: 70).

Note-se que os mais pobres apenas ambicionavam por uma vida desafogada de problemas financeiros: “[s]ó quero melhorar a vida. Já tou farto d’andar de chapéu na mão, a pedir trabalh’ aos outros. E sempre na mesma miséria.” (FRANÇA, s/d: 72).

A vivência na Ilha era cada vez mais difícil, uma vez que a pobreza se afirmava de dia para dia. Assim, tornava-se difícil amealhar dinheiro ou sustentar uma família, pois “[n]ascera[m] pobre[s]” (RODRIGUES, 2011: 39) e na Ilha a condição de pobre não os conduzia à riqueza.

Em *Torna-Viagem*, o sapateiro Artur “[n]ão se sentia realizado em suas ambições” (1979: 11), uma vez que não conseguia prosperar na sua profissão: “- [o] meu ofício rende pouquinho.” (1979: 12). Também o casal Freitas, recém casado, “[v]ivendo em casa de palha, de paredes desargamassadas (...)” (GOUVEIA, 1979: 31) via na Emigração a solução para os problemas que surgiram com o pequeno negócio que haviam adquirido, ao qual se juntavam as dívidas: “[a] mercearia endividara-os porque a liquidação não chegava para as despesas.” (GOUVEIA, 1979: 83).

Outros populares trabalhavam uma vida inteira e não tinham como sustentar a sua família: “[a]qui um home trabalha toda a vida e morre na miséria.” (FRANÇA, s/d: 71). As dificuldades financeiras que os madeirenses enfrentavam faziam com que vários ilhéus abandonassem mulheres e negócios para “[se] alistar[em] numa leva de emigrantes que demandavam a Venezuela” (GOUVEIA, 1979: 53), pois na Madeira “(...) nã se alevanta cabeça. Ei terras não dão mais que p'ra se comer, p'ra se vestir case nã chega.” (GOUVEIA, 1979: 65). A situação da Madeira piorava dia para dia: “[i]st’aqui tá cada vez mais ruim. Não se ganha coisa que se veja.” (FRANÇA, s/d: 75).

A Emigração surgia como a alternativa para todos os problemas, sendo difícil de resistir ao apelo. Uns emigravam por necessidade, como foi o caso de Manuel da Volta (Poeta) na obra de Maria do Carmo Rodrigues. Foi incentivado pelo pai a ir em busca de uma vida mais afortunada: “vai, meu filho, vai ganhar o pão que o nosso país nos nega.” (RODRIGUES, 2011: 39). Enquanto outros emigravam por ambição e desejo de riqueza.

O emigrante Artur, do *Torna-Viagem*, ansiava por embarcar: “- [v]ou emigrar! Vou emigrar!” (GOUVEIA, 1979: 11), pois “[l]á fora ganha-se munto” (GOUVEIA, 1979: 12) e a ambição era grande. No entanto, a vontade e o empenho em trabalhar, nem sempre,

levavam à riqueza. Mas, o desejo de enriquecer para se afirmar na comunidade passava pela mente de muitos ilhéus: “[v]ontade de cavar a vida não lhe faltava, e cavar a vida, amealhando patacas, só nas terras ricas, onde o ouro corria nas ribeiras, à semelhança da água na levada do Rabaçal.” (FRANÇA, s/d: 29).

O desejo de enriquecer, aliado à ambição de afirmar-se socialmente, era comum na Ilha, pois os casos de sucesso de familiares ou conhecidos influenciavam e cativavam os futuros emigrantes, conforme refere Thierry Proença dos Santos: “[a]lguns voltavam coroados de sucesso, alimentando o grande sonho naqueles que viviam com dificuldades, sem esperança de ver a sua situação melhorar.”¹⁴⁴

Em *Torna-Viagem*, o sucesso de Gonçalves da Quebrada influenciara Artur a embarcar para o Brasil, pois Gonçalves estava “embarcado há oito anos para S. Paulo do Brasil [e tinha] mandado tanto dinheiro à família que a casa nova que se avista da estrada é a maior e a melhor da freguesia (...)” (GOUVEIA, 1979: 92 - 93).

Já em *O Emigrante* de João França, a “sorte” de Crispim é sublinhada por Rique Brás: “[a]pós quinze anos na terra das Américas, o Crispim dos Canhas regressara para chamar-se Crispim Americano, (...) por causa dos dólares embolsados” (s/d: 11), visto que “(...) os que têm andado lá por fora são hoje ricaços” (GOUVEIA, 1979: 87).

Para outros, como Simão, em *Os Íbis Vermelhos da Guiana*, a renegação da família foi fulcral para emigrar. Mas, esta Emigração, também, simboliza a oportunidade de demonstrar o seu potencial e a sua importância no meio social. Assim, o texto revela a Emigração como fuga a um futuro pobre:

“[c]omo qualquer jovem bem-nascido, ainda que privado dos privilégios e direitos desse nascimento, Simão iria dedicar-se aos negócios, às trocas comerciais entre a Guiana e Portugal (...) seria es[t]e o seu caminho de fortuna e de vitória” (MARQUES, 2002: 25).

Nesse sentido, Ana Isabel Moniz advoga que a “(...) viagem-fuga de Simão Inácio de uma situação familiar desonrosa, [era] a única maneira de evitar o futuro de pobreza a

¹⁴⁴ In SANTOS, Thierry Proença dos, *op. cit.*, in PEREIRA, Odeta (coord), *Newsletter* do CEHA, *op. cit.*, p. 9.

que a sua condição de enjeitado o votara.”¹⁴⁵ Para ultrapassar o trauma da rejeição, Simão partiu “em busca de riqueza e de prestígio social.”¹⁴⁶

Para a maior parte da população, o desejo de ganhar dinheiro e enriquecer estava constantemente presente, conforme sugere a seguinte citação:

“[u]ma cidade enorme, com avenidas e muitas lojas e gente bonita e bem vestida. Ela sentia-se bem nesse ambiente de sonho. Sempre tinha achado que não nascera para ser pobre. Remediada também não; não gostava dessas indefinições, não ser uma coisa nem outra, por vezes ter fama e não ter proveito.” (MATA, 2002: 13).

Com o passar dos anos, a monotonia da Ilha e a insularidade conduziam à ânsia de evasão. Marcos, em *O Último Cais*, sente necessidade de “fugir” da rotina do dia-a-dia. Neste sentido, o seguinte excerto é significativo: “(...) fug[ir] do tédio, do consultório, do hospital, dos doentes, (...) dos passeios sempre iguais, das conversas sem surpresa, das mesmas caras e das mesmas cenas, ano após ano.” (MARQUES, 1993: 25). Marcos sentia um apelo pela novidade e mudança, algo que a insularidade não permitia, pelo menos a curto prazo.

Além-mar encontravam vários destinos, desde a Venezuela, o Curaçau, a Guiana Britânica (Demerara), o Brasil, a África do Sul, vistos como terras das oportunidades onde os emigrantes fariam fortuna. Horácio Bento de Gouveia descreve a visão dos madeirenses em relação ao exterior na figura de Inês, pois ela via a Venezuela como a terra das oportunidades e da riqueza. Assim, “o desejo de emigrar [sempre] a fascinou.” (1979: 59).

A ânsia de evasão provocava no Madeirense o desejo de conhecer o desconhecido. A Ilha surgia como uma prisão. Havia, pois, a necessidade de sair, conforme refere Irene Lucília Andrade, no conto “A Fonte”: “[s]endo dos que saíram da terra à procura dum país grande que lhes compensasse nos olhos e no sonho a pequenez das ilhas era, entre os muitos, dos raros que jamais pensaram na hipótese dum definitivo regresso.” (1997: 80).

Este desejo era, também, partilhado por Rosa Panchera na obra *Angélica e a Sua Espécie*, pois buscava uma terra que lhe trouxesse outras vivências. Nesse sentido, “[e]stava decidida a deixar a terra de nascença para ir em busca do lugar que haveria de ser

¹⁴⁵ In MONIZ, Ana Isabel, “Percurso de Memória em Helena Marques” in ALVES, Fernanda Mota *et al.* (org.), *Act 20 – Filologia, Memória e Esquecimento*, 1.ª edição, Edições Húmus, 2010, p. 543.

¹⁴⁶ *Ibidem*.

a terra da promessa.” (ANDRADE, 1993: 31). Rosa Panchera sentia o apelo do exterior, algo forte que a impelia a sair da Ilha:

“[o] desejo de evasão, a construção dos ideais, a procura do conhecimento e da alegria, a partilha da liberdade, o vigor das mãos, o brilho dos olhos e o frémito da vontade constituem em cada ser em todos os tempos um desígnio. Projecto supremo.” (ANDRADE, 1993: 31).

O desejo de emigrar e o desejo de conhecer o desconhecido está igualmente patente na obra de Lília Mata, através da personagem Maria da Paz que “[a]ssistia às partidas (...) dos pais das amigas (...). E não conseguia evitar um sentimento grande (...) Um sentimento que se chamava desejo”, uma vez que “[d]esde pequena que sonhava com essa terra prometida.” (2002: 38). Maria da Paz lamentava-se: “[q]ue pena tinha de nunca ter embarcado para o Curaçau alguém da sua família.” (2002: 38).

Note-se que Maria da Paz enaltece o papel da mulher durante a Emigração. Apresenta-se como a mulher forte e decidida que emigra para ganhar dinheiro para não depender do homem. O *flashback* permitirá recordar a infância e a emoção sentida aquando da partida:

“Maria da Paz era pequena e via voarem pelos ares, por cima da sua cabeça, na altura exacta em que eram tiradas das malas, colchas de seda de todas as cores, (...), botas de água e muitos outros objectos raros. Inacessíveis a quem não partia (...). De tudo isso aquilo que mais fascinava a Maria da Paz era o gramofone.” (MATA, 2002: 39).

Tal como esta personagem da obra de Lília Mata, também Rosa Panchera, em *Angélica e a Sua Espécie*, anseia por conhecer o desconhecido: “[d]epois de Antuérpia e de Paris (...) vive uma mirabolante aventura nos países do Pacífico.” (ANDRADE, 1993: 61). Nesse sentido, a escrita de Irene Lucília Andrade salienta que Panchera havia sido “[...] arranca[da] da ilha e espalha[da] pelo mundo.” (1993: 61). O apelo do exterior fazia com que muitos madeirenses ambicionassem um dia realizar o sonho de conhecer o que estava além-mar, pois sair da Ilha seria libertar-se das amarras de um passado sofrido e miserável.

Já o caso de Raquel, em *O Último Cais* de Helena Marques, diverge um pouco dos exemplos, anteriormente, referidos. Raquel desejava conhecer o seu passado e os seus antepassados que habitavam em Malta, conforme sublinha a seguinte citação: “Raquel alimenta o desejo de partir à descoberta de La Valetta, a cidade dos seus antepassados.”

(1993: 25). Assim, a questão familiar surge como um ímpeto de descoberta, uma necessidade de se encontrar, uma vez que “(...) sent[ia]-se incompleta e inexplicada. Quem eram os Villas, como viviam, como eram [as] mulheres de quem ela teria herdado, ao que se conjecturava, o cabelo cor de vinho velho, as pernas altas e a rebeldia?” (MARQUES, 1993: 25).

Nesse sentido, Ana Isabel Moniz salienta que a viagem empreendida pela personagem é necessária: “(...) impõe-se como parte de um percurso pessoal que [a] levará pelos caminhos de uma mudança necessária e, sobretudo, desejada.”¹⁴⁷

Para uns, a questão familiar, aliada à procura da identidade, surge como uma necessidade de encontro entre o passado e o presente. Para outros, o desejo de igualdade era pretendido numa Ilha onde prevalecia a divisão de classes e a restrição de liberdade.

Todavia, a viagem que Raquel empreende tem como destino a Guiana. Aquando da partida, Raquel sentia um misto de sentimentos, afirmando:

“«é autêntico, já não sou Penélope, já não sou a que fica fiando e tecendo, chegou agora a minha vez de partir (...) vou viajar, avô, querido avô, vou viajar, o paquete está ali ao largo, o destino não é Malta mas não faz mal, talvez depois, nunca se sabe (...) estou tão absolutamente feliz!»” (MARQUES, 1993: 86).

Note-se que o desejo em viajar e descobrir o que estava para lá da linha do horizonte era libertador. De facto, ela estava a cumprir um sonho de toda a vida, apesar do destino não ser o desejado.

Dada a situação política do país, os madeirenses reclamavam para si direitos como a liberdade e a igualdade. O 25 de Abril de 1974 marca uma transição, uma vez que até à data a clausura dos mais fracos e as diferenças de classes predominavam. Assim, os ilhéus emigravam na ânsia de encontrarem uma outra realidade. O texto de Maria do Carmo Rodrigues é, neste sentido, significativo, ao afirmar: “sonhava[m] com uma sociedade diferente. Com aquilo que mais tarde veio a saber denominar-se sociedade igualitária, a todos igual oportunidade de vencer na vida.” (2011: 42).

O recrutamento do serviço militar inquietava, também, muitos madeirenses, que optavam por fugir clandestinamente. Quanto a esta questão, refira-se o conto de Lília Mata. De facto, em *Contos de Embarcar*, podemos encontrar a seguinte observação: “[a]té que se

¹⁴⁷ In MONIZ, Ana Isabel, “Percurso de Memória em Helena Marques” in ALVES, Fernanda Mota et al. (org.), *Act 20 – Filologia, Memória e Esquecimento*, 1.ª edição, Edições Húmus, 2010, p. 543.

aproximou a altura de ele ir para o quartel. E nesse caso só havia uma coisa a fazer, embarcar. De preferência para a Venezuela que era o lugar onde as coisas estavam melhores nessa altura.” (2002: 27).

Todavia, nem todos tinham coragem de enfrentar o sistema político vigente no país nem a força da PIDE e acabavam por cumprir o serviço militar. Com efeito, na obra *Linhas Retas e Curvas ou o Filho Que Perdi e...* de Maria do Carmo Rodrigues, António não consegue fugir ao quartel, apesar das tentativas de Balbina em isentá-lo, pois as pessoas tinham medo de Salazar: “[d]esta vez não podes contar comigo, não corro o risco de ser hó[s]pede na “pensão do Salazar”. (2011: 22). O poder de Salazar era temido, uma vez que as represálias eram enormes.

A fuga dos madeirenses vinha, por vezes, na sequência de desordens entre os senhores da sociedade e as pessoas do povo. A título de exemplo, surge o jovem Quim Talaia, no romance intitulado *Uma Família Madeirense* de João França. O jovem tem um desentendimento com o comendador Bonifácio, levando este último a empunhar um revólver: “– [d]ispare amecê essa porcaria!” (2005: 89). Este desacato leva à saída forçada do Talaia, vista como uma situação normal para a altura. De facto, é, também, o que sucede aquando da fuga de Telésforo Gouveia, no conto de José Viale Moutinho: “[v]iajou escondido no porão do cargueiro *Maria Cristina*, depois de dar uns murros ao único herdeiro de uma das mais tradicionais famílias da ilha.” (2003: 51 - 52).

Tal como Telésforo e Talaia, muitos outros rapazes eram forçados a sair da Ilha: “(...) eram sete ou oito como ele, das famílias mais pobres de Gaula.” (MOUTINHO, 2003: 52). Enquanto uns fugiam, outros emigravam para prosperar profissionalmente, visto que o isolamento da Ilha, face aos restantes países, se apresentava de forma negativa.

Uns iam estudar para Londres, outros iam para a Guiana para se afirmarem socialmente. Nesse sentido, Marcos, em *O Último Cais*, fez um “(...) estágio no Hospital de S. Lucas, em Londres” (MARQUES, 1993: 26) considerada uma das cidades de maior prestígio em relação à medicina. De igual modo, Ricardo Meireles, em *Uma Família Madeirense*, partiu para Londres para estudar medicina: “(...) Ricardo Meireles estudava Medicina no Hospital Escolar de São Tomás, em Londres (...)” (FRANÇA, 2005: 35). É de salientar que saíam da Ilha para estudar os filhos de famílias mais endinheiradas. Quem não tinha recursos acabava por ficar na Madeira ou emigrava para países mais longínquos para aí trabalhar arduamente.

Contrariamente às personagens referidas anteriormente, Simão emigrou para a Guiana Britânica com o intuito de se afirmar. Com vista a prosperar em terras distantes, Simão “(...) escolh[eu] aprender contabilidade e língua inglesa” (MARQUES, 2002: 18) com o professor Moisés de Campos, um “[c]ontabilista numa empresa inglesa (...)” (MARQUES, 2002: 19). A fim de prosperar, também Carolina, na obra de Maria do Carmo Rodrigues, emigrou para Bruxelas: “(...) Carolina, trabalhava em Bruxelas, posição de destaque na CEE, “a minha emigrante (...)” (2011: 84) afirmava a mãe Inês. No entanto, a escrita de Maria do Carmo Rodrigues descreve Carolina como uma “[e]migrante bem diferente (...)” (2011: 84). A época e as condições em que emigrou eram, agora, distintas. Trata-se, efectivamente, de uma portuguesa formada.

As partidas não eram fáceis, pois havia condicionantes que ditavam as saídas ou a permanência no local. Um desses condicionamentos prende-se com os custos que a Emigração acarretava. Para emigrar, os madeirenses faziam alguns esforços, apesar das dificuldades que viviam.

O texto de França dá conta desta situação, uma vez que “[c]aminhar p’r’América é caro como burro!” (FRANÇA, s/d: 75). Por um lado, por falta de dinheiro, optavam por hipotecar a casa. Este caso é, aliás, retratado por João França. Com efeito, Rique Brás iludido com a possibilidade de ir para a América, virá afirmar: “[o] dinheiro há-d’apar’cer. Faz-s’uma hipoteca... e pronto!” (FRANÇA, s/d: 72). Por outro, adquiriam empréstimos a pessoas conhecidas, como fez Inês, em *Torna-Viagem*: “escreveu ela à Matilde perguntando se lhe emprestava um resto de dinheiro para o marido poder embarcar.” (GOUVEIA, 1979: 139). Já outros, como Manuel da Volta, na obra de Maria do Carmo Rodrigues, emigraram “com cinquenta escudos no bolso” (2011: 39) para Boston. Enquanto Artur, do romance de Horácio Bento Gouveia, emigrara “só com quinhentas patacas na algibeira (...)” (GOUVEIA, 1979: 182). Note-se que para a altura e para o local o dinheiro era insuficiente, pois não sabiam ao que iam e as dificuldades que encontrariam.

Em algumas famílias, como a de Rique Brás, em *O Emigrante*, as matriarcas negavam-se a deixar partir o único filho. Com efeito, a mãe de Rique, ao perceber que poderia perder o filho que lhe faz companhia e que, de certo modo, sustentava a casa dirá: “[u]ma desgraça! Vou ficar p’r’aqui sozinha, numa casa hipotecada. Inda acabo por ser criada de servir em casa alheia.” (FRANÇA, s/d: 73). Por se sentir culpado, esta situação leva à desistência do filho:

“[v]ou deixar a minha mãe sozinha naquele canto, no cu do Judas, onde não há mai’ninguém. Só as galinhas. Uma vergonha. Não é? Mai’vale morrer. (...) Troquei a minha mãe, uma santa mulher, pela América, uma terra que nem conheço.” (FRANÇA, s/d: 83).

Note-se que a questão do sentimento e do apego à família está sempre presente nas partidas, contribuindo para a frustração do Emigrante. Neste sentido, também, o texto de Horácio Bento de Gouveia é significativo: “[c]usta-me deixar-te a ti, os nossos filhos, a casa... mas estes ganhos daqui da freguesia fazem que a gente fique sempre pobres.” (1979: 92).

Ora, não podemos esquecer que as saídas contribuía para o fim de muitos casamentos e para a vida miserável de muitas mulheres que esperavam um dia ver os maridos retornarem à terra que os viu nascer. Maria da Trindade, de *Contos de Embarcar*, é uma das mulheres que sofreu com o embarque do marido:

“ele embarcou e não fez mais caso dela nem dos filhos, já tinham uns poucos deles. A Trindade comeu o pão que o diabo amassou. (...). Criou os filhos assim, sozinha, só Deus sabe com quantos sacrifícios. Nunca mais soube do marido, se estava vivo ou morto.” (MATA, 2002: 19).

Pela mesma situação passou Maria Clara, em *Torna-Viagem*. Com efeito, perdeu contacto com Artur quando saiu da Ilha. Assim, várias promessas ficaram por cumprir.

Surgiam outras situações que contribuam para a preocupação dos que decidiam partir. As condições que os viajantes pobres enfrentavam durante a viagem são, sem dúvida, relevantes como parece atestar a seguinte citação:

“[as] mulheres (...) tentavam manter os filhos limpos e alimentados, lutavam contra o enjojo, lavavam cantos de porão e de convés onde a família se arrumava em espaços exíguos e promíscuos, para acabarem sucumbindo à própria tontura, à própria agonia, tombando na sujidade que já não conseguiam limpar e afundando-se na indiferença e na desistência.” (MARQUES, 2002: 25).

As viagens eram longas e os emigrantes mais desfavorecidos passavam por vários apertos e sufocos, uma vez que a condição social os afastava dos restantes passageiros.

Em suma, as partidas previam a descoberta de um novo mundo. Partir, simbolizava a oportunidade de adquirir algo que nunca tinham tido: dinheiro e conhecimento. Partir,

simbolizava, de facto, escapar a um presente e a um futuro de pobreza e de sufocos. Com efeito, a Emigração surgia como a solução para os problemas financeiros, políticos, sociais e culturais que os madeirenses enfrentavam. Nesse sentido, o madeirense sonhava com o dia da partida, em busca de riqueza que na Ilha não encontrava: “[u]m dia hei-de imbarcar. Lá fora ganha-se munto.” (GOUVEIA, 1979: 12).

Porém, também, não podemos esquecer que muitos emigrantes sempre desejaram regressar. Procuraremos ver esta situação no ponto seguinte.

3.2.3 – Retornos e Leituras Diversas

*Emigrantes, emigrantes
gente que veio de longe,
que não sabe para onde vai,
gente triste, gente estranha
estampada a dor na face, tristeza no coração.
Eles não estão vendo o tombadilho
nem os mastros, nem mesmo o mar.
Eles estão com os olhos voltados para longe,
para suas terras perdidas.*

Paulo Medeiros e Albuquerque¹⁴⁸

¹⁴⁸ Poema “Navio de Emigrantes” de Paulo Medeiros e Albuquerque, escrito após a visualização do quadro de Lasar Segall. In Prefeitura Municipal de Santos, *Vivenciando a História e a Geografia*, 2005, p. 34 in <http://pt.scribd.com/doc/3348994/Apostila-Vivendo-Historia-e-Geografia-03> [consultado a 20 de Fevereiro de 2012].

Depois de muitos anos passados em terras distantes, os emigrantes tendem a retornar à sua terra natal. Aqueles que um dia saíram da Ilha em busca de melhores condições de vida e riqueza decidem voltar à terra que os viu nascer. Nesse sentido, Leonor Martins Coelho salienta que

“[q]uer em romances, contos ou novelas, quer mesmo em peças de teatro, os protagonistas alimentados p[ela] vontade de derrubar obstáculos e aceder a uma renovada (con)formação, essencialmente social e identitária, sustentam a ânsia de retornar a casa, uma vez alcançados os objectivos iniciais.”¹⁴⁹

“[V]oltar à nossa terra. Sempre é a nossa terra!” (1979: 196), declarava Francisco, no *Torna-Viagem* de Horácio Bento de Gouveia. O casal Freitas, após vários anos na Venezuela, decide voltar à terra natal, pois havia conquistado o sucesso e já podia “ter uma vida descansada! E descansar por descansar, não há nada no mundo como a terra onde se nasceu.” (GOUVEIA, 1979: 200).

Todavia, apenas regressavam definitivamente os emigrantes que tinham alcançado a desejada estabilidade financeira ou os que haviam perdido tudo em terras distantes. Se muitos madeirenses partiam à procura de riqueza e sucesso, muitos encontravam insucesso e dificuldades. De facto, a Emigração não era fácil, nomeadamente para as pessoas mais pobres e com menos recursos.

Os regressos, também, nem sempre eram pacíficos. Se para uns a Ilha era um local de festa e de férias, para outros, o encontro com passado e com as memórias era um momento nostálgico e doloroso. A terra natal deixou de ser o porto de abrigo. Alguns emigrantes não reconhecem a terra de origem, uma vez que a mudança e o desenvolvimento reconfiguraram a paisagem.

De qualquer fora, não podemos esquecer que o êxito de muitos regressados leva-os a querer mudar a casa dos pais, a ostentar a superioridade e a sentir a vergonha das origens. Para além de um certo exibicionismo, tantas vezes ostentado nas festas e nos arraiais, há, ainda, o abuso do poder por parte destes novos-ricos. A escrita não descarta, também, a vida boémia, as dívidas, a saudade e os erros da vida desses protagonistas malogrados.

Aquando do regresso, os traumas da Emigração, o calculismo de alguns emigrantes e as vias ilícitas para fazer fortuna são normalmente salientados. Porém, a entreajuda

¹⁴⁹ In COELHO, Leonor Martins, *op. cit.* in PEREIRA, Odeta (coord.), *Newsletter* do CEHA, *op. cit.*, p. 4.

também será apontada pelos textos. Em todo o caso, o Emigrante retorna “transformado” à Ilha.

O sucesso adquirido à custa de muito trabalho, de empenho e de humildade era uma mais-valia para uma vida confortável, pois o esforço compensa. Nesse sentido, em *Torna Viagem*, Francisco Freitas, marido de Inês, funda “um grande supermercado no Funchal” ao qual poderia “acrescenta[r] a fortuna que [tinha] feito [na] Venezuela.” (GOUVEIA, 1979: 200). Assim como o casal Freitas, Simão, em *Os Íbis Vermelhos da Guiana*, também desejava retornar a Portugal: “(...) voltaria a Portugal de visita, cederia ao ingénuo impulso de qualquer emigrante bem sucedido.” (MARQUES, 2002: 82).

A humildade era uma característica do casal Freitas que era conhecido por ser “emigrante de costela humilde” (GOUVEIA, 1979: 222), princípio admirado pelos conhecidos. Segundo Thierry Proença dos Santos, Horácio Bento de Gouveia mostrava-se “sensível ao espírito de sacrifício e à força de vontade”¹⁵⁰, qualidades exaltadas por Inês e Francisco.

Também regressa à Ilha, após alguns anos, o Milho com Couves, um dos protagonistas de *Contos de Embarcar*. Tinha conquistado o sucesso conforme sugere a citação:

“[t]inha sido dos primeiros a embarcar para o Curaçau, acabara por estabelecer o seu próprio negócio e agora estava bem na vida. Era um homem elegante, de modos educados, com uma estranha pronúncia, resultado da mistura de idiomas. E que simpatia!” (MATA, 2002: 42).

O mesmo sucede-se com Crispim Americano. Em *O Emigrante* de João França, ele alcançou o sucesso à custa de muito esforço e de trabalho. Será, aliás, ele a afirmá-lo a Rique Brás, quando lhe nega a mão da filha:

“(...) deixei tud’ aqui: a terra, a mulher, uma filha inda busica e caminhei p’r’ América, onde fui uma besta de trabalho, salvo seja!, e tudo só p’ra voltar aos Canhas com alguma coisa de meu; tudo por amor da família, p’ra lhe dar uma casa, uma fazenda, outra vida melhor (...).” (s/d: 68).

De regresso à Região, Crispim irá manter uma distância com os conterrâneos mais pobres, pois a dureza da Emigração fê-lo um homem cauteloso.

¹⁵⁰ In SANTOS, Thierry Proença dos, *op. cit.* in PEREIRA, Odeta (coord.), *Newsletter* do CEHA, *op. cit.*, p. 10.

Por sua vez, o emigrante no conto “A Fonte” de Irene Lucília Andrade sente que “(...) um toque inexplicável acordara nele uma vontade de voltar.” (ANDRADE, 1997: 80). Este regresso é furtivo, visto que vinha “reaver o que pudesse restar do pecúlio antigo, num lugar, segundo soubera, devastado por novas construções.” (ANDRADE, 1997: 80).

Note-se que Milho com Couves, Simão e o emigrante do conto de Irene Lucília Andrade regressam para uma visita breve. Já o casal Freitas e Crispim Americano regressam definitivamente. Estas duas possibilidades dir-nos-ão que muitos consideram a Ilha como um local de férias ou como local de acolhimento.

Ao longo do tempo que permanece na Venezuela, o casal Freitas pautou-se pela ajuda que prestava aos conterrâneos com mais dificuldades. Apesar do sucesso alcançado ele não perde a humildade, ajudando, sempre que possível, os necessitados: “sempre é da nossa terra. E em primeiro lugar devemos ajudar os nossos.” (GOUVEIA, 1979: 197).

Também Simão, em *Os Íbis Vermelhos da Guiana*, se pautou pela entreejada prestada aos madeirenses na Guiana Britânica: “Simão (...) prop[unha] (...) uma semana de trabalho, pago (...)” (MARQUES, 2002: 95). No entanto, instigado pelo seu passado, Simão mantinha-se desconfiado em relação a tudo. Compreende-se, pois, que coloque os empregados à experiência, dado que trabalhou muito para fugir à pobreza.

Os regressos dos emigrantes bem-sucedidos previam mudanças, nomeadamente nas casas dos pais. Aliás, o primeiro impulso visava a compra e o aumento das casas. Agora que tinham dinheiro, os emigrantes podiam finalmente aumentar e aprimorar as casas rústicas dos pais. Em *Os Íbis Vermelhos da Guiana*, Simão mandara modificar a casa onde viveu a sua infância e quando regressou, de férias, é nela que se instalou para apreciar a paisagem:

“[i]nstalara-se na casinha modesta dos altos de São Martinho, agora ampliada e tornada confortável (...). Antecipara o prazer de sentar-se no novo alpendre, que mandara acrescentar ao modesto frontispício da casa e donde poderia observar os barcos a entrarem no porto do Funchal.” (MARQUES, 2002: 56).

Já Inês, do casal Freitas, acalentava “um pequeno sonho de toda a (...) vida: mandar construir uma casa de dois andares na pobre terra onde nasc[eu] (...) [p]ara viverem [os pais], confortavelmente, o resto da sua vida (...)” (GOUVEIA, 1979: 239). No entanto, o que para uns simbolizava a ajuda prestada aos pais, para outros simbolizava a demonstração, à freguesia, do sucesso, do dinheiro ganho e da ambição.

Justino da Banda de Além, em “Santa do Calhau” de Maria Aurora Carvalho Homem, surge como o típico emigrante que retorna à Ilha com o desejo de juntar à fortuna alcançada, ainda, mais dinheiro. Veja-se, nesse sentido, como o texto traduz essa sede de ambição:

“[a]umentou a casa que herdara dos pais e negociara com os irmãos, meteu-lhe varandinha de ferro ao cimo da escadaria, terraço para a banda de trás, guardando os fundos para um misto de tasca e mercearia, para entreter a velhice.” (HOMEM, 1992: 16).

Justino já havia ganho algum dinheiro nos tempos em que esteve embarcado. Contudo, sempre que tinha a oportunidade de ganhar mais dinheiro “esfregava as mãos de contente ao pensar no fecho da caixa ao fim do dia.” (HOMEM, 1992: 23). Note-se as diferenças entre o Emigrante humilde que regressa para ajudar a família e o Emigrante que regressa endinheirado, mas com desejo de continuar a ganhar à custa das pessoas mais humildes.

A superioridade e a grandeza são outros aspectos invocados aquando do regresso de emigrantes à terra natal. A fortuna adquirida além-mar, aliada a uma ideologia e hábitos diferentes, faziam com que alguns emigrantes se sentissem superiores às pessoas pobres da terra. Anabela, filha do casal Freitas, pautava-se pela superioridade e autoridade afirmando ser “diferente desta gentinha!” (GOUVEIA, 1979: 221). Habituada ao luxo e ao bem-estar social, Anabela tinha atitudes displicentes e insurgia-se contra a pobreza e contra as pessoas mais humildes, nomeadamente com os familiares próximos. A superioridade e arrogância de Anabela levam a que destrata a avó materna: “– [a]ssim despenteada parece uma bruxa! Não sabe ir à cidade arranjar-se?” (GOUVEIA, 1979: 221). Efectivamente, Anabela contrastava com os irmãos, especialmente com Carlos que

“(…) em despeito de uma personalidade de espírito venezuelano, pela cultura universitária e convívio de discípulos e leituras de escritores, o certo é que nas suas reacções sobrevivia a herança familiar, a voz do sangue quando alguém falava de sua terra e da sua gente humilde.” (GOUVEIA, 1979: 224).

De igual modo, José Bonifácio, no texto de Maria do Carmo Rodrigues, pautava-se pelo comportamento arrogante: “[é] arrogante, como se o dinheiro tudo compre...” (2011: 77). O texto visa, novamente, referir os gestos altivos da personagem, conforme sublinha o

seguinte excerto: “[t]anta arrogância nunca tinha sido vista, facilmente se concluía que alguém poderoso chegara àquela vila, disposto a fixar residência.” (RODRIGUES, 2011: 82).

De facto, Bonifácio fazia questão de mostrar à população que é embarcado, pois repetia a mesma palavra nos dois idiomas: “– [g]odemô, bom dia! (...). – *I like*, gosto muito (...). – Pode ser *big*, para casarão (...). – Trouxe dinheiro *to buy*, comprar... *look*, comprar uma Quinta como a da senhora Dra. Inês.” (RODRIGUES, 2011: 87).

Já Quim Talaia, de *Uma Família Madeirense*, emigrante na Venezuela, quando retorna à Ilha fala o castelhano com naturalidade misturando-o, por vezes, com o português: “– [d]esperte usted! (...). – Mire usted para mim (...) Entonces (...)” (2005: 117). Os anos passados fora da Madeira fizeram com que os emigrantes adquirissem expressões e a língua do país de acolhimento.

Note-se que muitos emigrantes acabavam por esquecer a língua portuguesa tendo alguma dificuldade em recordá-la. A título de exemplo surge Amarilda em “A Santa do Calhau” que “fora muito pequena para a Venezuela e esquecera a língua materna.” (1992: 21). As filhas sabiam do português “apenas meia dúzia de palavras” (HOMEM, 1992: 21), pois no dia-a-dia e nos hábitos do quotidiano a língua castelhana vigorava.

No entanto, Francisca, em *Os Íbis Vermelhos da Guiana*, diverge dos restantes exemplos, visto que “considerava do maior interesse que as crianças conservassem a língua materna.” (MARQUES, 2002: 118). Para os filhos dos emigrantes, a língua portuguesa surgia “como um código, uma linguagem secreta” (MARQUES, 2002: 160), pois encontravam-se em território estrangeiro. Se este é um caso de bilinguismo desejado, nos restantes textos a língua dos antepassados é descurada. Afere-se, portanto, que a presença do português é cada vez menor na vida dos filhos dos emigrantes madeirenses além-mar e além-fronteiras, salvo algumas exceções.

Contudo, a soberba de Bonifácio faz com que as pessoas o critiquem, pois “metia palavras inglesas a torto e a direito mal pronunciadas”: dizia “*between* em vez de *entre* do verbo entrar (...)” (RODRIGUES, 2011: 77). Há nele uma vontade excessiva de mostrar que é emigrante e que fala a língua universal. Após um longo período fora da ilha da Madeira, este emigrante mistura os idiomas, dando a entender que era um aculturado viajado: “[a]o proferir a saudação em meio inglês, meio português, José Bonifácio passava a informação de ser emigrante.” (2011: 87). Além disso, Bonifácio inferioriza os

empregados, ordenando: “[t]rabalhar, trabalhar, mexer, mexer!” (RODRIGUES, 2011: 82). Note-se que subjugava o conterrâneo em prol do seu poder monetário, conforme constata Thierry Proença dos Santos, na sua análise da obra bentiana: “[u]ma vez rico, desenvolve um complexo de superioridade, afastando de si e dos seus aqueles com quem convivia no passado, no tempo em que integrava o meio social dos desprovidos de recursos económicos.”¹⁵¹

O abuso do poder provinha da superioridade invocada por alguns emigrantes bem-sucedidos além-mar e além-fronteiras. Se nos textos anteriormente referidos esta questão fora salientada, cremos que é no conto intitulado “Telésforo” de José Viale Moutinho que o protagonista exalta, em jeito de paródia, esta questão:

“surgia, envergando um manto de pele de leopardo e uma coroa de louros, entre as figuras arrogantes, umas de metal e outras de cimento, mas qualquer delas de expressão cruel, naquilo que ele denominara a Varanda de Pilatos, sob a qual uns manequins articulados, soldados romanos ou algo assim, seguravam um corpo inexistente.” (2003: 56).

Com efeito, Telésforo Gouveia impunha o seu poder aos empregados, não tendo qualquer pudor em destratar-los. Ambicionava ser ovacionado como os grandes senhores da História. Surge como um emigrante “ditador”, que pressiona, subjuga e escraviza os empregados: “Telésforo (...) ordenou-lhes que não saíssem da pensão e tivessem tento no que comiam. Que se embebedassem mas que não saíssem dos quartos nem fizessem barulho.” (MOUTINHO, 2003: 54). Além disso, a exploração era uma constante. De facto, Telésforo Gouveia impunha aos seus empregados determinadas funções: “[d]a família de angolanos restava a filha, que tinha por função dançar nua diante da Fonte de Cupido cada vez que Telésforo por lá passasse.” (2003: 56). O emigrante conseguiu fazer fortuna e, agora, tendo contacto com todo o tipo de pessoas do submundo, pretende construir um mundo à sua medida, conforme advoga Leonor Martins Coelho:

“Telésforo deseja alimentar um mundo do tamanho do seu egoísmo. Determina, pois, a construção de uma cidadela extravagante no interior da quinta (...) adquirida, uma

¹⁵¹ In SANTOS, Thierry Proença dos, *op. cit.* in PEREIRA, Odeta (coord.), *Newsletter do CEHA, op. cit.*, p. 8.

“cidade à parte” na periferia do Funchal, um mundo farto, luxuriante, soando, contudo, a falso (...).”¹⁵²

Qualquer leitura com a realidade actual da Ilha não é mera coincidência. Com efeito, através de um discurso que dialoga com a desconstrução, Viale Moutinho parece tecer uma crítica à Madeira Nova. Em todo o caso, a megalomania de Telésforo conduz o Outro, o escravo, provavelmente um emigrante de Leste, a permanecer em condições miseráveis.

A renegação das origens é outro ponto relevante, uma vez que o desejo de esquecer o passado surge para o emigrante como o principal objectivo. Na obra de Maria do Carmo Rodrigues, José Bonifácio renega o pai (Fraldica), mostrando repúdio e vergonha pelo apelido paterno: “– [e]u não sou o filho do fraldica, sou o senhor Bonifácio (...) Ok?” (2011: 86). O passado pobre e miserável que havia tido, uma vez que vivia num casebre onde “não dormia, atento ao vaivém dos ratos. O seu irmão Felício perdera o polegar da mão esquerda, roído por [uma] ratazana imunda” (RODRIGUES, 2011: 86), fazia com que o emigrante se insurgisse contra o seu passado e com quem dele falasse. Tornou-se, pois, um homem arrogante e altivo.

A ostentação e a riqueza, nomeadamente na indumentária, caracterizam os emigrantes que regressam à terra natal, dado que as vestes tendem a sobressair chamando a atenção da população. Em “A Santa do Calhau”, o regresso do Evangelino Feijão é pautado pelos brilhos das roupas da família, conforme se pode ver no seguinte excerto:

“[a] Amarilda de lantejoulas e cetins, gargantilha de ouro e anéis fulgurantes nas mãozinhas pequenas, sorria recebendo as senhoras. As filhas, esplêndidas, de pregadores de brilhantes nas cabeleiras fartas, todas dourados e rosa, borboleteavam entre olhares gulosos.” (HOMEM, 1992: 24).

Do mesmo modo, Bonifácio e a esposa, no texto de Maria do Carmo Rodrigues, ostentavam a riqueza adquirida na África do Sul: Bonifácio “[c]alçava sapatos de camurça inglesa (...). Conduzia um Mercedes. [E] trazia no bolso um livro de cheques poderoso.” (RODRIGUES, 2011: 80). A esposa “usava um anel em cada dedo das duas mãos, com exceção dos polegares, oito anéis, ostentação de riqueza (...)” (RODRIGUES, 2011: 77).

¹⁵² In COELHO, Leonor Martins, “Leituras de Uma Cidade Insular: Crónicas de Ricardo França Jardim e Contos de José Viale Moutinho” in MONIZ, Ana Isabel, FALCÃO, Ana Margarida, COELHO, Leonor Martins e SANTOS, Thierry Proença dos, *Funchal (d)Escrito: Ensaio sobre Representações Literárias da Cidade*, 1.ª edição, 7 Dias 6 Noites, Vila Nova de Gaia, 2011, p. 182.

No entanto, ocorriam alguns choques culturais, visto que “a[s] menina[s] traz[iam] o umbigo à vista [e os] rapaz[es] usa[vam] um brinquinho na orelha” e a população opunha-se a tal: “[c]omo é que estes costumes selváticos são moda, agora?” (RODRIGUES, 2011: 75). Atente-se que os novos hábitos e costumes colidiam com os costumes e hábitos da pacata freguesia. São culturas, comportamentos e pensares diversos que o texto evidencia.

A ostentação está presente nos arraiais das freguesias. Não podemos esquecer que os emigrantes eram festeiros. O mês de Agosto é o mês do Emigrante, altura em que os desterritorializados regressam à terra natal para rever os familiares e passarem bons momentos. O regresso dos emigrantes, nomeadamente do festeiro, era festejado com pompa e circunstância. A preocupação com os custos era irrelevante, conforme sublinha a seguinte citação: “[c]amionetas enfeitadas de gente despejavam garrações e cestas no largo da igreja. Encheram-se as ruas de risos e despiques e havia no ar um cheiro doce a espetada, perfume a vinho e a pão fresco.” (HOMEM, 1992: 23).

O festeiro, em “A Santa do Calhau”, era aclamado: “– [o] Evangelino aprimorou-se. Está rico. Bem pode!” (HOMEM, 1992: 23). Contudo, se as ruas se enchiam de emigrantes, também, “[h]avia conversas exaltadas sobre a Venezuela (...). Assaltos a supermercados e fazendas, sequestros e pouco mais.” (VERÍSSIMO, 2008: 51). Desde logo se depreende que o texto irá frisar o reverso da idealização da Emigração.

Por sua vez, a questão da religiosidade não é descurada. Com efeito, o Emigrante é muito ligado à religião. Na África do Sul, Maria dos Prazeres “[i]mpunha a prática religiosa a todos os seu empregados (...) sem admitir discussão, e todos os filhos destes haviam recebido, na altura própria, os sacramentos do batismo, da comunhão, do crisma e do matrimónio.” (RODRIGUES, 2011: 79). Era na fé que os emigrantes se refugiavam quando se encontravam fora da sua pátria, assim como quando tinham de enfrentar problemas. Aquando dos arraiais, as procissões religiosas imperavam: “[e]ra a banda de música no coreto, brincos e despiques esganiçados, a procissão (...) e muitas pessoas (...)”. (VERÍSSIMO, 2008: 50).

De igual modo, em “A Santa do Calhau”, a religiosidade está presente, visto que o padre tinha fé que “um dia um bom dum emigrante endinheirado (...) devolve[sse] a Santa à capela.” (HOMEM, 1992: 16). O emigrante endinheirado era Evangelino Feijão e o padre afirmava que era “desta vez que a Santa volta à capela” (HOMEM, 1992: 18).

Contudo, a santa era diferente das restantes estátuas religiosas, como afirma o padre: “(...) amigo Evangelino, lá pelas Venezuelas as santas são um pouco diferentes das que conhecemos por cá. Mas... é bonita. Sim senhor. Bonita.” (HOMEM, 1992: 21). O irónico da situação é que a santa desejada era a imagem de uma mulher da vida que Evangelino conhecera, ainda jovem, na Venezuela.

Note-se que se a população soubesse a quem se parecia a santa, o emigrante seria repudiado, pois tratava-se de um atentado à moral e aos bons costumes. De qualquer forma, o texto de Maria Aurora parece querer sublinhar que o emigrante homenageou, de certa forma, a mulher que no passado lhe deu carinho e o aconchegou.

O percurso emigratório de sucesso conduz à transfiguração da identidade dos emigrantes. Simão, em *Os Íbis Vermelhos da Guiana*, decide “começ[ar] uma família, inaugur[ar] uma geração, numa terra nova, numa pátria nova, com uma língua nova, com um novo nome.” (MARQUES, 2002: 23).

Nesse sentido, decide esquecer o seu passado e inaugurar um novo começo, passando a “[c]hamar-se (...) Simon (a versão inglesa do nome que sua mãe escolhera) e Adams (em evocação do primeiro homem da Bíblia).” (MARQUES, 2002: 23). Adquiriu “um passaporte britânico” (MARQUES, 2002: 63) como Simon Adams e tornou-se sócio “na empresa (...) designada Sheridan & Adams.” (MARQUES, 2002: 70).

A língua utilizada era a inglesa, utilizava palavras como “*Godfather*” para expressar a gratidão em relação a quem o ajudou. A ambição e desejo de vencer noutra local fê-lo mudar de identidade e procurar uma outra identidade, que lhe trouxesse sucesso, conforme sublinha Ana Isabel Moniz: “Simão Inácio parece consentir na desconstrução da sua própria identidade, ao ensaiar o seu futuro (...) [no] “País das Águas.”¹⁵³

Do mesmo modo, Ratazana, em *Torna-Viagem*, assume a identidade Venezuelana: “[v]ou-me naturalizar venezuelano.” (1979: 225). Afirmava que “[a] terra dele [era a Venezuela]. Que se sente tão bem nela como se nela tivesse nascido. Não quer[ia] que lhe fala[ssem] na Achada onde passou uma vida de miséria.” (GOUVEIA, 1979: 224). Podemos então concluir que o contacto com as tradições, hábitos e ideologias do país de acolhimento fez com que os emigrantes os adoptassem. Nesse sentido, uma vez

¹⁵³ In MONIZ, Ana Isabel, “Deslocação e (Des)construção de Identidades na Obra de Helena Marques” in MENDES, Ana Paula Coutinho *et al.* (org.), *Cadernos de Literatura Comparada – 14 / 15, Textos e Mundos em Deslocação – Tomo 2*, Edições Afrontamento / Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, 2006, p. 24.

aculturados, o retorno é conturbado, pois os emigrantes não se inserem na realidade cultural e social.

Em *Os Íbis Vermelhos da Guiana*, Anne anseia pelo encontro com o passado. Há em Anne uma identidade fragmentada. Assim, sente a necessidade de encontrar os “fragmentos” perdidos, conforme sublinha Ana Isabel Moniz na seguinte citação:

“[o]utre le thème du voyage qui joue dans son récit un rôle non négligeable, une autre motivation émane du parcours personnel d’Helena Marques. Celle-ci est non seulement récurrent dans ses références biographiques mais aussi dans son univers poétique, la quête des racines ancestrales que tout fils des îles tend à entreprendre.”¹⁵⁴

Retorna à Ilha para encontrar o passado e para encontrar alguma paz interior conforme sugere a observação:

“[m]as também dessa vez, o pai tinha disposto de Anne com total arbitrariedade, fazendo-a sentir-se não uma pessoa mas um fardo que se muda de um lado para o outro, à mercê de um capricho ou de uma súbita alteração de humor, a única coisa que faltara fora colocar-lhe um rótulo nas costas com o endereço.” (MARQUES, 2002: 145).

A Madeira surgia como o porto de abrigo, uma vez que “[d]esej[ava] desesperadamente regressar à Madeira, ao sol esplendoroso, à doçura do clima, a uma cama onde dormisse sozinha, dona do seu corpo e da sua integridade.” (MARQUES, 2002: 156). Quando regressa, passa nas Avenidas Zarco e Arriaga que “lhe arranc[aram] um estremecimento de saudade, era ali que o pai a trazia para lanchar quando criança (...).” (MARQUES, 2002: 183).

Na Madeira, passou momentos inesquecíveis com o avô James. Aquando da sua morte, deixa-lhe uma lembrança especial: “um tinteiro de prata” (MARQUES, 2002: 184). A lembrança era simbólica, porque além do laço que mantinha com o avô, fora este que lhe contara e falara dos seus antepassados que ela tanto desejava conhecer e de quem sentia uma “inexplicável saudade”. (MARQUES, 2002: 104). Desta forma, o regresso simboliza, de certo modo, a recuperação de um passado feliz.

¹⁵⁴ In MONIZ, Ana Isabel, “Les Traces de la Mémoire: Une Île dans le Parcours d’Helena Marques”, *A Ilha e os Mapas da Cultura* in *DEDALUS – Revista Portuguesa de Literatura Comparada*, n.º 11 - 12, Edições Cosmos, 2006 - 2008, pp. 11 - 12.

Assim como Simão e Anne, José Bonifácio no livro intitulado *Linhas Retas e Curvas ou Filho Que Perdi e...* modificou o seu nome e fazia questão de afirmar que: “– [m]eu nome [é] Joseph” (RODRIGUES, 2011: 82), dando a entender que provinha de outro local, apesar de ter nascido na Ilha: “– [n]asci aqui, mas sou cidadão sul-africano, há muito tempo.” (RODRIGUES, 2011: 81). Atente-se que a expressão temporal “há muito tempo” parece querer sugerir que o emigrante já não se insere na realidade e mentalidade local. Assim, como “cidadão sul-africano” afirma que já não se considera madeirense.

Outro exemplo significativo é o de Rosa Panchera, em *Angélica e a Sua Espécie*. Quando regressa à Ilha afirma-se como americana, uma vez que no hotel “[f]alou em inglês, falou sempre em inglês desde que entrou até sair do hotel para encobrir a verdadeira identidade, tendo por cúmplice com toda a legalidade o seu passaporte americano.” (ANDRADE, 1993: 139). A Madeira surgia como um local atrasado e tradicional, onde a miséria imperava. Por conseguinte, o desejo de vingar e ser alguém era enorme. Era, pois, necessário moldar-se ao meio social e cultural do país de acolhimento, tentar ser igual, falar a mesma língua e adoptar os mesmos hábitos e costumes. A língua era, assim, fulcral para uma comunicação e integração facilitadas.

Todavia, outra das razões dos retornos dos emigrantes prendia-se com o insucesso. Gregório Bajeca, em *Torna-Viagem*, trabalhou uma vida inteira e nada conseguiu arrecadar, afirmando que “– [d]epois de tantos anos (...) a fortuna que ganhei foi tornar à nossa casa.” (GOUVEIA, 1979: 229). Vários foram os emigrantes que voltaram pobres, regressando, ainda, mais desprotegidos do que quando emigraram. Em *Uma Família Madeirense*, o marido de Rosa Sabina (empregada do comendador Bonifácio)

“teimara em emigrar para África do Sul. Iria ganhar um dinheirinho para mercar um bocado de terra, (...) no Caniço, onde levantaria uma casa. Mas a sorte não o ajudou. Pegara uma febre tão ruim, que tivera de regressar. Não houve meios de cura. Não lhe deixando dinheiro que se visse (...)”. (FRANÇA, 2005: 125).

Assim como o marido de Rosa Sabina, o tio-avô de Rique Brás, em *O Emigrante*, “(...) regress[ou] do Brasil ainda mais pobre do que para lá partira, sem contar com as febres e a mazela de espinha. Havia hipotecado o seu bocadinho de terra no Jardim do Mar e acabou sem coisa nenhuma.” (FRANÇA, s/d: 30).

No entanto, o exemplo mais significativo de insucesso é o do sapateiro Artur do romance *Torna-Viagem*. Artur emigra para o Brasil, onde é enganado pelo Bajeca

(emigrante trifulha e charlatão que engana todos os conterrâneos recém-chegados) e leva uma vida de boémia que o conduz à Emigração para a Venezuela, onde começa do nada. Apesar do dinheiro que ganhou, Artur nunca prosperou, pois tudo o que ganhava gastava. Artur regressou

“alquebrado, desiludido, para acoitar-se no palheirinho da mulher. Nada mais acrescentou às duas minguadas linguetas de terra que herdara Maria Clara. O Brasil e Venezuela encandearam-lhe os sentidos. Vivera fascinado por um presente que também lhe encobria o futuro. Mas salvou a vida, com meia dúzia de contos na algibeira e a guitarra, símbolo do seu fado. E readaptou-se aos velhos hábitos e ao ofício de sapateiro, assentando-se na mesma banca de três pés como dantes, quando trabalhava na sua antiga lojinha (...). Mas não saía da redondeza do sítio.” (GOUVEIA, 1979: 214).

Artur sofreu “um duplo regresso” (GOUVEIA, 1979: 214 - 215), quer no tempo, quer no espaço. De facto, regressou à Achada e “à reintegração numa infância que a velhice, inconscientemente exalçara, de raízes no sangue da terra e das gentes.” (GOUVEIA, 1979: 215). De igual modo, Bajeca retorna à “(...) Ilha com todo o aspecto exterior de riqueza” mas na realidade pobre, acabando por “readapt[ar-se] à mesma vida primitiva de tratar da vaca.” (GOUVEIA, 1979: 168). Note-se que Artur era o típico emigrante boémio e esbanjador que na flor da idade se ilude com a ambição de riqueza, não perspectivando o seu futuro.

Aliás, é no texto de Lília Mata que se frisa a importância de se ter um projecto de vida: “[n]ão basta embarcar, é preciso trabalhar muito para conseguir ter alguma coisa.” (2002: 32). Contudo, nem todos os emigrantes retornados pensavam assim. A título de exemplo, apresentamos, ainda, o José Carlos, de *Contos de Embarcar*, que só trabalhava quando lhe apetecia: “[p]or vezes metia-se na cama e não trabalhava. (...) Na realidade, nunca viveram desafogadamente.” (MATA, 2002: 32). Compreende-se com esta atitude que o dinheiro ganho através da Emigração não conduz a uma vida desafogada. Era necessário trabalhar arduamente, mas nem todos estavam disponíveis para essa luta.

É de salientar que em *Os Íbis Vermelhos da Guiana* as gerações que sucederam a Simon Adams tiveram altos e baixos, conforme sugere o seguinte excerto:

“«[a]h, Edward, Edward, meu filho... Receio bem, Anne, que o *teu* pai já não envelheça rico. Receio, sobretudo, Pequenininha, que a fortuna amassada pelo *meu* pai [Simon Adams] e acrescentada por mim já não chegue às tuas mãos.»” (MARQUES, 2002: 33).

Por sua vez, a saudade sublinhada pelos madeirenses emigrados: “- [é] a saudade da terra...” (GOUVEIA, 1979: 226). Surge, pois, como outra das razões que conduzem ao regresso dos emigrantes. Nesse sentido, Rosa Panchera, *de Angélica e a Sua Espécie*, “[v]inha à Europa revêr o português e outras línguas e daria um salto à ilha para recordar o velho casulo donde saíra com asas.” (ANDRADE, 1993: 137).

De facto, muitos emigrantes retornavam pelo saudosismo provocado pelos longos anos fora da Ilha e das suas raízes. O encontro do retornado com a Ilha e com as gentes era repleto de nostalgia, pois alguns desejam: “[s]e não reaver, pelo menos rever esse pequeno território onde gastara[m] a infância, saber que teria feito dele a História, poder ainda encontrar, ou talvez não, a figueira à beira do muro (...).” (ANDRADE, 1997: 80).

No conto “A Fonte” de Irene Lucília Andrade a saudade está, de facto, presente na recordação do emigrante dos momentos passados na Ilha e com o pai: “De bem menino retivera aquele cheiro quando o pai o levava com as alfaces ao mercado e depois à tasca numa esquina algures da Zona Velha para quebrarem o jejum.” (ANDRADE, 1997: 80). Também a recordação do cão Leão, através de um cão rafeiro, fez o emigrante vibrar: “Leão! O cão ergueu o focinho e olhou-o familiarmente. Espantoso! Tantos anos passados e o tempo continuava ali como o tinha deixado, preso àquela herança linguística afavelmente transportada pelo animal.” (ANDRADE, 1997: 82).

De igual modo, Manuel da Volta, no texto de Maria do Carmo Rodrigues: “(...) queria reencontrar era uma menina de tranças e olhos verdes, luminosos, [a] sua colega na escola da senhora professora Clara (...)” (2011: 55). Por sua vez, o regresso do casal Freitas é, também, marcado pela nostalgia do passado: “[o] passado familiar, o seu passado de rapariga, o dos primeiros anos de casada, e a terra, a terra, aquele lugarejo entre montanhas excitavam-lhe a imaginativa.” (GOUVEIA, 1979: 219). Muitos textos sublinham que há um desejo de reaver o passado perdido pelo embarque para outro país.

Note-se que o emigrante perde a noção do tempo. Aquando do seu regresso não consegue enquadrar-se no tempo e no espaço da Ilha. A chegada à Madeira é envolta de surpresa, levando-os a afirmar que “(...) [esta] terra (...) não era a sua”. (GOUVEIA, 1979: 223). Afere-se que o tempo para o emigrante parou na época da sua saída. As memórias do passado estão presentes e é através delas que o emigrante se guia.

Alguns emigrantes levam tempo a readaptarem-se à “nova” Ilha. Outros partem de novo, pois “[a]inda que pudesse[m] recuperar o tempo já não havia lugar para ele[s] em sua vida.” (ANDRADE, 1997: 84). Ocorre, de facto, um desencontro entre o Emigrante e o local de origem. O choque do reencontro com o passado e com as memórias é enorme. Ora, o que conheciam e deixaram para trás já não existe. A Madeira desenvolveu-se e o isolamento provocado pela insularidade foi atenuando. Se para uns o regresso surgia envolto em alegria e saudade, para outros exalta a mágoa e o arrependimento por um dia terem saído da sua terra.

Diga-se, ainda, que o percurso emigratório esconde muitos traumas. O lado negro da Emigração está presente na vida dos emigrantes, uma vez que os traumas da Emigração parecem ficar gravados. As lesões psicológicas da emigração incidem, nomeadamente, na exploração do homem pelo homem. No texto intitulado “Agosto”, Nelson Veríssimo descreve a história de um emigrante explorado e intimidado enquanto jovem: “[e]u fui para o Cabo ainda nem tinha 15 anos (...).” (VERÍSSIMO, 2008: 52).

A exploração iniciou-se quando “um dos pescadores da embarcação resolveu tomar conta de mim, sem eu pedir. De tudo o que eu ganhava tinha que lhe dar metade.” (VERÍSSIMO, 2008: 52). Todavia, quando o emigrante se recusava era intimidado: “(...) ele ameaçava-me e batia-me. (...) Ele dizia que se eu não entregasse o dinheiro ia ser perseguido, e até podiam matar-me.” (VERÍSSIMO, 2008: 52). Compreende-se, então, que o medo tome conta dos emigrantes nestas situações e acabem por ceder à chantagem.

A disforia vivida ao fim de alguns anos induz os emigrantes a tomarem atitudes que comprometem o seu futuro além-mar. É o caso da personagem criada por Veríssimo que acaba por matar: “enchi-me de coragem e, quando a gente estava a pescar em mar alto, dei-lhe um empurrão, abiquei-o, e até hoje ninguém mais soube dele.” (VERÍSSIMO, 2008: 53).

Outras histórias de Emigração não são divulgadas, uma vez que o trauma do passado permanece. É caso para dizer que as recordações da Emigração são negras e dolorosas, pois alguns “[c]arreg[am com elas] para a cova”. (VERÍSSIMO, 2008: 53). O peso na consciência permanece, mas, por vezes, era a única maneira de fugiram àquele flagelo: “mas olhe que só assim consegui fazer a minha vida” (VERÍSSIMO, 2008: 53).

A exploração do Emigrante é outro flagelo a considerar. O Emigrante assume, assim, um duplo papel: o de Emigrante/viajante e o de Emigrante/explorado, prevalecendo o

segundo, uma vez que a necessidade fá-lo subjugar-se ao poder dos mais fortes. O desejo de vingar na vida e de ter dinheiro era uma prioridade para alguns emigrantes que viviam em condições miseráveis. No conto de José Viale Moutinho, Telésforo Gouveia surgia sempre com “umas quantas pessoas, procedentes de longínquas paragens, que desapareciam após terem servido em determinada função.” (2003: 56). Nesse sentido, o emigrante/explorado surgia como algo descartável, utilizado a determinada altura e quando desnecessário colocado de parte.

Os emigrantes encaram outras dificuldades durante o período em que se encontram no país de acolhimento. Como é do conhecimento geral, a Emigração não é fácil para ninguém e acarreta inúmeras complicações. Ao chegar ao local de acolhimento, o Emigrante não sabe onde procurar trabalho, acabando por “vaguea[r] pela cidade à cata de emprego os que não tinham conhecidos de suas terras naquela metrópole.” (GOUVEIA, 1979: 141). Já outros trabalhavam arduamente no que surgia, como sucedeu com Crispim Americano, em *O Emigrante*:

“[a]ndei por ali aos tombos, trabalhando em tud’o qu’apar’cia, dia e noite, ora na doca, com sacas de trigo às costas, ora a puxar mangueiras p’ra lavar as ruas, ora chegando carvão à fornalha duma fábrica de panos. Mas eu tinha os ossos rijos. Aguntei isso durante seis anos”. (FRANÇA, s/d: 66).

Além dos trabalhos forçados, os emigrantes passavam fome e dormiam em qualquer lado para não gastar dinheiro, como afirma Crispim Americano “[p]assei dias e dias que só comia laranjas com casca, p’ra não dar nas vistas, e dormia onde calhava, só p’r’amealhar o dinheiro da jorna.” (FRANÇA, s/d: 66).

Com o intuito de ganhar o dinheiro que na Madeira não encontravam, os emigrantes “[t]rabalhava[m] sem descanso, sem domingos nem dias-santos (...) dormi[ndo] três horas (...).” (FRANÇA, s/d: 67). À semelhança das personagens enunciadas, Quim Talaia, em *Uma Família Madeirense*, tinha sido um “[a]nimal de carga em terra alheia, onde ter trabalho já é como se fosse favor!” (FRANÇA, 2005: 116). Por conseguinte, deduzimos que as dificuldades da Emigração conduziram o Emigrante a uma vida árdua e problemática que moldaram o madeirense, tornando-o austero em determinadas situações.

Por sua vez, a criminalidade nos países de acolhimento é outro problema para os emigrantes madeirenses, nomeadamente os que foram para a Venezuela. Em *Torna-Viagem*, os Freitas do Campanário são vítimas de roubo devido ao sucesso da carnicaria

que adquiriram: “[s]aíram de dentro três homens que, armados de pistola, exigiram o dinheiro do cofre.” (GOUVEIA, 1979: 184). Assim, na obra de Horácio Bento de Gouveia o porte de arma, legal na Venezuela, por parte dos emigrantes para a defesa em caso de assaltos é, também, sublinhado: “[o] Ricardo, um dos filhos do Freitas (...) irrompeu do repartimento contíguo ao das vendas e dispar[ou] sobre os meliantes.” (GOUVEIA, 1979: 184).

Nesse sentido, a escrita bentiana salienta que esta onda de criminalidade “compartilhava da vida do imigrante. Ganha[va]-se dinheiro mais assujeita[va]-se o intruso aos azares da sorte.” (GOUVEIA, 1979: 184). Em *Torna-Viagem*, também Francisco, do casal Freitas, presenciou a criminalidade existente na Venezuela: “[p]ermaneceu horas da noite a ouvir tiros” devido à “revolução que campeou nas ruas.” (GOUVEIA, 1979: 150). De facto, a criminalidade na Venezuela, assim como na África do Sul, tem aumentado de ano para ano e as vítimas são na maioria emigrantes madeirenses.

É de salientar, ainda, as formas ilícitas que alguns emigrantes utilizam para fazer fortuna, como é caso do Evangelino Feijão, em “A Santa do Calhau”, que ganhou fortuna ao gerir uma casa de alterne na Venezuela.

Contudo, é relevante abordar outros pontos significativos da Emigração, nomeadamente a entreajuda entre emigrantes associada a outros casos de Emigração.

Porém, a entreajuda ocorrida na Emigração revela as raízes humildes dos emigrantes.¹⁵⁵ Em *O Último Cais*, Peregrina “perdera o marido nos incêndios e vivia agora do auxílio da Sociedade Portuguesa de Beneficência.” (MARQUES, 1993: 96). Esta trabalhava na casa de Raquel Passos que a ajudava: “[o] marido deixara-a grávida e Raquel (...) comprava maiores quantidades de cambraias e *batistes*, de flanelas, rendas e fitas para que o bebé de Peregrina tivesse um bonito enxoval.” (MARQUES, 1993: 96). Da mesma forma, em *Os Íbis Vermelhos da Guiana*, Simon “cooperava regularmente no combate aos incêndios” (MARQUES, 2002: 64), participando no país que o ajudou a prosperar.

Para finalizar, debruçar-nos-emos sobre outras questões psicológicas que advêm da Emigração. Se da Emigração resultam alguns traumas conforme referido anteriormente, resultam, também, alguns problemas no seio familiar. Veja-se o caso de Anabela, em *Torna-Viagem*, que degenerou, levando uma vida mundana, conforme salienta Thierry Proença dos Santos: “[h]á, (...), uma nota dissonante na harmonia familiar trazida pela

¹⁵⁵ É de salientar que esta situação ocorria com alguns emigrantes, pois para muitos a ambição de riqueza não visava o altruísmo.

filha, Anabela, licenciada em Medicina, habituada a conviver com a nata da sociedade e que, por isso mesmo, rejeita as origens rurais dos pais.”¹⁵⁶ O desapego das raízes leva a questionar o preço da Emigração: “[t]anto sacrifício nos passos que demos pelo mundo, e sempre fora limpa, sem nódoa, a vida da nossa família. O meu desgosto é de morte. Tanto dinheiro e conforto que temos (...) E afinal, para quê? Valeu a pena?” (GOUVEIA, 1979: 246).

Na obra de Horácio Bento de Gouveia, o inconformismo e a saudade da terra são sublinhados, pois os emigrantes sentiam “falta de alguma coisa” (1979: 224), ou seja, o chamamento da Terra-Mãe está presente na vida do emigrante. A saudade do passado sobrepõe-se à felicidade do presente, porque por mais ricos que sejam a perda da vida anterior é sempre recordada.

Em suma, o fenómeno da Emigração foi retratado através das obras com o objectivo de questionar e compreender a figura do Emigrante, nomeadamente as razões que o fizeram abandonar a Madeira, e essouras que o levaram a regressar.

Do percurso que fizemos pelos textos seleccionados, podemos destacar várias representações do Emigrante, nomeadamente o Emigrante humilde e bem-sucedido, o Emigrante fracassado e empobrecido, o corrupto e o altivo, e, por fim o nostálgico e apegado às raízes. Podemos, também, referir várias situações que o levaram a sair do país, como as dificuldades financeiras, a pobreza, o desemprego, a ambição profissional, a fuga ao recrutamento militar, a insularidade, os desacatos com os senhores da Ilha, o desejo de obter fortuna, o desejo de evasão, entre outras.

A Emigração é um tema deveras importante, sendo, assim, o foco principal da exposição e da jornada que pretendemos organizar no âmbito do Mestrado em Gestão Cultural.

¹⁵⁶ In SANTOS, Thierry Proença dos, *op. cit.* in PEREIRA, Odeta (coord.), *Newsletter* do CEHA, *op. cit.*, p. 11.

IV – Ler, Ver e Debater a Problemática da Emigração

Ao longo do nosso trabalho, foi nossa intenção ler as obras literárias para nelas destacar a problemática da Emigração. Assim, dos textos que constituíram o nosso *corpus* de análise poder-se-ão destacar alguns tópicos recorrentes: o fenómeno é, igualmente, desencadeado por razões económicas, por uma ânsia de encontrar uma vida melhor e por um desejo de regressar modificados às raízes. Chegou, agora, a hora de organizarmos uma jornada e uma exposição sobre este assunto e, desta forma, irmos ao encontro dos propósitos do Mestrado em Gestão Cultural.

Note-se que os objectivos do Mestrado em Gestão Cultural visam

“[a]presentar e desenvolver os principais conceitos e técnicas necessários para o crescimento e gestão das organizações culturais das áreas do património, das actividades artísticas e das indústrias culturais (...); Compreender e contribuir para o desenvolvimento da criação, produção e consumo cultural em situação de planeamento e de aplicação prática; Criar, conceber e avaliar situações de inovação na Cultura (...); Dominar terminologias, metodologias, teorias e as problemáticas numa perspectiva multidisciplinar no âmbito da interculturalidade; Estimular o empreendedorismo (...) [entre outros].”¹⁵⁷

É de salientar, ainda, que a dissertação, realizada com a finalidade de obter o grau de mestre, incide na aplicação “dos conhecimentos obtidos na parte curricular de Mestrado no estudo de uma matéria da área científica de Cultura, História, Gestão, Estudos Humanísticos, Comunicação Visual.”¹⁵⁸ Assim, pretendemos debater a problemática da Emigração e dar a conhecer um conjunto de textos que tenha tratado as figurações do Emigrante.

Além disso, focaremos a função do gestor cultural, assim como a programação referente à exposição e à jornada. Procuraremos mostrar os passos dados para a concretização deste nosso projecto.

Um projecto resulta de um desejo, de uma intenção, de um objectivo ou de uma necessidade de uma determinada situação. Nesse sentido, Isabel Carvalho Guerra salienta

¹⁵⁷ In www.uma.pt – Universidade da Madeira in <http://guiadoaluno.uma.pt/index.php?lang=pt> e http://www.uma.pt/portal/modulos/curso/index.php?T=1342655096&TPESQ=PESQ_CURSO_DADOSGERAIS&TPESQANT=PESQ_ENSINOLST_MEST&IDM=PT&IdCurso=352&CodEspecialidade_Cx=0&NPAG=&IdLingua=1&TORDANT=&CORDANT=&SCRANT=/portal/modulos/curso/index.php&NV_MOD=MODCURSO&NV_EAGR=EAGR_CURSOMEST&NV_MOD_ANT=MODCURSO&NV_EAGR_ANT=EAGR_ENSINOLST&NV_TAB=&NV_TAB_ANT= [consultado a 26 de Junho de 2012].

¹⁵⁸ In Capítulo III, Orientação e Dissertação, Artigo 8.º, *Dissertação de Mestrado*, 2 in Regulamento Específico do 2.º Ciclo em Gestão Cultural, Universidade da Madeira, p. 3 in http://uaa.uma.pt/index.php?option=co_docman&task=doc_download&gid=554&Itemid=60&lang=pt [consultado a 26 de Junho de 2012].

que “[u]m projecto é, sobretudo, a resposta ao desejo de mobilizar as energias disponíveis com o objectivo de maximizar as potencialidades endógenas de um sistema de acção garantindo o máximo de bem-estar para o máximo de pessoas.” (2002: 126).

Os projectos visam sempre uma finalidade. Como referimos, anteriormente, o nosso pretende dar a conhecer à sociedade e aos seus cidadãos de várias idades textos e autores que abordam uma problemática transversal a muitos séculos. Com efeito, na opinião de Isabel Carvalho Guerra os projectos culturais visam atingir todas as gerações com o intuito de os enriquecer culturalmente, levando à sua participação e à inclusão nos mesmos. Os projectos incidem em grandes áreas para o desenvolvimento dos mesmos, nomeadamente “[no]s sectores culturais do património; [na]s artes; [e na]s indústrias culturais e criativas.¹⁵⁹ O nosso projecto é mais modesto. Porém, não foi menos pensado e idealizado.

A concretização de um projecto resulta de vários processos que o viabilizam. Nesse sentido, a estudiosa afirma que a construção de um projecto segue uma metodologia que visa quatro fases essenciais, nomeadamente a “emergência de uma vontade colectiva de mudança”, “a análise da situação e a realização do diagnóstico”, “desenho de plano de acção” e a “concretização, [o] acompanhamento e [a] avaliação do projecto”. (GUERRA, 2002: 127). É de salientar a importância do trabalho de equipa para a concretização de projectos exequíveis e fiáveis. Neste sentido, apesar de ser um projecto pessoal, contou com a intervenção e generosidade de muitas pessoas: particulares que quiseram oferecer registos pessoais; funcionário da Câmara Municipal de Machico que entenderam esta proposta como uma dinamização válida para os seus espaços; e palestrantes que aceitaram o desafio proposto.

A emergência de uma vontade colectiva de mudança de um projecto incide nos actores, nas ideias a longo prazo, nas necessidades da sociedade e dos cidadãos e nos recursos (humanos, simbólicos, materiais, entre outros) suficientes para a montagem do projecto. Por sua vez, a análise da situação e a realização do diagnóstico visa a percepção da situação presente e futura (desejada), saber ultrapassar as dificuldades que vão surgindo e resolver as resistências a possíveis parcerias. Ou seja, é necessário prever o sucesso do projecto, pensando sempre na possibilidade de insucesso, uma vez que “[u]na buena propuesta mal comunicada puede terminar en fracaso.” (COLOMBO e CEREZUELA, 2008: 301). A realização do diagnóstico é deveras significativa, conforme Isabel Carvalho

¹⁵⁹ In PINTO, Jorge Cerveira, *Formação – Metodologia e Gestão de Projectos Culturais e Criativos*, Universidade da Madeira, Agência Inova – Arte, Cultura e Indústrias Criativas, Funchal, 2010, p. 5.

Guerra sublinha: “[u]m bom diagnóstico é garante da adequabilidade das respostas às necessidades locais e é fundamental para garantir a eficácia de qualquer projecto (...)”. (2002: 131)

Quanto ao desenho de plano de acção que incide na identificação de problemas que pretendemos superar ele ajuda a perceber as causas de vários problemas; a definir os objectivos clarificando as finalidades (desde os objectivos gerais aos objectivos específicos); a pensar nas estratégias, elucidando as orientações do trabalho; a programar as actividades, estabelecendo uma calendarização; a distribuir funções.

Nesse sentido, Alba Colombo¹⁶⁰ e David Roselló Cerezuela¹⁶¹ advogam que “[e]s importante definir un plan de comunicaci3n que acompañe desde el inicio de su dise1o, al dise1o del proyecto.” (2008: 301). Por 3ltimo, depois do acompanhamento e da avalia3o do projecto, aquando da sua concretiza3o, há que saber divulgá-lo, mas também avaliá-lo para não serem cometidos, futuramente, os mesmos erros.¹⁶²

O projecto que nos propusemos concretizar seguiu os passos enunciados pela Isabel Carvalho Guerra. Com efeito, da ideia à sua concretiza3o foram muitas as etapas que tivemos de seguir. Da ideia geral de se estudar um *corpus* literário sobre a problemática da Emigra3o, surgiu, num primeiro tempo, e em traços muitos gerais, a vontade de debater com um público não especializado, mas curioso, estas matérias. Paulatinamente, ao longo das sessões de trabalho com a orientadora, procurámos delimitar a nossa actua3o. À partida, era nosso objectivo propor a realiza3o de umas jornadas e de uma exposi3o no Dolce Vita Funchal, uma vez que a Universidade da Madeira estabeleceu um protocolo de coopera3o com este centro comercial. Aos poucos, fomos percebendo que podia ser interessante realizar o nosso projecto num ponto mais periférico da Ilha.

Ao descentralizarmos, assim, a nossa actua3o, acreditámos que era uma forma de ir ao encontro de uma popula3o que fica, por vezes, à margem de eventos culturais que se

¹⁶⁰ Alba Colombo é professora de Gest3o Cultural na área das Humanidades. Além disso, é directora do curso de Pós-Gradua3o de Gest3o Cultural na Universidade Aberta da Catalunha. A sua trajectória profissional incidiu sempre na área da Gest3o Cultural, colaborando no Festival Internacional de Cinema em Berlim, na European Film Academy, no Instituto de Cervantes, entre outros.

¹⁶¹ David Roselló Cerezuela é mestre em Gest3o Cultural pela Universidade de Barcelona e tem desenvolvido a sua trajectória profissional no campo da Gest3o Cultural, na docência e na consultoria. Além disso, tem desenvolvido planos estratégicos de Cultura e em parte de docência na Espanha, Europa, América Latina e em África. Coordenou o curso de Pós-Gradua3o em Gest3o e Políticas Culturais na Universidade de Barcelona. Actualmente, é professor de Gest3o de Projectos Culturais na Universidade Aberta da Catalunha.

¹⁶² Cf. GUERRA, Isabel Carvalho, *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Ac3o. O Planeamento em Ciências Sociais*. 2.ª edição, Principia, 2002, pp. 127 - 128.

realizam no Funchal. Por outro lado, havendo um vasto leque de centros culturais recentemente construídos pensámos que seria relevante dinamizarmos esses espaços. Não descurámos a hipótese de usufruirmos do Solar do Ribeirinho, em Machico.

Em qualquer dos casos, sabíamos que tínhamos pela frente um longo percurso: contactar os responsáveis pelos espaços; contactar pessoas que quisessem participar no evento; contactar possíveis patrocinadores; obter autorização para usar determinados documentos (fotografias, cartas, etc.).

Nesse sentido, Alba Colombo e David Roselló Cerezuela, na obra *Gestión Cultural – Estudios de Caso*, salientam que

“[I]a cultura es un sector en el que intervienen muchos agentes, públicos, privados, asociativos, muchas veces, además, mezclados entre ellos, con acuerdos, convenios, formas jurídicas más o menos complejas, etc. Esto demuestra la diversidad social a la hora de abordar la intervención en la cultura pero también la riqueza de posibilidades a la hora de concertar los diferentes agentes.” (2008: 299).

Foi uma forma de pormos à prova a nossa capacidade de organização cultural. Com efeito, o gestor cultural tem um papel essencial na sociedade actual, uma vez que a sua actuação incide nas áreas do Património Histórico-Cultural (exercendo actividades nos museus, centro cívicos, casas da cultura e em bibliotecas), das Artes Plásticas (galerias, museus, exposições), da Literatura e Editoração (festivais musicais, recitais, eventos literários – apresentação de livros, jornadas, convívios tradicionais e literários, prémios, editoras, feiras do livro), de Artes Audiovisuais (rádio, televisão, cinema, novas tecnologias) e da Cultura Popular e Tradicional (arraiais, festas populares e musicais, encontros de emigrantes, feiras gastronómicas, apresentação de associações e de folclore).¹⁶³ Porém, enfrenta inúmeras dificuldades para levar a bom porto o seu projecto. Aliás, numa altura de aperto financeiro que atravessa o país, cabe ao (futuro) gestor cultural encontrar algumas formas para contornar obstáculos, não baixar os braços e (tentar) cativar o público.

¹⁶³ Cf. CUNHA, Maria Helena Melo de, *Gestão Cultural; Profissão em Formação*, Pós-Graduação – Conhecimento e Inclusão Social em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2005, pp. 100 - 101 in <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/FAEC-856N9M/1/1000000598.pdf> [consultado a 10 de Junho de 2012].

Assim, o ponto referente à programação explicará os passos do nosso projecto salientando os contactos, as parcerias, o apoio logístico, bem como as dificuldades com que nos deparamos.

4.1- A Função do Gestor Cultural

A função do gestor cultural é, essencialmente, um trabalho de coordenação e de mediação. Primeiramente, deve obter informação necessária para o projecto que está a desenvolver. Depois, em conjunto com a sua equipa, planeia, coordena e controla todos os processos. Deve, ainda, analisar dados recebidos e avaliar os resultados (nomeadamente os negativos). Desta forma, prepara-se melhor para a coordenação de um novo projecto. Maria Helena Melo de Cunha sublinha que o gestor cultural

“(...) desenvolve e administra projetos culturais, desempenhando o papel de elo entre o artista e o Poder Público a iniciativa privada e o público consumidor de cultura. Essa é a minha visão desse profissional, esteja ele trabalhando especificamente com alguma área (artística), ou mesmo trabalhando de uma forma mais macro, mais com a gestão de uma forma mais ampla, é ele quem desenvolve e administra projetos culturais.” (2005: 104).¹⁶⁴

O papel fundamental do gestor cultural é, de igual modo, salientado por Alba Colombo e David Roselló Cerezuela ao afirmarem:

“[s]uele ser una parte poco visible del trabajo del gestor cultural pero como profesional se necesita dominar una serie de instrumentos que permiten llevar a cabo el conjunto del proyecto. Es lo que diferencia la persona que planifica, prevé, organiza, distribuye las tareas en el tiempo, el espacio y el equipo.” (2008: 300).

A concretização de um projecto segue, assim, uma gestão de projecto, na qual o gestor tem uma função primordial. O gestor do projecto cultural deve, então, pesquisar e compilar toda a informação e documentação adquirida; planear o projecto (datas); organizar a informação; fazer o acompanhamento e tratar da avaliação; gerir a parte financeira (patrocínios/parcerias/apoios); tratar da parte logística (materiais, contactos); negociar e motivar o outro; comunicar, animar e formar, salientando a importância da divulgação na sociedade de modo a ter uma boa recepção por parte do público¹⁶⁵. Para tal, a formação académica deve prepará-lo para a importância de todos estes passos, conforme

¹⁶⁴ O discurso provém das entrevistas elaboradas no âmbito da Pós-Graduação de Maria Helena Melo de Cunha a gestores culturais.

¹⁶⁵ Cf. GUERRA, Isabel Carvalho, *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Acção. O Planeamento em Ciências Sociais*, 2.ª edição, Principia, 2002, p. 126.

sublinha Marilda Ormy¹⁶⁶: “[o] conhecimento adquirido na universidade vai facilitar a prática da execução de ações e criar profissionais diferenciados, ocasionando maior credibilidade à profissão.”¹⁶⁷

Com efeito, estes conhecimentos adquiridos na universidade são uma mais-valia, uma vez que engloba um leque de conhecimentos que focam as mais variadas áreas, desde a Literatura, a gestão, a economia, o empreendedorismo, o marketing, as línguas, entre outras. Todas estas áreas são imprescindíveis para o gestor cultural, visto que contacta com várias entidades e vários organismos financeiros e económicos. Nesse sentido, Victor Sequeira Roldão sublinha que “o gestor de projecto deve familiarizar-se com todas as disciplinas do projecto, sua interação e seu controlo multidisciplinar, pois poderá ter de comunicar com advogados, contabilistas, financeiros, engenheiros, etc.” (2010: 19).

Não será, pois, de estranhar que Marilda Ormy enalteça a importância da profissão de gestor cultural e os desafios que esta acarreta:

“(…) criar projetos importantes em acordo com as necessidades, desejos e expectativas de quem vai usufruí-lo, planejar detalhadamente todas as etapas do trabalho, definir as funções em acordo com os talentos e criar ferramentas para acompanhamento do movimento de cada projeto.”¹⁶⁸

Nesse sentido, Victor Sequeira Roldão advoga que “[d]iferentes fases do projecto podem exigir diferentes qualidades do gestor (...) criativo na concepção, planeador no desenvolvimento, organizador na implantação e formador na conclusão.” (2010: 18).

Contudo, para além dos conhecimentos diversos e complementares, há que sublinhar o peso do planeamento. Conforme já referimos, o planeamento é um dos principais focos do gestor cultural, pois visa uma actividade pró-activa e relação ao futuro e à concretização de um projecto, conforme salienta Isabel Carvalho Guerra:

“[p]lanear é pensar o futuro. (...) Planear é agir sobre o futuro, não apenas pensar o futuro mas agir sobre ele, criar o futuro: “planear é conceber o futuro desejado e os

¹⁶⁶ Marilda Ormy é graduada em Produção Cultural pela Universidade Cândido Mendes. Actualmente, trabalha na sua empresa, “Mosaico Cultural”, como consultora em gestão cultural, e é directora executiva da Associação Brasileira de Gestores Culturais.

¹⁶⁷ Estas palavras de Marilda Ormy advêm da entrevista concedida aos alunos do Curso de Gestão Cultural do IFSUL/Campus Sapucaia do Sul. In *Portfólio Cultural*, “Entrevista: O que Faz o Gestor Cultural”, 2009 in <http://portfoliocultural.blogspot.pt/2009/10/entrevista-o-que-faz-o-gestor-cultural.html> [consultado a 2 de Junho de 2012].

¹⁶⁸ *Ibidem*.

meios para aí chegar”. (...) Planejar é decidir, planejar é escolher. (...) O planeamento é um plano integrado de decisões.” (2002: 111).

Com efeito, do planeamento fazem parte outros aspectos significativos que são importantes para uma concretização bem-sucedida. Tal como já salientamos, o planeamento abarca a pesquisa, a selecção e o tratamento da informação pertinente; a organização de parcerias; a antecipação da realidade tendo em conta as possíveis necessidades, tempos, custos e dificuldades; entre outras. Além disso, o planeamento abarca, também, “[o]s objectivos do projecto”, “[as] especificações do projecto”, o “[d]esenvolvimento do plano do projecto”, a “[e]laboração do plano de trabalhos”, “[o]s recursos”, a “[p]revisão de tempos e custos”, a “[d]istribuição dos recursos” e a “[d]ocumentação da organização do projecto.”¹⁶⁹ No entanto, o gestor deverá ter sempre um plano de contingência, uma vez que ao fazer a avaliação do risco tem de ter em consideração alguns aspectos: “qual a probabilidade de acontecer? Qual é a gravidade se acontecer?”.¹⁷⁰ Por conseguinte, o planeamento é um ponto fulcral para a execução de um projecto e para o sucesso do gestor, conforme referem Alba Columbo e David Roselló quando sublinham que “[e]so sí, en cultura, donde se suele trabajar con hábitos personales y sociales de práctica y consumo, se tiene que trabajar a largo plazo, más allá de los éxitos pasajeros del momento, asentando resultados en el tiempo.” (2008: 301).

Com vista ao sucesso de um projecto, W. Alan Randolph¹⁷¹ e Barry Z. Posner¹⁷², na obra intitulada *Planeamento e Gestão de Projectos*, delimitam dez regras que o gestor cultural deve seguir:

“[c]riar Verdadeiramente um bom alvo para o projecto; DetermInar os objectivos do projecto; Definir as estimativas em termos de Avaliações, de Tempo, de estímUlos e de Relações; Fazer um esboço da Agenda do projecto; Orientar as Pessoas individualmente e como uma equipa de projectos; Instigar o empenhamento e o entusiasmo da equipa de projectos; Manter informadas todas as pessoas que estão Ligadas ao projecto; Criar acordos que vitalizem Os membros da equipa; Atribuir

¹⁶⁹ In PINTO, Jorge Cerveira, *op. cit.*, p. 29.

¹⁷⁰ In *Idem*, *op. cit.*, p. 20.

¹⁷¹ W. Alan Randolph lecciona Master of International Business na Core Faculty, Universidade de Columbia. Criou e desenvolveu programas sobre a gestão de projectos, liderança, entre outros. É doutorado em Administração de Empresas pela Universidade de Massachusetts em Boston.

¹⁷² Barry Z. Posner lecciona Gestão na Leavey School of Business and Administration da Universidade de Santa Clara, na Califórnia. Já publicou mais de 50 artigos nos mais variados periódicos. É doutorado em Administração de Empresas pela Universidade de Massachusetts em Boston.

poderes a si próprio e **Todos** os outros membros da equipa de projectos; [e] Encorajar todos **Os** membros a correrem riscos e a serem criativos.” (1992: 17).¹⁷³

Desta forma, “[o] planeamento é também uma oportunidade para confirmar se o projecto, como foi definido, irá ter sucesso.”¹⁷⁴ Todavia, em Portugal o decréscimo das instituições culturais e dos apoios contribui para um empobrecimento intelectual e cultural, levando ao desinteresse do público. Nesse sentido, o gestor cultural necessita combater estes pontos negativos, solucionando o problema com formas exequíveis, adquirindo, por exemplo, parceiros económicos que invistam em projectos culturais.

Com efeito, o gestor cultural tem por função trazer a dinâmica cultural e cativar o público-alvo através de projectos exequíveis para a sociedade. A criatividade é um ponto essencial para um maior interesse e participação dos cidadãos, uma vez que a globalização provoca uma grande diversidade de projectos com ideias inovadoras e cativantes para o seu público-alvo, conforme salientam Colombo e Cerezuela:

“[I]a diversidad de posibilidades indica la importancia de saber estar atentos desde las instituciones públicas, las empresas y las entidades a las oportunidades que genera el medio, el entorno y el tejido sociopolítico en el que se quiere ubicar la propuesta o proyecto cultural.” (2008: 299).

O gestor cultural assume, assim, um papel de destaque na procura e na idealização de projectos culturais inovadores e úteis para a sociedade. Nesse sentido, Leonardo Brant advoga que o gestor cultural é

“[u]m profissional detentor de uma chave mestra, capaz de promover a livre expressão e arbítrio, e de revelar os sistemas de cerceamento de conhecimento, opinião e expressão, aptos a afugentar os medíocres, robotizando-os em lógicas binárias e sistemas bancários.”¹⁷⁵

¹⁷³ As letras a negrito indicam, em acróimo, palavra “VIATURA”, que segundo os estudiosos ingleses é utilizado para a concepção de um bom plano. Nesse sentido, Randolph e Posner advogam que “[o]s bons gestores de projectos criam bons planos – VIATURAS – que lhes permitam ir do início até ao fim da corrida” (1992: 18), visto que comparam o gestor cultural com um piloto que pilota a sua viatura.

¹⁷⁴ In PINTO, Jorge Cerveira, *op. cit.*, Universidade da Madeira, Agência Inova – Arte, Cultura e Indústrias Criativas, 2010, p. 8.

¹⁷⁵ In BRANT, Leonardo, “Gestor Cultural, o Profissional do Futuro”, *Cultura e Mercado*, 2010 in <http://www.culturaemercado.com.br/gestao/gestor-cultural-o-profissional-do-futuro/> [consultado a 10 de Junho de 2012].

Por sua vez, o gestor cultural aposta em projectos empreendedores que conduzem ao sucesso, pois visam um objectivo, uma necessidade da sociedade, incidindo num público-alvo em concreto. Nesse sentido, Colombo e Cerezuela aconselham “a todas las propuestas culturales hacer un esfuerzo en este sentido ya que conocer bien al público, a quién va dirigido el proyecto cultural (...).” (2008: 300).

Por conseguinte, a aposta em projectos que abarquem todo o tipo de público é um ponto positivo, pois há um contacto com a experiência dos adultos e com a sabedoria dos idosos. Os projectos culturais podem advir de várias ideias que têm como enfoque a cultura. Os jovens, na maioria, tendem a preferir os jogos de computadores a um bom livro. Contudo, a criação de projectos virtuais literários e culturais seria uma mais-valia para o enriquecimento cultural dos jovens. Acreditamos, então, que o projecto sobre a problemática da Emigração pode ser continuado. Por um lado, na construção de um *site* para cativar um público mais jovem. Por outro, uma concepção de um espaço museológico físico (ou não) a ser projectado na Madeira.

Outro exemplo a ponderar seria a realização de convívios literários, culturais e musicais, onde a tradição e a Cultura estejam presentes. Encontros que reúnam quem ficou, quem partiu e quem regressou. Diálogos interculturais que permitem preservar memórias, mas também destacar fenómenos de aculturação e de intercâmbio. Nesse sentido, Liliana Sousa e Silva sublinha que

“[a] gestão cultural na e para a cidade deve partir de políticas culturais que tenham por base valores intrínsecos da cultura, o que inclui aspectos como memória, criatividade, dialogismo, conhecimento crítico, ritos, excelência, beleza e diversidade, dentro da noção alinhavada por Montesquieu de ampliação da esfera de presença do ser.”¹⁷⁶

Porém, Colombo e Cerezuela, para além de salientarem a questão do conhecimento do público-alvo, sublinham sobretudo a importância de uma política cultural, visto que “[é]sta puede ser de la propia organización y sirve de guía para desarrollar el proyecto.” (2008: 296).

¹⁷⁶ SILVA, Liliana Sousa e, “Gestão Cultural *na e para* a Cidade”, *Cultura e Mercado*, p. 5 in <http://www.culturaemercado.com.br/wp-content/uploads/2008/09/gestaoculturalnaeparaacidade.pdf> [consultado a 10 de Junho de 2012].

O artigo foi escrito para o Observatório Itaú Cultural, em 2008, com a colaboração de Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira.

Assim, o gestor cultural necessita de conhecimentos acerca do local em que está inserido e acerca do local onde irá intervir de modo a ter uma percepção das necessidades do local e da comunidade, conforme enunciam Alba Colombo e David Rosselló Cerezuela:

“[p]or lo tanto se debe hacer un análisis del territorio, de la sociedad en la que se va a intervenir, del sector cultural en el que actuamos, de las políticas, sobre todo pero no exclusivamente, culturales en las que encuadramos el proyecto, de su origen y antecedentes propios, del estudio de otros casos parecidos al nuestro en el que nos inspiramos, etc.” (2008: 296).

Nesse sentido, Lluís Bonet¹⁷⁷, Xavier Castañer¹⁷⁸ e Joseph Font¹⁷⁹ salientam que “[d]ifiere mucho implantar un proyecto en una gran ciudad, en un suburbio industrial de dicha ciudad o en el medio rural. (2009: 11).

De facto, um conhecimento profundo dos dados pode conduzir ao sucesso de um evento e transformá-lo em marca, conforme salientam os estudiosos espanhóis: “en marcas exportables, como es el caso del festival de música electrónica y multimedia Sónar, que allí donde lleva su marca, triunfa.”¹⁸⁰ (COLOMBO e CEREZUELA, 2008: 20).

Em todo o caso, o êxito de um projecto pode ser explicado, ainda, pela sua diferença e pela sua novidade. É certo que a nossa primeira actuação como gestor cultural não pretende ir tão longe. É nossa intenção debater um assunto que nos ocupou os longos meses em que desenvolvemos a dissertação de Mestrado. Talvez na expectativa de podermos vir a realizar outros projectos num futuro próximo. Até porque como refere

¹⁷⁷ Lluís Bonet é director dos cursos de Pós-Graduação em Gestão Cultural na Universidade de Barcelona. É, também, autor de inúmeras obras acerca de gestão e políticas culturais.

¹⁷⁸ Xavier Castañer é professor de área de Estratégia na Universidade de Lausana, na Suíça. É doutorado e Business Administration pela Universidade do Minesota, nos Estados Unidos da América.

¹⁷⁹ Joseph Font é Mestre em Gestão Cultural pela Universidade de Barcelona. No momento, é coordenador da “Anella Cultural”.

¹⁸⁰ “El Sónar reúne, bajo mi punto de vista, un buen puñado de factores que han hecho posible su recorrido hasta el momento, como uno de los festivales de música más veteranos y singulares de España. Parte de un equipo com sensibilidad por la música, y también por la gestión, cuenta com apoyos importantes desde el primer momento, aprovecha los potenciales de la ciudad, como ciudad del sur de Europa, ciudad de moda y ciudad tolerante, propone un equilibrio entre lo placentero y lo reflexivo, capitaliza el momento de la música electrónica, cuenta com una estructura financiera diversificada y autónoma, alcanza buenos niveles de autonomia organizativa... (...) es una propuesta muy elaborada y conceptualizada, donde todo ha sido pensado y tiene un motivo de ser, y que aprovecha bien sus oportunidades, cosa que puede parecer una obviedad, pero que no necesariamente es común a todos los proyectos exitosos.” In OLIVERAS, Jordi, “SÓNAR – Festival Internacional de Música Avanzada y Arte Multimedia de Barcelona” in COLOMBO, Alba, CEREZUELA, David Roselló (eds.), *Gestión Cultural – Estudios de Caso*, 1.ª edición, Ariel Patrimonio, Barcelona, 2008, p. 23.

Isabel Carvalho Guerra “(...) a sociedade actual é fundamentalmente uma sociedade prospectiva, que vive em função do presente e do futuro (...).” (2002: 116).

De qualquer forma, segue a programação do evento que se realizou em Setembro de 2012. Antes, porém, indicamos um quadro geral sobre a planificação do referido evento. Seguir-se-á, depois, uma explicação mais detalhada da programação.

4.2 – Programação

	Fevereiro 2012	Março 2012	Abril 2012	Maió 2012	Junho 2012	Julho 2012	Agosto 2012	Setembro 2012
1.ºs contactos (locais)								
2.ºs contactos (ofícios, e- mails/convites e fotografias)								
Ida aos locais								
Novos contactos (patrocínios, apoios, e-mails)								
Elaboração de materiais								
Reorganização dos cartazes e flyers								
Estratégias de remediação								
Concretização dos eventos								

A elaboração de um projecto visa o estabelecimento de metas através de um planeamento e de uma programação eficaz e antecipada. Nesse sentido, em Março de 2012, procurámos responder às seguintes questões: “[o]nde deve ser feito?; [q]ando deve ser feito?; [c]omo deve ser feito? (meios e métodos)” (GUERRA, 2002: 171), “«[e] se acontecer isto?» e «[o] que é que pode correr mal»”. (RANDOLPH e POSNER, 1992: 16).

Com efeito, fizemos uma listagem com os possíveis locais, onde poderia decorrer o evento: o Solar do Ribeirinho, a Casa da Cultura de Santa Cruz, o Centro Cultural Anjos Teixeira, a Universidade da Madeira, Centro Cultural John dos Passos, Dolce Vita Funchal, entre outros. Contudo, optámos por escolher locais pouco dinamizados, com o intuito de os promover. A escolha da data foi crucial, de modo a cativar e a chamar o público local. Elaborámos, ainda, uma listagem com todo o material, eventualmente, necessário (cartazes, *flyers*, expositores) e com todas as entidades a contactar de modo a adquirir patrocínios.

Num primeiro momento, e após a listagem com os passos a dar para concretizar os eventos planeados, contactámos a “Frente e Verso” com o intuito de sabermos os preços dos cartazes e dos *flyers*¹⁸¹. Ainda no mês de Março, contactámos o Solar do Ribeirinho, em Machico, através do Assistente Cultural Diogo Costa¹⁸², que se prontificou a falar¹⁸³ com o responsável pelo núcleo museológico, Prof.º Doutor Élvio Sousa. Entretanto, reflectimos sobre a hipótese de concretizar os eventos na Universidade da Madeira. Contudo, o contacto com outras entidades poderia possibilitar intervenções futuras na área da Gestão Cultural, pois desejávamos, também, abrir novas perspectivas para projectos futuros.

Como o Solar do Ribeirinho demorou alguns dias para responder, em Abril, contactámos outro local. O tempo escasseava e necessitávamos de um local para procedermos ao envio dos convites aos intervenientes na jornada. Deslocámo-nos, então, à Câmara Municipal de Machico. Informaram-nos que o local dedicado a projectos era o Gabinete da Cultura. O Técnico Superior do Gabinete da Cultura, Albino Viveiros, ajudou-nos a concretizar o nosso objectivo. Contactou a doutora Filipa Aveiro, Adjunta do Presidente da Câmara Municipal, que se mostrou disponível para ajudar a realizar os

¹⁸¹ Optámos, no final, por recorrer à Grafimadeira, pois apresentou melhores preços.

¹⁸² Veja-se o anexo 5 – Fig. 1.

¹⁸³ Veja-se o anexo 5 – Fig. 2.

cartazes (visto ser licenciada em Design) e dar apoio logístico. De imediato surgiu a ideia de usufruirmos do espaço do Fórum Machico, uma vez que o Solar do Ribeirinho está mais direccionado para exposições de cerâmica, etc. Além do mais, já estava ocupado na data prevista para os eventos que pretendemos realizar.

A Câmara Municipal de Machico, além de patrocinar os cartazes, cederia gratuitamente o espaço para a exposição e para a jornada. Seguidamente, tivemos várias reuniões com a doutora Filipa Aveiro para concretizarmos o projecto “Ler, Ver e Debater a problemática da Emigração”.

O local pareceu-nos o ideal para os eventos, uma vez que dispõe de uma Biblioteca com um espaço multimédia. É de salientar que, inicialmente, tencionávamos realizar a exposição na sala de exposições do Fórum. Contudo, a Biblioteca afigurou-se mais acolhedora. Assim, enviámos um ofício¹⁸⁴ à doutora Filipa Aveiro a solicitar as instalações do Fórum Machico durante o mês de Setembro de 2012. Relativamente a materiais, a Câmara Municipal cedeu expositores, mesas, cadeiras, etc.¹⁸⁵

Posteriormente, e uma vez que já tínhamos o espaço para os eventos¹⁸⁶, iniciámos os contactos de modo a adquirir patrocínios para a impressão dos *flyers*, visto que a Câmara Municipal apenas nos ajudaria nos cartazes, no espaço e nos materiais. Nesse sentido, deslocámo-nos à Hyundai Motors, na Cancela, com o intuito de obter um patrocínio, alegando que seria uma mais-valia para a empresa uma vez que o projecto abarcaria as faixas etárias jovens e adultas, sendo assim uma publicidade direccionada para um (futuro) comprador. Contudo, como a indústria automóvel está a passar por dificuldades os nossos propósitos não foram ouvidos. Porém, em Abril conseguimos um patrocínio para os *flyers*¹⁸⁷, assim como para as águas, necessárias para a jornada. O bar José Boaventura disponibilizou-se em ajudar monetariamente no que fosse necessário. Contactámos, também, a Companhia dos Engenhos do Norte no Porto da Cruz, local turístico, com o intuito de divulgarmos o nosso projecto. Nesse sentido, estabelecemos um acordo com o engenheiro Luís Clode: comprometíamo-nos a divulgar a Companhia na exposição, através de artigos para venda (garrafas de rum, entre outras), se a entidade turística se

¹⁸⁴ Veja-se o anexo 6.

¹⁸⁵ Veja-se o anexo 7.

¹⁸⁶ Por conseguinte, contactámos o Solar do Ribeirinho a informar que, entretanto, havíamos conseguido um espaço.

¹⁸⁷ Veja-se o anexo 8.

comprometesse a divulgar durante o mês de Setembro a exposição e a jornada à comunidade local e aos turistas. Além disso, solicitariam aos guias turísticos a passagem pelo Fórum Machico, fazendo deste espaço um local de paragem.

Nesse mês, contactámos a Livraria Vitória, em Machico, com o intuito de obter um patrocínio, propondo-nos divulgar um livro durante a exposição. A livraria cederia algumas obras acerca da Emigração. Até à data não obtivemos resposta. A nossa maior dificuldade foi obter patrocínios financeiros para o projecto, pois a crise económica está deveras instalada.

Com o intuito de divulgar a jornada e a exposição, elaborámos e distribuámos *flyers* pelos locais mais movimentados da cidade de Machico e pelas suas freguesias; criámos um evento nas redes sociais (Facebook e Twitter) convidando amigos e conhecidos, deixámos no grupo do Facebook “Arte e Cultura na Ilha da Madeira” uma nota a anunciar a exposição e a jornada. Além disso, a Câmara Municipal de Machico enviou um *press-release* para o *Diário de Notícias da Madeira* para divulgação dos eventos. Os referidos eventos serão, também, divulgados na agenda cultural do portal da Câmara Municipal de Machico. Acreditamos que as redes sociais e os *media* são uma mais-valia no sucesso de um projecto, visto que chegam a todos os segmentos do públicos-alvo.

Diga-se, por fim, que a exposição estará aberta ao público de 3 a 30 de Setembro de 2012. A jornada terá lugar no dia 6 de Setembro de 2012.

4.2.1 – Exposição: Do Projecto à Execução

Numa primeira fase, elaborámos uma listagem com o material necessário para a sua concretização, nomeadamente cartazes e panfletos. Numa segunda fase, elaborámos os convites (elaborámo-los em conjunto com os da jornada) com a data para a exposição. Procedemos à elaboração dos cartazes (digitalização das capas das obras; preparação das sinopses; selecção das citações)¹⁸⁸. Os cartazes¹⁸⁹ são constituídos pelas capas das obras com uma sinopse e citações relevantes sobre a problemática estudada. Contêm, ainda, os dados dos autores (principais obras e dados pessoais) porque se destinam a um público geral.

De modo a complementar a exposição, entrámos em contacto com o Museu Vicentes no Funchal, para que nos cedesse algumas fotografias sobre a Emigração (embarques; desembarques; etc.). Enviámos um *e-mail*¹⁹⁰ à directora do Museu a solicitar doze fotografias. A resposta foi negativa¹⁹¹.

Como estratégia de remediação, optámos por contactar algumas pessoas que, gentilmente, cederam as suas fotografias pessoais para a exposição. Com efeito, entre Abril e Maio, dedicámo-nos a esta parte da exposição, conforme se pode constatar no quadro de programação.¹⁹²

O contacto com as pessoas foi uma experiência enriquecedora. Com efeito, as inúmeras histórias contadas na primeira pessoa foram extremamente importantes para a percepção das histórias de vida dos emigrantes madeirenses. Nos pedidos que fizemos e no diálogo que estabelecemos com as pessoas, solicitamos várias informações: as datas, os locais de Emigração, a idade, assim como fotografias com pendor cultural com os trajes madeirenses, com instrumentos musicais, com tradições, costumes e religião. Pretendíamos, deste modo, saber o perfil de quem deixava a Ilha, cartografar as vivências longes das raízes e de que forma mantinham as suas tradições.

¹⁸⁸ Veja-se o anexo 9.

¹⁸⁹ Veja-se o anexo 10.

¹⁹⁰ Veja-se o anexo 11 – Fig. 1.

¹⁹¹ Veja-se o anexo 11 – Fig. 2.

¹⁹² Cf. página 122.

De facto, contrariamente aos mais novos (alguns já nascidos fora da Região), os emigrantes tendem a manter viva a sua Cultura e a sua identidade. Estes encontros terminavam com os visados a contarem episódios caricatos da sua permanência além-mar e além-fronteiras. É de salientar que algumas das pessoas que cederam as fotografias se encontram fora da Ilha da Madeira. Tivemos a oportunidade de conseguir alguns postais, assim como algumas cartas¹⁹³, pois todos quiseram, de forma singela, participar no evento. Obtivemos um total de oitenta fotografias. Seleccionámos¹⁹⁴ algumas. Muitas, infelizmente, estavam danificadas.

Deparámo-nos com alguns obstáculos que, por momentos, condicionaram o nosso trabalho. Depois de cederem as fotografias, algumas pessoas mostraram-se receosas. De facto, pensaram que as colocaríamos na *internet* e que as histórias emigratórias seriam expostas à comunidade. Nesse sentido, optámos por tranquilizá-las. Foram, ainda, informadas que as histórias não seriam contadas com nomes reais, mas surgiriam com nomes fictícios. Apesar deste cuidado, muitas recusaram ceder as fotografias, pois não queriam a sua vida exposta, alegando inconvenientes de várias ordens. Porém, no geral, as restantes não mostraram qualquer inconveniente na cedência das imagens. Gostaríamos, pois, de destacar a generosidade e a disponibilidade das pessoas contactadas.

Depois de seleccionarmos as fotografias, dividimo-las em sete pontos: partidas, regressos, passagens, acolhimento, vivências, cultura e permanência.¹⁹⁵ É de salientar que as fotografias são uma mais-valia para a exposição, pois vão ao encontro das problemáticas tratadas.

Numa fase posterior, deslocámo-nos à Biblioteca do Fórum Machico para organizarmos a referida exposição e para tratarmos do material necessário para o evento. Inicialmente, a exposição deveria ser concretizada na sala de exposições do Fórum Machico. Porém, a Biblioteca do Fórum Machico surgiu como o lugar ideal, visto estar num local de passagem dos utentes e estar próxima da sala da jornada.

Com o intuito de divulgar o livro e de promover a leitura, teremos um expositor com as dez obras analisadas.

¹⁹³ Veja-se o anexo 12.

¹⁹⁴ Veja-se o anexo 13.

¹⁹⁵ Veja-se o anexo 14.

A inauguração da exposição¹⁹⁶ teve lugar a 3 de Setembro de 2012, às 18h00, na Biblioteca do Fórum Machico.

A exposição surge, assim, como a aplicação prática do projecto de dissertação, de modo a que o público dialogue com a problemática da Emigração, nomeadamente através da ficção, da fotografia e da epistolografia. Nesse sentido, tentaremos, através da exposição, proporcionar ao público uma oportunidade de reviver um passado significativo, assim como mostrar aos mais jovens o quanto a Emigração é e continua a ser significativa na vida do Madeirense.

¹⁹⁶ Veja-se o anexo 15.

4.2.2 – Jornada: Dos Preparativos à Realização

Para a elaboração da jornada, no espaço multimédia da Biblioteca do Fórum Machico, foi necessário elaborar uma lista com os palestrantes que gostaríamos de ouvir e enviar-lhes, posteriormente, o convite, por *e-mail*. Num primeiro momento, fizemos, também, uma calendarização do evento.

A escolha dos convidados prende-se com o facto de terem desenvolvido investigação sobre a problemática da Emigração e de constituírem, por conseguinte, uma mais-valia para este encontro. A estes estudiosos, juntar-se-ão os moderadores que deverão conduzir o debate e proporcionar ao público um colóquio elucidativo sobre a matéria em debate.

Nesse sentido, durante Abril e Maio, enviámos os convites¹⁹⁷ para os seguintes intervenientes: Adriano Ribeiro (professor na Universidade da Madeira), Ana Isabel Moniz (professora auxiliar na Universidade da Madeira), Leonor Martins Coelho (professora auxiliar na Universidade da Madeira), Martina Emonts (professora auxiliar na Universidade da Madeira), Paulo Miguel Rodrigues (professor auxiliar na Universidade da Madeira), Rui Carita (historiador e professor catedrático na Universidade da Madeira), Sílvio Fernandes (professor auxiliar na Universidade da Madeira e presidente do Centro de Competência de Artes e Humanidades), Teresa Nascimento (professora auxiliar na Universidade da Madeira e directora do Mestrado em Gestão Cultural), Thierry Proença dos Santos (professor auxiliar na Universidade da Madeira), Alberto Vieira (historiador, prof.º doutor e director do Centro de Estudos de História do Atlântico), Duarte Mendonça (autor da dissertação *Da Madeira a New Bedford. Um Capítulo Ignorado de Emigração Portuguesa nos Estados Unidos da América*), Elina Baptista (autora da dissertação *Emigração e Teatro em Portugal no Século XIX. Retratos da Madeira e de Madeirense*), Joselin Nascimento (autora da dissertação *Emigração Madeirense para a Venezuela (1940 - 1974)*) e Susana Caldeira (coordenadora do Centro Cultural John dos Passos e autora da dissertação *Da Madeira para o Hawaii: A Emigração e o Contributo Cultural Madeirense*).

¹⁹⁷ Veja-se o anexo 16.

Geralmente, os convidados aceitaram o convite¹⁹⁸. Porém, como alguns estavam de férias no mês de Setembro, foi necessário aguardar¹⁹⁹ pela resposta.²⁰⁰ É de salientar que, em alguns casos, foi necessário conversar pessoalmente sobre o projecto para esclarecer eventuais dúvidas. Até à data, alguns convidados não responderam ao nosso pedido.

Para a jornada, optámos, inicialmente, pelos dias 6 e 7 de Setembro, para que se proporcionasse ao público dois dias de reflexão sobre estas matérias. Contudo, com a impossibilidade de alguns convidados participarem no debate, optámos por realizar uma jornada²⁰¹ de reflexão, que teve lugar no dia 6 de Setembro de 2012.

No âmbito das Ciências Históricas, estiveram presentes os Profs. Doutores Rui Carita e Paulo Miguel Rodrigues e os Mestres Susana Caldeira e Duarte Mendonça.

No âmbito das Ciências Literárias, foi possível contar com as intervenções das Mestres Elina Baptista e Joselin Nascimento.

A Prof.^a Doutora Leonor Martins Coelho e o Prof.^o Doutor Thierry Proença dos Santos foram os moderadores.

Indicamos o plano da jornada com os temas abordados, salientando que cada convidado fez uma intervenção de cerca de 20 minutos.

¹⁹⁸ Veja-se o anexo 17.

¹⁹⁹ Veja-se o anexo 18.

²⁰⁰ Veja-se o anexo 19.

²⁰¹ Veja-se o anexo 20.

Jornada “Ler, Ver e Debater a problemática da Emigração” – 6 de Setembro de 2012 – Fórum Machico		
14h00 – 14h30	Recepção e sessão de abertura.	
14h30	Professor Doutor Rui Carita – “A imagem da Emigração Madeirense nos finais do século XIX - Dois álbuns de fotografias de família de Carolina de Meneses e a necessidade do <i>Resgate da Memória</i> ”.	Moderador: Prof. ^a Doutora Leonor Martins Coelho
14h50	Prof.º Doutor Paulo Miguel Rodrigues – “A Emigração Madeirense numa perspectiva histórica”.	
15h10	Mestre Susana Caldeira – “Da Madeira para o Havai: A Emigração”.	
15h30	Pausa/ Café.	
15h50	Mestre Duarte Mendonça – "Breve panorâmica sobre a presença madeirense em New Bedford".	Moderador: Prof.º Doutor Thierry Proença dos Santos
16h10	Mestre Joselin Nascimento – "A Emigração Madeirense para a Venezuela (1940 - 1974)".	
16h30	Mestre Elina Baptista – “A Retórica do teatro da Emigração Madeirense no século XIX”.	
17h00 – 17h30	Sessão de encerramento.	

Para organizar este evento, foi necessário, também, recorrer a patrocínios. Com efeito, contactámos empresas e bares para o fornecimento de águas (Empresa de Cervejas da Madeira²⁰²). Porém, numa altura de crise, os apoios foram negados²⁰³. Optámos por uma intervenção mais pessoal solicitando apoio a bares e cafés do concelho de Machico. Agradecemos, desde já, a generosidade do bar José Boaventura que nos ajudou, quer a nível monetário (pagamento dos custos dos *flyers*), quer com o fornecimento de águas.

Em suma, a jornada e a exposição simbolizam a parte prática da dissertação que nos propusemos concretizar. Muito embora tivéssemos participado na organização de um evento que decorreu no centro comercial Dolce Vita, esta foi a primeira intervenção em que colocamos à prova os conhecimentos adquiridos no Mestrado em Gestão Cultural. Para a concretização do projecto foi necessário fazer uma planificação do evento com levantamento de todas as dificuldades ocorridas ao longo deste trajecto. Foi, sobretudo, necessário pensar em estratégias de remediação para resolver imprevistos que foram surgindo: reequacionar o modelo da jornada e repensar a exposição com suportes mais pessoais. Quer a exposição, quer a jornada tiveram uma cobertura na imprensa local, conforme podem confirmar em anexo.²⁰⁴

Apesar dos obstáculos e de um certo desgaste, foi uma experiência formadora para outros eventos que venhamos a realizar.

²⁰² Veja-se o anexo 21 – Fig. 1.

²⁰³ Veja-se o anexo 21 – Fig. 2.

²⁰⁴ Veja-se o anexo 23.

4.2.3 – Considerações Finais

Como já referimos, a inauguração²⁰⁵ da exposição teve lugar no dia 3 de Setembro, no Fórum Machico, e contou com a presença do Vereador da Cultura, António Nóbrega. Para a exposição delineámos três vectores, nomeadamente a Ficção literária de 1979 a 2011, a Fotografia de 1938 a 2012 e a Correspondência.

Por sua vez, na jornada²⁰⁶, o painel de palestrantes promoveu um debate alargado e participativo em torno do tema da Emigração. No dizer do Professor Doutor Rui Carita, os madeirenses devem preservar a sua memória colectiva. Daí a necessidade de se constituir uma base de dados, um *site* sobre estes assuntos, etc.²⁰⁷

O Prof.º Doutor Paulo Miguel Rodrigues apontou sete fases numa proposta de periodização da Emigração. No entender deste académico, estas fases podem apresentar-se da seguinte forma: – Época das Guerras Napoleónicas (fuga para o Brasil e Américas); – Década de 20 do século XIX (aquando da guerra entre Liberais e Absolutistas); – Década de 30/40 do século XIX (começo da massificação do processo migratório (em particular para sul – Brasil, Ilhas do Caribe, Guianas e Suriname); – Década de 50 e 60 - 80 do século XIX (acalmia deste êxodo por ser uma época que corresponde à primeira fase do primeiro capitalismo português); – Década de 90 – até ao início dos anos 20 do século XX – época de grande fluxo migratório para o Brasil e África (Angola, Moçambique e Guiné); – Pós Segunda Guerra Mundial (década de 50/60) – Fluxo importante para a Venezuela (essencialmente), para o Brasil (segundo lugar de eleição) e para a África do Sul (país que começa a ser escolhido); – Época actual – a Emigração volta a ser uma solução para um país em crise (muitos emigram para o Reino Unido).

A leitura da Mestre Susana Caldeira incidiu numa perspectiva socioeconómica da Madeira (séc. XIX) e na vertente da aculturação. A estudiosa salientou as dificuldades na Ilha da Madeira (crise da batata, cólera *morbis*, taxa elevada de população, população carenciada, etc) e essouras encontradas no Havai (perda da identidade com a atribuição de uma placa numérica que identificava os madeirenses, etc).

²⁰⁵ Veja-se o anexo 24.

²⁰⁶ Veja-se o anexo 25.

²⁰⁷ Veja-se, neste sentido, o *site* criado por Rui Carita in <http://www.arquipelagos.pt/arquipelagos/> [consultado a 20 de Maio de 2011].

A intervenção do Mestre Duarte Mendonça focou a “gestão das ausências” salientando que New Bedford é uma espécie de “Nova Lisboa”, desde o início do século XX. Foram apontadas questões ligadas à identidade e à Cultura. O estudioso frisou, ainda, o êxito da Festa do Santíssimo Sacramento, uma forma de salvaguardar as vivências insulares no outro lado do Atlântico.

Quanto à Mestre Joselin Nascimento, o seu contributo tratou da Emigração para a Venezuela, quer a Emigração por necessidade ou por espírito de aventura, quer a Emigração forçada. Destacou, também, a documentação necessária (desde uma simples folha assinada pelo Governador aos documentos oficiais exigidos mais tarde – registo criminal, atestado médico, termo de responsabilidade, etc.).

Por último, a Mestre Elina Baptista, passando do discurso historiográfico para o campo da Literatura, frisou em particular o teatro. Em seu entender, o teatro não é apenas uma forma estética. Pode, de facto, alertar para as vicissitudes da Emigração.

A jornada contribuiu, assim, para um encontro de conhecimentos que enriqueceram o saber dos visitantes. Resta-nos, agora, apontar outras possibilidades que podiam ter sido contempladas. Com efeito, tal como propõe José Tono Martínez:

“el gestor cultural debe hacer una reflexión personal acerca del significado de la cultura en nuestro tiempo, y en el contexto particular en el que va a desempeñar su trabajo. No hacer esto equivale a quedarse en el ámbito de la gestión tecnocrática. (2007: 13).

Ora, o nosso tempo está marcado pela imprensa, pela televisão e pela rádio. Assim, teria sido interessante contar com a participação de profissionais deste campo. Pensámos, em particular, em Duarte Rebolo, o apresentador do programa radiofónico “Abraço da Madeira” e nas várias experiências trocadas em directo. De facto, é uma emissão que liga várias vozes – as que ficaram por cá e as que procuraram lá fora uma renovada conformação social e económica.

Há que pensar, também, na projecção de filmes e documentários sobre estas matérias. Pode ser, aliás, uma forma de se cativar mais público, em particular as faixas etárias mais jovens, habituadas ao poder da imagem.

Para uma maior adesão, sobretudo, de um público mais velho, uma sessão destinada às narrativas de vida poderia ser, de igual modo, considerada.

Em última análise, poder-se-á ainda pensar em sessões que abordassem políticas(s), legislação e programas de acolhimento. Uma forma de alertar e de instruir todos os que consideram a Emigração uma solução para a vida cada vez mais precária em Portugal.

Em suma, é nossa intenção continuar a reflectir em torno do que é ou pode ser um gestor cultural. Como sugere José Tono Martinez:

“la consagración de GC como elemento central de una política y de una economía modernas es ya una realidad que ha cambiado hasta la definición de lo que era un gestor cultural. Las figuras antiguas del animador, del manager, del promotor cultural han quedado subsumidas en el nuevo escenario que ha visto emerger la *profesión* del GC.” (2007: 65).

Se esta valorização se fez sentir na vizinha Espanha, acreditamos, também, que acontecerá em Portugal, em geral, e na Madeira, em particular.

V – Conclusão

A Emigração portuguesa é um fenómeno histórico, social, político e cultural que marcou a vida de muitos portugueses. Não será, pois, de estranhar que seja retratada na Literatura. A Emigração surge, assim, como um fenómeno com longa história e alvo da análise de múltiplos estudiosos, académicos e escritores.

A ligação da Emigração à Literatura é muito significativa, visto que a escrita pode descrever, de forma ficcional, acontecimentos ligados ao real. Aliás, Agustina Bessa-Luís, em “Literatura e História”²⁰⁸, referia, de igual modo, esse diálogo possível (mas tantas vezes questionado). Em nosso entender, a Literatura foca, de facto, uma determinada época, ajudando o leitor a compreender a realidade emigratória.

No nosso estudo intitulado “Ler, Ver e Debater a Problemática da Emigração” foi nosso intuito, primeiramente, analisar os motivos que conduziram à partida de muitos portugueses e as causas que motivaram os regressos, tendo como propósito final a realização de uma exposição e de uma jornada de reflexão em torno da temática em apreço.

Assim, o nosso estudo de investigação desenvolveu-se em três fases: na primeira fase, a pesquisa, a leitura e a compilação da informação necessária para compreender o fenómeno da Emigração numa perspectiva histórica e social levaram-nos a entender as causas essenciais que estão na origem destas mobilidades. A Emigração incidiu no deslocamento para o Brasil (sobretudo no século XVIII), para a Venezuela, para o Caribe e para África (no século XIX, em particular) e para a América do Norte e Europa (essencialmente no século XX)²⁰⁹. Ora seduzido pela ideologia expansionista, ora por razões económicas, o Português recorreu à Emigração para alcançar uma (re)nova(da) conformação. Para além do mais, a Emigração portuguesa contribuiu para a divulgação da nossa Cultura nos países além-mar e além-fronteiras, bem como para uma certa aculturação ou adaptação de traços culturais ao meio de acolhimento

Na segunda fase, foi nossa intenção entender a (possível) ligação entre a realidade e a ficção. Verificámos que, pelo menos desde o século XIX, muitos escritores abordam nas

²⁰⁸ BESSA-LUÍS, Agustina, “Literatura e História” in Actas do Colóquio Internacional *Literatura e História*, vol. II, Edição do Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2004.

²⁰⁹ A este propósito, voltamos a chamar a atenção para a delimitação periodológica proposta pelo Prof.º Doutor Paulo Miguel Rodrigues (Cf. página 133).

suas obras a questão da Emigração. Este diálogo, válido, também, para escritores ligados aos Açores, pode ser comprovado nos textos de matriz madeirense, nomeadamente na ficção produzida entre 1979 a 2011. A Literatura pode, de certo modo, constituir-se como uma cosmovisão de uma época. Romance, novela, conto e teatro, entre outros géneros literários, podem, então, permitir a compreensão de uma época e de um tempo. Compreender-se-á, pois, que a Emigração seja tema para muitos escritores, quer na ficção e na epistolografia, quer na ensaística e na poesia.

Na terceira fase, optámos por realizar uma exposição e uma jornada de modo a executarmos um projecto relacionado com o tema da dissertação. Esta experiência enriquecedora foi devidamente planeada, pensada e concretizada, conforme propõem os manuais de Gestão Cultural:

“La GC, desde el punto de vista de un centro cultural, o desde el punto de vista de una sociedad estatal de eventos, o desde una fundación, compone o dibuja un conjunto de actividades perfectamente entrelazadas que incluyen, al menos, la administración de sus recursos, siempre, por definición, escasos, el número de actos programados, y una línea de trabajo abordada, a corto, a médio y a largo plazo.”²¹⁰

Desta experiência na área da Gestão Cultural convém realçar algumas considerações gerais: é necessário estudar, para melhor concretizar, um projecto inicialmente pensado; um projecto não surge de forma espontânea, mas antes de uma planificação ponderada, constantemente actualizada para se chegar a “bom porto”; a concretização de um determinado evento só é possível com a colaboração de vários intervenientes neste processo; no final, é necessário apresentar um balanço sobre as várias fases da sua execução para se poder, também, compreender outros projectos resultantes desta primeira actuação.

Considerando haver matéria para novas possibilidades, pretendemos, futuramente, alargar o nosso *corpus* literário e contribuir, ainda, para a criação de um espaço museológico ou *sites* que promovam e preservem a memória cultural de um povo, em geral, e de uma Região, em particular.

²¹⁰ In MARTÍNEZ, José Tono, *Conceptos y Experiencias de la Gestión Cultural*, Ministerio de Cultura, 2007, p. 33.

VI – Bibliografia

6.1 – Obras Literárias

ANDRADE, Irene Lucília, *Angélica e a Sua Espécie*, Publicações Eurosigno, Ponta Delgada, 1993.

-----, “A Fonte” in SANTOS, Thierry Proença dos (org.), *Narrativas contemporâneas da Madeira* (ed. bilingue) – tradução de Isabel B. dos Santos, João Paulo Tavares & Thierry Proença dos Santos, Funchal, 1997.

BRANCO, Camilo Castelo, *A Brasileira de Prazins*, Introdução por Maria Fernanda de Abreu, 2.^a edição, Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, 1994.

FRANÇA, João, *O Emigrante*, Agência Portuguesa de Revistas, Lisboa, s/d.

-----, *Uma Família Madeirense*, Câmara Municipal de Santa Cruz, Santa Cruz, 2005.

GONÇALVES, Olga, *Eis uma História*, Caminho, O Campo da Palavra, Lisboa, 1992.

GOUVEIA, Horácio Bento de, *Torna-Viagem: Romance do Emigrante*, Coimbra Editora, Coimbra, 1979.

HOMEM, Maria Aurora Carvalho, “A Santa do Calhau”, *A Santa do Calhau*, Editorial Notícias, Lisboa, 1992.

-----, “O Último Arpoador” in VERÍSSIMO, Nelson (org.), *Contos Madeirenses*, 1.^a edição, Campo das Letras, Porto, 2005.

JARDIM, Ricardo, *Saias de Balão (Na Ilha da Madeira)*, 2.^a edição, Editorial Eco do Funchal, 1946.

JORGE, Lídia, *A Costa dos Murmúrios*, 14.^a edição, Dom Quixote, 2004.

-----, *O Vale da Paixão*, 6.^a edição, Dom Quixote, 2009.

MAGALHÃES, Júlio, *Longe do Meu Coração*, 1.^a edição, A Esfera dos Livros, Lisboa, 2010.

MARQUES, Helena, *O Último Cais*, 1.^a edição, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1993.

-----, *Os Íbis Vermelhos da Guiana*, 3.^a edição, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2002.

MATA, Lília, *Contos de Embarcar*, 1.^a edição, Coleção Terra à Vista - n.º 3, Arguim Editora Regionalista (Madeira), Machico, 2002.

MELO, José Dias de, *Pedras Negras*, Veja, Coleção Chão da Palavra, 1985.

MIGUÉIS, José Rodrigues, *Gente da Terceira Classe*, 3.^a edição, Editorial Estampa, 1983.

MOUTINHO, José Viale, “Telésforo”, *Já os Galos Pretos Cantam*, Editorial Caminho, Lisboa, 2003.

-----, *In Fabula – Aves Gatos Gregos Ocasos*, Antologia de quarenta anos de contos e poemas - organizada e prefaciada por Diana Pimentel, 1.^a edição, Exodus, Vila Nova de Gaia, 2008.

NOBRE, António, *Só*, 1.^a edição, Leya, SA, 2009.

RODRIGUES, Maria do Carmo, *Linhas Retas e Curvas ou o Filho Que Perdi e...*, 1.^a edição, Vela Branca, Funchal, 2011.

ROSA, Nunes da, “Pois Suposto”, *Gente das Ilhas*, 2.^a edição, Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 1978a.

-----, “The Liberty”, *Pastorais do Mosteiro*, Angra do Heroísmo: Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1978b.

SENA, Jorge de, *América, América*, Obras Completas, Babel, Lisboa, 2011.

TORGA, Miguel, *O Senhor Ventura*, Dom Quixote, Lisboa, 2007.

VERÍSSIMO, Nelson, *Narrativa Literária de Autores da Madeira: Séc. XX*, Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração, Funchal, 1990.

----- (org.), *Contos Madeirenses*, 1.^a edição, Campo das Letras, Porto, 2005.

-----, “Agosto” in *Doze Meses no Funchal* (coord. de António Fournier), Empresa Municipal “Funchal 500 Anos”, Funchal, 2008.

6.2 – Obras e Artigos de Referência

ALMEIDA, Andreia da Silva, “Viagem no Ventre da Baleia. Reviver um Topos Literário Clássico através da Obra Gráfica de David Almeida”, *Textos e Pretextos/ A Viagem*, n.º 13, Lisboa/CEC, 2009.

ALMEIDA, Onésimo Teotónio, *L(usa)lândia: A Décima Ilha*. Angra do Heroísmo: Dir. Serviços de Emigração, 1987.

ASSUMPÇÃO, João Carlos Beckert d’, *Emigração*, Coleção Educativa, Série H, n.º 2, Plano de Educação popular, Campanha Nacional de Educação de Adultos, Coimbra, 1956.

ALVES, Mário e LOMELINO, Edmundo da Conceição (Letra e Música), *O Emigrante no Cancioneiro Insular – Canção do Emigrante da Revista Sol de Inverno* in VASCONCELOS, Mota de, *Epopéia do Emigrante Insular – Subsídios para a Sua História. Movimento para a Sua Consagração*, Grafitécnica, Lisboa, 1959.

BALLESTER, Gonzalo Torrente, *Sobre Literatura e a Arte do Romance*, Difel, Lisboa, 1999.

BAPTISTA, Elina Maria Correia, *Emigração e Teatro em Portugal no Século XIX. Retratos da Madeira e de Madeirenses*, Empresa “Funchal 500 Anos”, n.º 23, Funchal, 2008.

BESSA-LUÍS, Agustina, “Literatura e História” in *Actas do Colóquio Internacional Literatura e História*, vol. II, Edição do Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2004.

BETTENCOURT, Urbano, *Emigração e Literatura: Alguns Fios da Meada*, Horta: Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas e Centros de Estudos e Cultura da Câmara Municipal da Horta, 1989.

-----, “A Baleação na Narrativa Açoriana (e Duas ou Três “Fugas”)”. In *O Gosto das Palavras II* (Leituras e Ensaios), Ponta Delgada: Jornal de Cultura, 1995.

BONET, Lluís, CASTAÑER, Xavier, FONT, Josef (eds.), *Gestión de Proyectos Culturales – Análisis de Casos*, 2.ª edición, Ariel Patrimonio, Barcelona, 2009.

CALDEIRA, Susana Catarina de Oliveira e Castro, “Do Atlântico para o Pacífico: Os Madeirenses no Hawaii”, *Revista Diário, Diário de Notícias*, Maio 2003.

-----, “Da Madeira para o Hawaii: Um Contributo Musical”, Colectânea *A Madeira e a Música: Estudos (c.1508- c.1974)*, 2008.

-----, *Da Madeira para o Hawaii: A Emigração e o Contributo Cultural Madeirense*, n.º 7, Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA), Funchal, 2010.

-----, “O Caso do Hawaii” in PEREIRA, Odeta (coord.), *A Emigração na História da Madeira*, Newsletter do Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA), n.º 12, 2011.

CAMACHO, Rui, “A Emigração na Canção Popular Madeirense” in PEREIRA, Odeta (coord.), *A Emigração na História da Madeira*, Newsletter do Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA), n.º 12, 2011.

CAMILLERI, Carmel, in Claude Clanet, *L’Interculturel. Introduction aux Approches en Éducation et en Sciences Humaines*, Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, 1993.

COELHO, Leonor Martins, “Sobre 12 Meses no Funchal: Viagens na Minha Cidade in Viver (n)o Funchal”, *Margem 2* (coord. de Thierry Proença dos Santos), n.º 25, Funchal, Câmara Municipal /Departamento da Cultura, 2008.

-----, “O Emigrante” de João França: Da Escrita à Representação Cénica” in PEREIRA, Odeta (coord.), *A Emigração na História da Madeira*, Newsletter do Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA), n.º 12, 2011.

-----, “Leituras de Uma Cidade Insular: Crónicas de Ricardo França Jardim e Contos de José Viale Moutinho” in MONIZ, Ana Isabel, FALCÃO, Ana Margarida, COELHO, Leonor Martins e SANTOS, Thierry Proença dos, *Funchal (d)Escrito: Ensaios sobre Representações Literárias da Cidade*, 1.ª edição, 7 Dias e 6 Noites, Vila Nova de Gaia, 2011.

COLOMBO, Alba, CERZUELA, David Roselló (eds.), *Gestión Cultural – Estudios de Caso*, 1.ª edición, Ariel Patrimonio, Barcelona, 2008.

CORREIA, João David Pinto, *Repensar a Nossa Identidade Cultural*, Apenas Livros, Lisboa, 2005.

CRUZ, Fernando; RIBEIRO, Juliana Cardoso (orgs), *Migrações e Interculturalidade*, 1.ª Edição, AGIR – Associação para a Investigação e Desenvolvimento Sócio-cultural, SOS Racismo, Porto, 2010.

- CUCHE, Denys, *La Notion de Culture dans les Sciences Sociales*, 3.^a edição, La Découverte, Paris, 2004.
- CUPIDO, Mário, *O Quantitativo em Aculturação*, Papiro Editora, 2007.
- DIAS, Eduardo Mayone, *Miscelânea Lusolandesa*, Edições Cosmos, Lisboa, 1997.
- DIAS, Manuel, *Portugueses no Mundo*, Revista Portugal, 2001.
- DIONÍSIO, Fátima, “Trova do Emigrante” in *Da Ilha que Somos* (coordenação e prefácio de A. J. Vieira de Freitas), Edição da Câmara Municipal do Funchal – Actividades Culturais, Funchal, 1977.
- ECO, Umberto, *Seis Passeios nos Bosques da Ficção*, 2.^a edição, Difel, Lisboa, 1997.
- FRANCO, José Eduardo, “Portugal, de Face a Cauda da Europa: Notas para o Estudo da Ideia de Europa na Cultura Portuguesa”, in *Brotéria*, Vol. 167, 2008.
- GARCIA, José Luís *et al*, *A Emigração Portuguesa – Uma Breve Introdução*, 1998.
- GIL, José, *Portugal, Hoje – O Medo de Existir*, 10.^a edição, Relógio d’ Água, 2005.
- GÓMEZ, Hipólito de la Torre, *O Estado Novo de Salazar*, 1.^a edição, Texto Editores, 2010.
- GUERRA, Isabel Carvalho, *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Acção. O Planeamento em Ciências Sociais*, 2.^a edição, Principia, 2002.
- HAUSER, Jacques, “Hommes et Migrations”, *L’Immigration Portugaise en France*, n.º 1123, Juin-Juillet, 1989.
- HERCULANO, Alexandre, *Três Meses em Calecut: Primeira Crónica dos Estados da Índia*, 1498.
- , *Opúsculos II*, Organização, Introdução e Notas de José Custódio e José Manuel Garcia, Porto, Editorial Presença, 1983.
- HERSKOVITS, Mellville, *Les Bases de L’Anthropologie Culturelle*, Payot, Paris, 1967.
- LEAL, José da Silva Mendes, *A América*, Vol. I, n.º 2, Lisboa, Fevereiro de 1868.
- , *A América*, Vol. I, n.º 3, Lisboa, Março de 1868.
- LOURENÇO, Eduardo, “A Emigração como Mito e os Mitos da Emigração”, *Labirinto da Saudade*, D. Quixote, Lisboa, 1982.
- , *Uma Ideia do Mundo*, “A Miragem Brasileira” Colóquio Letras, n.º 171, Fundação Calouste Gulbenkian, Maio/Agosto 2009.
- MARQUES, José Carlos Laranjo, *Os Portugueses na Suíça – Migrantes Europeus*, 1.^a edição, ICS – Imprensa de Ciências Sociais, 2008.

- MARTÍNEZ, José Tono, *Conceptos y Experiencias de la Gestión Cultural*, Ministerio de Cultura, 2007.
- MARTINS, Oliveira, “Emigração Portuguesa”, *Jornal do Comércio*, Porto, 28, 29, 30 de Março, 1891.
- , “A Emigração Portuguesa”, *Fomento Rural e Emigração*, 3.^a edição, Obras de Oliveira Martins, Lisboa, Guimarães Editores, 1994.
- MELO, Luís de Sousa, “E Contudo Eles Foram ... A Emigração para o Havai no Século XX”, in *Isleña*, n.º 2, Jan-Jun, 1988.
- MENDONÇA, Duarte, *Da Madeira a New Bedford – Um Capítulo Ignorado de Emigração Portuguesa nos Estados Unidos da América*, Prefácio de Onésimo Teotónio Almeida, DRAC Madeira, Funchal, 2007.
- , “O Alliciador”, de João d’Andrade Corvo – A Emigração para Demerara na Literatura de Proscénio”, in *Isleña*, n.º 44, Funchal, 2009.
- MIRANDA, Secundala de, *A Emigração Portuguesa e o Atlântico 1870 – 1930*, Edições Salamandra, Coleção Garajau, 1999.
- MONIZ, Ana Isabel; PIMENTEL, Diana; SANTOS, Thierry Proença dos (org.), *E Depois? Sobre a Cultura na Madeira*, 1.^a edição, Universidade da Madeira, Funchal, 2005.
- , “Deslocação e (Des)construção de Identidades na Obra de Helena Marques”, in MENDES, Ana Paula Coutinho *et al.* (org.), *Cadernos de Literatura Comparada – 14 / 15, Textos e Mundos em Deslocação – Tomo 2*, Edições Afrontamento / Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, 2006.
- , “Les Traces de la Mémoire: Une Île dans le Parcours d’Helena Marques”, *Dedalus: A Ilha e os Mapas da Cultura*, in *Dedalus – Revista Portuguesa de Literatura Comparada*, n.º 11 - 12, Edições Cosmos, 2006 - 2008.
- , “Percursos de Memória em Helena Marques”, in ALVES, Fernanda Mota *et al.* (org.), *Act 20 – Filologia, Memória e Esquecimento*, 1.^a edição, Edições Húmus, 2010.
- , FALCÃO, Ana Margarida, COELHO, Leonor Martins e SANTOS, Thierry Proença dos, *Funchal (d)Escrito: Ensaio sobre Representações Literárias da Cidade*, 1.^a Edição, 7 Dias 6 Noites, Vila Nova de Gaia, 2011.
- MONTEIRO, Paulo Filipe, *Emigração – O Eterno Mito de Retorno*, Celta Editora, Oeiras, 1994.

- NEMÉSIO, Vitorino, “O Açoriano e os Açores”, Renascença Portuguesa, Porto, 1929.
- NEVES, Tiago Baptista, *Fadário do Emigrante Português*, Revista Luso-Venezuelana *Saudade*, n.º 29, ano IV, Junho-Julho, 1994.
- PAIVA, José Rodrigues de, “Comentando «Literatura e Imigração nos Trópicos»”, in José Rodrigues de Paiva e Cláudio Aguiar, *Literatura e Emigração*, Recife, Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, 2001.
- PEREIRA, Inácio, “Nós, Portugueses na Venezuela” in PEREIRA, Odeta (coord.), *A Emigração na História da Madeira*, Newsletter do Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA), n.º 12, 2011.
- PEREIRA, Odeta (coord.), “A Emigração na História da Madeira”, *A Emigração na História da Madeira*, Newsletter do Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA), n.º 12, 2011.
- PINTO, Jorge Cerveira, *Formação – Metodologia e Gestão de Projectos Culturais e Criativos*, Universidade da Madeira, Agência Inova – Arte, Cultura e Indústrias Criativas, Funchal, 2010.
- PIRES, A. M., *A Emigração na Literatura Portuguesa: Uma Colectânea de Textos*, Minerva Transmontana, 1985.
- QUEIRÓS, Eça de, *A Emigração como Força Civilizadora*, 1.ª edição, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2000.
- RANDOLPH, W. Alan, PASNER, Barry Z., *Planeamento e Gestão de Projectos*, Tradução de Pedro Viegas, 1.ª edição, Editorial Presença, Colecção Biblioteca de Gestão Moderna, Lisboa, 1992.
- REAL, Miguel, *Eduardo Lourenço e a Cultura Portuguesa*, 1.ª edição, QUIDNOVI, 2008.
- RICOEUR, Paul, *Temps et Récit I*, Editions du Seuil, Paris, 1983.
- ROCHA, Clara, *A Imagem do Emigrante na Ficção Portuguesa do Século XIX e XX*, Revista *Escritor*, n.º 7, 1996.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, *Sociologia das Migrações*, Universidade Aberta, Lisboa, 1995.
- RODRIGUES, Paulo Miguel, “O Movimento do Porto do Funchal durante as Guerras Napoleónicas” in *XIX Encontro de ATHES*, Funchal, 1999.
- ROLDÃO, Victor Sequeira, *Gestão de Projectos – Abordagem Instrumental ao Planeamento, Organização e Controlo*, 3.ª edição, MONITOR, Lisboa, 2010.

- SAID, Edward, *Reflexões sobre o Exílio e Outros Ensaios*, São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SANTOS, Thierry Proença dos, “A Colonia ao Espelho da Literatura” in LIZARDO, João (coord.), *Caseiros e Senhorios nos Finais do Século XX na Madeira – O Processo de Extinção da Colonia*, Edições Afrontamento, 2009.
- SANTOS, Thierry Proença dos, “Figurações da Emigração Madeirense na Narrativa de Horácio Bento de Gouveia” in PEREIRA, Odeta (coord.), *A Emigração na História da Madeira*, Newsletter do Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA), n.º 12, 2011.
- SEIXO, Maria Alzira, *Outros Erros – Ensaios de Literatura*, Edições ASA, 2001.
- SERRÃO, Joel, *A Emigração Portuguesa, Sondagem Histórica*, 4.ª edição, Lisboa, Livros Horizonte, 1982.
- SERUYA, Teresa, HOMMER, Gerd, *Literatura e Migração*, Departamento de Estudos Germanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Edições Colibri, 2005.
- SOARES, João de Nóbrega, *Contos e Viagens*. Funchal: Typ. da Gazeta da Madeira, 1867.
- , *Scenas e Fantasias, Um Anno na América*, Funchal: Typ. da Gazeta da Madeira, 1868.
- SOUSA, Fernando de, MARTINS, Isménia, PEREIRA, Conceição Meireles (coord.), *A Emigração Portuguesa para o Brasil*, Edições Afrontamento, 2007.
- SOUSA, João José Abreu de, “Emigração Madeirense nos séculos XV a XVII”, *Atlântico*, n.º 1, Funchal, Primavera 1985.
- VIEIRA, Alberto, “Cartas da Ilha... Da Pequena História e Histórias de Vida na História da Madeira” in *Escritas das Mobilidades*, Colecção Debates n.º 4, CEHA, Funchal, 2011.

6.3 – Diversos

- CARITA, Rui, *História da Madeira – O Longo Século XIX: Do Liberalismo à República. A Monarquia Constitucional (1834-1910)*, Vol. VII, Secretaria Regional de Educação e Cultura, Funchal, 2008.
- DOMINGOMES, Carlos, *Au Revoir Portugal!*, Série 5 Documentários, Fimotaurus Produções, 2009.
- CRISTOVÃO, Fernando, *Método: Sugestões para a Elaboração de um Ensaio ou Tese*, Edições Colibri, Lisboa, 2001.
- ECO, Umberto, *Como se Faz uma Tese em Ciências Humanas*, 13.^a edição, Editorial Presença, Barcarena, 2007.
- Enciclopédia Einaudi, Lisboa, IN-CM, Vol.38 – Sociedade — Civilização, 1989, pp. 416 – 429.
- GARCIA, José Manuel, *História de Portugal. Uma Visão Global*, Editorial Presença, 1991.
- HERCULANO, Alexandre, *História de Portugal: 1.^a Época, desde a Origem da Monarquia até D. Afonso III, 1846 – 1853*.
- PERFEITO, Abílio Alves Bonito (org), *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto Editora, 2008.
- RAMOS, Rui (org.); SOUSA, Bernardo Vasconcelos e; MONTEIRO, Nuno Gonçalo, *História de Portugal*, 6.^a edição, A Esfera dos Livros, 2010.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M., *Dicionário de Narratologia*, 2.^a edição, Almedina, Coimbra, 1990.
- REIS, Carlos, PIRES, Maria da Natividade, *História Crítica da Literatura Portuguesa – O Romantismo*, Vol. V, 2.^a edição, Editorial Verbo, Lisboa, 1999.
- REIS, Carlos, *O Conhecimento da Literatura – Introdução aos Estudos Literários*, Almedina, Coimbra, 1995.
- , *História Crítica da Literatura Portuguesa – Do Neo-Realismo ao Post-Modernismo*, Vol. IX, Editorial Verbo, Lisboa, 2005.
- SARAIVA, António José, LOPES, Óscar, *História da Literatura Portuguesa*, 17.^a edição, Porto Editora, 2010.

SERRÃO, Joel, “A Emigração”, in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. II, Porto, Livraria Figueirinhas, 1992.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, *Teoria da Literatura*, 8.ª edição, Livraria Almedina, Coimbra, 1992.

VIEIRA, José, *Gens du salto/Gente do Salto, Mémoires de Portugais qui ont fui vers la France dans les Années 60/Memórias de Portugueses que Fugiram para França nos Anos 60*, La Huit Production, 2 DVD, Paris, 2005.

VII – Documentos Digitais

ALBUQUERQUE, Paulo Medeiros, “Navio de Emigrantes” in Prefeitura Municipal de Santos, *Vivenciando a História e a Geografia*, 2005 in <http://pt.scribd.com/doc/3348994/Apostila-Vivendo-Historia-e-Geografia-03> [consultado a 20 de Fevereiro de 2012].

ALMEIDA, Isabel Maria Gonçalves, *O SÓ de António Nobre e Les Amours Jaunes de Tristan Corbière: Poéticas de Ausência*, Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses e Brasileiros, Faculdade de Letras do Universidade do Porto, Porto, 2005 in <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/17941/2/tesemestisabelalmeida000078756.pdf> [consultado a 10 de Janeiro de 2012].

ALMEIDA, Onésimo Teotónio, *Geografia: Insularidade e Clima — A Suposta Influência Psíquica*, 1989 in http://lusofonia.com.sapo.pt/acoresh/acorianidade_almeida_1989b.htm [consultado a 27 de Maio de 2012].

ALVES, Jorge Fernandes, “Retorno e Outros Reflexos” in *Os Brasileiros, Emigrações e Retorno no Porto Oitocentista* in ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo10921.pdf [consultado a 11 de Julho de 2011].

ANDRADE, Irene Lucília, “Foram-se os Homens ao Mar” – Música dos Banda d’Além, *A Emigração da Madeira entre os Séculos XV e XVIII* in <http://www.lithis.net/62> [consultado a 15 de Novembro de 2011].

BAGANHA, Maria Ioannis B., “Uma Imagem Desfocada — a Emigração Portuguesa e as Fontes sobre a Emigração”, *Análise Social*, Vol. XXVI (112 – 113), (3.º - 4.º), pp. 723 – 739, 1991 in <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223042235X0pHX1bb7Fz42AS3.pdf> [consultado a 20 de Setembro de 2011].

-----, “As Correntes Emigratórias Portuguesas no Século XX e o seu Impacto na Economia Nacional”, *Análise Social*, Vol. XXIX (29), pp. 959 – 980, 1994 in <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223378081S4cET4df4Yh89IX7.pdf> [consultado a 20 de Setembro de 2011].

BARRETO, Luís Filipe, *A Aculturação Portuguesa na Expansão e o Luso-Tropicalismo*, (s/d) in http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Percursos_Intercultura/1_PI_Cap9.pdf [consultado a 10 de Dezembro de 2011].

BLONCOURT, Gérald, “Por uma Vida Melhor”, Exposição fotográfica, 2008 in <http://www.sudexpress.org/Expositions/Bloncourt/index.html> [consultado a 10 de Janeiro de 2012].

BORGES, Alexandra, “Passaporte para o Engano”, *Repórter TVI - Jornal da 8*, 5 de Março de 2012 in <http://www.tvi24.iol.pt/videos/pesquisa/jornal+da+13+dia+11/video/13587086/1> [consultado a 6 de Março de 2012].

BRANT, Leonardo, “Gestor Cultural, o Profissional do Futuro”, *Cultura e Mercado*, 2010 in <http://www.culturaemercado.com.br/gestao/gestor-cultural-o-profissional-do-futuro/> [consultado a 10 de Junho de 2012].

CABRAL, Mónica Serpa, *Ah! Mònim dum Corisco!..., de Onésimo Teotónio Almeida: O Triunfo e a Derrota do Emigrante Açoriano*, Universidade de Aveiro, 2009 in revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/download/242/212 [consultado a 20 de Dezembro de 2011].

-----, *Os Contistas da Horta: Os Primeiros Passos do Conto Açoriano*, Doutoranda na Universidade de Aveiro, 2009 in revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/download/216/187 [consultado a 20 de Dezembro de 2011].

-----, *O Conto Literário de Temática Açoriana: a Ilha, o Mar e a Emigração*, Dissertação de Doutoramento, Departamento de Línguas e Culturas – Universidade de Aveiro, 2010 in <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/3963/1/Tese%20Doutoramento.pdf> [consultado a 20 de Dezembro de 2011].

CARREIRO, José, *Miguel Torga – A Criação do Mundo*, 2009 in http://lusofonia.com.sapo.pt/literatura_portuguesa/criacao_do_mundo.htm [consultado a 13 de Fevereiro de 2012].

CASTRO, Zélia, *Madeira Integrada em Exposição do Smithsonian em 2016*, 25 de Fevereiro de 2011 in <http://www.dnoticias.pt/actualidade/5-sentidos/251748-madeira-integrada-em-exposicao-do-smithsonian-em-2016> [consultado a 25 de Janeiro de 2012].

DIAS, Eduardo Mayone, *Literatura Emigrante Portuguesa na Califórnia*, 1983 in http://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/664/1/EduardoMayoneDias_p467-568.pdf

[consultado a 12 de Fevereiro de 2012].

DORES, Victor Rui, *Da Condição Humana em Pedras Negras, de Dias Melo, Seixo Review* – Revista Semestral de Artes & Letras, Horta, 2003 in http://members.shaw.ca/eduardobpinto/victordores_diasdemelo.html [consultado a 20 de Dezembro de 2011].

CUNHA, Maria Helena Melo de, *Gestão Cultural; Profissão em Formação*, Pós-Graduação – Conhecimento e Inclusão Social em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2005 in <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/FAEC-856N9M/1/1000000598.pdf> [consultado a 10 de Junho de 2012].

FAINGOLD, Reuven, *Lasar Segall (1891 – 1957) e o Memorial do Holocausto*, Universidade Hebraica de Jerusalém, s/d, in <http://www.reuvenfaingold.com/artigos/aulas/faap/lasar-segal.pdf> [consultado a 20 de Fevereiro de 2012].

FERNANDES, Cláudia Alves; JUNIOR, Ricardo de Oliveira Fernandes, *Dom João VI: Arquiteto da Emancipação Brasileira, Ibérica* – Revista Interdisciplinar de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos, (s/d) in <http://www.estudosibericos.com/arquivos/iberica9/joaofernandes.pdf> [consultado a 10 de Setembro de 2011].

FERNANDES, Miguel Sa, *Saias de Balão (MADS) Teatro do Funchal 2004* in <http://miguelSafernandes.blogspot.pt/2011/01/saias-de-balao-mads-teatro-do-funchal.html> [consultado a 31 de Maio de 2012].

FILHO, Ricardo Moreira Figueiredo, *Análises Histórico-Sociais dos Torna-viagens a partir da Literatura Portuguesa Oitocentista*, Cadernos de História, Belo Horizonte, vol. 11, n.º 15, 2º sem., 2010 in https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:xQjvZYmRleMJ:periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/download/2269/2613+ricardo+moreira+figueired+filho+analises+historico-sociais&hl=pt-PT&gl=pt&pid=bl&srcid=ADGEESjEHShsqYmGXe20-WAOeKAcvfYnUVhkxI_QSSfLyu_Kn7r49oj_09S4DaxqDyB6XH5jYPk40XSKfoKte1wWZx9zBitaA3wQWlrqayK-

[A9U8kp1ZhLkyATyT8L5e4fVWVYLXQWF4&sig=AHIEtbResDJz9ACHjVzpGMdsrR AfjyhJwQ](http://www.periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/.../2613) ou [periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/.../2613](http://www.periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/.../2613) [consultado a 4 de Fevereiro de 2012].

FRANCO, José Eduardo, *O Mito e o Espelho: A Ideia de Europa em Eduardo Lourenço*, (s/d) in http://www.eduardolourenco.com/6_oradores/oradores_PDF/Jose_Eduardo_Franco.pdf [consultado a 15 de Dezembro de 2011].

FREIRE, Manuel, *Os Emigrantes*, Editora Diapasão, 1978 in <http://www.museu-emigrantes.org/poesia-emigracao.htm> [consultado a 30 Outubro de 2011].

GIL, Fernando, *Moçambique para Todos: Emigração – Imigração – Refugiados*, 21 de Fevereiro de 2012 in http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/emigrao_imigrao/ [consultado a 27 de Fevereiro de 2012].

GOMES, Nancy, “Os Portugueses na Venezuela”, *Portugal, Brasil e a América Latina, Relações Internacionais*, n.º 24, 2009 in <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/ri/n24/n24a10.pdf> [consultado a 10 de Setembro de 2011].

GOLDEY, Patrícia, “Emigrantes e Camponeses: Uma Análise da Literatura Sociológica”, *Análise Social*, Vol. XVIII (71), 2.º, 1982 in <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223399973C6kKN4py4Wy54XP5.pdf> [consultado a 10 de Novembro de 2011].

MACHADO, Igor José de Renó, “O “Brasileiro de Torna-viagens” e o Lugar do Brasil em Portugal”, *Revista Estudos Históricos*, Vol. 1, n.º 35, Rio de Janeiro, 2005 in <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2236> [consultado a 4 de Fevereiro de 2012].

MATOSO, Rui, *Entrevista com Toni Puig (Gestor Cultural – Barcelona)*, 2009 in <http://programacaoegestaocultural.wordpress.com/2012/02/24/entrevista-com-toni-puig-gestor-cultural-barcelona/> [consultado a 15 de Maio de 2012].

MELO, João, *Aproximação a um Estudo da Novelística Açoriana de Ontem e de Hoje. Prefácio à Antologia Panorâmica do Conto Açoriano, Séculos XIX e XX*, 1978 in http://lusofonia.com.sapo.pt/acoresh/acorianidade_melo_1978.htm [consultado a 27 de Maio de 2012].

MENDES, José M. Amado, *A Emigração Portuguesa nas Ópticas de Alexandre Herculano, Oliveira Martins e Afonso Costa*, 1988 in <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/12789/1/Jos%c3%a9%20M.Amado%20Mendes%2024.pdf> [consultado a 20 de Dezembro de 2011].

MENDONÇA, Duarte Miguel Barcelos, “Contos de Embarcar”, de Lília Mata - *A Emigração Madeirense Retratada na Literatura*, Fórum Madeirense, *Portuguese Times – New Bedford, Mass*, 2010 in http://www.portuguesetimes.com/Ed_1858/Cronicas/diacron%2010.htm [consultado a 20 de Outubro de 2011].

-----, “Gente da Terceira Classe”, de José Rodrigues Miguéis – *Revelação da Identidade da Emigrante Madeirense Referida no Conto*, Fórum Madeirense, *Portuguese Times – New Bedford, Mass*, 2010 in http://www.portuguesetimes.com/Ed_1861/Cronicas/diacron%2010.htm [consultado a 10 de Janeiro de 2012].

MOREIRA, Marta Rocha, *Da Casa ao Museu: adaptações arquitectónicas nas casas museus em Portugal*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitectura do Porto, 2006 in http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/53514?mode=full&submit_simple=Mostrar+registo+em+formato+completo [consultado a 17 de Julho de 2011].

NASCIMENTO, Joselin da Silva do, *Emigração Madeirense para a Venezuela (1940-1974)*, Dissertação de Mestrado em Estudos Interculturais – Estudos Luso-Brasileiros, Universidade da Madeira, 2009 in <http://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/142/1/MestradoJoselinNascimento.pdf> [consultado a 10 de Setembro de 2011].

NEVES, José Soares, SANTOS, Jorge Alves dos, NUNES, Joana Saldanha, *Os Museus em Portugal: políticas públicas e dinâmicas do sector em Portugal nos anos mais recentes*, IV Congresso Português de Sociologia – Mundos Sociais: Saberes e Práticas, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2008 in <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/768.pdf> [consultado a 19 de Julho de 2011].

PASCOLI, Maria do Carmo, *Idas e Vindas. O Motivo da Viagem em Textos Literários Portugueses*, Tese de Doutoramento em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007 in

http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde_arquivos/11/TDE-2008-11-11T102054Z-833/Publico/tese%20seg.pdf [consultado a 4 de Fevereiro de 2012].

REIS, Carlos Vieira, *Vidas Lusófonas – Fernando Namora*, (s/d) in <http://www.vidaslusofonas.pt/namora.htm> [consultado a 10 de Fevereiro de 2012].

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, “Refluxos Culturais da Emigração Portuguesa para o Brasil”, *Análise Social*, 1986 – 1º in <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223483165U1cML5by5Tp76UD3.pdf> [consultado a 10 de Setembro de 2011].

SANTOS, Maria Helena Carvalho dos, “Emigração e Níveis de Cultura: a União Portuguesa do Estado da Califórnia (1880 – 1980)”, *Análise Social*, Vol. XIX (77 – 78 – 79), 1983 in <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223465599X3iMM9fy0Io95AR8.pdf> [consultado a 17 de Julho de 2011].

SERRÃO, Joel, “Conspecto Histórico da Emigração Portuguesa”, *Análise Social*, pp. 597 – 617, (s/d) in <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224258510R3rFG4jc9La79ZA4.pdf> [consultado a 12 de Setembro de 2011].

-----, “Notas sobre Emigração e Mudança Social no Portugal Contemporâneo”, *Análise Social*, Vol. XXI (87 – 88 – 89), 1985 – 3.º-4.º-5.º, in <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223479967E1qUA9ge7Af56BK0.pdf> [consultado a 12 de Setembro de 2011].

SILVA, Liliana Sousa e, “Gestão Cultural na e para a Cidade”, *Cultura e Mercado*, 2008 in <http://www.culturaemercado.com.br/wp-content/uploads/2008/09/gestaoculturalnaeparaacidade.pdf> [consultado a 10 de Junho de 2012].

SILVA, Maria Manuela Morais, *A Construção do Romance em José Rodrigues Miguéis A Pluralidade dos Mecanismos processuais de Escrita*, Tese de Doutoramento em Literaturas e Culturas Românicas, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010, in <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/53898/2/tesedoutmanuelasilva000120958.pdf> [consultado a 2 de Fevereiro de 2012].

SILVA, Susana Neves Tavares Bastos de Pinho, *O Emigrante Português em Três Romances de Aluísio Azevedo*, Tese de Mestrado em Literaturas Românicas, Faculdade de

Letras da Universidade do Porto, 2007 in <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14646/2/tesemestemigranteportugues000075174.pdf>

[consultado a 15 de Novembro de 2011].

SOUSA, Fernando de (org), *Emigração Portuguesa para o Brasil e as Origens da Agência Abreu 1840*, 1.^a edição, Colecção Portugueses no Mundo, Porto, Fronteira do Cais Editores, 2009 in <http://www.cepese.pt/portal/investigacao/livro-a-emigracao-portuguesa-para-o-brasil-e-as-origens-da-agencia-abreu-1840> [consultado a 10 de Fevereiro de 2012].

VIEIRA, Alberto, “A Emigração Madeirense na Segunda Metade do Século XIX” in *Emigração e Imigração em Portugal*, Porto, Fragmentos, 1993 in Biblioteca Digital: <http://www.madeira-edu.pt/Portals/31/CEHA/bdigital/avieira/1993-emigrar.pdf>

[consultado a 11 de Fevereiro de 2012].

-----, *A Emigração Portuguesa nos Descobrimentos: Do Litoral às Ilhas*. Portuguese Studies Review, Vol. 15 (n.ºs 1 – 2), 2007 in <http://www.trentu.ca/admin/publications/psr/1512004.pdf> [consultado a 10 de Setembro de 2011].

VIEIRA, Fátima, *Entrevista a... Onésimo Teotónio de Almeida*, E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia, n.º 1, 2004 in <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo10481.PDF> [consultado a 25 de Fevereiro de 2012].

VIEIRA, M-Isabelle, *Quando os Portugueses Partiam a Salto para França*, Museu da Emigração e das Comunidades in <http://www.museu-emigrantes.org/seminario-comunica-isabel-vieira.htm> [consultado a 10 de Janeiro de 2012].

VIII – Webgrafia Geral

Arquipélagos:

<http://www.arquipelagos.pt/arquipelagos/> [consultado a 20 de Maio de 2011].

Blogs:

http://aurevoirportugal.blogspot.com/2009_12_01_archive.html [consultado a 11 de Janeiro de 2012].

<http://chapeuebengala.blogspot.com/2011/05/conhecer-o-escritor-urbano-bettencourt.html>
[consultado a 11 de Janeiro de 2012].

<http://democraciaberta.blogspot.com/2009/09/2-causas-e-caracteristicas-da-emigracao.html>
[consultado a 10 de Setembro de 2011].

<http://portfoliocultural.blogspot.pt/2009/10/entrevista-o-que-faz-o-gestor-cultural.html>
[consultado a 2 de Junho de 2012].

<http://pravdailheu.blogs.sapo.pt/152981.html> [consultado a 10 de Fevereiro de 2012].

Câmara Municipal de Machico - Portal

<http://www.cm-machico.pt/> [consultado a 15 de Abril de 2012].

http://www.cm-machico.pt/index.php?pag2=noticias_ver&id=1304 [consultado a 2 de Setembro de 2012]

CEHA – Biblioteca Digital:

<http://www.madeira-edu.pt/ceha/tabid/1454/Default.aspx> [consultado a 11 de Fevereiro de 2011].

Citador.pt:

<http://www.citador.pt/poemas/terra-24-fernando-namora> [consultado a 10 de Fevereiro de 2012].

Estudo Ibéricos:

<http://www.estudosibericos.com> [consultado a 15 de Novembro de 2011].

Horácio Bento de Gouveia:

<http://www3.uma.pt/hbento/> [consultado a 20 de Novembro de 2011].

Instituto Camões:

<http://cvc.instituto-camoes.pt> [consultado a 2 de Janeiro de 2012].

<http://cvc.instituto-camoes.pt/sabermaisobre/jrmigueis/cronica.html> [consultado a 2 de Janeiro de 2012].

Jornal de Notícias Online:

<http://www.jn.pt> [consultado a 30 de Outubro de 2011].

http://www.jn.pt/PaginaInicial/Interior.aspx?content_id=557962 [consultado a 30 de Outubro de 2011].

Lusofonias.net:

http://www.lusofonias.net/cat_view/99-estudos-acorianos/103-cadernos-acorianos.html?lang=pt&limitstart=12&view=docman [consultado a 10 de Fevereiro de 2012].

Maria do Carmo Rodrigues:

<http://www.mariadocarmorodrigues.com/> [consultado a 20 de Dezembro de 2011].

Museu da Emigração e das Comunidades:

<http://www.museu-emigrantes.org> [consultado a 1 de Setembro de 2011].

Museu dos Descobrimentos:

<http://www.cm-belmonte.pt/indexadnm.html> [consultado a 3 de Janeiro de 2012].

Museu Lasar Segall Ibram – Minc:

www.museusegall.org.br [consultado a 20 de Fevereiro de 2012].

PQ – Jornal:

http://www.pq-jornal.com/index.php?option=com_content&view=article&id=492:emigracao-portuguesa&catid=4:reportagem&Itemid=13 [consultado a 20 de Novembro de 2011].

Público:

<http://www.publico.pt>
<http://www.publico.pt/Sociedade/passos-coelho-sugere-aos-professores-desempregados-que-emigrem-1525528> [consultado a 20 de Janeiro de 2012].

RTP – Rádio Televisão Portuguesa:

http://tv.rtp.pt/programas-rtp/index.php?p_id=20218&e_id=&c_id=7&dif=tv [consultado a 30 de Outubro de 2011].

Série” Ei-Los que Partem” disponível in
http://tv.rtp.pt/wportal/press/fix_fotos/historia_emigra_pt/historia_emigracao_portuguesa.pdf [consultado a 30 de Outubro de 2011].

Universidade da Madeira – Portal da UMA:

www.uma.pt
Regulamento Específico do 2.º Ciclo em Gestão Cultural, Universidade da Madeira:
http://uaa.uma.pt/index.php?option=co_docman&task=doc_download&gid=554&Itemid=60&lang=pt e
http://www.uma.pt/portal/modulos/curso/index.php?T=1342655096&TPESQ=PESQ_CURSO_DADOSGERAIS&TPESQANT=PESQ_ENSINOLST_MEST&IDM=PT&IdCurso=352&Cod_Especialidade_Cx=0&NPAG=&IdLingua=1&TORDANT=&CORDANT=&SCRANT=/portal/modulos/curso/index.php&NV_MOD=MODCURSO&NV_EAGR=EAGR_CURSOMEST&NV_MOD_ANT=MODCURSO&NV_EAGR_ANT=EAGR_ENSINOLST&NV_TAB=&NV_TAB_ANT= [consultado a 26 de Junho de 2012].

IX – Periódicos

Diário de Notícias, 13 de Fevereiro de 1940.

Jornal da Madeira, 4 de Setembro de 1953.

X – Anexos

Anexo 1

Fotografias da exposição “Por uma Vida Melhor” de Gérald Bloncourt



11871 Les Passagers clandestins d'émigrants portugais à travers les Pyrénées - mars 1965
Paisagem clandestina de emigrantes portugueses nos Pirenéus, Março de 1965.

Fig. 1 – Percurso Emigratório – Travessia pelos Pirenéus.



11861B- En transit à Hendaye, pour Paris - mars 1965
De passagem por Hendaye, rumo a Paris, Março de 1965

Fig. 2 – Chegada dos emigrantes a Paris.



05133 - Jeunes portugais dans un bidonville à Aubervilliers - 1965 - Ici les rencontres ne peuvent se faire qu'en plein air et par tous les temps. Rien n'est prévu pour accueillir les jeunes.
Avemos portugueses num bairro de lata em Aubervilliers, 1965. Aqui, as reuniões só acontecem ao ar livre, seja sol, quer seja chuva. Não há estruturas para acolher os jovens.

Fig. 3 – Bidonvilles.



09021 - Bidonville - 1965
 L'absence de un petit porteur - les bidonvilles paissent, le doge qui dit les pères, le frère, le frère...
 Bidonville de Lige au Portugal, 1965
 Bidonville de Lige (Portugal) - ausência de um pequeno portador, o doge que diz os pais, o irmão, o irmão...

Fig. 4 – No bidonville, as barracas não tinham esgotos, água canalizada ou luz eléctrica.



Fig. 5 – Aquando das chuvas, as *bidonvilles* ficavam cheias de lama e, por vezes, intransitáveis.

Fonte: BLONCOURT, G erald, “Por uma Vida Melhor”, Exposi o fotográfica, 2008 in <http://www.sudexpress.org/Expositions/Bloncourt/index.html> [consultado a 10 de Janeiro de 2012].

Anexo 2

Plantação de cana-de-açúcar no Havai



Fig. 1 – Capa da Tese de Mestrado – CALDEIRA, Susana, *Da Madeira para o Hawaii: A Emigração e o Contributo Cultural Madeirense*, n.º 7, Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA), Funchal, 2010.

Anexo 3

Cais do Funchal



Fig. 1 – Retirada de “A Emigração na Canção Popular Madeirense” de Rui Camacho in PEREIRA, Odeta (coord.), *A Emigração na História da Madeira*, Newsletter do Centro de Estudos de História do Atlântico, n.º 12, 2011, p. 36.

Anexo 4

Cartaz da peça de teatro “Quase Por Acaso Um Emigrante”

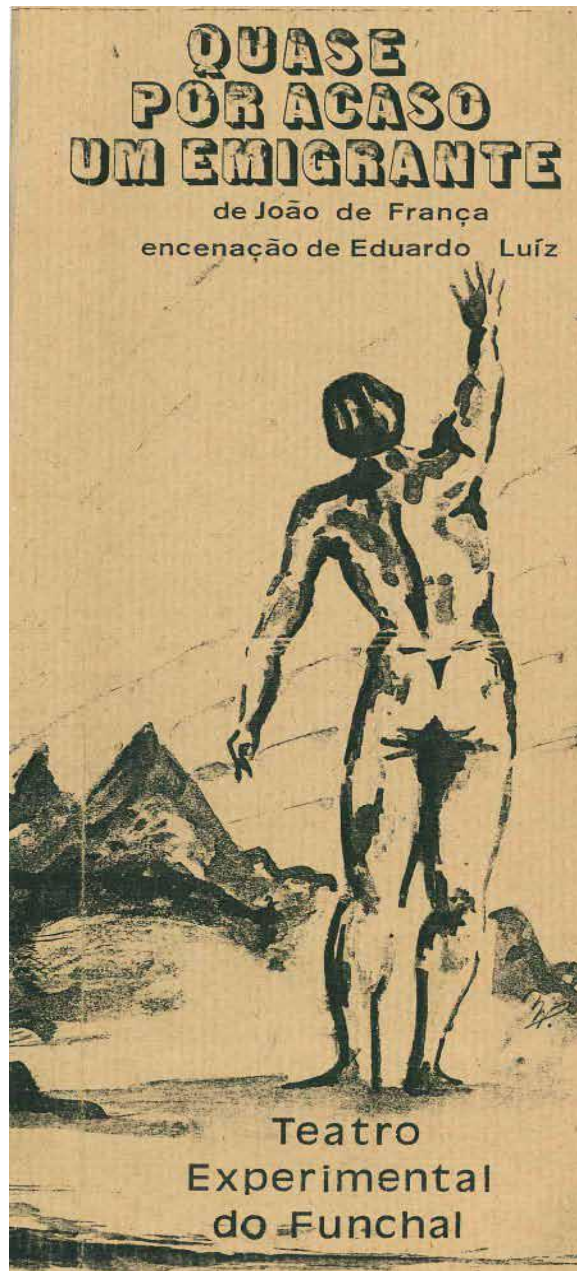


Fig. 1 – Retirado de “O Emigrante” de João França: Da Escrita à Representação Cénica” de Leonor Martins Coelho in PEREIRA, Odeta (coord.), *A Emigração na História da Madeira, Newsletter* do Centro de Estudos de História do Atlântico, n.º 12, 2011, p. 7.

Anexo 5

Contacto com o Solar do Ribeirinho

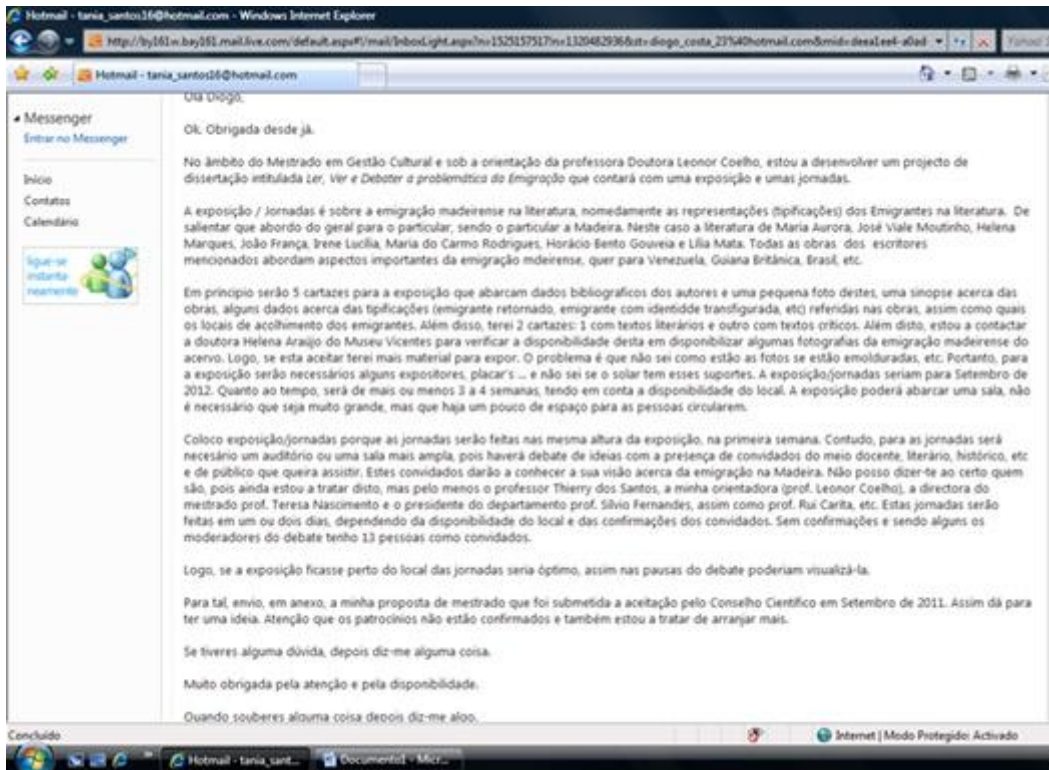


Fig. 1 - E-mail enviado ao Sr. Diogo Costa do Solar do Ribeirinho.

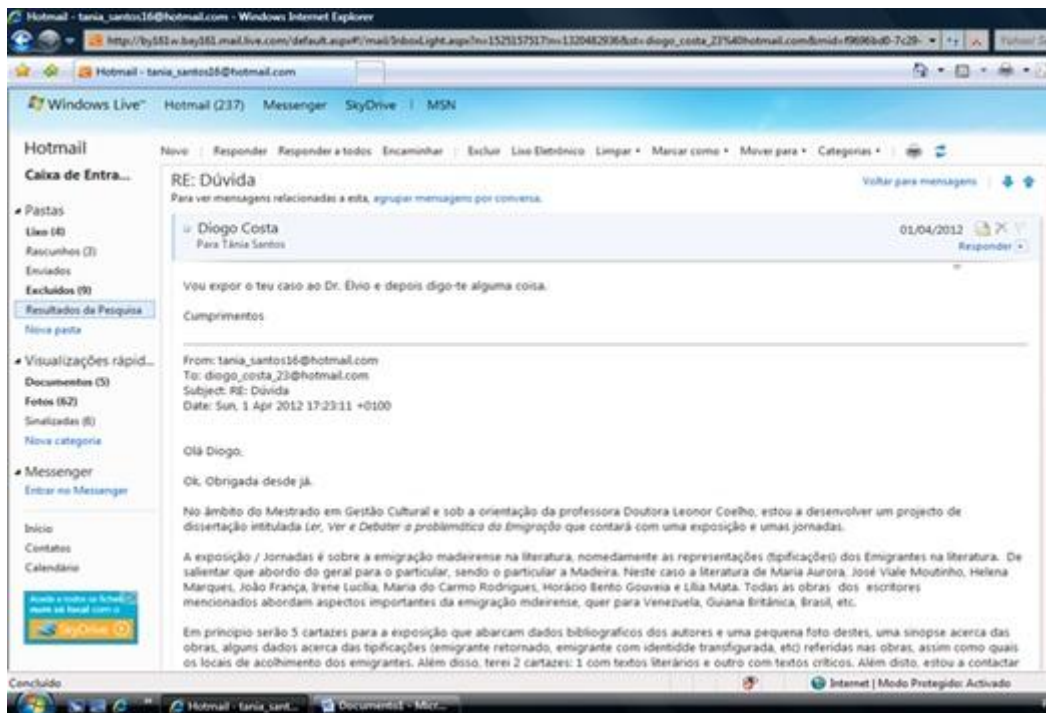


Fig. 2 - Resposta do Sr. Diogo Costa do Solar do Ribeirinho.

Anexo 6

OFÍCIO

Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Machico,

Estou a desenvolver um projecto de dissertação intitulado Ler, Ver e Debater a problemática da Emigração, no âmbito do Mestrado em Gestão Cultural da Universidade da Madeira, sob a orientação da professora Doutora Leonor Coelho.

Este projecto de dissertação conta com uma exposição e umas jornadas acerca do tema em apreço. Este tema abarca a emigração na literatura da Madeira e foca as representações (tipificações) dos Emigrantes na ficção do século XX.

Neste sentido, venho por este meio, solicitar a Vossa Excelência as instalações do Fórum Machico (sala de exposições e espaço multimédia da biblioteca) para a concretização de uma exposição e de umas jornadas a decorrer durante o próximo mês de Setembro de 2012. Solicito, ainda, apoio logístico para a impressão de cartazes.

Com os meus melhores cumprimentos,

Machico, 4 de Abril de 2012

Tânia Vieira dos Santos

Fig. 1 - Ofício enviado ao Presidente da Câmara Municipal de Machico.

Anexo 7

Material para os eventos

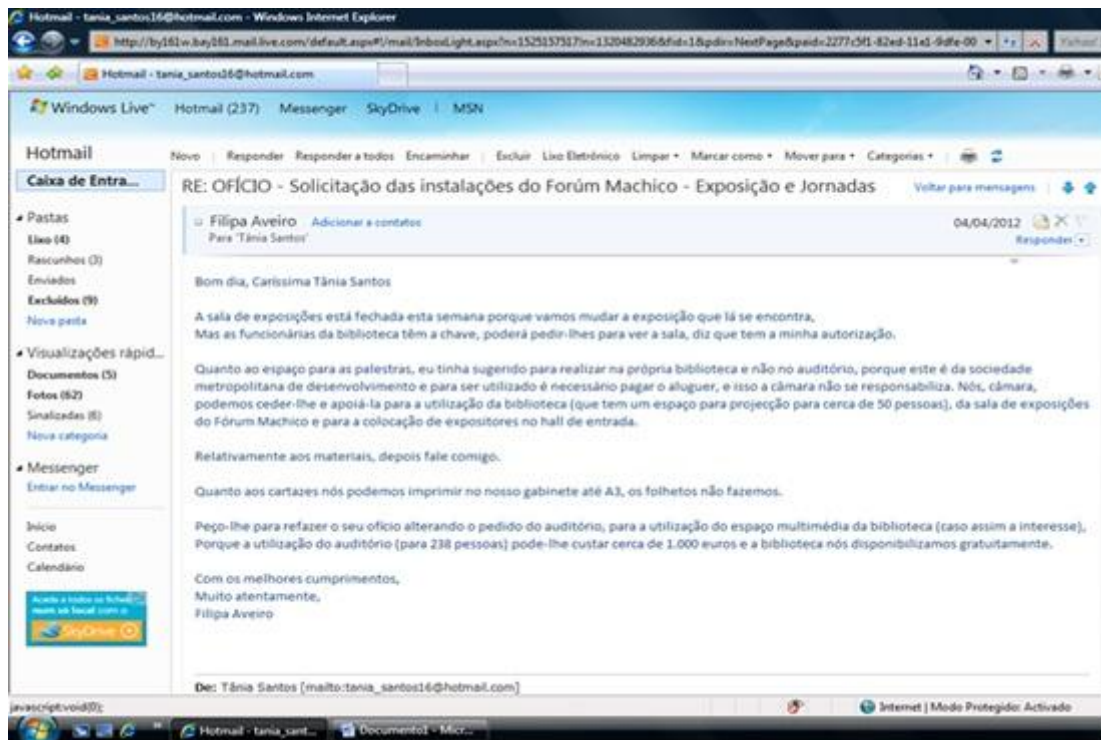


Fig. 1 - Resposta da Dra. Filipa Aveiro em relação aos materiais.

Anexo 8

Flyer “Ler, Ver e Debater a problemática da Emigração”

Ler, Ver e Debater a problemática da Emigração

Exposição:
3 a 30 de Setembro de 2012 –
Biblioteca do Fórum Machico.

Books shown:
- O EMIGRANTE (JOÃO FRANÇA)
- TORNA VIAGEM (ROMANCE) (JOÃO DE DEUS)
- Contos de Embarcar (Lúcia Mata)
- OS ÍBIS VERMELHOS DA GUIANA (HELENA MARQUES)
- Uma Família Madeirense (ROMANCE) (JOÃO FRANÇA)
- O ÚLTIMO CAIS (ROMANCE) (HELENA MARQUES)
- narrativas contemporâneas da Madeira / récits contemporains de Madère
- A SANTA DO CALHAU (MARIA AURORA CARVALHO HOMEM)
- ANGÉLICA E A SUA ESPÉCIE (IRENE LUCÍLIA ANDRADE)
- LINHAS RETAS E CURVAS (ou o filho que perdi e...) (MARIA DO CARMO RODRIGUES)

Images shown:
- Open book with handwritten letters
- People on a pier
- Yellow ship at sea

Fig. 1 – Exposição.

Jornada: 6 de Setembro de 2012 – Espaço Multimédia da
Biblioteca do Fórum Machico.

14h00 – 14h30: Recepção e sessão de abertura.

14h30: Professor Doutor Rui Carita – “A imagem da Emigração Madeirense nos finais do século XIX - Dois álbuns de fotografias de família de Carolina de Meneses e a necessidade do *Resgate da Memória*”.

14h50: Prof.ª Doutor Paulo Miguel Rodrigues – “A Emigração Madeirense numa perspectiva histórica”.

15h10: Mestre Susana Caldeira – “Da Madeira para o Havai: A Emigração”.

15h30: Pausa/café.

15h50: Mestre Duarte Mendonça – “Breve panorâmica sobre a presença madeirense em New Bedford”.

16h10: Mestre Joselin Nascimento – “A Emigração Madeirense para a Venezuela (1940 - 1974)”.

16h30: Mestre Elina Batista – “A Retórica do teatro da Emigração Madeirense no século XIX”.

17h00 – 17h30: Sessão de encerramento.

Moderadores: Prof.ª Doutora Leonor Martins Coelho e Prof.º Doutor Thierry Proença dos Santos.

A exposição e a jornada baseiam-se num estudo de investigação no âmbito do Mestrado em Gestão Cultural da Universidade da Madeira e foram elaboradas por Tânia Santos.

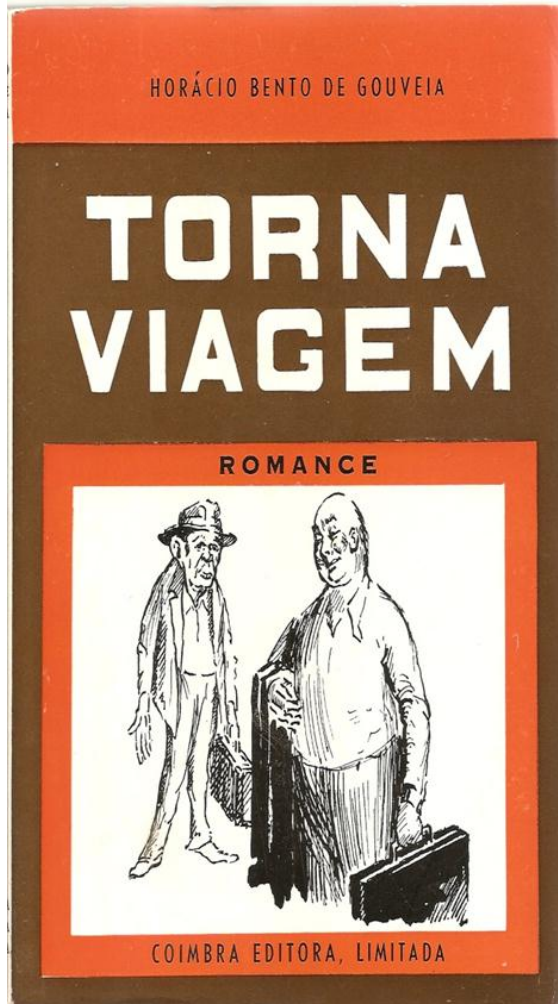
Apoios:



Fig. 2 – Programa da jornada.

Anexo 9

Elaboração dos cartazes



Torna-Viagem de Horácio Bento de Gouveia narra duas histórias de emigração. O texto revela o sucesso do casal Freitas (Inês e Francisco), obtido na Venezuela, e os (in)sucessos do sapateiro Artur, quer no Brasil, quer na Venezuela.

"[V]ou realizar um pequeno sonho de toda a minha vida: mandar construir uma casa de dois andares na pobre terra onde nasci (...)." (1979: 239) – Inês (Casal Freitas)

"Voltou o Artur, alquebrado, desiludido, para acoitar-se no palheiro da mulher. Nada mais acrescentou às duas minguadas linguetas de terra que herdara Maria Clara. O Brasil e a Venezuela encadearam-lhe os sentidos. Vivera fascinado por um presente que também lhe encobria o futuro. Mas salvou a vida, com meia dúzia de contos na algibeira e a guitarra, símbolo do seu fado. E readaptou-se aos velhos hábitos e ao ofício de sapateiro, assentando-se na mesma banca de três pés como dantes, quando trabalhava na sua antiga lojinha com porta de castanho pintada de verde, acaçapada no antigo caminho onde as casas têm as costas voltadas para o adro." (1979: 214) – Artur

In *Torna Viagem*, Coimbra Editora, Coimbra, 1979.



Horácio Bento de Gouveia

Dados Biográficos: Ponta Delgada (São Vicente – Madeira), 5 de Setembro de 1901 – Funchal, 23 de Maio de 1983.

Obras Principais: *Ilhéus/Canga* (1949, 1ª ed. / 1960, 2ª ed. / 1975, 3ª ed.), *Lágrimas Correndo Mundo* (1959), *Águas Mansas* (1963), *Alma Negra e Outras Almas* (1972), *Margareta* (1980) e *Luísa Marta* (1986).

Fig. 1 – *Torna-Viagem* de Horácio Bento de Gouveia

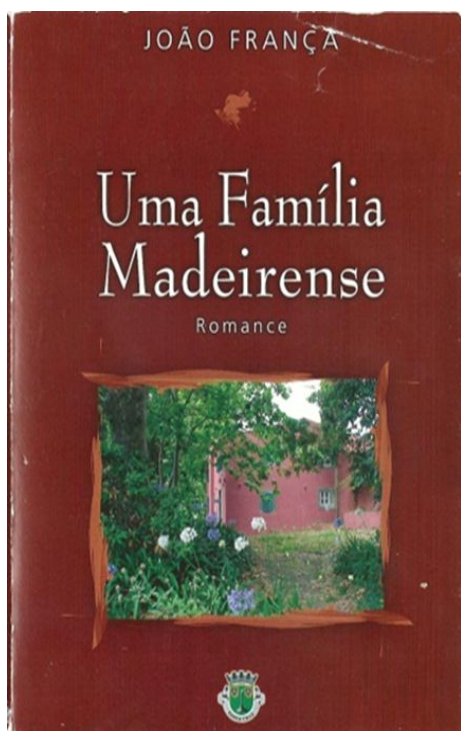


Em *O Emigrante*, o sucesso de Crispim Americano, obtido na América, cativa a atenção da população, principalmente de Rique Brás.

"(...) deixei tudo aqui: terra, a mulher, uma filha inda busica e caminhei p'r'América, onde fui uma besta de trabalho, salvo seja!, e tudo só p'ra voltar aos Canhas com alguma coisa de meu; tudo por amor da família, p'ra lhe dar uma casa, uma fazenda, outra vida melhor (...)" (s/d: 68) – Crispim Americano

"Resolvi emigrar p'r'América." (s/d: 70) "Só quero melhorar a vida. Já tou farto d'andar de chapéu na mão, a pedir trabalh'aos outros. E sempre na mesma miséria." (s/d: 72) – Rique Brás

In *O Emigrante*, Agência Portuguesa de Revistas, Lisboa, s/d.



Em *Uma Família Madeirense*, o autor descreve a realidade madeirense durante o Estado Novo e salienta os problemas de uma sociedade fechada e hierarquizada. O romance foca, ainda, as histórias de emigração do Quim Talaia na Venezuela, do marido de Rosa Sabina na África do Sul e de Ricardo Meireles na Inglaterra.

"Poderia mostrar os calos nas mãos e nos ombros, mas já não poderá exhibir as lágrimas e o suor derramado." (2005: 116) – Quim Talaia

"O marido teimara em emigrar para África do Sul. Iria ganhar um dinheirinho para mercar um bocado de terra, (...) no Caniço, onde levantaria uma casa. Mas a sorte não o ajudou. Pegara uma febre tão ruim, que tivera de regressar. (...) Não lhe deixando dinheiro que se visse (...)" (2005: 125) – Marido de Rosa Sabina

"Ricardo Meireles estudava Medicina no Hospital Escolar de São Tomás, em Londres (...)" (2005: 35) – Ricardo Meireles
In *Uma Família Madeirense*, Câmara Municipal de Santa Cruz, Santa Cruz, 2005.

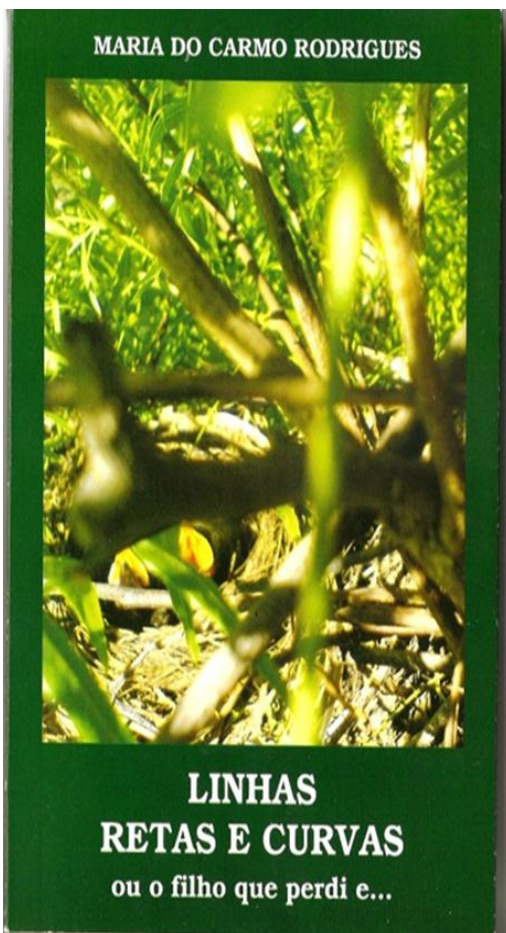
João França

Dados Biográficos: Funchal, 23 de Junho de 1908 – Lisboa, 28 de Janeiro de 1996.

Obras Principais: *Ribeira Brava* (1953), *O Drama do Lobo* (1964), *Um Mundo à Parte* (1970), *A Ilha e o Tempo* (1972) e *Poema Ilhéu: Mar, Terra, Gente* (1993).



Fig. 2 – *O Emigrante* e *Uma Família Madeirense* de João França.



Presente e passado entrecruzam-se revelando o divórcio de Inês, o casamento fracassado de Manuel, motivado, em parte, pelo desassossego causado pela Guerra Colonial, ou a infelicidade de uma mãe que entrega o filho para a adopção. Destas múltiplas histórias de vida, emergem outras vivências relacionadas com a emigração. Manuel da Volta e José Bonifácio partiram para os Estados Unidos e para a África do Sul. O regresso às raízes é, de igual modo, salientado. Manuel da Volta mantém-se fiel aos princípios da fraternidade. Porém, o comportamento de Bonifácio roça a arrogância.

"E trazia em mente um plano. Natalinha referira ganhar o pão... Consultou o extracto da sua conta bancária, quanto gastara desde que vivia em casa das irmãs, isto é na casa que fora dos seus pais e onde ele pagara as obras necessárias para a tornar confortável como era. O que dependia mensalmente da sua reforma americana, muito mais justa do que as pensões portuguesas, e o que sobrava. Concluiu que lhe seria possível dar uma mesada satisfatória a Natalinha e assim ela deixaria de trabalhar." (2011: 68) – **Manuel da Volta (Poeta)**

"- Eu não sou filho do fraldica, sou o senhor Bonifácio (...) OK?" (2011: 86) – **José Bonifácio**

In *Linhas Retas e Curvas ou o Filho Que Perdi e...*, 1ª edição, VelaBanca, Funchal, 2011.

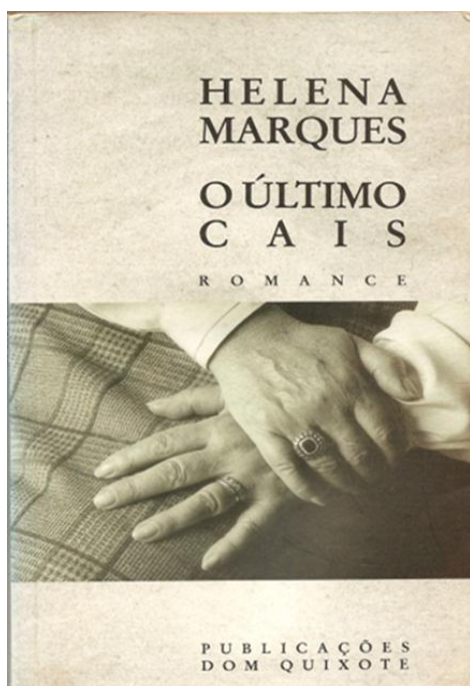


Maria do Carmo Rodrigues

Dados Biográficos: Funchal, 16 de Julho de 1924.

Principais Obras de Recepção Infantil: *Dona Trabucha, a Costureira Bucha* (1964), *O Vencedor* (1973), *Sebastião, O Índio* (1982), *À Porta do Teu Coração* (1988), *A Jóia do Imperador* (1992), *A Mensagem Enigmática* (1993), *Estou a Crescer* (1999), *João Gomes do Gato* (2002), *Aventuras de Chico Aventura* (2005) e *1+1=2 Gatos* (2012).

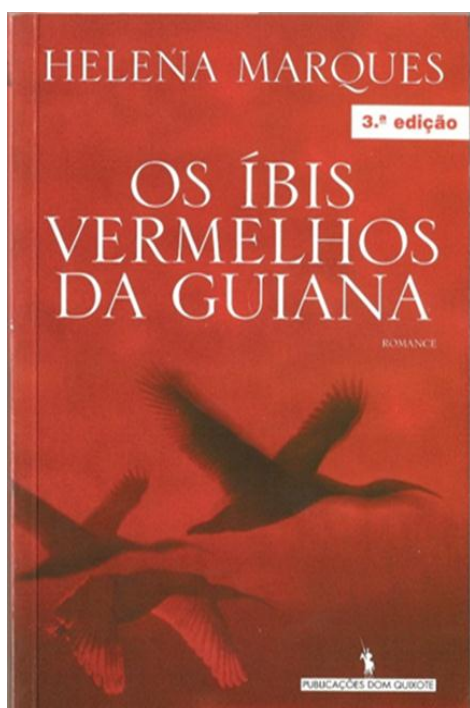
Fig. 3 – *Linhas Retas e Curvas ou o Filho Que Perdi e...* de Maria do Carmo Rodrigues



O Último Cais narra os amores e os infortúnios das famílias Passos e Vaz de Lacerda. A narrativa centra-se em Raquel e Marcos. A protagonista anseia conhecer as suas raízes em Malta. Em vez disso, o casal empreende uma viagem à Guiana Britânica. Um breve percurso migratório que termina com a morte de Raquel. A Marcos, resta-lhe, regressar à Ilha da Madeira.

“O paquete levanta ferro por fim, já não se distingue a quem pertencem as mãos que acenam e os lenços que dançam no ar, a ilha começa a ficar para trás, há um cheiro inebriante a ar, Raquel apoia-se mais em Marcos, sabe-se tão absolutamente feliz!” (1993: 87) **Raquel e Marcos**

In *O Último Cais*, 1ª edição, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1993.



Neste romance, ao focar a história da família Adams, protagonizada por Simon e Anne Adams, bisavô e bisneta, a escritora aborda a emigração de Simon para a Guiana Britânica. Outras experiências migratórias, nomeadamente das gerações seguintes, bem como o desejo de regressar à Ilha por parte da heroína são, também, referidas.

“Simão começaria uma família, inauguraria uma geração, numa terra nova, numa pátria nova, com uma língua nova, com um novo nome. Chamar-se-ia Simon (versão inglesa do nome que sua mãe escolhera) e Adams (em evocação do primeiro homem da Bíblia).” (2002: 24–23) – **Simon Adams**

“Desejou desesperadamente regressar à Madeira, ao sol esplendoroso, à doçura do clima, a uma cama onde dormisse sozinha, dona do seu corpo e da sua integridade.” (2002: 156) – **Anne Adams**

In *Os Íbis Vermelhos da Guiana*, 3ª edição, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2002.

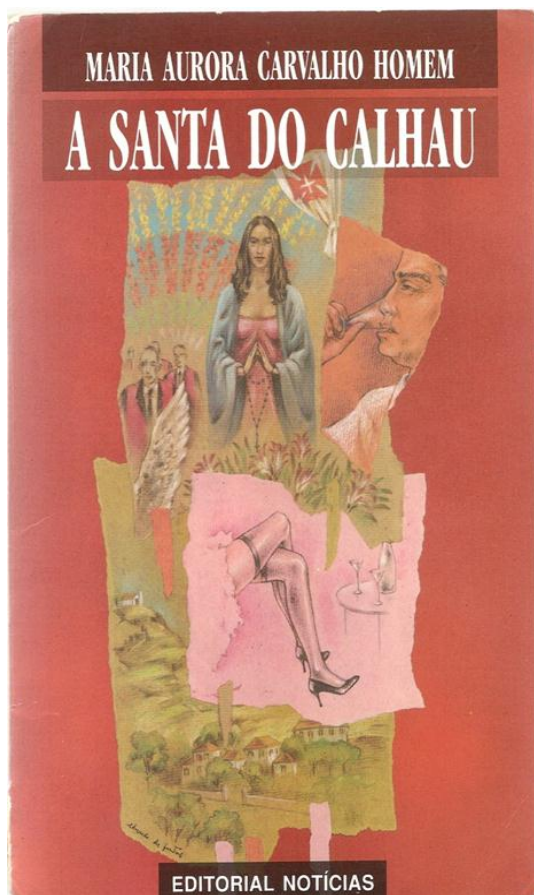
Helena Marques

Dados Biográficos: Carcavelos, 17 de Maio de 1935.

Principais Obras: *A Deusa Sentada* (1994), *Terceiras Pessoas* (1998), *Ilhas Contadas* (2007) e *O Bazar Alemão* (2010).



Fig. 4 – *O Último Cais* e *Os Íbis Vermelhos da Guiana* de Helena Marques.



Justino e Evangelino Feijão protagonizam histórias caricatas de emigrantes na Venezuela. Ao retornarem ricos à terra natal, vão ostentar uma (re)nova(da) identidade: modificam as velhas casas dos pais, participam nas festividades religiosas e acentuam um estilo exuberante.

“Andou muitos anos emigrado na Venezuela. Quando a idade apertou e a conta bancária lhe assegurava um regresso sem sobressaltos, desembarcou na terra (...). Aumentou a casa que herdara dos pais (...), meteu-lhe varandinha de ferro (...) guardando os fundos para um misto de tasca e mercearia, para entreter a velhice.” (1992: 16) – **Justino**

“Fumando um grosso charuto, o Evangelino passeava-se entre os visitantes. A Amarilda de lantejoulas e cetins, gargantilha de ouro e anéis fulgurantes nas mãozinhas pequenas, sorria recebendo as senhoras. As filhas, esplêndidas, de pregadores de brilhantes nas cabeleiras fartas, todas dourados e rosa, borboleteavam entre olhares gulosos.” (1993: 24) – **Evangelino Feijão e a família**
“A Santa do Calhau” in *A Santa do Calhau*, Editorial Notícias, Lisboa, 1992.



Maria Aurora Carvalho Homem

Dados Biográficos: Sátão (Viseu), 13 de Novembro de 1937 – Funchal, 11 de Junho de 2010.

Principais Obras: *Ilha a Duas Vozes* (1988), *Para Ouvir Albinoni* (1995), *Discurs(ilha)ndo* (1999) e *Leila* (2005).

Principais Obras de Recepção Infantil: *A Cidade do Funcho* (2008), *O Anjo Tobias e a Rochinha de Natal* (2009) e *A Fada Íris* (2010).

Fig. 5 – “A Santa do Calhau” de Maria Aurora Carvalho Homem.



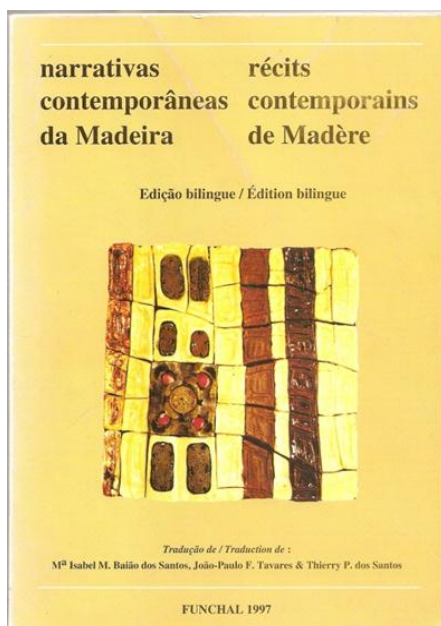
Um romance de formação que dá conta, essencialmente, da aprendizagem de Angélica em Lisboa e em Paris. Porém, a narrativa aflora, ainda, o sonho de Rosa Panchera. Deseja encontrar uma terra próspera para esquecer o passado carente na Ilha. As viagens empreendidas pela Antuérpia, Paris e, sobretudo, Estados Unidos, permitir-lhe-ão alcançar o sonho e uma diferente conformação identitária e social.

“Na distração oceânica do tempo Angélica embarcava para os dias futuros e cada viagem era uma espécie de idade não adiada onde os anos, sem se deterem para a formalidade das fronteiras, ganhavam a coragem de as atravessar.” (1993: 115) – Angélica

“Estava decidida a deixar a terra de nascença para ir em busca do lugar que haveria de ser a terra da promessa.” (1993: 31) – Rosa Panchera

“Falou em inglês, falou sempre em inglês desde que entrou até sair do hotel para encobrir a sua verdadeira identidade, tendo por cúmplice com toda a legalidade o seu passaporte americano.” (1993: 139) – Rosa Panchera

In *Angélica e a Sua Espécie*, Publicações Eurosigno, Ponta Delgada, 1993.



O conto intitulado "A Fonte" narra o regresso da personagem principal à Ilha da Madeira. Porém, a configuração actual da sua terra sublinhará a perda das referências paisagísticas, familiares e afectivas. Compreender-se-á que se apresse em regressar à terra de acolhimento, longe das raízes e de um passado que não volta mais.

“Um dia perdera os poucos familiares, uma mãe viúva, um irmão sem filhos e os restantes foram como ele mundo afora experimentar a vida. Mas desses, escassearam-lhe as notícias ao longo dos anos e de momento ignorava-lhes o rasto. Sendo dos que saíram da terra à procura dum país grande que lhes compensasse nos olhos e no sonho a pequenez das ilhas era, entre muitos, dos raros que jamais pensaram na hipótese dum definitivo regresso. Muito tardiamente, um toque inexplicável acordara nele uma vontade de voltar.” (1997: 80).

In "A Fonte", Irene Lucília Andrade in *Narrativas Contemporâneas da Madeira*, Edição bilingue, Funchal, 1997.

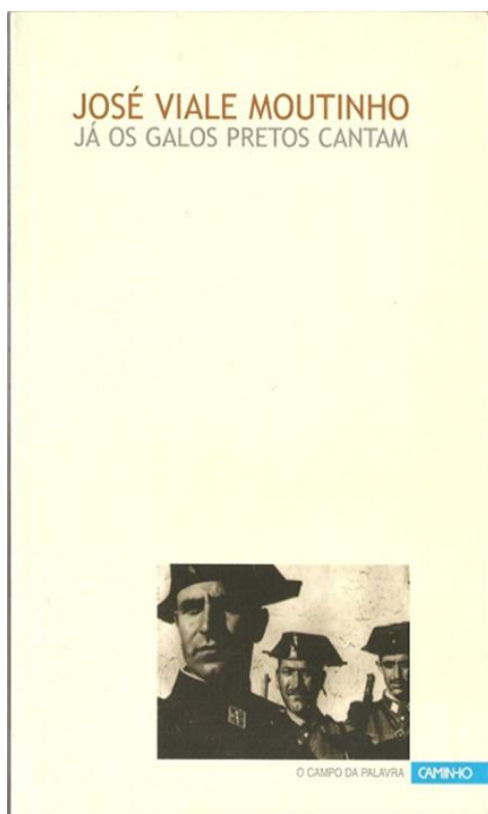
Irene Lucília Andrade

Dados Biográficos: Funchal, 6 de Fevereiro de 1938.

Principais Obras: *Hora Imóvel* (1969), *Ilha que É Gente* (1986), *Porque Me Lembrei dos Cisnes* (2000), *Água de Mel e Manacá* (2002), *A Penteada ou o Fim do Caminho* (2004), *Crónica Breve da Cidade Anónima – À Hora do Tordo* (2008) e *Da Fábula... Ao Mote* (2011).



Fig. 5 – *Angélica e a Sua Espécie* e “A Fonte” de Irene Lucília Andrade.



No conto intitulado “Telesfóro”, o autor aborda a questão da emigração para a Venezuela. Ao retornar à Madeira, Telésforo Gouveia surge como um torna-viagem rico e pretensioso. Ao comprar tudo o que não teve numa infância desafortunada, o protagonista não ligará a meios e a custos para alcançar os seus objectivos. No entanto, a escrita de Viale Moutinho permitirá, ainda, focar o abuso do poder, a superioridade barroquizante e a desconstrução.

“[A]os quinze anos fora obrigado a fugir para a Venezuela. Viajou escondido no porão do cargueiro Maria Cristina, depois de dar uns murros ao único herdeiro de uma das mais tradicionais famílias da ilha.” (2003: 51 – 52) – **Telesfóro Gouveia**

“Telésforo Gouveia, por vezes, surgia, envergando um manto de pele de leopardo e uma coroa de louros, entre figuras arrogantes, uma de metal e outras de cimento, mas qualquer delas de expressão cruel, naquilo que ele denominara a Varanda de Pilatos (...)” (2003: 56) – **Telesfóro Gouveia**

“Telésforo” in *Já os Galos Pretos Cantam*, Editorial Caminho, Lisboa, 2003.

José Viale Moutinho

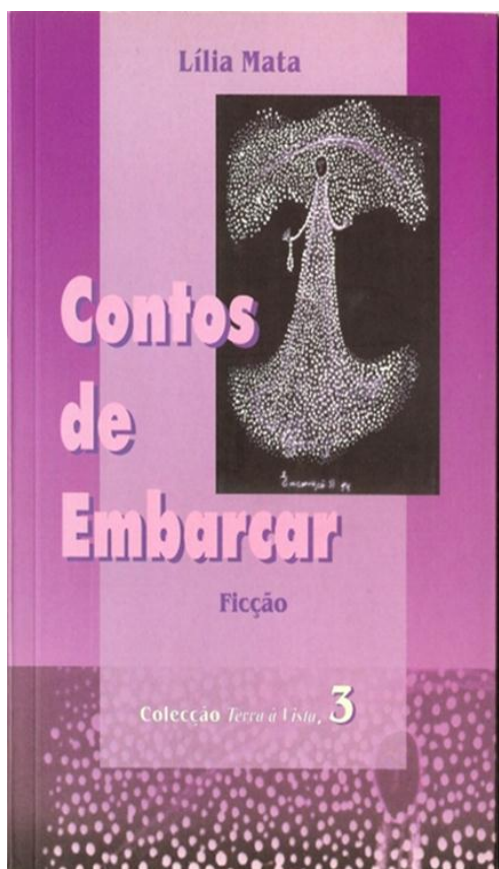


Dados Biográficos: Funchal, 12 de Junho de 1945.

Principais Obras: *Urgência* (1966), *Natureza Morta Iluminada* (1968), *No País das Lágrimas* (1972), *Romanceiro da Terra Morta* (1988), *Hotel Graben* (1998), *Cenas da Vida de Um Minotauro* (2002) e *Quarenta Cavalos Num Vagão* (2010).

Principais Obras de Recepção Infanto-Juvenil: *Manhas de Gato Pardo* (1977), *O Adivinhão* (1979), *Fernando Pessoa (O Menino de sua Mãe)* (1995), *365 Histórias* (2002), *A Sopa de Pedra* (2004), *A História de William: A Possível Infância de Shakespeare* (2005), *Histórias da Deserta Grande* (2006), *A Menina da Janela das Persianas Azuis* (2008), *Os Meus Misteriosos Pais* (2009) e *O Livro da Luizinha. Fábulas Completas de Trindade Coelho* (2012).

Fig. 6 – “Telésforo” de José Viale Moutinho.



Os *Contos de Embarcar* narram histórias da população madeirense com o intuito de dar a conhecer situações ligadas à emigração, nomeadamente para Venezuela e para o Curaçau. São narrativas que incidem na saída, na viagem e no regresso das várias personagens. Nos três contos, prevalece o desejo de alcançar uma vida melhor. Se o entusiasmo da partida é focado, também as situações disfóricas são salientadas.

“Até que um dia ele embarcou e não fez mais caso dela nem dos filhos, já tinham uns poucos deles. A Trindade comeu o pão que o diabo amassou (...)” (2002: 19) – Maria da Trindade

“Ela tinha de ser a mulher e o homem da casa. (...) Não basta embarcar, é preciso trabalhar muito para conseguir ter alguma coisa.” (2002: 32) – Maria do Rosário

“A Maria da Paz estava entusiasmadíssima com aquela viagem para o outro lado do mar. Desde pequena que sonhava com [a] terra prometida.” (2002: 38) – Maria da Paz

In *Contos de Embarcar*, Colecção Terra à Vista – n.º 3. Arguim Editora Regionalista (Madeira), Machico, 2002.



Lília Mata

Dados Biográficos: Caniço (Santa Cruz – Madeira), 15 de Julho de 1967.

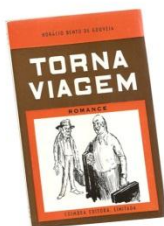
Principais Obras: *Histórias do Bertoldinho* (1988), “Lenda do Cavalum” (in *Lendas da Madeira para Crianças* – 2011) e *A Nuvem Que Queria Chover Onde Era Preciso* (2012).

Fig. 7 – *Contos de Embarcar* de Lília Mata.

Anexo 10

Cartazes patentes na exposição

«Ler, Ver e Debater a problemática da Emigração»



Torna-Viagem de Horácio Bento de Gouveia narra duas histórias de emigração. O texto revela o sucesso do casal Freitas (Inês e Francisco), obtido na Venezuela, e os (in)sucessos do sapateiro Artur, quer no Brasil, quer na Venezuela.

"[V]ou realizar um pequeno sonho de toda a minha vida: mandar construir uma casa de dois andares na pobre terra onde nasci (...)." (1979: 239) – **Inês (Casal Freitas)**

"Voltou o Artur, alquebrado, desiludido, para acoitar-se no palheiro da mulher. Nada mais acrescentou às duas minguadas linguetas de terra que herdara Maria Clara. O Brasil e a Venezuela encadearam-lhe os sentidos. Vivera fascinado por um presente que também lhe encobria o futuro. Mas salvou a vida, com meia dúzia de contos na algibeira e a guitarra, símbolo do seu fado. E readaptou-se aos velhos hábitos e ao ofício de sapateiro, assentando-se na mesma banca de três pés como dantes, quando trabalhava na sua antiga lojinha com porta de castanho pintada de verde, acaçapada no antigo caminho onde as casas têm as costas voltadas para o adra." (1979: 214) – **Artur**

In *Torna Viagem*, Coimbra Editora, Coimbra, 1979.



Horácio Bento de Gouveia

Dados Biográficos: Ponta Delgada (São Vicente – Madeira), 5 de Setembro de 1901 – Funchal, 23 de Maio de 1983.

Obras Principais: *Ilhéus/Canga* (1949, 1ª ed. / 1960, 2ª ed. / 1975, 3ª ed.), *Lágrimas Correndo Mundo* (1959), *Águas Mansas* (1963), *Alma Negra e Outras Almas* (1972), *Margareta* (1980) e *Lúcia Marta* (1986).



Em *O Emigrante* o sucesso de Crispim Americano, obtido na América, cativa a atenção da população, principalmente de Rique Brás.

"(...) deixei tudo aqui: terra, a mulher, uma filha inda busica e caminhei pr'América, onde fui uma besta de trabalho, salvo seja, e tudo só pr'a voltar aos Canhas com alguma coisa de meu; tudo por amor da família, pr'a lhe dar uma casa, uma fazenda, outra vida melhor (...)" (s/d: 68) – **Crispim Americano**

"Resolvi emigrar pr'América." (s/d: 70) "Só quero melhorar a vida. Já tou farto d'andar de chapéu na mão, a pedir trabalh' aos outros. E sempre na mesma miséria." (s/d: 72) – **Rique Brás**

In *O Emigrante*, Agência Portuguesa de Revistas, Lisboa, s/d.

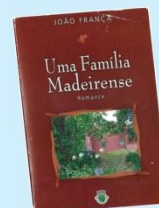
Em *Uma Família Madeirense*, o autor descreve a realidade madeirense durante o Estado Novo e salienta os problemas de uma sociedade fechada e hierarquizada. O romance foca, ainda, as histórias de emigração do Quim Talaia na Venezuela, do marido de Rosa Sabina na África do Sul e de Ricardo Meireles na Inglaterra.

"Poderia mostrar os calos nas mãos e nos ombros, mas já não poderá exibir as lágrimas e o suor derramado." (2005: 116) – **Quim Talaia**

"O marido temera em emigrar para África do Sul. Iria ganhar um dinheirinho para mercar um bocado de terra, (...) no Caniço, onde levantaria uma casa. Mas a sorte não o ajudou. Pegara uma febre tão ruim, que tivera de regressar. (...) Não lhe deixando dinheiro que se visse (...)." (2005: 125) – **Marido de Rosa Sabina**

"Ricardo Meireles estudava Medicina no Hospital Escolar de São Tomás, em Londres (...)." (2005: 35) – **Ricardo Meireles**

In *Uma Família Madeirense*, Câmara Municipal de Santa Cruz, Santa Cruz, 2005.



João França

Dados Biográficos: Funchal, 23 de Junho de 1908 – Lisboa, 28 de Janeiro de 1996.

Obras Principais: *Ribeira Brava* (1953), *O Drama do Lobo* (1964), *Um Mundo à Parte* (1970), *A Ilha e o Tempo* (1972) e *Poema Ilhéu: Mar, Terra, Gente* (1993).

Fig.1 – 1.º Cartaz.



Presente e passado entrecruzam-se revelando o divórcio de Inês, o casamento fracassado de Manuel, motivado, em parte, pelo desassossego causado pela Guerra Colonial, ou a infelicidade de uma mãe que entrega o filho para a adopção. Destas múltiplas histórias de vida, emergem outras vivências relacionadas com a emigração. Manuel da Volta e José Bonifácio partiram para os Estados Unidos e para a África do Sul. O regresso às raízes é, de igual modo, salientado. Manuel da Volta mantém-se fiel aos princípios da fraternidade. Porém, o comportamento de Bonifácio roça a arrogância.

"E trazia em mente um plano. Natalinha referira ganhar o pão... Consultou o extracto da sua conta bancária, quanto gastara desde que vivia em casa das irmãs, isto é na casa que fora dos seus pais e onde ele pagara as obras necessárias para a tornar confortável como era. O que dependia mensalmente da sua reforma americana, muito mais justa do que as pensões portuguesas, e o que sobrava. Concluiu que lhe seria possível dar uma mesada satisfatória a Natalinha e assim ela deixaria de trabalhar." (2011: 68) – **Manuel da Volta (Poeta)**

"Eu não sou filho do fraldica, sou o senhor Bonifácio (...) OK?" (2011: 86) – **José Bonifácio**

In *Linhas Retas e Curvas* ou *o filho que perdi e...*, 1ª edição, Vela Blanca, Funchal, 2011.

Maria do Carmo Rodrigues



Dados Biográficos: Funchal, 16 de Julho de 1924.

Obras Principais: *Dona Trabucha*, *a Costureira Bucha* (1964), *O Vencedor* (1973), *Sebastião*, *O Índio* (1982), *À Porta do Teu Coração* (1988), *A Jóia do Imperador* (1992), *A Mensagem Enigmática* (1993), *Estou a Crescer* (1999), *João Games do Gato* (2002), *Aventuras de Chico Aventura* (2005) e *1+1=2 Gatos* (2012).



O Último Cais narra os amores e os infortúnios das famílias Passos e Vaz de Lacerda. A narrativa centra-se em Raquel e Marcos. A protagonista anseia conhecer as suas raízes em Malta. Em vez disso, o casal empreende uma viagem à Guiana Britânica. Um breve percurso migratório que termina com a morte de Raquel. A Marcos, resta-lhe, regressar à Ilha da Madeira.

"O paquete levanta ferro por fim, já não se distingue a quem pertencem as mãos que acenam e os lenços que dançam no ar, a ilha começa a ficar para trás, há um cheiro inebriante a ar, Raquel apoia-se mais em Marcos, sabe-se tão absolutamente feliz!" (1993: 87) **Raquel e Marcos**

In *O Último Cais*, 1ª edição, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1993.

Neste romance, ao focar a história da família Adams, protagonizada por Simon e Anne Adams, bisavô e bisneta, a escritora aborda a emigração de Simon para a Guiana Britânica. Outras experiências migratórias, nomeadamente das gerações seguintes, bem como o desejo de regressar à Ilha por parte da heroína são, também, referidas.

"Simão começaria uma família, inauguraria uma geração, numa terra nova, numa pátria nova, com uma língua nova, com um novo nome. Chamar-se-ia Simon (versão inglesa do nome que sua mãe escolhera) e Adams (em evocação do primeiro homem da Bíblia)." (2002: 24 – 23) – **Simon Adams**

"Desejou desesperadamente regressar à Madeira, ao sol esplendoroso, à doçura do clima, a uma cama onde dormisse sozinha, dona do seu corpo e da sua integridade." (2002: 156) – **Anne Adams**

In *Os Vermelhos da Guiana*, 3ª edição, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2002.

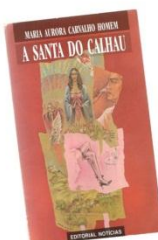


Helena Marques



Dados Biográficos: Carcavelos, 17 de Maio de 1935.

Obras Principais: *A Deusa Sentada* (1994), *Terceiras Pessoas* (1998), *Ilhas Contadas* (2007) e *O Bazar Alemão* (2010).



Justino e Evangelino Feijão protagonizam histórias caricatas de emigrantes na Venezuela. Ao retornarem ricos à terra natal, vão ostentar uma (re)nova(da) identidade: modificam as velhas casas dos pais, participam nas festividades religiosas e acentuam um estilo exuberante.

"Andou muitos anos emigrado na Venezuela. Quando a idade apertou e a conta bancária lhe assegurava um regresso sem sobresaltos, desembarcou na terra (...). Aumentou a casa que herdara dos pais (...), meteu-lhe varandinha de ferro (...) guardando os fundos para um misto de tasca e mercearia, para entreter a velhice." (1992: 16) – **Justino**

"Fumando um grosso charuto, o Evangelino passeava-se entre os visitantes. A Amarelida de lantejoulas e cetins, gargantilha de ouro e anéis fulgurantes nas mãozinhas pequenas, sorria recebendo as senhoras. As filhas, esplêndidas, de pregadores de brilhantes nas cabeleiras fartas, todas douradas e rosa, borboleteavam entre olhares gulosos." (1993: 24) – **Evangelino Feijão e a família**

In *A Santa do Calhau*; contos, Editorial Notícias, Lisboa, 1992.

Maria Aurora Carvalho Homem



Dados Biográficos: Sátão (Viseu), 13 de Novembro de 1937 – Funchal, 11 de Junho de 2010.

Obras Principais: *Ilha a Duas Vozes* (1988), *Para Ouvir Albinoni* (1995), *Discurs(ilha)ndo* (1999) e *Leila* (2005).

Obras Principais de Recepção Infantil: *A Cidade do Funcho* (2008), *O Anjo Tobias e a Rochinha de Natal* (2009) e *A Fada Íris* (2010).

Fig. 2 – 2.º Cartaz



Um romance de formação que dá conta, essencialmente, da aprendizagem de Angélica em Lisboa e em Paris. Porém, a narrativa aflora, ainda, o sonho de Rosa Panchera. Deseja encontrar uma terra próspera para esquecer o passado carente na ilha. As viagens empreendidas pela Antuérpia, Paris e, sobretudo, Estados Unidos, permitir-lhe-ão alcançar o sonho e uma diferente conformação identitária e social.

"Na distração oceânica do tempo Angélica embarcava para os dias futuros e cada viagem era uma espécie de idade não adiada onde os anos, sem se deterem para a formalidade das fronteiras, ganhavam a coragem de as atravessar." (1993: 115) – **Angélica**

"Estava decidida a deixar a terra de nascença para ir em busca do lugar que haveria de ser a terra da promessa." (1993: 31) – **Rosa Panchera**

"Falou em inglês, falou sempre em inglês desde que entrou até sair do hotel para encobrir a sua verdadeira identidade, tendo por cúmplice com toda a ingenuidade o seu passaporte americano." (1993: 139) – **Rosa Panchera**

in Angélica e a Mãe Linda. Publicações Românticas, Ponta Delgada, 1993.

O conto intitulado "A Fonte" narra o regresso do narrador à ilha da Madeira. Porém, a configuração actual da sua terra sublinhará a perda das referências paisagísticas, familiares e afectivas. Compreender-se-á que se apresse em regressar à terra de acolhimento, longe das raízes e de um passado que não volta mais.

"Um dia perdeu os poucos familiares, uma mãe viúva, um irmão sem filhos e os restantes foram como ele mundo afóra experimentar a vida. Mas depois, escassearam-lhe as notícias ao longo dos anos e de momento ignorava-lhes o rasto. Sendo dos que saíam da terra à procura dum país grande que lhes compensasse nos olhos e no sonho a pequenez das ilhas era, entre muitos, dos raros que jamais pensaram na hipótese dum definitivo regresso. Muito tardiamente, um toque inexplicável acordara nele uma vontade de voltar." (1997: 80).

in "A Fonte", Irene Lucília Andrade in Heróis e Contos da Madeira. Edição Edição, Funchal, 1997.



Irene Lucília Andrade



Dados Biográficos: Funchal, 6 de Fevereiro de 1938.

Obras Principais: *Hora Inúvel* (1969), *Ilha que é Gente* (1986), *Porque Me Lembrei dos Cães* (2000), *Água de Mel e Manáca* (2002), *A Pentada ou o fim do Caminho* (2004), *Crónica Breve da Cidade Anónima - A Hora do Tordo* (2008) e *Da Fábula... Ao Mote* (2011).



No conto intitulado "Telesforo", o autor aborda a questão da emigração para a Venezuela. Ao retornar à Madeira, Telesforo Gouveia surge como um torna-viagem rico e pretensioso. Ao comprar tudo o que não teve numa infância desafortunada, o protagonista não ligará a meios e a custos para alcançar os seus objectivos. No entanto, a escrita de Vale Moutinho permitirá, ainda, focar o abuso do poder, a superioridade barroquizante e a desconstrução.

"[A]os quinze anos fora obrigado a fugir para a Venezuela. Viajou escondido no porão do cargueiro Maria Cristina, depois de dar uns murros ao único herdeiro de uma das mais tradicionais famílias da ilha." (2003: 51 – 52) – **Telesforo Gouveia**

"Telesforo Gouveia, por vezes, surgiu, emvergando um manto de pele de leopardo e uma coroa de louros, entre figuras arrogantes, uma de metal e outras de cimento, mas qualquer delas de expressão cruel, naquilo que ele denominava o Varanda de Pilatos (...)" (2003: 56) – **Telesforo Gouveia**

in "Telesforo", José Vale Moutinho (Lectura), Editorial Canilho, Lisboa, 2003.



José Vale Moutinho

Dados Biográficos: Funchal, 12 de Junho de 1945.

Principais Obras: *Angélica* (1966), *Natureza Morta Iluminada* (1968), *No País das Lágrimas* (1972), *Romanceiro da Terra Morta* (1988), *Hotel Guaben* (1998), *Cenas da Vida de Um Minotauro* (2002) e *Quarenta Cavalos Num Viagem* (2010).

Principais Obras de Recepção Infância-Juvenil: *Manhas de Gato Fardo* (1977), *O Adivinho* (1979), *Fernando Pessoa (O Menino de sua Mãe)* (1995), *365 Histórias* (2002), *A Sopa de Pedra* (2004), *A História de William: A Possível Infância de Shakespeare* (2005), *Histórias da Deserto Grande* (2006), *A Menina da Janela das Persianas Azuis* (2008), *Os Meus Misteriosos Pais* (2009) e *O Livro da Luícinha. Fábulas Completas de Trindade Coelho* (2012).

Os Contos de Embarcar narram histórias da população madeirense com o intuito de dar a conhecer situações ligadas à emigração, nomeadamente para Venezuela e para o Curaçau. São narrativas que incidem na saída, na viagem e no regresso das várias personagens. Nos três contos, prevalece o desejo de alcançar uma vida melhor. Se o entusiasmo da partida é focado, também as situações difíceis são salientadas.

"Até que um dia ele embarcou e não fez mais caso dela nem dos filhos, já tinham uns poucos deles. A Trindade comeu o pão que o diabo amassou (...)" (2002: 19) – **Maria da Trindade**

"Ela tinha de ser a mulher e o homem da casa. (...) Não basta embarcar, é preciso trabalhar muito para conseguir ter alguma coisa." (2002: 32) – **Maria do Rosário**

"A Maria da Paz estava entusiasmadíssima com aquela viagem para o outro lado do mar. Desde pequena que sonhava com [a] terra prometida." (2002: 38) – **Maria da Paz**

in Contos de Embarcar, Coleção Terra à Vista – n.º 3. Arquivo Editora Regionalista (Madeira), Machico, 2002.



Lília Mata



Dados Biográficos: Caniço (Santa Cruz – Madeira), 15 de Julho de 1967.

Obras Principais: *Histórias do Bertolzinho* (1988), *"Lendo do Cavaleiro" in Lendas da Madeira para Crianças - 2011* e *A Nuvem Que Queria Chover Onde Era Preciso* (2012).

Fig. 3 – 3.º Cartaz.

Anexo 11

Solicitação de fotografias ao Museu Vicentes

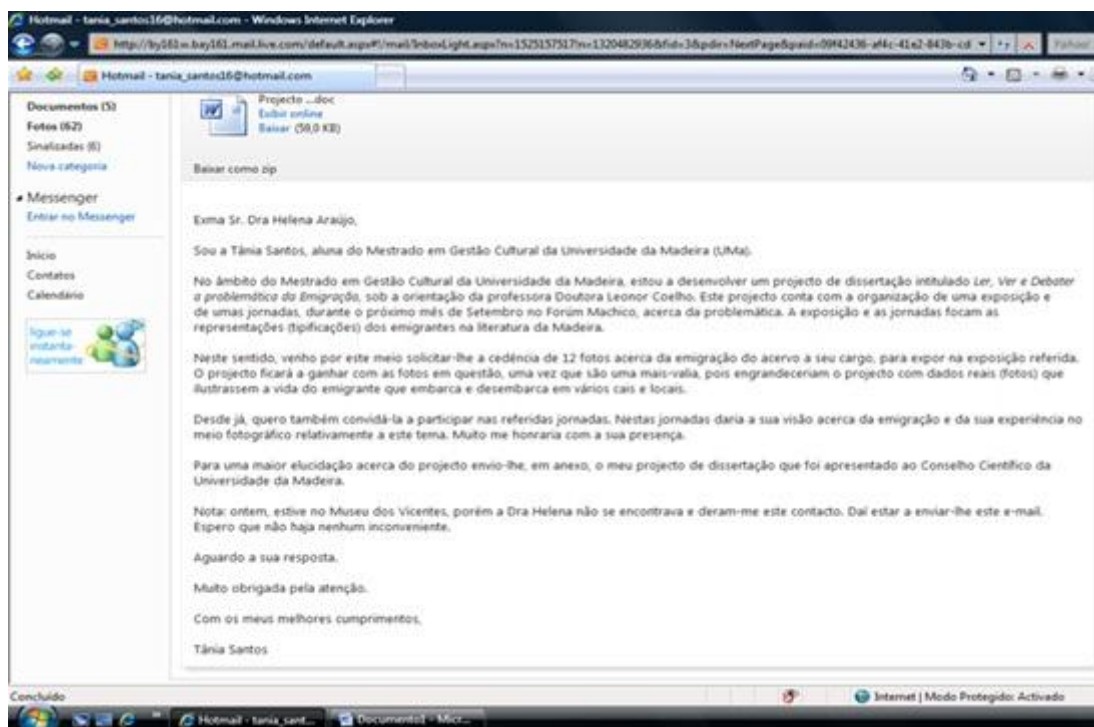


Fig. 1 - E-mail enviado à Dra. Helena Araújo.

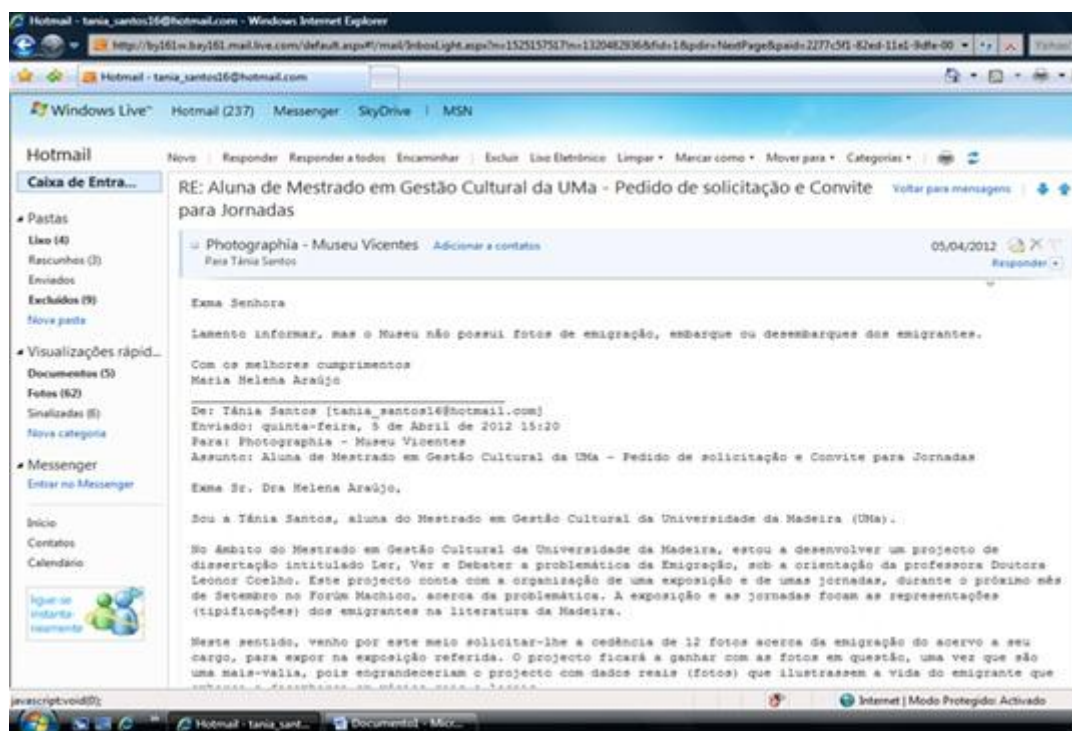


Fig. 1 - Resposta da Dra. Helena Araújo.

Anexo 12

Cartas

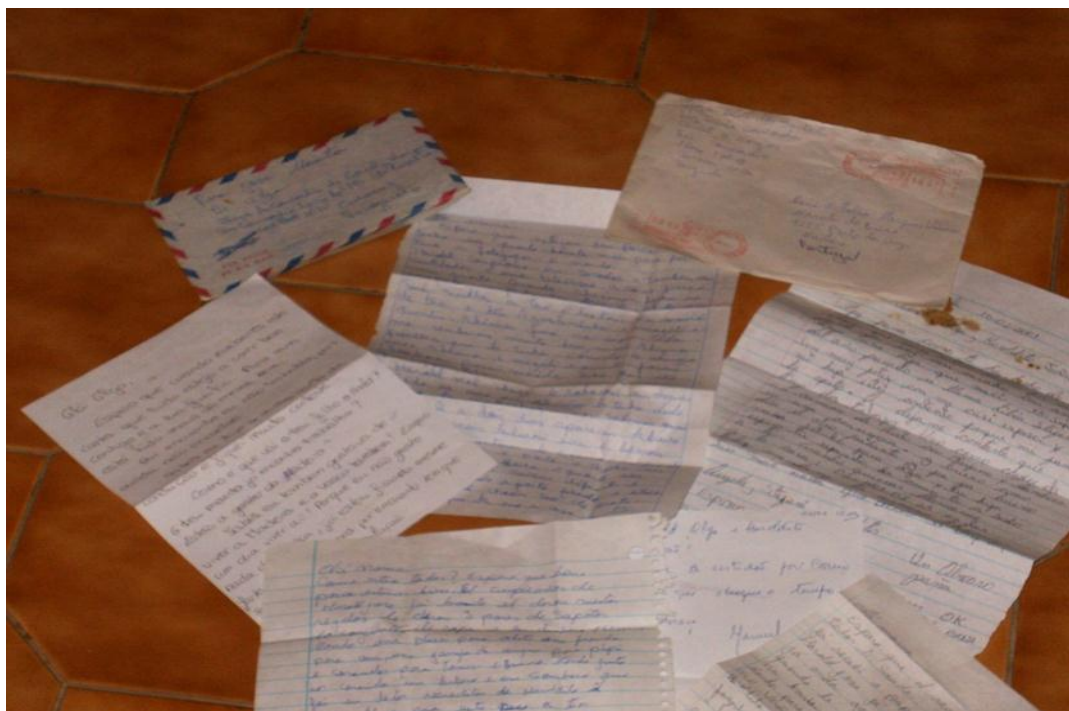


Fig. 1 – Algumas cartas de emigrantes cedidas por particulares.

Anexo 13

Fotografias



Fig. 1 – Selecção das fotografias adquiridas.

Anexo 14

Fotografias – Exposição



Fig. 1 e 2 – Fotografias divididas em sete pontos.

<p>Emigrante madeirense, na Venezuela, retorna à Ilha. Regresso envolto em festa e alegria. O emigrante regressa endinheirado. Porém, continua humilde. <small>Fotografia cedida por Jesuina Caldeira</small></p>	<p>Emigrantes madeirenses na Venezuela, Junkito. Viviam em condições precárias nas barracas. <small>Fotografia cedida por Bela Pontes e Rosa Pontes</small></p>
<p>Encontro de madeirenses, na Venezuela. Presença da cerveja “Polar” (característica do país de acolhimento) e a fácil adaptação à vida venezuelana. <small>Fotografia cedida por Bela Pontes e Rosa Pontes</small></p>	<p>Matança do porco, na cidade de Higuerotes, Venezuela. Presença da tradição madeirense na vida quotidiana dos madeirenses no país de acolhimento. <small>Fotografia cedida por Octávia Vieira</small></p>
<p>Cortejo das Flores em Saint Helier, Jersey. Festas e tradições madeirenses levadas por insulares para o local de acolhimento. Cortejo semelhante à Festa da Flor na Ilha da Madeira. <small>Fotografias cedidas por Fátima Ramos</small></p>	<p>Emigrantes madeirenses trabalham como camareiras (<i>maids</i>) num hotel, em Jersey. <small>Fotografia cedida por Fátima Ramos</small></p>
<p>Santuário Del Niño Jesus, Isnotú – Estado Trujillo, Venezuela. Fé do emigrante madeirense além-mar. Idas regulares aos santuários. <small>Fotografia cedida por João Nóbrega</small></p>	<p>Antes da emigração – Porto da Cruz. Motivo para a saída da Ilha: dificuldades económicas. <small>Fotografia cedida por Bela da Graça Pontes</small></p>
<p>Adoração à Virgem de Betânia, na Venezuela. Presença da religião no país de acolhimento. O emigrante mantém os mesmos hábitos religiosos. <small>Fotografia cedida por Bela da Graça Pontes</small></p>	<p>Regressos à Ilha da Madeira. Festas com os instrumentos musicais tradicionais da Madeira: o bailinho, a gaita, a pandeireta e a presença do garrafão de vinho. Destaque, também, para os chapéus típicos da Ilha da Madeira. <small>Fotografias cedidas por Lucinda Cabral.</small></p>

Fig. 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12 – Dez das legendas elaboradas para as fotografias da exposição.

Anexo 15

Cartaz da exposição

Exposição

«Ler, Ver e Debater a problemática da Emigração»



3 a 30 de Setembro
2012

A Exposição insere-se num estudo de investigação elaborado no âmbito do Mestrado em Gestão Cultural da Universidade da Madeira e foi elaborada por Tânia Santos.

Forúm Machico

Biblioteca Municipal



Fig. 1 – Cartaz de apresentação da exposição.



Fig. 2 e 3 – Visão geral da exposição.

Anexo 16

Convites enviados aos palestrantes

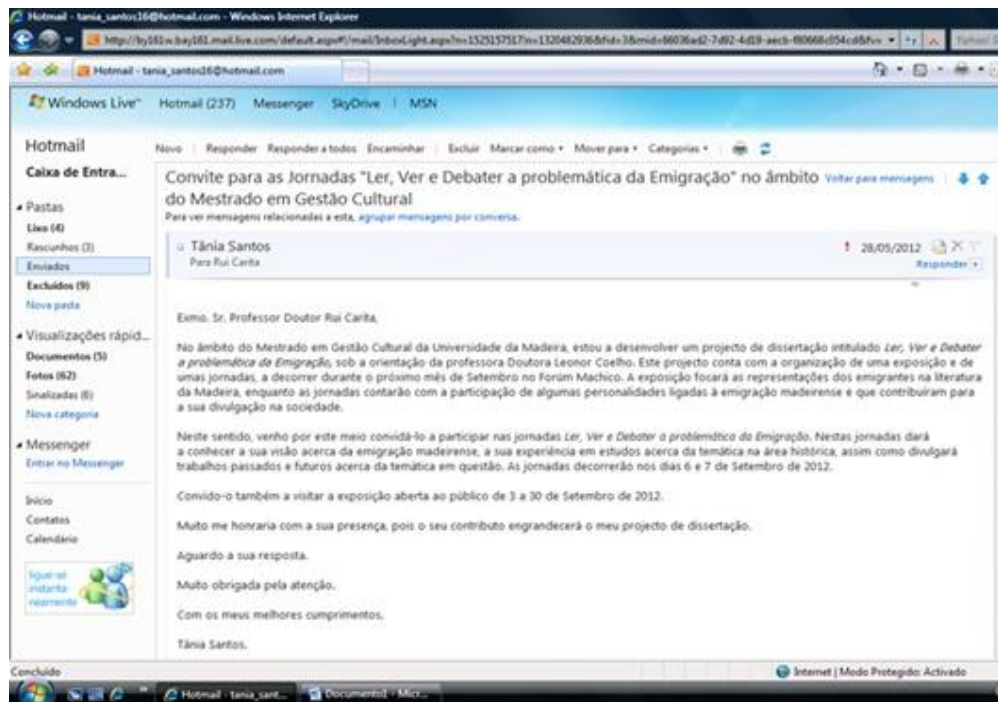


Fig. 1 - Convite enviado ao Professor Doutor Rui Carita.

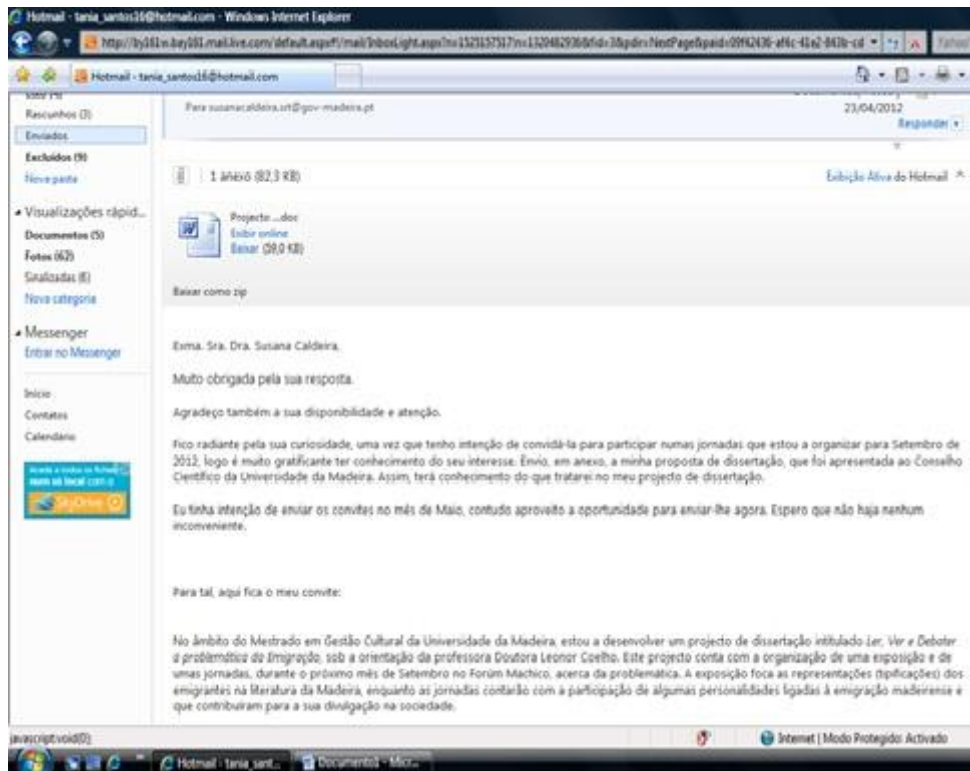


Fig. 2 – Convite enviado à Mestre Susana Caldeira.

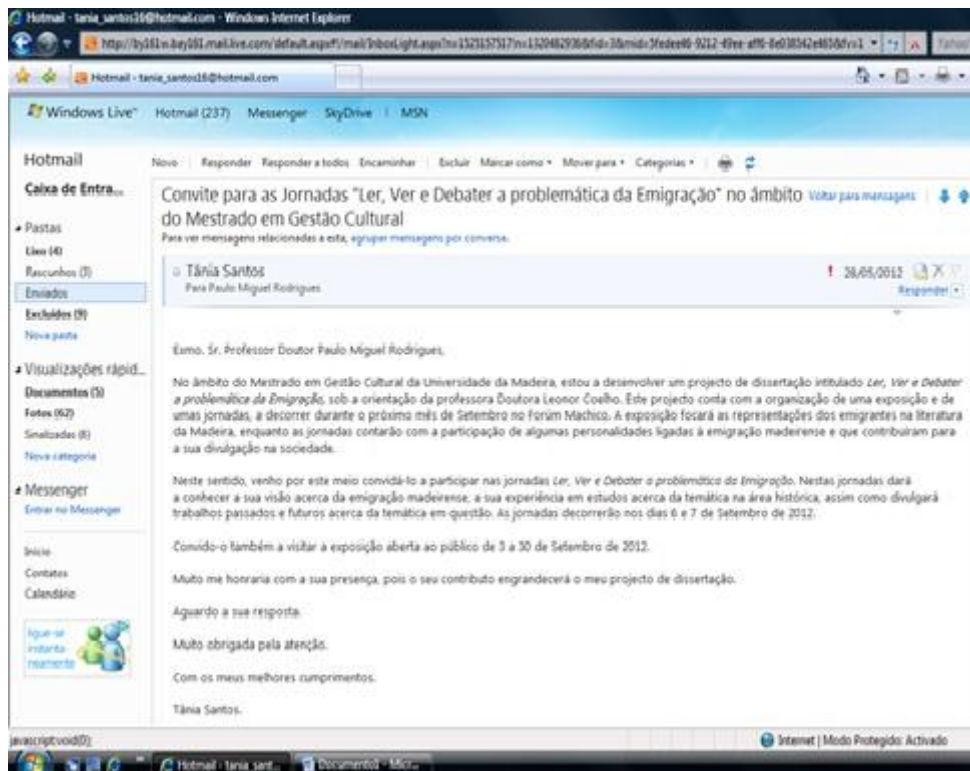


Fig. 3 – Convite enviado ao Prof.º Doutor Paulo Miguel Rodrigues.

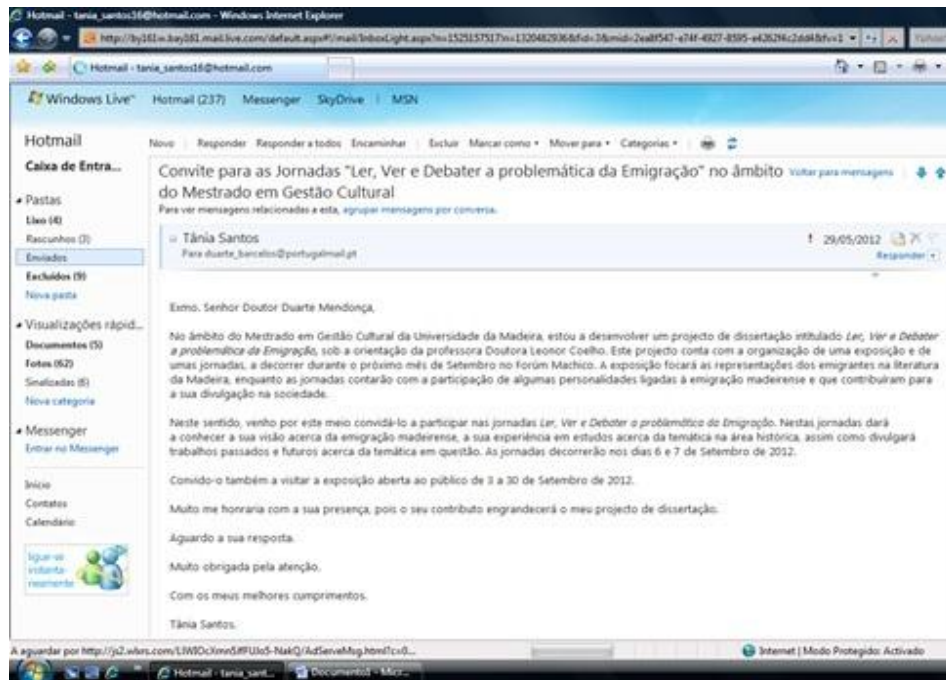


Fig. 4 – Convite enviado ao Mestre Duarte Mendonça.

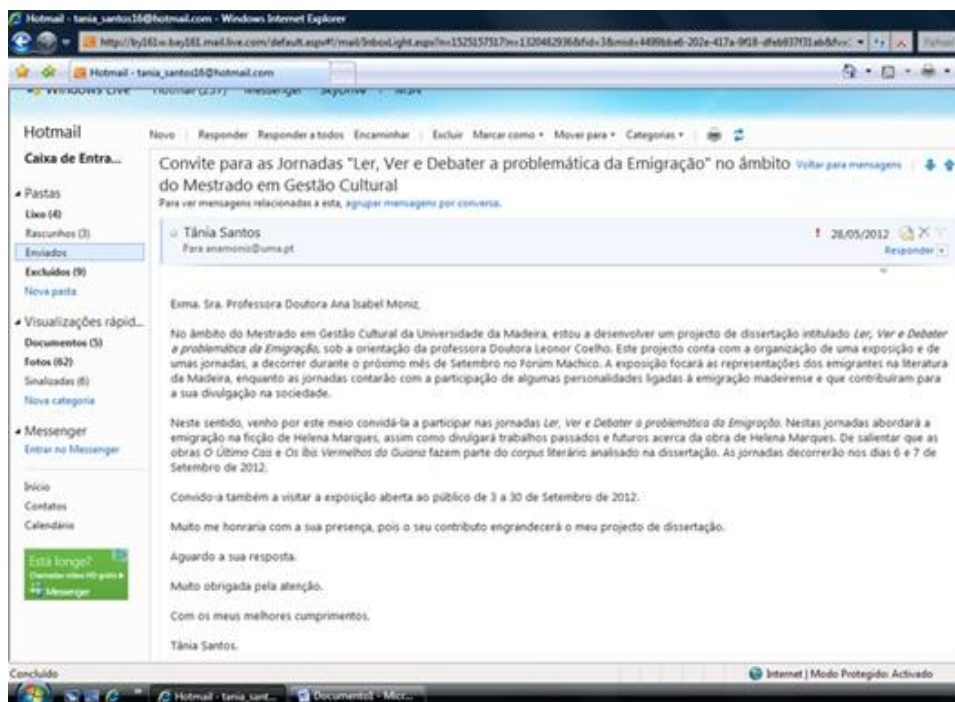
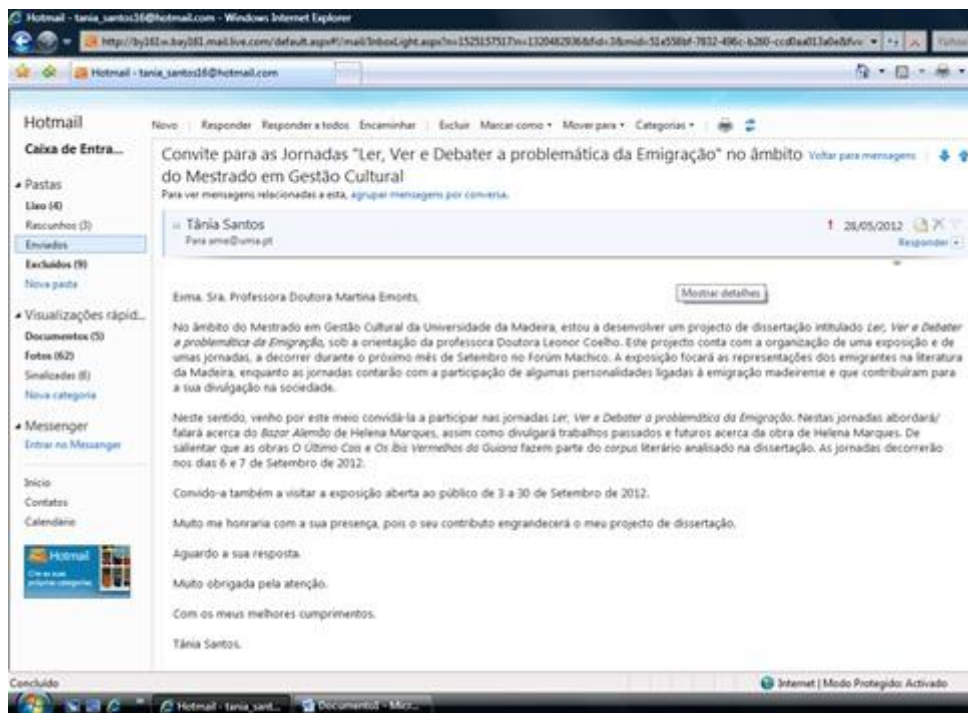


Fig. 5 – Convite enviado à Prof.ª Doutora Ana Isabel Moniz.



.Fig. 6 – Convite enviado à Prof.ª Doutora Martina Emonts.

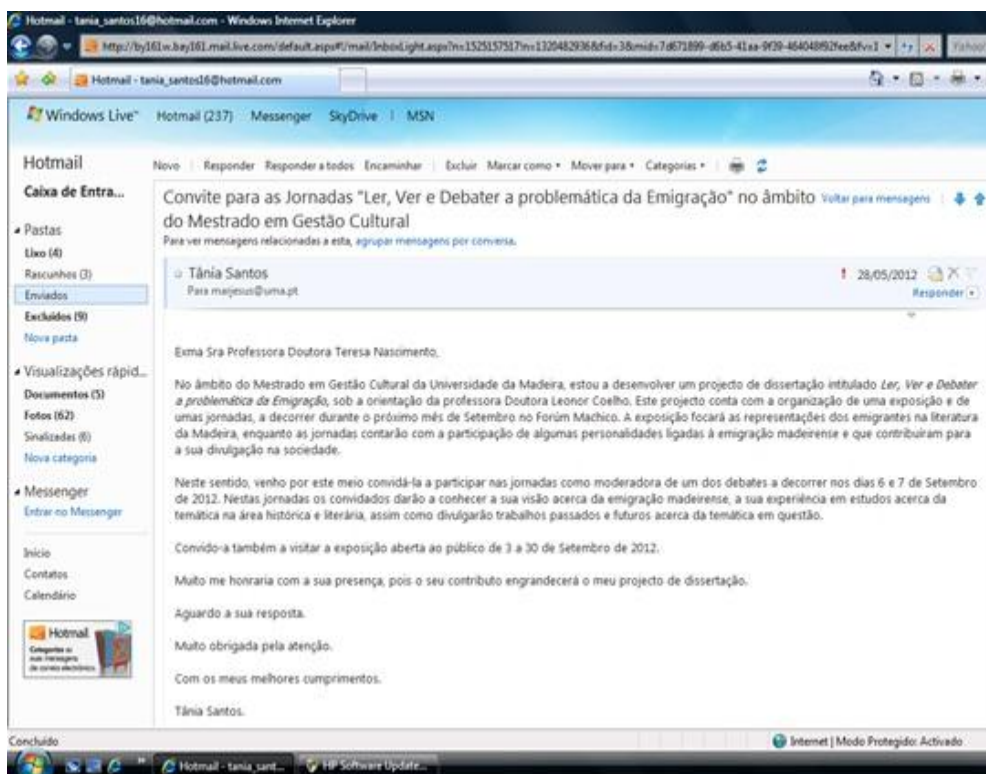


Fig. 7 – Convite enviado à Prof.ª Doutora Teresa Nascimento.

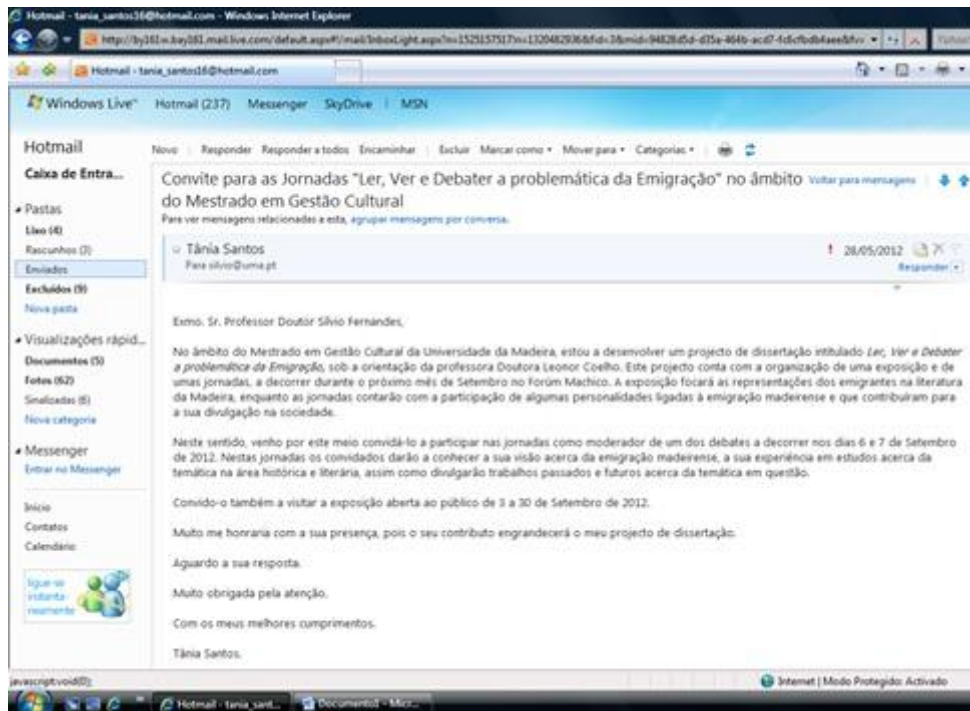


Fig. 8 – Convite enviado ao Prof.º Doutor Sílvia Fernandes.

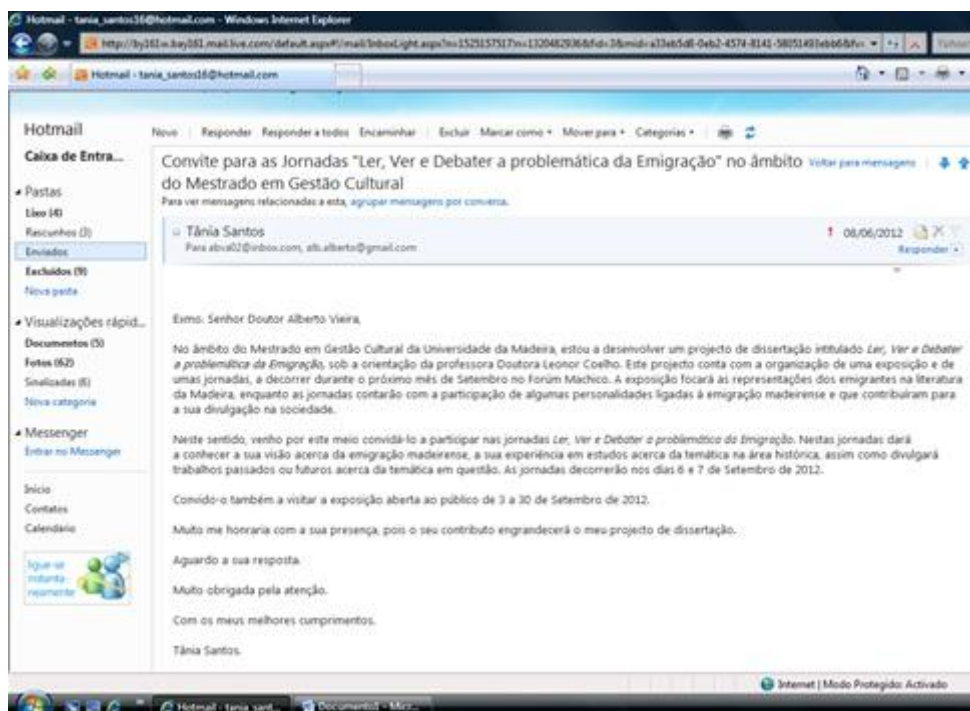


Fig. 9 – Convite enviado ao Prof.º Doutor Alberto Vieira.

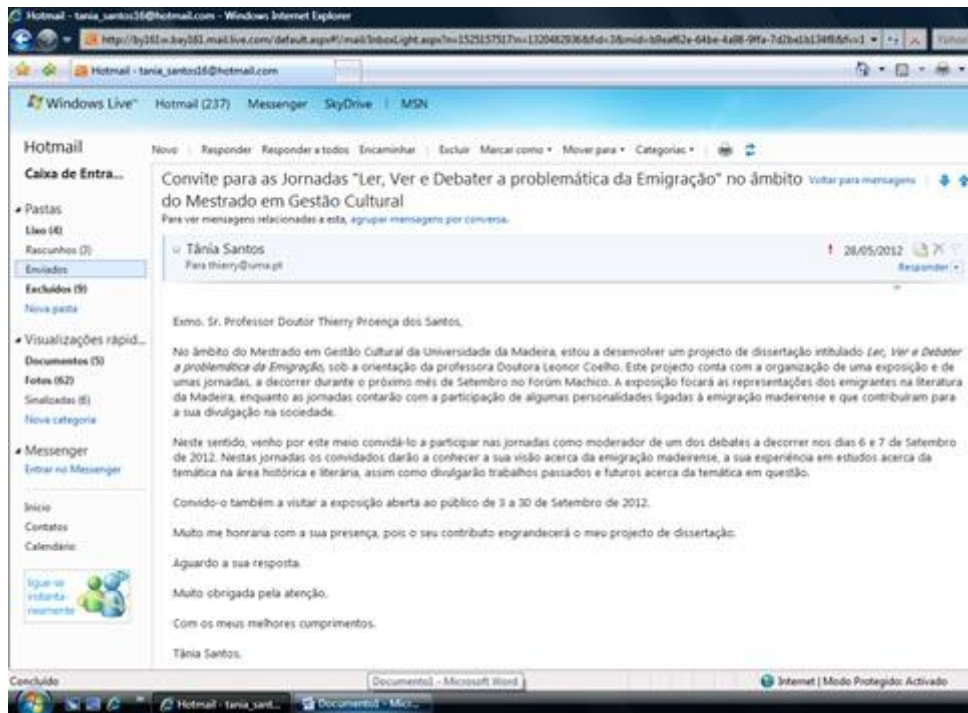


Fig. 10 – Convite enviado ao Prof.º Doutor Thierry Proença dos Santos.



Fig. 11 – Convite enviado ao Prof.º Doutor Adriano Ribeiro.



Fig. 12 – Convite enviado à Mestre Elina Baptista.



Fig. 13 – Convite enviado à Mestre Joselin Nascimento.

Anexo 17

Confirmação da participação dos palestrantes

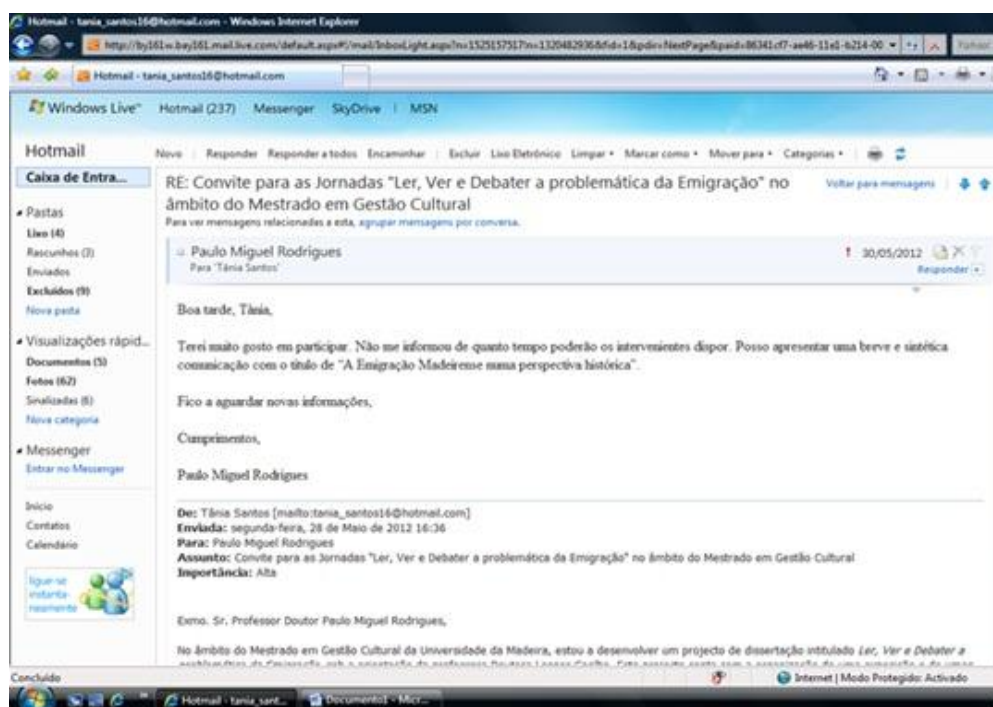


Fig. 1 – Confirmação da participação na jornada do Prof.º Doutor Paulo Miguel Rodrigues.

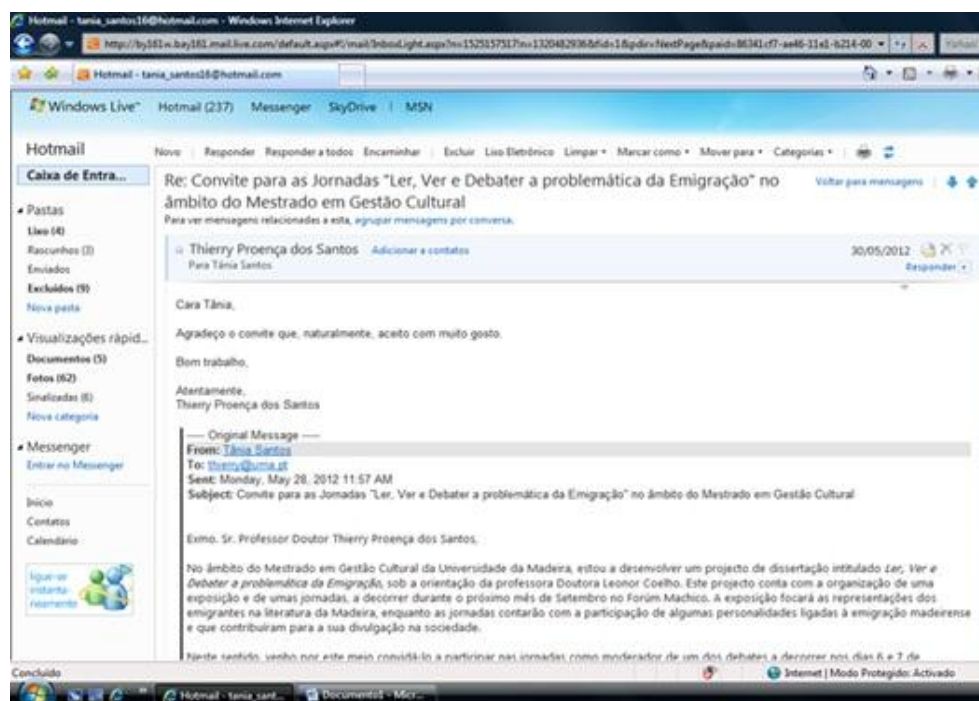


Fig. 2 – Confirmação da participação na jornada do Prof.º Doutor Thierry Proença dos Santos.

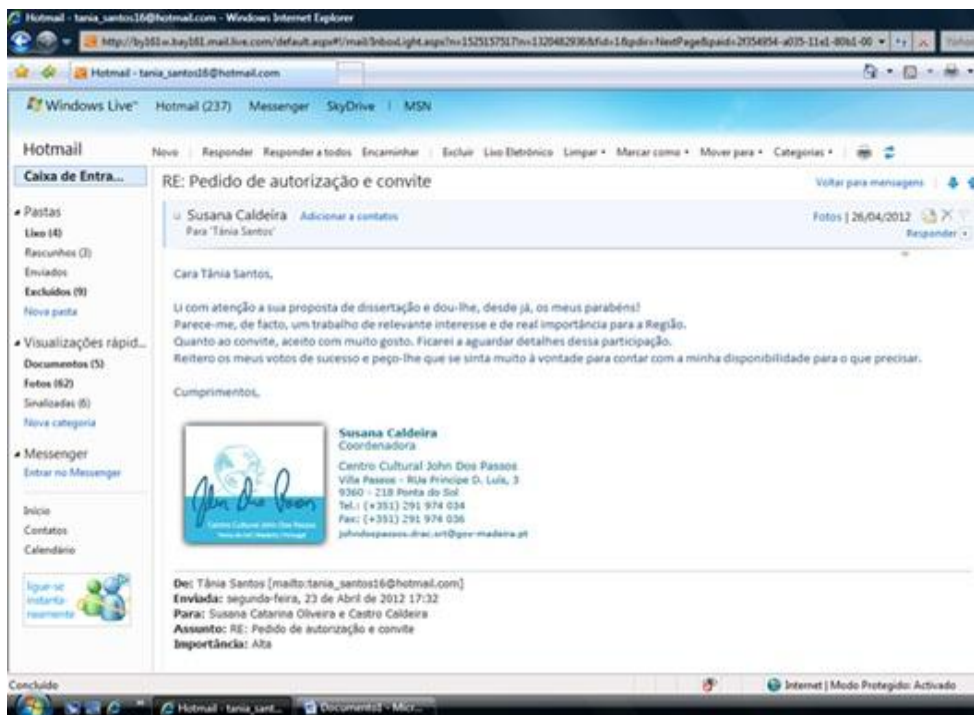


Fig. 3 – Confirmação da participação na jornada da Mestre Susana Caldeira.



Fig. 4 – Confirmação da participação na jornada do Professor Doutor Rui Carita.

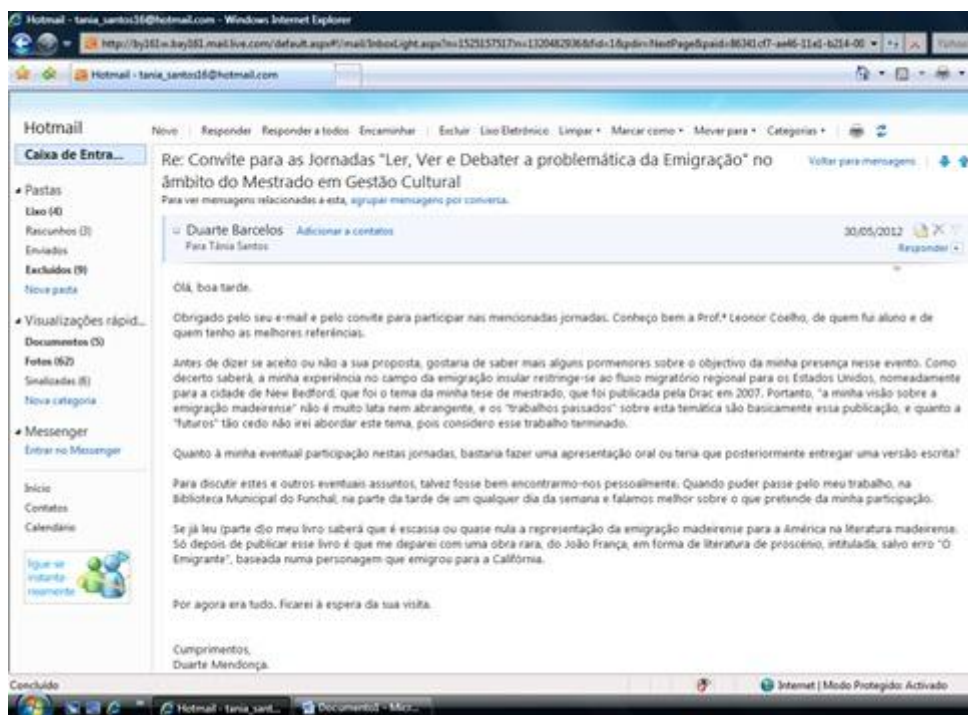


Fig. 5 – Confirmação da participação na jornada do Mestre Duarte Mendonça.



Fig. 6 – Confirmação da participação na jornada da Mestre Elina Baptista.

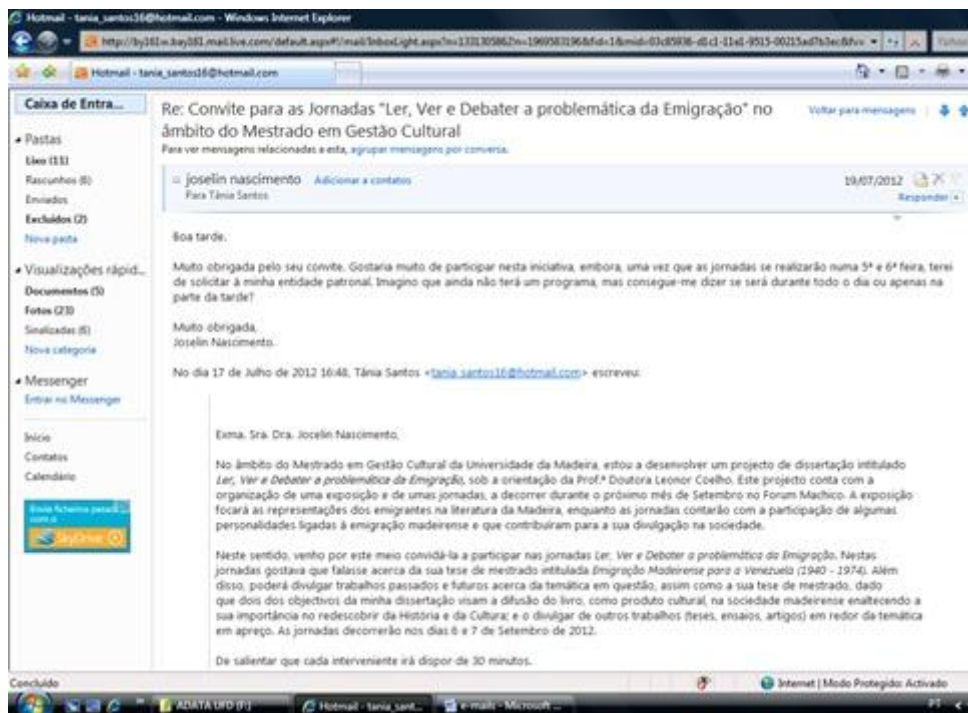


Fig. 7 – Confirmação da participação na jornada da Mestre Joselin Nascimento.

Anexo 18

Possibilidades a confirmar

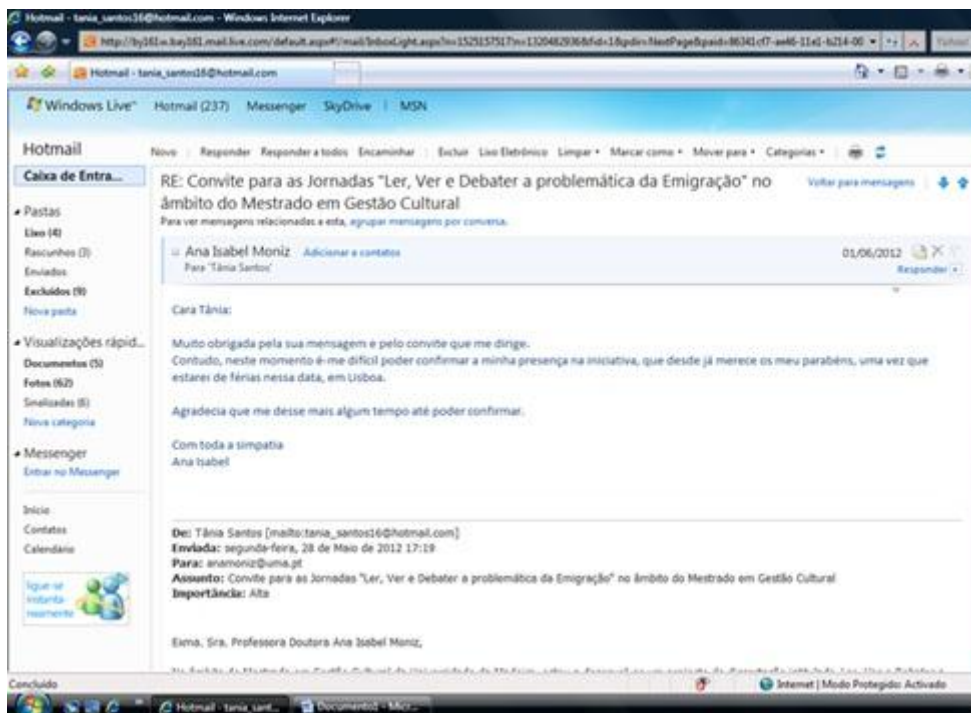


Fig. 1 – Resposta da Prof.ª Doutora Ana Isabel Moniz.

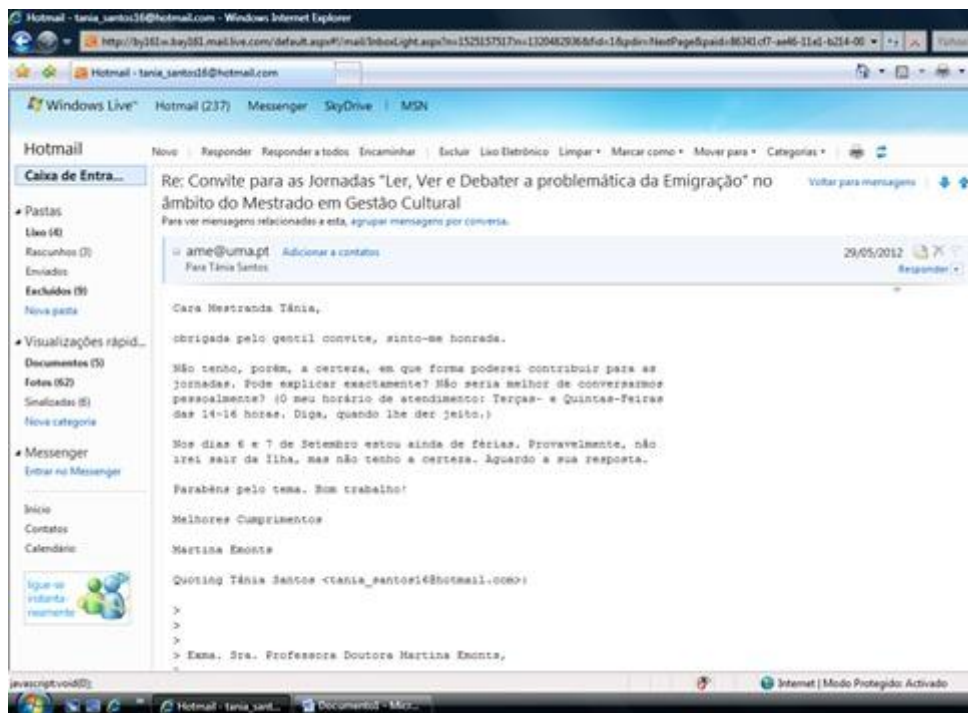


Fig. 2 – Resposta da Prof.^a Doutora Martina Emonts.

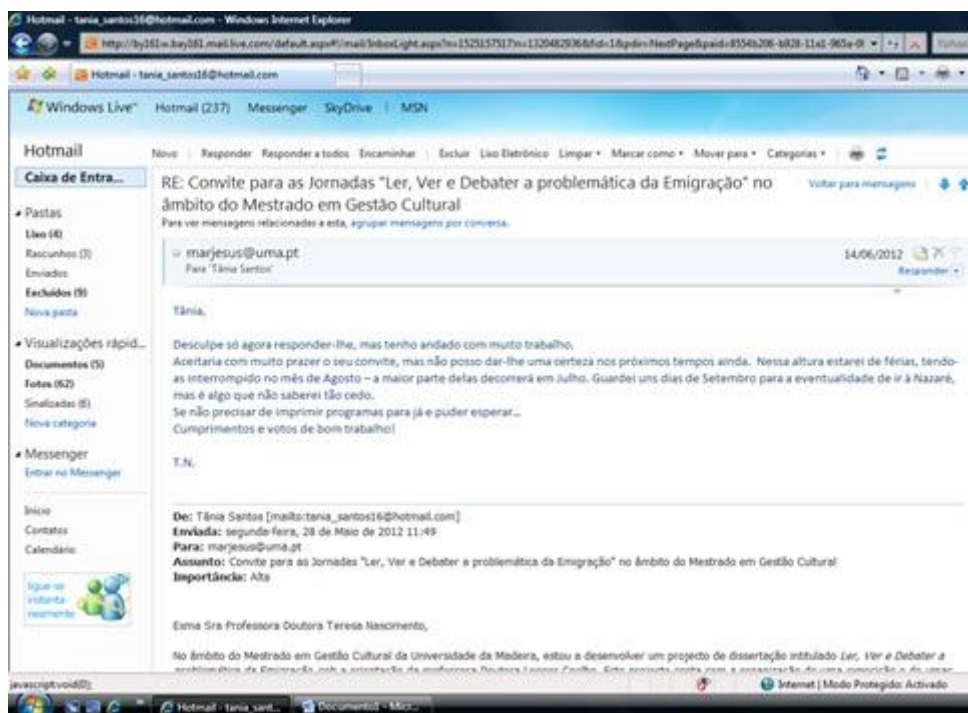


Fig. 3 – Resposta da Prof.^a Doutora Teresa Nascimento.

Anexo 19

Resposta Final

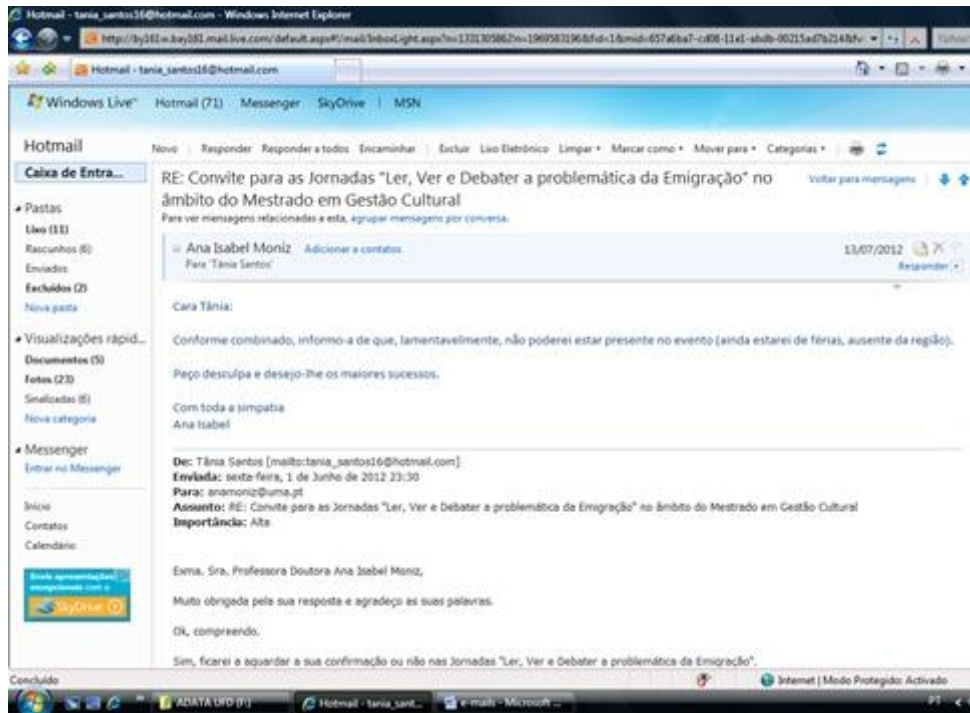


Fig. 1 – Prof.ª Doutora Ana Isabel Moniz.

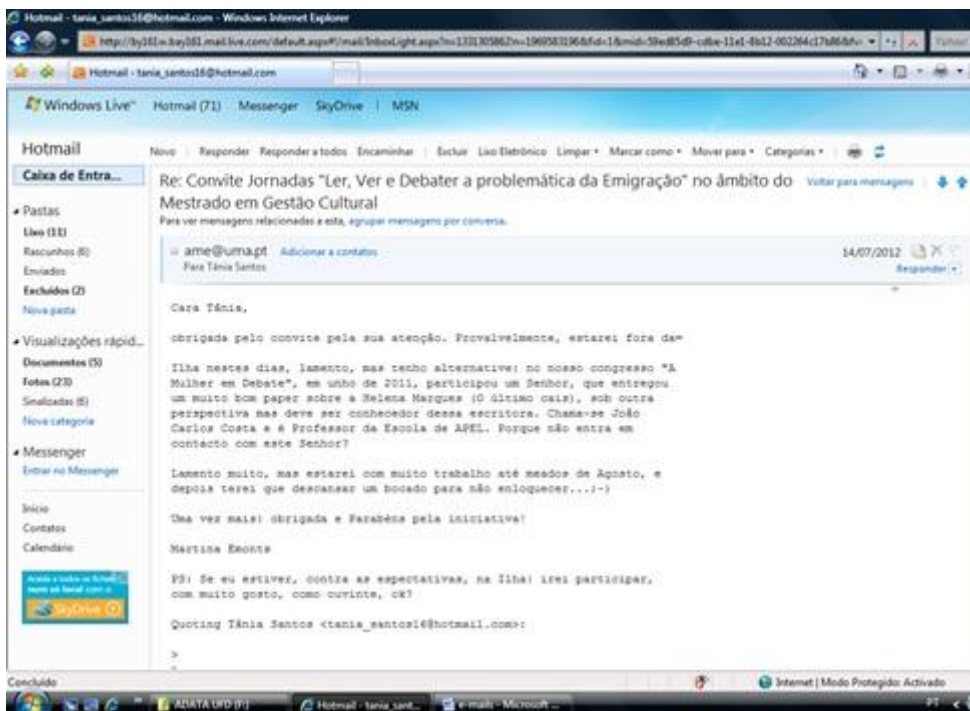


Fig. 2 – Prof.ª Doutora Martina Emonts.

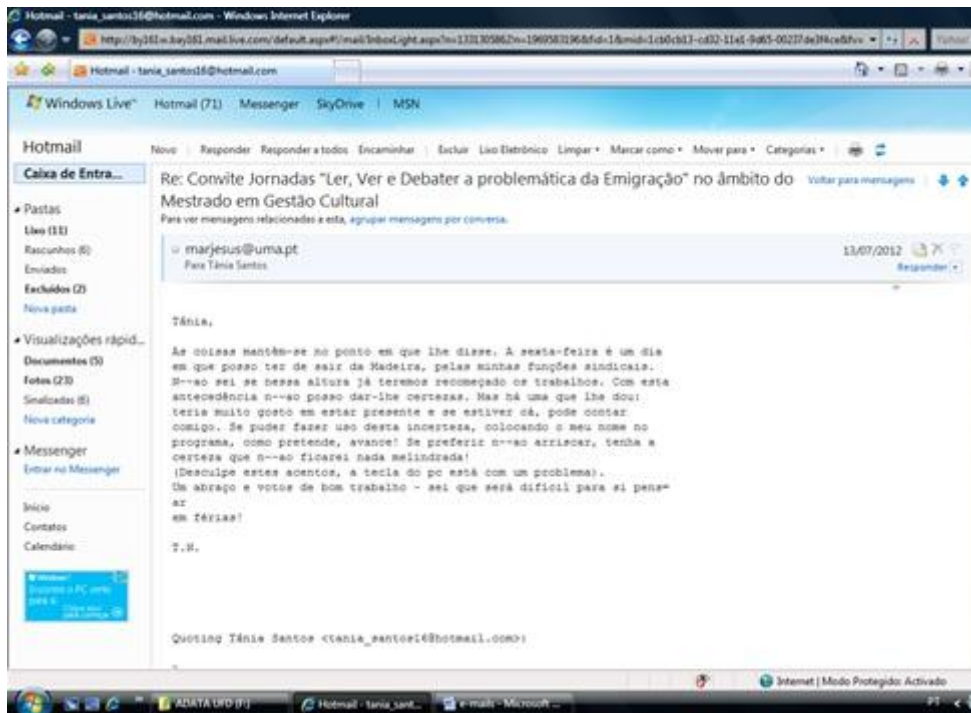


Fig. 3 – Prof.^a Doutora Teresa Nascimento.

Anexo 20

Cartaz da jornada

«Ler, Ver e Debater a problemática da Emigração»

Exposição: de 3 a 30 de Setembro de 2012

Jornada: 6 de Setembro de 2012

14h00 – 14h30	Recepção e sessão de abertura	
14h30	Professor Doutor Rui Carita «A imagem da Emigração Madeirense nos finais do século XIX - Dois álbuns de fotografias de família de Carolina de Meneses e a necessidade do Resgate da Memória»	Moderador: Prof. ^a Doutora Leonor Martins Coelho
14h50	Prof. ^o Doutor Paulo Miguel Rodrigues «A Emigração Madeirense numa perspectiva histórica»	
15h10	Mestre Susana Caldeira «Da Madeira para o Havai: A Emigração»	
15h30	Pausa/ Café	
15h50	Mestre Duarte Mendonça «Breve panorâmica sobre a presença madeirense em New Bedford»	Moderador: Prof. ^o Doutor Thierry Proença dos Santos
16h10	Mestre Joselin Nascimento «A Emigração Madeirense para a Venezuela (1940 - 1974)»	
16h30	Mestre Elina Batista «A Retórica do teatro da emigração madeirense no século XIX»	
17h00 – 17h30	Sessão de encerramento	

Biblioteca Municipal de Machico
Forúm Machico

Apoios:



Fig. 1 – Cartaz de apresentação da jornada.

Anexo 21

Pedido de patrocínio à Empresa de Cervejas da Madeira

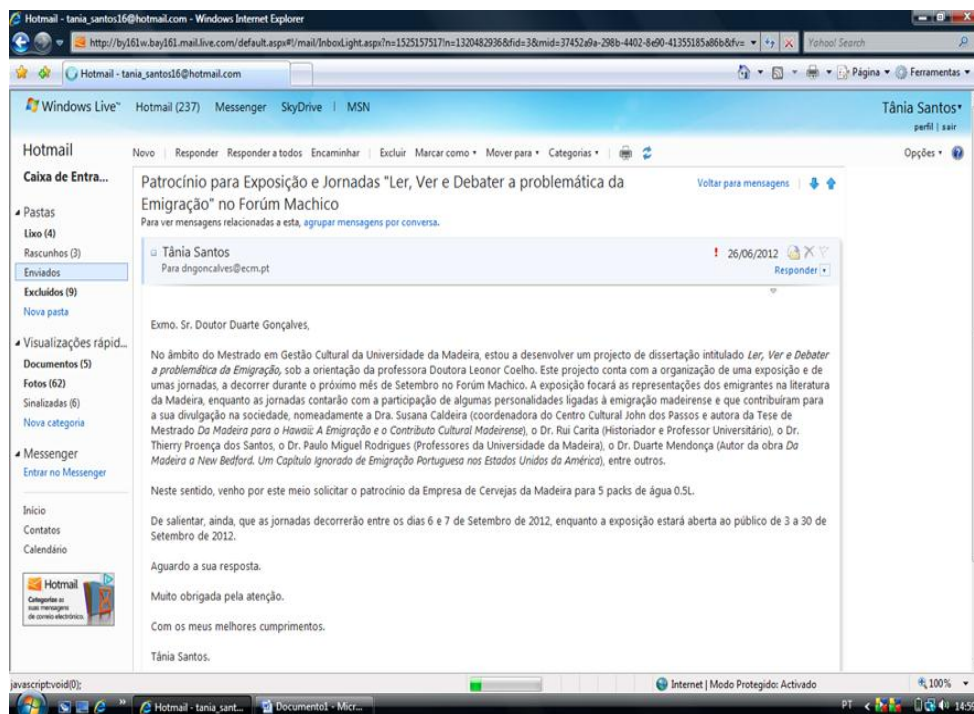


Fig. 1 – E-mail enviado ao director de Marketing, Duarte Gonçalves.

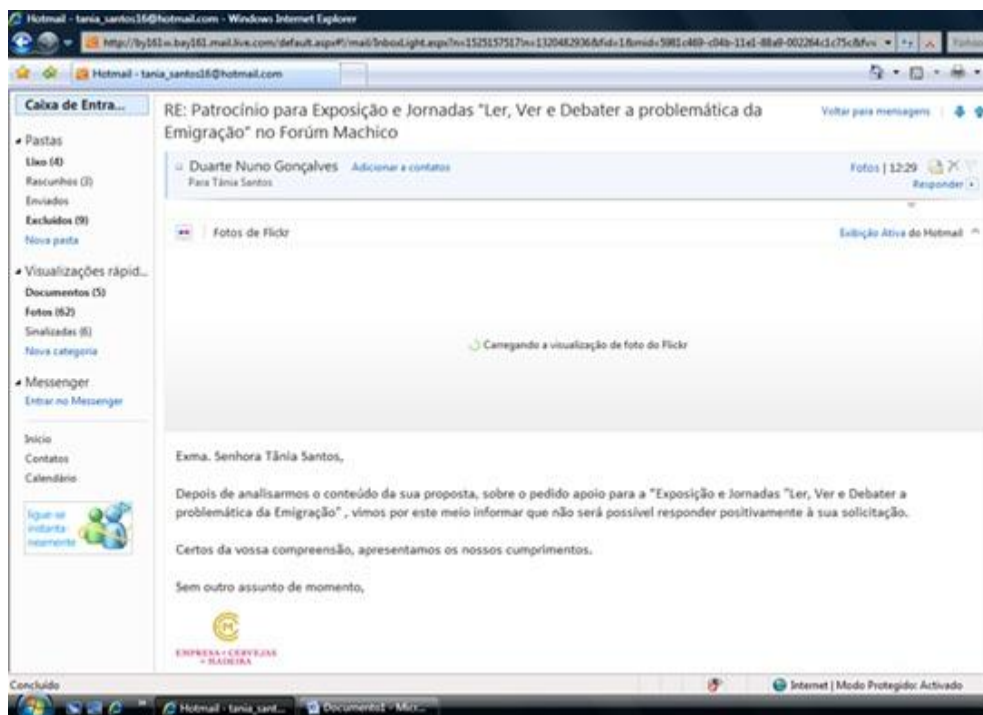


Fig. 2 – Resposta negativa do director de Marketing da Empresa de Cervejas da Madeira.

Anexo 22

Vectores principais da exposição

Exposição

«Ler, Ver e Debater a problemática da **Emigração**»

Ficção literária (1979 – 2011)

Do Real para a Ficção, os livros selecionados para esta exposição, escritos por autores madeirenses ou ligados à Ilha, levam-nos a entender as múltiplas representações do Emigrante e as causas que o levaram a deixar as suas raízes. Neles, o leitor poderá, ainda, deparar-se com o regresso de quem partiu em busca de um futuro melhor. Por um lado, alguns retornam uma vez alcançada uma nova conformação social e identitária. Por outro lado, outros constataram que esses lugares longínquos não passam de uma utopia.

Fotografia (1938 – 2012)

Da Ficção para o Real, o visitante encontrará alguns registos que marcam essas Mobilidades. As fotografias selecionadas documentam o fenómeno da Emigração. Partidas, regressos, vivências além-fronteiras, diálogo intercultural, permanência e aculturação são características de quem soube (ou teve) de conviver nos mais variados países de acolhimento.

Correspondência

Do Real para a Intimidade, as cartas entre os emigrantes e os seus familiares eram muitas vezes entregues, em mão própria, por outros madeirenses. A maior parte das missivas expostas dão conta desta situação.

A jornada de debate em torno da Emigração terá lugar dia 6 de Setembro de 2012 (14h00 – 17h30, no Espaço Multimédia da Biblioteca do Fórum Machico).

Apoios:



Fig. 1 – Cartaz informativo patente na entrada da Biblioteca do Fórum Machico.



Fig. 2 e 3 – Ficção Literária (1979 – 2011).

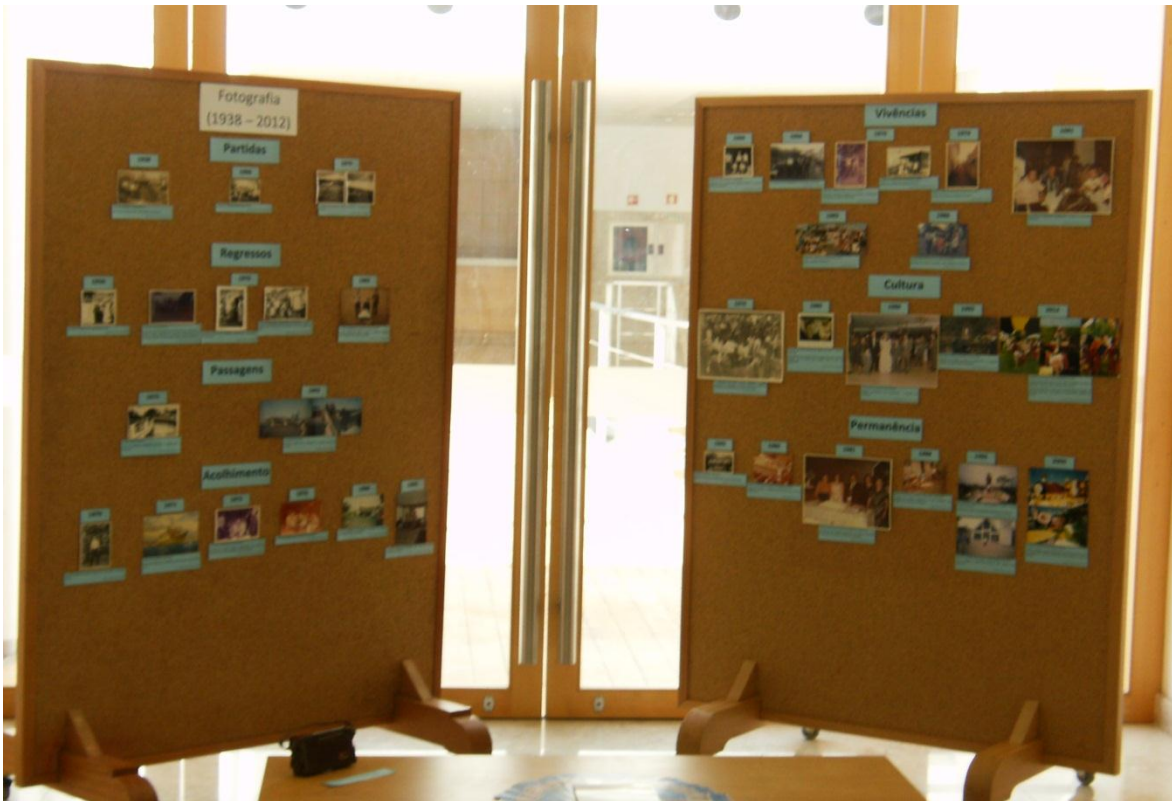


Fig. 4 – Fotografia (1938 – 2012).



Fig. 5 – Correspondência.

Anexo 23

Divulgação dos eventos na imprensa



Fig. 1 – *Diário de Notícias*, 31 de Agosto de 2012.



Fig. 2 – *Diário de Notícias*, 3 de Setembro de 2012.

Notícia » Início - Notícias
2012-08-31

Exposição "Ler, Ver e Debater a problemática da Emigração"

A Biblioteca Municipal de Machico recebe, no dia 3 de Setembro, pelas 18h, a inauguração da exposição "Ler, Ver e Debater a problemática da Emigração". Esta mostra estará patente no hall de entrada daquele espaço até ao dia 30 de Setembro.

A Exposição, onde se poderão encontrar obras literárias de autores madeirenses, bem como fotografias e correspondências, insere-se num estudo de investigação elaborado por Tânia Santos, no âmbito do Mestrado em Gestão Cultural da Universidade da Madeira.

No âmbito desta exposição, a biblioteca municipal acolherá a jornada de debate em torno da Emigração, na quarta-feira, dia 6 de setembro, das 14h00 às 17h30.

A mostra tem o apoio da Câmara Municipal de Machico, da Companhia dos Engenheiros do Norte e do Bar José Boaventura.



Fig. 3 – Portal da Câmara Municipal de Machico, 31 de Agosto de 2012 in http://www.cm-machico.pt/index.php?pag2=noticias_ver&id=1304 [consultado a 2 de Setembro de 2012]



Fig. 4 – Jornal da Madeira, 4 de Setembro de 2012.



Fig. 5 – Jornal da Madeira, 7 de Setembro de 2012.

Anexo 24

Fotografias da inauguração da exposição



Fig. 1, 2, 3 e 4 – Pequena apresentação da exposição.

Anexo 25

Fotografias da jornada



Fig. 1 e 2 – Palestrantes.



Fig. 3 – Encerramento da jornada.

Anexo 26

Agradecimentos

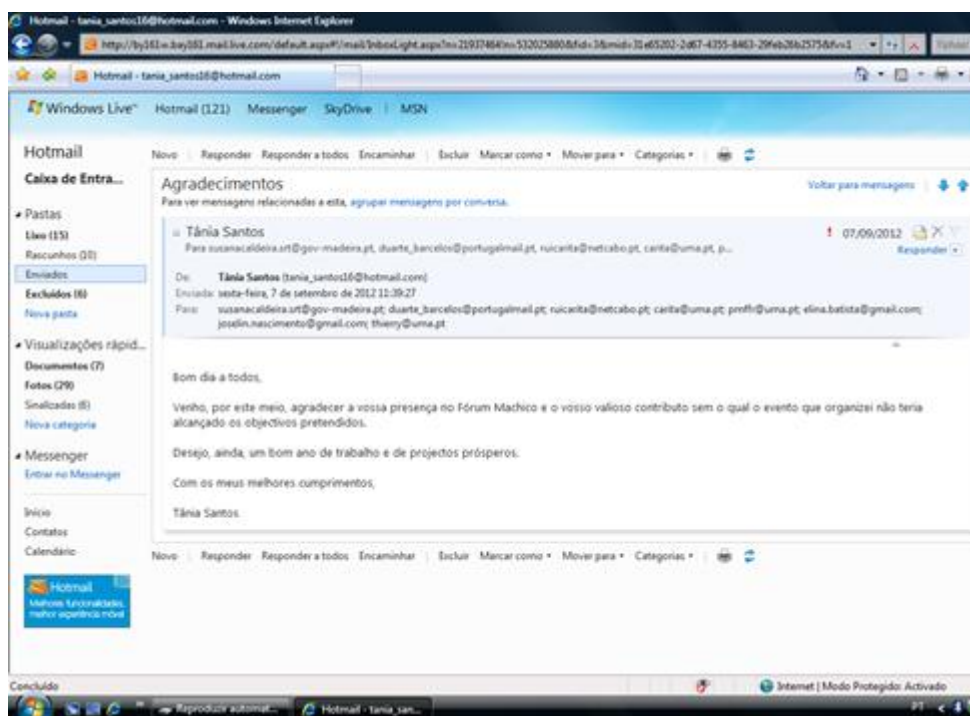


Fig. 1 – *E-mail* enviado aos palestrantes agradecendo a presença no evento.

Anexo 27

Certificado de participação

**«Ler, Ver e Debater
a problemática da Emigração»**
Exposição: de 3 a 30 de Setembro de 2012

Jornada: 6 de Setembro de 2012

14h00 – 14h30	Recepção e sessão de abertura	
14h30	Professor Doutor Rui Carita «A imagem da Emigração Madeirense nos finais do século XIX - Dois álbuns de fotografias de família de Carlina de Meneses e a necessidade do Resgate da Memória»	Moderador: Prof.ª Doutora Leonor Martins Coelho
14h50	Prof.º Doutor Paulo Miguel Rodrigues «A Emigração Madeirense numa perspectiva histórica»	
15h10	Mestre Susana Caldeira «Da Madeira para o Havai: A Emigração»	
15h30	Pausa/ Café	
15h50	Mestre Duarte Mendonça «Breve panorâmica sobre a presença madeirense em New Bedford»	Moderador: Prof.º Doutor Thierry Proença dos Santos
16h10	Mestre Joselin Nascimento «A Emigração Madeirense para a Venezuela (1940 - 1974)»	
16h30	Mestre Elina Batista «A Retórica do teatro da emigração madeirense no século XIX»	
17h00 – 17h30	Sessão de encerramento	

**Biblioteca Municipal de Machico
Forúm Machico**

Apoios: 

CERTIFICADO

Certifica-se que _____
participou na Jornada “Ler, Ver e Debater a problemática da Emigração”, no dia 6 de
Setembro de 2012, das 14h00 às 17h30.

Machico, 10 de Setembro de 2012

A Câmara Municipal de Machico

Fig. 1 – Certificado de participação na jornada.